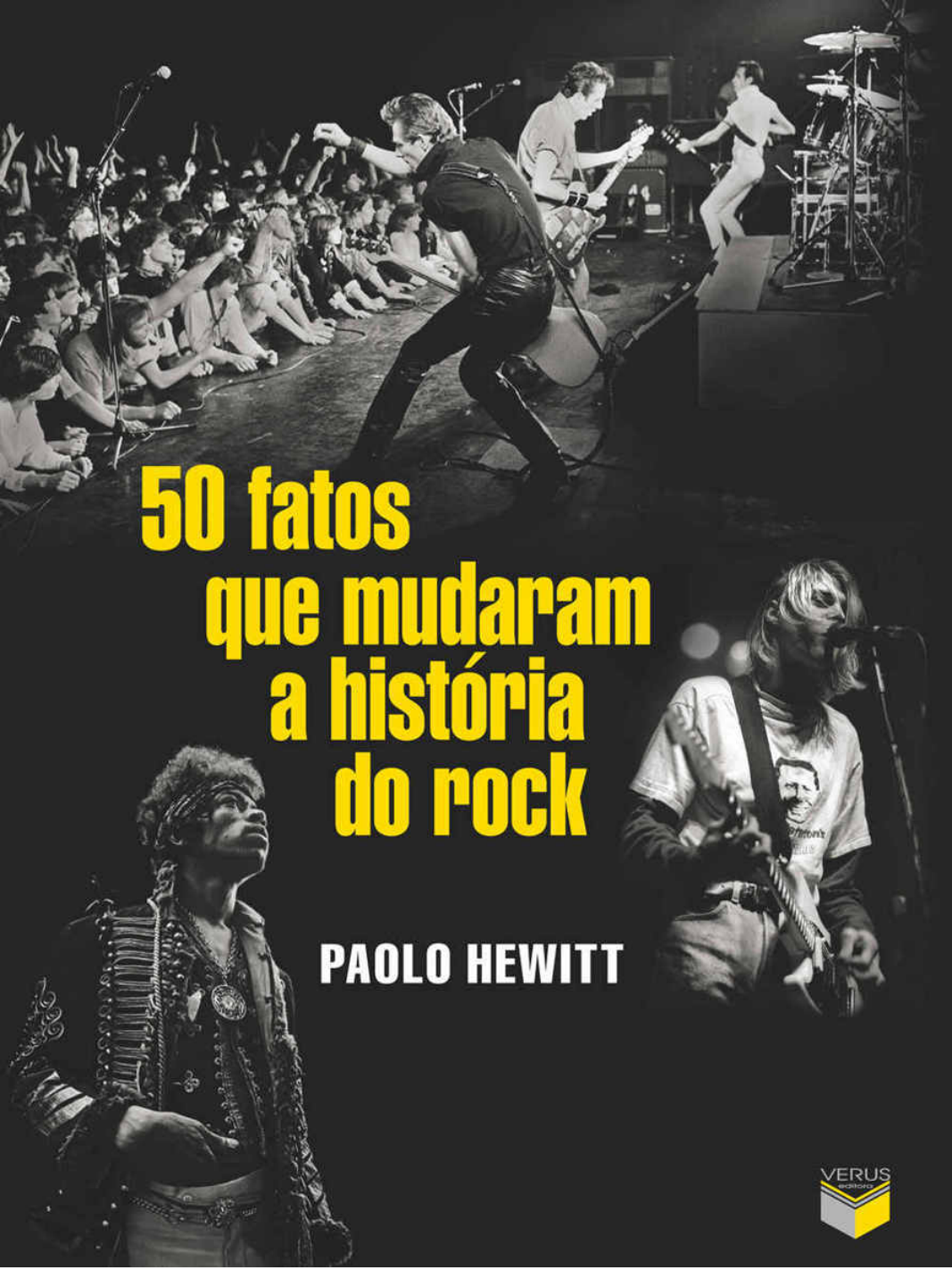
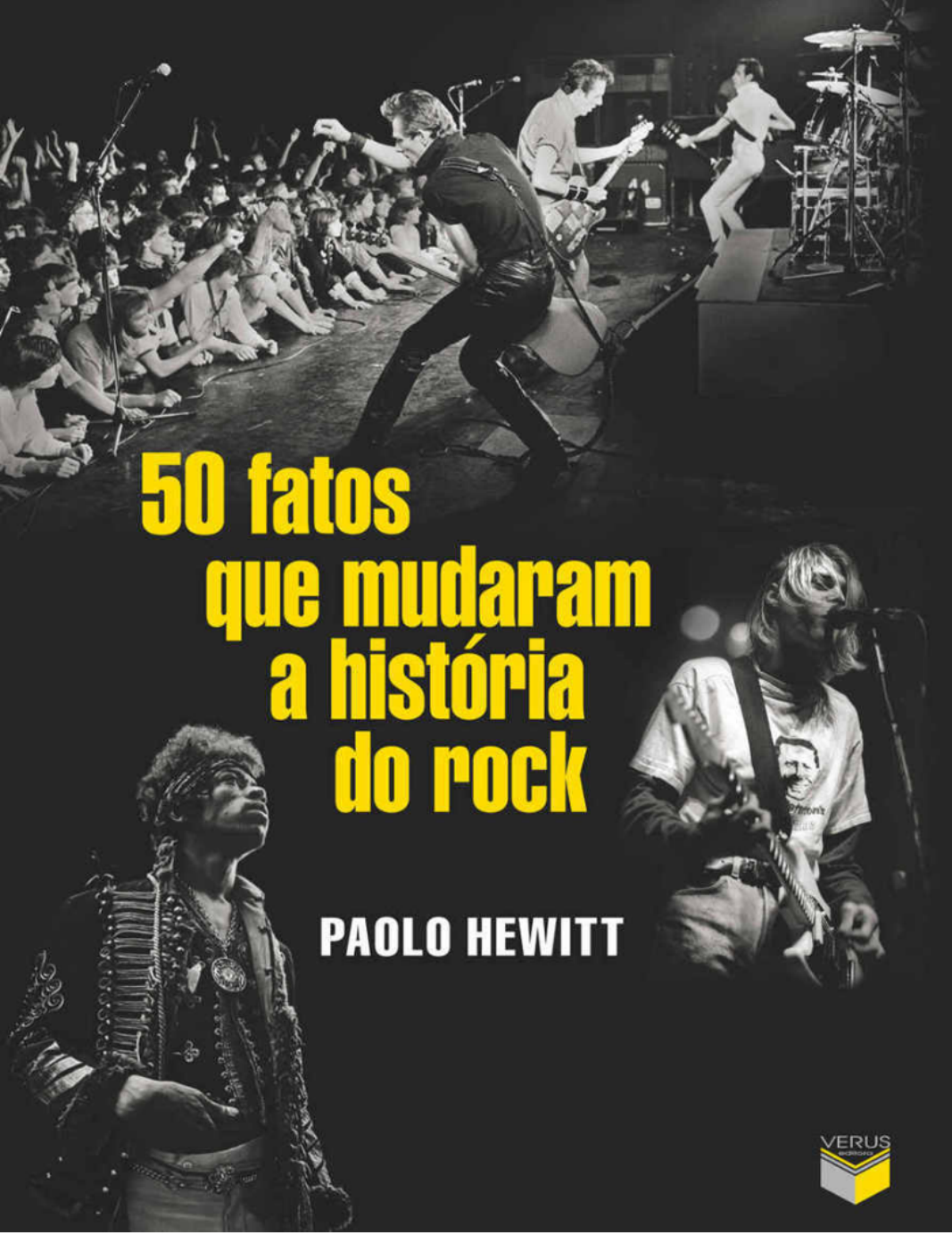


50 fatos que mudaram a história do rock

PAOLO HEWITT

VERUS editora

VISIT...



50 fatos que mudaram a história do rock

PAOLO HEWITT

VERUS

50 fatos que mudaram a história do rock

PAOLO HEWITT

Tradução: Leandro Woyakoski

VERUS

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP,
2013

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

ELVIS PRESLEY ***participa do Frank Sinatra Show***

***O nascimento dos* BEATLES**

***O primeiro número um da Motown de* BERRY GORDY**

Os* BEATLES *participam do programa de Ed Sullivan

A melhor manchete da história da música pop:* ANDREW LOOG OLDHAM *e os Rolling Stones

***O trágico assassinato de* SAM COOKE**

PETE TOWNSHEND ***compõe "My Generation"***

BOB DYLAN ***adota a guitarra elétrica***

***Os* BEATLES *conhecem* ELVIS PRESLEY**

THE MONKEES*: a primeira* boy band

PHIL SPECTOR ***produz uma das melhores músicas de todos os tempos e é forçado a se aposentar***

KEITH RICHARDS *e* MICK JAGGER ***são presos***

***O lançamento de* SERGEANT PEPPER**

Como um cara ou coroa permitiu que* JIMI HENDRIX *conquistasse os EUA

OTIS REDDING ***grava "Dock of the Bay"***

***A oferta por trás de* Astral Weeks*, o álbum clássico de* VAN MORRISON**

Os* BEACH BOYS** ***quase contratam Charles Manson para seu selo fonográfico

JAMES BROWN *impede sozinho um tumulto*

O show que abriu as portas dos EUA para o **LED ZEPPELIN**

JIM MORRISON *exibe a genitália no palco. Será?*

A misteriosa morte de **BRIAN JONES**

FESTIVAL de WOODSTOCK*, o momento-chave dos anos 1960*

O **festival de ALTAMONT** *e o fim dos anos 1960*

STEVIE WONDER *e* **MARVIN GAYE** *ganham liberdade artística na Motown*

DAVID BOWIE *mata Ziggy Stardust*

SLY STONE *se casa – durante seu próprio show*

SYD BARRETT *e a história de "Wish You Were Here", do Pink Floyd*

SEX PISTOLS*: a sujeira e a fúria*

O concerto One Love Peace de **BOB MARLEY**

O assassinato de Nancy Spungen e a morte de **SID VICIOUS**

PAUL McCARTNEY *é preso no Japão*

Os **DEXYS** *roubam a fita máster de seu álbum de estreia*

O assassinato de **JOHN LENNON**

JOE STRUMMER *desaparece*

A BBC proíbe "Relax", de **FRANKIE GOES TO HOLLYWOOD**

MARVIN GAYE *é morto pelo próprio pai*

LIVE AID*, o presente de Geldof para a África*

A imprensa se vira contra **BOY GEORGE**

Os **STONE ROSES** *se vingam da antiga gravadora*

STEVE MARRIOTT *morre num incêndio que ele mesmo causou*

Colega de banda beija **KURT COBAIN** *ao vivo na tevê*

SINÉAD O'CONNOR *rasga um retrato do papa ao vivo na tevê norte-americana*

O livro **Sex***, de* **MADONNA**

O desaparecimento de **RICHEY EDWARDS**

OASIS *e* **BLUR** *batalham pelo primeiro lugar*

Os assassinatos de **TUPAC** *e* **BIGGIE SMALLS**

O clipe de "Hurt", de **JOHNNY CASH**

PETE DOHERTY *arromba o apartamento de seu melhor amigo*

BRIAN WILSON *apresenta* **Smile***, disco que levou 37 anos para ser finalizado*

A morte de **MICHAEL JACKSON**

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

O rock'n'roll não tem começo nem fim. O que há são rios de criatividade, fluindo, se misturando, gerando novos sons e estilos. Blues, jazz, folk, gospel, pop, rock, heavy metal, rap, house, grime, dubstep – e o que mais vier.

Um desses rios foi descoberto por Sam Phillips. Nos anos 1950, ele percebeu que, se conseguisse encontrar um cara branco descolado para cantar blues, ele arrasaria. Então Elvis Presley entrou em seu estúdio… Mais tarde, Sam diria que o primeiro rock'n'roll gravado foi "Rocket 88", por Ike Turner. É comum vermos essa afirmação sendo repetida hoje em dia: o rock'n'roll começou com "Rocket 88" porque Sam disse isso. Talvez. Mas e aquelas canções gospel e blues que vieram antes de Ike, com características típicas do rock'n'roll? "Good Rocking Tonight", de Roy Brown, lançada em 1947? Ou "Cadillac Boogie", também do mesmo ano, do grupo que atende pelo maravilhoso nome de Jimmy Liggins and His Drops of Joy. Como eu disse, rios dentro de rios.

Existiam pistas ainda mais antigas de que uma música nova estava surgindo. Em dezembro de 1946, oito dos principais grupos de jazz dos Estados Unidos terminaram. Uma dessas bandas era liderada por Tommy Dorsey. Ele e seu irmão Jimmy passaram a comandar programas de tevê. Em janeiro de 1956, apresentaram Elvis Presley aos Estados Unidos. O simbolismo não poderia ser mais perfeito: o rock'n'roll ganhava os holofotes enquanto o jazz deixava os palcos.

E isso aconteceu num momento de rápido crescimento econômico nos Estados Unidos. Esperava-se que a juventude do país acordasse cedo, trabalhasse duro e voltasse para casa, para a mulher, os filhos e a felicidade do lar. Mas algumas pessoas perceberam que a felicidade do lar não fazia seu estilo. O rock'n'roll de gente como Elvis

expressava essa insatisfação. Com sua chegada, a garotada enlouqueceu. Arrumavam confusão, brigavam e namoravam. O rock'n'roll era original e eletrizante, sexy e perigoso.

E mesmo assim, em 1960, ano em que este livro começa, os EUA achavam que o rock'n'roll estava morto. Todos os seus maiores adeptos – Elvis, Chuck Berry, Jerry Lee Lewis, Little Richard – haviam encontrado a riqueza ou Deus, ou padeciam na desgraça. A América adulta deu um suspiro de alívio, mas cedo demais. Na Grã-Bretanha, o rock'n'roll norte-americano teve enorme impacto em adolescentes como John Lennon, Paul McCartney, Pete Townshend, Keith Richards, Ray Davies e Steve Marriott. O mesmo aconteceu com a chegada do rhythm and blues ao país. Na verdade, no começo da década de 1960, a música que viria a ser o soul tomou do rock'n'roll a posição de som do adolescente. A maioria dos promissores músicos britânicos do início dessa década queria cantar como Ray Charles, com a atitude do Elvis. Ironicamente, quando bandas como os Beatles levaram sua música de volta aos EUA, Elvis era um artista leve, justamente o tipo de figura que o rock'n'roll planejara destruir.

Mudanças sísmicas também estavam acontecendo na música negra. Muitos militares afro-americanos voltaram da Segunda Guerra Mundial esperando desfrutar sua parcela da prosperidade do país. Quando tal esperança se desfez, um desafiador espírito empreendedor brotou, revelado por meio de boates e gravadoras de negros, principalmente a Motown, de Berry Gordy. O impacto de suas gravações e da obra de artistas como Ray Charles não pode ser subestimado. Na Grã-Bretanha, durante todos os anos 1960, a música negra era a força propulsora por trás de todas as principais bandas a partir dos Beatles. E não nos esqueçamos do mento jamaicano, que gerou o ska, que gerou o reggae e assim nos trouxe Bob Marley.

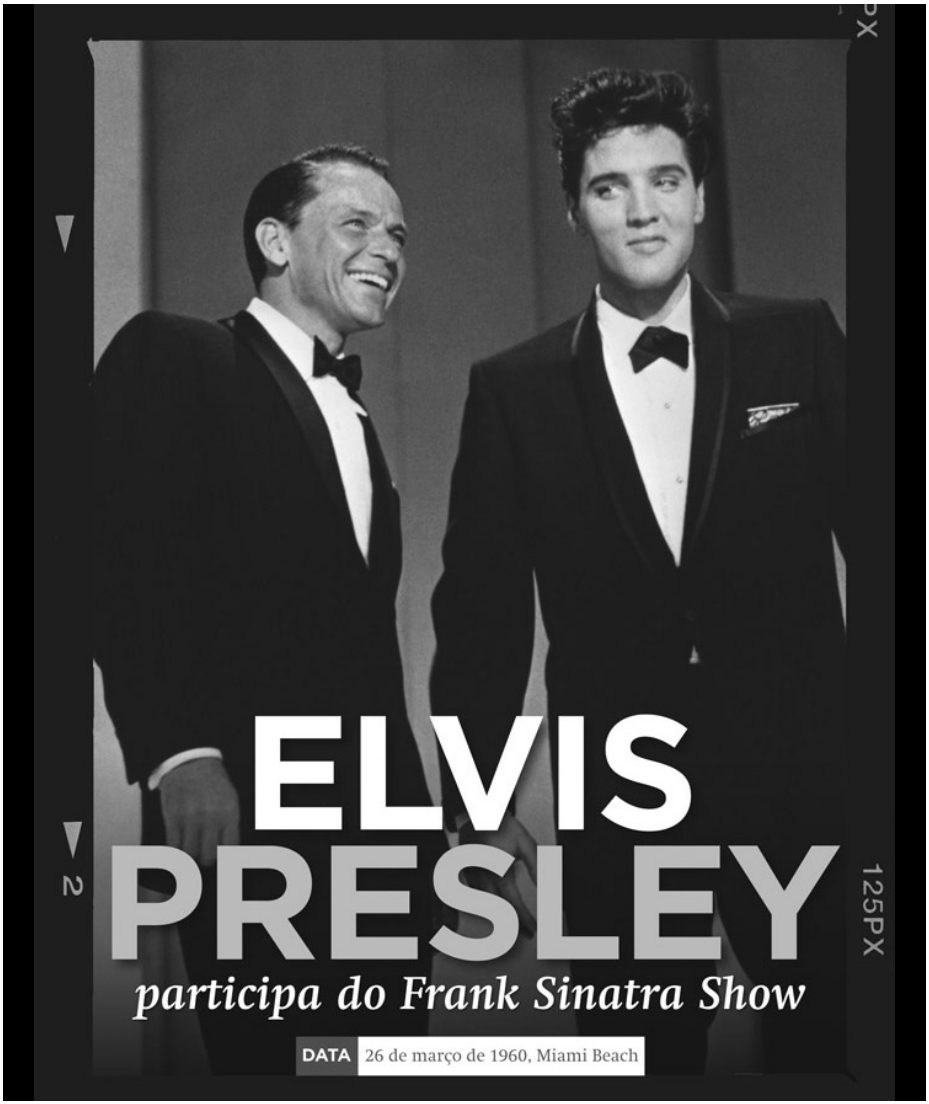
Conforme os anos 1960 avançavam, a música se afastava das raízes do rock'n'roll para explorar e criar outros gêneros, como a psicodelia, o rock pesado, o heavy metal. Novamente, rios dentro de rios. No começo, essa música era a força que unia a juventude, os que não tinham direitos. As bandas eram do povo e para o povo. Em músicas e entrevistas, afirmavam o desejo por essa liberdade. Junto

com seu público, não queriam que velhotes sem identidade lhes dissessem o que vestir, ouvir ou assistir.

Todavia, também se tornava muito evidente que o rock era um grande negócio, criando assim uma dicotomia entre artista e plateia. Na década de 1970, a noção de comunidade que impeliu o idealismo dos anos 1960 começou a ruir. A música se tornou busca de prazer. Foi o punk, no fim da década de 1970, que devolveu ao rock o senso do dever de desafiar diretamente o mundo ao redor. Isso abriu caminho para os anos 1980 e uma nova geração de músicos que não disfarçava o desejo por dinheiro e fama. Ainda assim, foi essa década que viu o Live Aid, o momento mais altruísta da história do rock. Contudo, na música sempre há uma reação. O que é dominante um dia é substituído por seu oposto no dia seguinte. Bandas como Primal Scream, Nirvana, Oasis, Stone Roses e Happy Mondays lutaram para restabelecer o rock como música rebelde, ligada a um estilo de vida de resistência.

Entretanto, o rock em si não era mais um jovem nessa época. A música tinha um passado, e este livro escolhe os 50 principais momentos de sua história. O relato começa com Elvis e termina com Michael Jackson, dois superastros separados pelo tempo, não pelo destino. Entre os dois, existem momentos de absoluta genialidade, de verdadeira inspiração e indignação, de comportamentos pura e simplesmente estúpidos, momentos corajosos, brilhantes, bizarros e de grande beleza. A vida toda está aqui, glorificada pela luz do estrelato e pela busca de grandes verdades. Alguns desses 50 momentos se escolheram – Cooke, os Beatles, Woodstock, Hendrix, Cobain –, outros representam minha escolha pessoal, na esperança de que esclareçam ou simplesmente divirtam. Tenho certeza de que você também tem seus 50 momentos prediletos. Estes são os meus.

Paolo Hewitt


ELVIS
PRESLEY
participa do Frank Sinatra Show
DATA
26 de março de 1960, Miami Beach

Os Estados Unidos inventaram o rock'n'roll e podem muito bem ter ateado fogo nele. O rock'n'roll corrompeu toda uma geração. Transformou rapazes educados em adolescentes rudes que fumavam, bebiam e usavam penteado engraçado. A polícia os chamava de delinquentes. Moças comportadas, destinadas à maternidade e à cozinha, se tornaram criaturas atrevidas e sensuais capazes de pôr abaixo qualquer casa. "Deixamos o diabo escapar", disse um dia o cantor Carl Perkins, com um sorriso irônico.

Existiam cantores melhores que Elvis Presley – Little Richard, por exemplo. Existiam homens mais selvagens e perigosos – Jerry Lee Lewis. E existiam compositores e artistas muito melhores – Buddy Holly e Gene Vincent.

Porém Elvis os venceu por causa do visual. Elvis foi perfeitamente construído para excitar uma geração de garotas. Era alto, bonito, aparência típica de norte-americano, com olhar pensativo e cabelo penteado para trás. Quando dançava, parecia tão natural. Ele não iria para a cama com a plateia com passos falsos. Era simplesmente ele mesmo, requebrando os quadris, murmurando ao microfone, o cabelo caindo na testa e os olhos medindo a distância do desejo entre você e ele e vice-versa.

Não havia ninguém como Elvis. Quando ele subia no palco, as garotas não conseguiam se controlar. Berravam e corriam em sua direção; quando não conseguiam alcançá-lo, provocavam tumulto. Danificaram casas de espetáculos e invadiram hotéis, agindo de um jeito que os Estados Unidos não conheciam. Ele era o que elas queriam. A fórmula perfeita. As garotas sonhavam em ir para a cama com ele, os garotos desejavam ser como ele. Elvis tirou a sorte grande.

Durante dois anos, aonde quer que fosse, havia desordem, loucura, comportamento perturbado. Então, os quadradões contra-atacaram.

MOÇAS COMPORTADAS, DESTINADAS À MATERNIDADE E À COZINHA, SE TORNARAM CRIATURAS ATREVIDAS E SENSUAIS CAPAZES DE PÔR ABAIXO QUALQUER CASA

Recrutaram Elvis para o exército. Ele caiu numa armadilha. Caso se rebelasse, se negasse a ir, seria considerado antipatriota, a pior coisa de que alguém pode ser chamado nos EUA. Sua carreira acabaria no ato. Ele não teve escolha.

Era a hora de vestir o uniforme, de ser comedido. Durante seus dois anos de serviço militar, Elvis nunca foi considerado insubordinado nem rebelde. Era o soldado modelo. Muitos acham que ele agiu assim para afastar a ideia de que estava recebendo tratamento especial.

Em 1960, ele deu baixa com honra do exército americano, mas o mundo que ele conhecia havia mudado. O rock'n'roll estava morto, liquidado, fora de moda. Jerry Lee Lewis e Chuck Berry haviam se divertido com garotas menores de idade e praticamente não conseguiam mais se apresentar; Eddie Cochran e Buddy Holly estavam mortos e Little Richard se cansara do pecado e fora buscar em Deus sua redenção. Será que Elvis agora salvaria a música? Tornando-se mais rebelde, sarcástico e ainda mais sexy? Ou faria uma mesura e pediria desculpas? Os EUA souberam a resposta quando milhões de pessoas ligaram a tevê e viram sua primeira apresentação depois do serviço militar. O apresentador era ninguém menos que Frank Sinatra.

Em 1957, Sinatra declarou ao repórter de uma revista: "O rock'n'roll cheira a falsidade, imitação. É cantado, tocado e composto por valentões cretinos [...]. Graças às suas letras sujas, lascivas e maliciosas [...] consegue ser a música mais marcial de todo delinquente com costeletas da face da Terra [...]. É a forma de expressão mais bruta, feia, desesperada e malévola que já tive o desprazer de ouvir". E de repente ali estava Sinatra em seu programa

de tevê dando as boas-vindas a Elvis, o rei do rock'n'roll, um valentão cretino, com um belo aperto de mão e um enorme sorriso.

Sinatra, é claro, desprezava Elvis. O fato de que Francis Albert provavelmente fosse mais rock'n'roll do que Elvis jamais seria – com suas mulheres, uísque e fixação pela máfia – nunca foi mencionado. Sinatra representava uma versão bem-apessoada do país, uma terra de ternos e gravatas elegantes, de respeito pela lei, pelas mulheres e pela noção de sossegar e ter filhos. Presley tentara destruir aquilo tudo, e agora ali estavam Frank e Elvis, e os dois eram um só. Que lindo. O correto país finalmente amansou a fera.

ELE ERA O QUE ELAS QUERIAM. AS GAROTAS SONHAVAM EM IR PARA A CAMA COM ELE, OS GAROTOS DESEJAVAM SER ELE. ELVIS TIROU A SORTE GRANDE. DURANTE DOIS ANOS, AONDE QUER QUE FOSSE, HAVIA DESORDEM

O que tinha acontecido? Embora Sinatra detestasse a música de Elvis, reconhecia a inclinação patriótica do cantor, impressionantemente demonstrada nos dois anos anteriores. E reconheceu a grande tragédia vivida por Elvis: o rapaz perdera a mãe, Gladys, em agosto de 1958. Elvis e ela eram próximos, e seu falecimento o magoou profundamente.

Para o show, Elvis vestiu smoking e camisa branca. O cabelo era abundante, mas penosamente penteado de modo a não ofender ninguém. Depois da apresentação brincalhona de Sinatra – "Acho que você perdeu apenas suas costeletas" –, Elvis lançou uma música bastante comportada chamada "Fame and Fortune".

Ele elevou o nível com a canção seguinte, uma versão de "Stuck on You". Estalou os dedos e em determinado momento gingou os quadris, roubando gritos da plateia. Porém o que antes fora subversivo era agora um truque de festa. Sinatra então se uniu a Elvis para um dueto. Sinatra cantou "Love Me Tender" e Elvis contra-atacou com sua versão da clássica "Witchcraft". No fim do dueto, eles se abraçaram. O

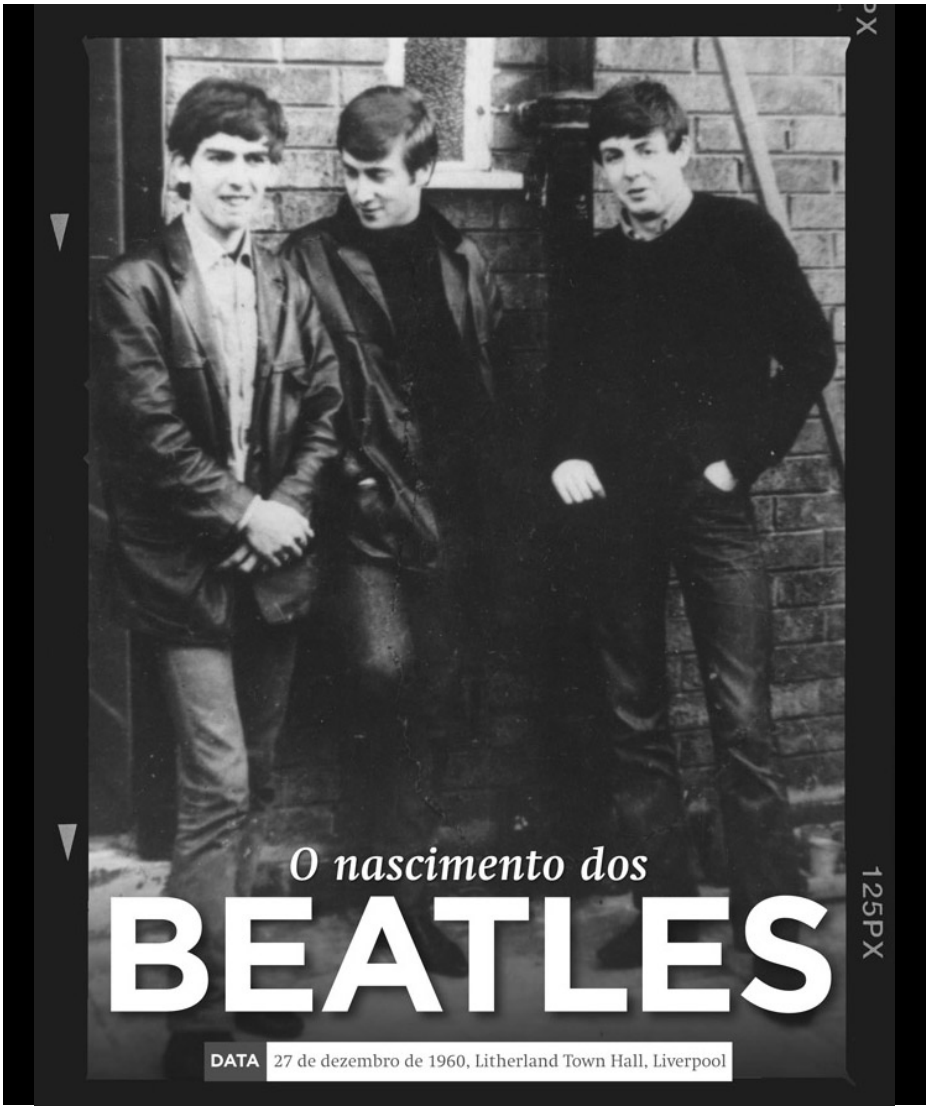
caminho a seguir seria o mesmo para ambos: filmes, discos com trilhas sonoras, Las Vegas, coristas, dinheiro, paranoia, riqueza, comportamento descontrolado, recolhimento.

Ainda assim, os dois saíram lucrando com a apresentação. Frank teve de olhar um pouco para o rebolado, e Elvis, com bons modos e disposição em agradar, se colocou no *mainstream*.

A primeira fase do rock'n'roll terminara. Porém o espírito que Elvis, Buddy e Jerry incitaram não morrera. Voara para o outro lado do Atlântico, para Liverpool, e se envolvera com quatro músicos adolescentes. Eles usariam esse espírito para conquistar o mundo. Quando chegaram aos Estados Unidos, as garotas – emudecidas havia dois anos – voltaram a gritar. Já Elvis, não. Ele adormecia profundamente.

Filho de Vernon e Gladys Presley, Elvis Aaron Presley nasceu em Tupelo, Mississippi, em 8 de janeiro de 1935. Seu irmão gêmeo mais velho, Jesse Garon Presley, nasceu morto, e Elvis cresceu como filho único. A família se mudou para Memphis em 1948, e Elvis concluiu o ensino médio em 1953. Nessa época, ele era obcecado por música, em especial a gospel, que ouvia em diferentes igrejas. Começou a carreira como cantor profissional em 1954, quando foi contratado por Sam Phillips, dono da Sun Records. Dois anos mais tarde, graças a sucessos como "Heartbreak Hotel" e "Blue Suede Shoes", era o cantor mais popular e polêmico dos Estados Unidos. Elvis provocava histeria sem precedentes onde quer que se apresentasse. Em 1958, entrou para o exército e, quando abandonou o uniforme, em 1960, embarcou numa carreira marcadamente voltada para o grande público.

Participou de 33 filmes, muitos programas de tevê memoráveis e vendeu mais de um bilhão de discos. Ele conheceu todo mundo, dos Beatles ao presidente Richard Nixon, permanecendo um superastro durante toda sua vida. Morreu em Graceland, sua mansão em Memphis, em 16 de agosto de 1977.


O nascimento dos
BEATLES
DATA 27 de dezembro de 1960, Litherland Town Hall, Liverpool
125PX

A partir do instante em que, de jaqueta de couro preta, Paul McCartney se aproximou do microfone e berrou o primeiro verso de "Long Tall Sally", de Little Richard, Liverpool pertencia aos Beatles. Haviam se passado dois dias do Natal de 1960, e a banda se apresentava no Litherland Town Hall, no subúrbio de Liverpool. Eles não tocavam na cidade natal havia vários meses, então ninguém fazia ideia de quão poderosos os Beatles haviam se tornado. Quando McCartney soltou a voz, a verdade foi revelada.

Ao ouvir o toque de clarim de McCartney, a enorme multidão de garotos e garotas avançou. Todos arfavam em deslumbramento. Ninguém corria atrás de bandas naquela época. As pessoas dançavam e olhavam umas para as outras. Não prestavam atenção no grupo que tocava nem perdiam a cabeça por causa de uma versão de "Long Tall Sally" e corriam em êxtase em direção à banda.

No entanto, agiram dessa forma naquela noite no Litherland, e assim nascia a primeira manifestação local da beatlemania. Dave Forshaw, promotor que viu o show, se convenceu de que uma batalha das grandes havia começado. "Nunca tinha visto uma banda daquele jeito antes", lembra Forshaw. "Eu pensei: *O que são eles? Quem são eles?*"

Eram os Beatles, e, analisando esse fato com a devida perspectiva histórica, surge outra questão: por que foi essa a primeira banda a causar tal comoção? Existiam diversas outras bandas de rock'n'roll em Liverpool na época, então o que tornava os Beatles tão especiais, tão diferentes de todos os outros? O que eles tinham que nenhuma outra banda do país tinha?

NINGUÉM CORRIA ATRÁS DE BANDAS NAQUELA ÉPOCA. AS PESSOAS DANÇAVAM E OLHAVAM UMAS PARA AS OUTRAS. NÃO PRESTAVAM ATENÇÃO NO GRUPO QUE TOCAVA NEM PERDIAM A CABEÇA POR CAUSA DE UMA VERSÃO DE "LONG TALL SALLY"

A resposta para essa questão pode ser encontrada na cidade portuária alemã de Hamburgo. Em agosto de 1960, a banda viajou até lá para tocar num lugar chamado Indra Club. A viagem foi organizada por seu agente/empresário, Allan Williams, e o grupo era formado por John Lennon, Paul McCartney, George Harrison, Stuart Sutcliffe e Pete Best.

NÃO HAVIA PAUSA NO EXPEDIENTE PUXADO. NÃO QUE OS BEATLES SE IMPORTASSEM: ELES ERAM JOVENS, CHEIOS DE ENERGIA E VIGOR. ELES ADORAVAM TOCAR AO VIVO – E TAL ÍMPETO E ENTUSIASMO LOGO COMEÇARAM A ATRAIR UM PÚBLICO CONSIDERÁVEL

O Indra Club ficava em St. Pauli, parte da cidade conhecida pela imoralidade. Prostitutas se sentavam nas janelas das casas e muitos gângsteres podiam ser vistos na área. Quando a banda chegou, em 17 de agosto, os músicos conheceram seus aposentos – o almoxarifado de um pequeno cinema, Bambi Kino. O quarto ficava ao lado dos banheiros.

O Indra era um cabaré de travestis com público escasso. Seu proprietário, Bruno Koschmider, esperava que a música ao vivo atraísse multidões, e a jornada de trabalho que impôs à banda era bastante exigente. O grupo geralmente tocava seis horas por noite, com intervalos de meia hora.

Devido ao número de canções que geralmente apresentava, a banda teve de encontrar uma forma de aumentar o repertório para várias horas. Versões de vinte minutos para músicas como "What'd I Say", de Ray Charles, viraram o padrão deles. Certa noite,

conseguiram esticar essa canção por mais de noventa minutos.

Koschmider incentivava a banda a interagir com a plateia e muitas vezes caminhava até a frente do palco e gritava “Macht Schau” (“Deem um show”, literalmente), caso sentisse que não estavam dando tudo de si. Os integrantes do grupo reagiam com uma série de danças malucas – principalmente Lennon, que certa noite subiu ao palco de cueca e com um assento de privada ao redor do pescoço.

Não havia pausa no expediente puxado de Bruno Koschmider. Não que os Beatles se importassem: eles eram jovens, cheios de energia e vigor e tinham sido lançados no centro de um círculo vicioso. Eles adoravam tocar ao vivo – e tal ímpeto e entusiasmo, junto com a crescente lista de covers de rock’n’roll, logo começaram a atrair um público considerável. Contudo, em função de diversas reclamações por causa do barulho, Koschmider se viu forçado a levar a banda para outra de suas boates, chamada Kaiserkeller. O palco da Kaiserkeller era um velho piso de madeira disposto sobre engradados de cerveja. Enquanto o grupo tocava, clientes felizes mandavam bandejas de bebidas para os rapazes. Havia muita bebedeira e a maioria das noites terminava em festa.

A banda fez três amigos alemães muito importantes na Kaiserkeller: Astrid Kirchherr, Jürgen Vollmer e Klaus Voormann. Os novos conhecidos eram muito ligados à filosofia e ao estilo de vida do existencialismo francês. Os penteados característicos – comuns entre eles e contemporâneos de mentalidade similar – seriam mais tarde adotados pelo grupo. Sutcliffe começou a namorar a bela Astrid, e as fotografias que ela tirou da banda num parque de diversões próximo à boate ganharam desde então um elevado status de ícone. O grupo também gostava do couro que os três amigos vestiam e compraram roupas parecidas.

Os jovens Beatles posam num parque de diversões de Hamburgo, em outubro de 1961. A fotógrafa é Astrid Kirchherr, que namorava o baixista, Stu Sutcliffe, e ajudaria a mudar a imagem da banda.

Tocando todas as noites, a banda melhorou muito e, com isso, vieram ambições maiores. A maior boate de Hamburgo se chamava The Top Ten, e era nela que os Beatles queriam tocar. Por fim, após testes discretos com a gerência do clube, eles deixaram a Kaiserkeller. Como um gesto de despedida, McCartney e Best queimaram uma camisinha em seu "quarto". Ciumento, Koschmider prestou queixa na polícia por incêndio criminoso e a banda logo foi deportada para Liverpool.

Abatida por aquela reviravolta, a banda não deu notícias por quase duas semanas. Então, veio um telefonema de Bob Wooler, DJ de Liverpool. Os Searchers não poderiam se apresentar no Litherland Town Hall em 27 de dezembro. Os Beatles poderiam substituí-los? O grupo pensou: é claro que sim. A formação agora era John, Paul,

George, Pete Best na bateria e um baixista chamado Chas Newby, ocupando o lugar de Stu Sutcliffe, que ficara com Astrid em Hamburgo. O espetáculo seria completado com apresentações dos Deltones e The Del Renas.

LIVERPOOL NUNCA ESCUTARA ALGO DO GÊNERO. A BANDA LIGOU OS AMPLIFICADORES NO MÁXIMO E ATACOU O PALCO NUM CLIMA VINGATIVO

O promotor do evento anunciou os Beatles como vindos "diretamente de Hamburgo", então quem foi ao local naquela noite esperava uma banda alemã. O público logo descobriu outra coisa. A marca do rock'n'roll dos Beatles, aprimorado à perfeição em Hamburgo, era cheia de ímpeto, energia e confiança. Isso, junto com as belas jaquetas de couro e o visual todo negro muito descolado, virou a cabeça da plateia – literalmente. Liverpool nunca escutara algo do gênero. A banda ligou os amplificadores no máximo e atacou o palco num clima vingativo. No fim da apresentação, o público aplaudiu empolgadíssimo, oferecendo à banda uma despedida entusiasmada.

Como John Lennon diria mais tarde sobre esse show memorável: "De repente, éramos um sucesso. Veja bem, setenta por cento do público pensava que éramos uma atração alemã, mas não nos importamos com isso. Nem em Liverpool sabiam que éramos da cidade. Pensavam que éramos de Hamburgo. Diziam: 'Nossa, como eles falam bem inglês!' Coisa que, logicamente, fazíamos muito bem mesmo, afinal somos ingleses".

"Foi naquela noite que saímos do nosso casulo e seguimos adiante", Lennon acrescentou. "Fomos pela primeira vez aplaudidos com empolgação. Foi quando começamos a pensar que éramos bons. Até Hamburgo, nos considerávamos regulares, mas não bons o bastante. Apenas quando voltamos a Liverpool percebemos a diferença e vimos o que nos aconteceu enquanto o resto do mundo tocava as porcarias do Cliff Richard." Lennon – como o jovem revoltado que era

– desprezava o rock'n'roll insosso e saneado exemplificado por Cliff Richard, que ocupava as paradas de sucesso britânicas da época.

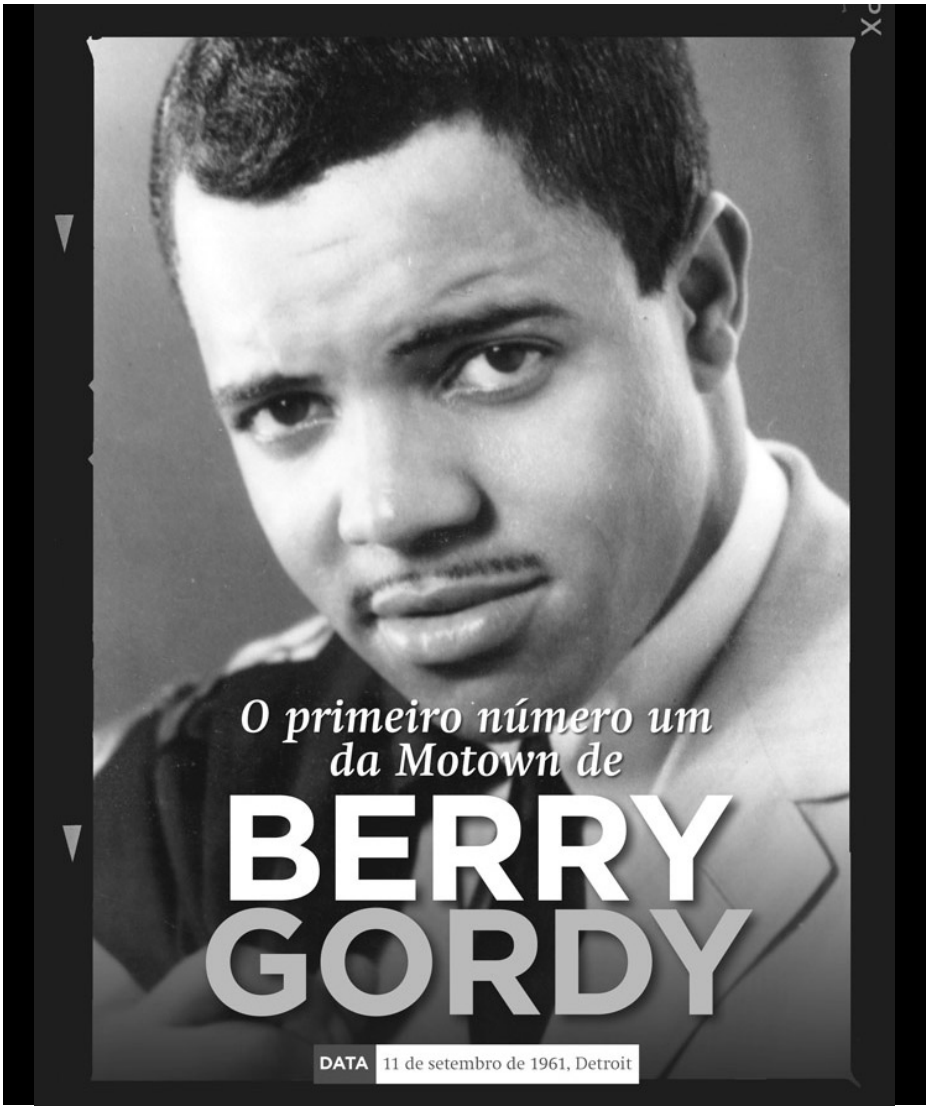
"DE REPENTE, ÉRAMOS UM SUCESSO. VEJA BEM, SETENTA POR CENTO DO PÚBLICO PENSAVA QUE ÉRAMOS UMA ATRAÇÃO ALEMÃ, MAS NÃO NOS IMPORTAMOS COM ISSO. NEM EM LIVERPOOL SABIAM QUE ÉRAMOS DA CIDADE"

Tempos depois, o baterista Pete Best comentou a respeito do mesmo show: "Litherland foi uma explosão no destino dos Beatles. Estávamos tocando numa casa na qual cabiam cerca de 1.500 pessoas na pista de dança. Porém todos pararam de dançar quando tocamos e correram para a frente do palco para ficar mais perto de nós, observar cada momento e principalmente para gritar. As pessoas não iam a um baile berrar, isso era novidade".

E era mesmo. Quatro anos depois, os Beatles eram a maior banda do mundo.

Os Beatles se formaram em 1958. Foram contratados pela EMI Records em 1962, quando a formação era John Lennon (guitarra rítmica), Paul McCartney (baixo), George Harrison (guitarra solo) e Ringo Starr (bateria). O primeiro compacto, "Love Me Do", ficou entre as vinte mais tocadas das paradas britânicas. Nenhum

de seus compactos ou álbuns deixou de entrar nessa lista e quase todos alcançaram o primeiro lugar. No fim de 1964, eram sensação mundial. A música irresistível, combinada à imagem atraente, desencadeou uma enorme reação – e não só por parte dos adolescentes. Em 1966, em função do caos provocado aonde quer que fossem, a banda decidiu abandonar as turnês e se concentrar nas gravações. Em quatro anos, o grupo produziu discos famosos como *Sergeant Pepper's Lonely Hearts Club Band*, The Beatles (*The White Album*, o *Álbum Branco*) e *Abbey Road*. A morte de seu empresário, Brian Epstein, em 1967, acabou acarretando o fim do grupo, quando Lennon, Harrison e Starr se voltaram contra Paul McCartney na escolha de outro agente. Em 1970, os Beatles se separaram, mas passados mais de quarenta anos continuam sendo uma das bandas mais populares do mundo.


O primeiro número um
da Motown de
BERRY
GORDY
DATA
11 de setembro de 1961, Detroit

Em julho de 1988, ele finalmente deu fim ao sonho e vendeu toda a sua participação na Motown, companhia fundada por ele, o selo que ele imprimira nos livros de história por meio de sua visão, disciplina e comprometimento inabalável. No dia em que fez isso, em que vendeu sua antiga vida e trabalho, Berry Gordy enfrentou a imprensa. "Ao vender a Motown, você se sente um fracasso?", questionou um jornalista. Gordy olhou para ele com o mais absoluto assombro. "Faço parte de um negócio que vale 371 milhões de dólares. O que você acha?"

A Motown era uma força da natureza, e o mesmo se dava com Berry Gordy. Ele tinha de ser assim; era mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um negro ser bem-sucedido nos Estados Unidos brancos. No entanto, Gordy foi. Ele jogou o jogo deles e triunfou. Com isso, ele sozinho inspirou uma geração de empreendedores da música negra. Sem Berry, não haveria Jay-Z, Def Jam...

Gordy era de uma família de oito irmãos. Seu pai, Berry Gordy II, instilou no filho uma ética e moral severas. Gordy abandonou a escola cedo, tentou ser boxeador profissional. O garoto era bom, mas não o bastante. Venceu oito lutas, perdeu duas, empatou uma. Então, foi convocado pelo exército. Berry completou o período de dois anos e então se casou com Thelma Louise Coleman, de 19 anos. Ele foi trabalhar na gráfica do pai para sustentar a esposa e o bebê.

Mas à noite a música de Detroit o chamava. Berry passava muito tempo nos clubes de jazz, e sua paixão pela música era tão grande que ele montou uma loja de discos, a 3-D Record Mart. Berry era inteligente – mas estava no lugar errado. Os cidadãos negros de

Detroit ganhavam a vida nas fábricas de automóveis, que fizeram a fama da cidade. Nas noites de folga, os trabalhadores cansados não queriam jazz soando em sua cabeça. Queriam uma música sobre a qual não precisassem pensar, mas que fosse boa para dançar e beber a noite toda. Eles queriam gente como John Lee Hooker.

ASSIM ELE CONHECEU A REGRA NÚMERO UM: PARA GANHAR DINHEIRO COM MÚSICA, DINHEIRO DE VERDADE, É PRECISO SER O CHEFE

A loja de jazz durou dois anos. Agora só havia uma coisa a fazer. Berry foi trabalhar na fábrica do Lincoln Mercury. Ele odiava o emprego, mas encontrou uma forma de salvação em sua mente ativa. Na linha de produção, começou a criar melodias e riffs, refrãos e letras. O dinheiro era sua motivação. Ele vira um anúncio dizendo que compositores poderiam embolsar 25 dólares por canção.

A AMBIÇÃO DE **GORDY** ERA ENORME, E ELE SABIA QUE PARA CONCRETIZÁ-LA ERA NECESSÁRIO LIDAR COM O MUNDO ASSIM COMO ELE É, NÃO COMO GOSTARÍAMOS QUE FOSSE

Sua chance pintou na boate local chamada The Flame. Berry ficou sabendo que o gerente, Al Greene, estava procurando material para um cantor chamado Jackie Wilson. Gordy conhecia esse nome: ele enfrentara Wilson quando boxeador. Gordy um dia o encontrou e a dupla passou a compor em conjunto. Uma das músicas criadas por eles se chamava “Reet Petite”. Dois sucessos se seguiram: “That’s Why (I Love You So)” e “I’ll Be Satisfied”. Wilson agora se tornara o maior astro de Detroit, e Gordy, uma importante peça de sua engrenagem.

Apesar do sucesso, a participação de Gordy era mínima. Assim, ele conheceu a regra número um: para ganhar dinheiro com música, dinheiro de verdade, é preciso ser o chefe. Em 1957, Berry Gordy

conheceu Smokey Robinson numa audição realizada pelo empresário de Jackie Wilson. Embora Robinson tenha sido rejeitado, Gordy gostou do que ouviu. “Suas músicas são boas”, ele afirmou ao jovem cantor e compositor. “Tenho centenas delas”, respondeu Robinson, e naquele instante nasceu a Motown Records.

Os dois se reuniram e trabalharam nas composições de Robinson. Rebatizaram a banda dele como The Miracles. Em 1959, ambos estavam prontos para entrar em ação. Enquanto Robinson continuava compondo, Gordy fundou a Jobete Publishing (batizada em função de suas filhas Joy, Betty e Terry) e os selos fonográficos Motown (uma contração do apelido de Detroit, Motortown, a cidade dos motores) e Tamla (por causa de um filme de Debbie Reynolds, *Tammy*). O plano de Gordy era controlar todos os pontos da carreira do artista, da edição das músicas ao lançamento dos discos. Mais tarde, contrataria pessoas para ensinar boas maneiras e etiqueta a seus artistas. Em troca, lhes concedia fama e sucesso. Para a garotada operária de Detroit, que dava o sangue para ganhar a vida, parecia um bom contrato.

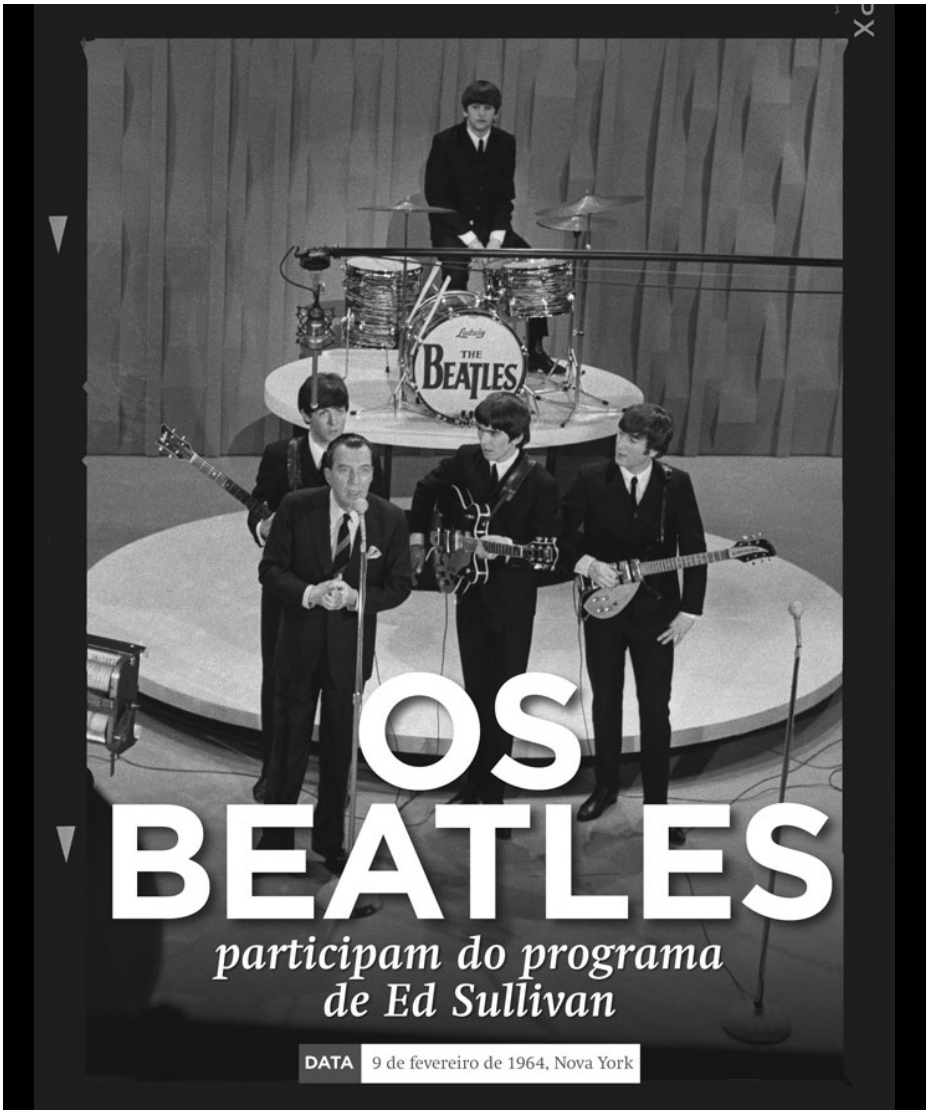
No verão de 1959, “Way Over There”, do The Miracles, se tornou o primeiro lançamento da Tamla. O compacto vendeu sessenta mil cópias – número notável para um selo desconhecido. O segundo grande passo se deu no começo de 1961, quando “Shop Around”, também dos Miracles, alcançou o primeiro lugar da parada de R&B e a vice-liderança da parada nacional. Em setembro de 1961, o grupo The Marvelettes alcançava o primeiro lugar com “Please Mr. Postman” – e a Motown tinha seu primeiro sucesso no topo das paradas.

Um aspecto notável dessa canção é o quão branca ela soa, embora todos na gravação fossem negros. Os vocais lembram qualquer música dos grupos femininos da época, a batida é leve e a instrumentação altamente contida. Tratava-se de algo muito distante do R&B estridente dos anos 1950. Contudo, a ambição de Gordy era enorme, e ele sabia que para concretizá-la era necessário lidar com o mundo assim como ele é, não como gostaríamos que fosse. Gordy também sabia que Sam Phillips, da Sun Records, estava certo ao afirmar que artistas brancos cantando música negra arrasariam. Gordy

inverteu a afirmação. Fez artistas negros cantando como brancos arrasarem. A Motown apostou suas fichas e nunca quis aborrecer ninguém, até Norman Whitfield, Marvin Gaye e Stevie Wonder surgirem e darem um basta naquilo tudo.

Com "Please Mr. Postman", foi dada a entrada daqueles 371 milhões de dólares finais. E logo empresários negros locais criavam empresas musicais aos montes. Algumas foram bem-sucedidas, outras não deram em nada. De qualquer forma, Berry Gordy foi a inspiração – e a Motown foi a realização do sonho.

Berry Gordy Junior nasceu em 28 de novembro de 1929 em Detroit, Michigan. Sua família era muito unida e religiosa. Durante o ensino médio, Gordy abandonou a escola determinado a se tornar boxeador profissional. Em 1950, foi convocado pelo exército dos Estados Unidos. Ele lutou na Guerra da Coreia, retornando a Detroit três anos depois. Enquanto trabalhava em uma montadora automobilística, começou a compor canções que mais tarde vendeu a Jackie Wilson. Em 1957, conheceu Smokey Robinson e fundou a Motown. Durante as três décadas seguintes, o selo lançaria uma série de compactos importantes e de grande vendagem, como "Dancing in the Street", "Reach Out I'll Be There" e "I Heard It through the Grapevine", além de álbuns que se tornaram referência, como *What's Going On*, de Marvin Gaye, *Songs in the Key of Life*, de Stevie Wonder, e os discursos do dr. Martin Luther King. Em 1972, Gordy transferiu a Motown para Los Angeles em busca de um sucesso ainda maior. Contratou diversos artistas importantes, incluindo The Jackson Five. Em 1988, vendeu a empresa por milhões de dólares e publicou sua autobiografia, *To Be Loved*, passando a levar uma vida tranquila em Los Angeles.


THE BEATLES
OS BEATLES
participam do programa de Ed Sullivan
DATA 9 de fevereiro de 1964, Nova York

Os Beatles voaram para os Estados Unidos pela primeira vez em fevereiro de 1964. Tamanha era a profunda aura de magia e invencibilidade que se ligara à banda que o produtor Phil Spector, sempre temeroso ao voar, trocou uma passagem aérea para estar no mesmo voo que eles. Ele acreditava que nenhum avião que transportasse aqueles quatro deuses seria capaz de cair. E ele estava certo.

Os Beatles aterrissaram a salvo nos EUA em 7 de fevereiro, e os acontecimentos daquela primeira viagem se revelaram nada mais do que extraordinários. Em dois dias, naquele vasto continente que tanto admiravam de longe, atraíram a maior audiência da história da tevê. Setenta e três milhões de norte-americanos sintonizaram o televisor, em uma noite fria, para ver essa nova sensação cantar uma música no programa *The Ed Sullivan Show*. Notoriamente, relatou-se que o número de crimes cometidos em Nova York caiu naquela noite. Até os criminosos estavam fascinados pelos Beatles.

Como essa coisa fantástica aconteceu? Como uma banda conquistou o maior mercado do mundo sem nunca tê-lo visitado? Como um grupo cujos compactos foram rejeitados e ignorados durante meses de repente se tornou o maior sucesso nos EUA? Sorte e planejamento inteligente são a resposta.

No dia seguinte à histórica apresentação dos Beatles para a rainha, em 4 de novembro de 1963, o empresário deles, Brian Epstein, voou para os Estados Unidos. Ele se dirigia à América para começar a abrir caminho para um momento singular na história da música popular. Contudo, ele tinha uma batalha a enfrentar. A Capitol Records, braço norte-americano da EMI, se recusara a lançar os dois primeiros compactos da banda, “Love Me Do” e “Please Please Me”.

Nenhum dos outros grandes mandachuvas a quem as músicas foram oferecidas pareceram interessados.

COMO ESSA COISA FANTÁSTICA ACONTECEU? COMO OS BEATLES CONQUISTARAM O MAIOR MERCADO DO MUNDO SEM NUNCA TÊ-LO VISITADO?

A EMI lançou “Please Please Me” e “From Me to You” por um selo independente de Chicago chamado Vee-Jay, lar de Frankie Valli and The Four Seasons. O compacto seguinte, “She Loves You”, encontrou abrigo no selo Swan, da Filadélfia.

Se Epstein desejasse ver o estouro do grupo nos EUA, teria de contar com uma grande gravadora ao seu lado. A estratégia do empresário para conseguir uma foi garantir a participação da banda em um importante programa de tevê com alcance nacional. Esse seria seu trunfo, e nesse ponto ele contou com a sorte. Ed Sullivan – um dos principais nomes da televisão norte-americana e com a fama de lançar estrelas – tinha um representante em Londres. O olheiro instalado na Grã-Bretanha mantinha Sullivan a par das notícias mais importantes no mundo do entretenimento – como a da beatlemania. Epstein sabia disso, e uma reunião foi agendada com o produtor de *The Ed Sullivan Show*, Bob Precht, que também era genro de Sullivan. Tudo isso foi preparado antes de Epstein decolar para Nova York.

Verdade seja dita, Precht não estava preparado para a reunião. Ele pensava que os Beatles eram uma espécie de trupe humorista e disse isso a Epstein. Naturalmente, o empresário não gostou e fez uma grande defesa da banda. O resultado foi que ele saiu da reunião com a promessa de estrelar não um nem dois, mas três programas, a serem transmitidos em noites de domingo consecutivas, em 9, 16 e 23 de fevereiro.

A Capitol Records agora concordou lançar em janeiro “I Want to Hold Your Hand”. O potencial de *The Ed Sullivan Show* alavancar as vendas não podia ser ignorado. A Capitol também reservou a enorme soma de cinquenta mil dólares para uma campanha coordenada de

marketing.

Brian Epstein voltou feliz para casa. Enquanto isso, outros representantes da mídia norte-americana ficaram sabendo da beatlemania. Três equipes de diferentes tevês norte-americanas desembarcaram na Grã-Bretanha e filmaram a banda se apresentando no Winter Gardens Theatre, em Bournemouth, em 16 de novembro de 1963.

QUATRO MIL FÃS SE REUNIRAM NO AEROPORTO JFK. OS BEATLES NUNCA HAVIAM PISADO NO PAÍS, MAS OS ESTADOS UNIDOS, ASSIM COMO ACONTECEU ANTES NA GRÃ-BRETANHA, ESTAVAM FASCINADOS E ENCANTADOS

Uma dessas filmagens, quando posteriormente exibida pela tevê nos EUA, chamou a atenção de uma garota chamada Marsha Albert. Ela escreveu uma carta ao radialista da região, Carroll James, pedindo para que ele tocasse alguma música dos Beatles em seu programa. James ficou curioso. Ele caçou uma cópia importada de “I Want to Hold Your Hand” e, quando decidiu tocá-la, deixou Marsha fazer a apresentação. Ao fim da música, James quis saber a opinião do público. A mesa telefônica se acendeu feito uma árvore de Natal. Então ele tocou a música novamente na hora seguinte e obteve a mesma reação entusiasmada. Depois disso, ele passou a tocar “I Want to Hold Your Hand” todas as noites, obtendo a mesma reação fenomenal toda vez que a gravação era tocada.

O apresentador Ed Sullivan conversa com George Harrison pouco antes da apresentação histórica do grupo em seu programa. Mais de setenta milhões de pessoas viram os Beatles naquela noite de fevereiro de 1964, e, pela manhã, a beatlemania estava completamente estabelecida nos EUA.

A Capitol Records percebeu que havia alguma coisa no ar e antecipou o lançamento para o fim de dezembro. Fizeram a coisa certa, pois as rádios norte-americanas tocavam a música sem parar. No começo do novo ano, o compacto já havia vendido mais de um milhão de cópias. Em questão de dias, Nova York estava tomada por adesivos dizendo “Os Beatles estão chegando” – uma divertida referência ao grito de guerra da independência dos EUA, “Os britânicos estão chegando”.

Enquanto isso, as rádios aumentavam a crescente sensação de empolgação. No dia em que os Beatles deveriam desembarcar, a grande estação de rádio de Nova York WMCA narrava o trajeto da

banda desde o Aeroporto de Heathrow, em Londres, até Nova York: “Agora são 10h30 em horário Beatle e os cabeludos estão a poucas centenas de quilômetros da aterrissagem...”

PILHAS DE CARTAS E TELEGRAMAS ESTAVAM AMONTOADAS SOBRE A MESA. UM ENVELOPE ESTAVA MARCADO COM A PALAVRA URGENTE. MCCARTNEY O ABRIU. “É DO ELVIS”, ELE ANUNCIOU. “QUEM É ELVIS?”, PERGUNTOU LENNON LENTAMENTE

Quatro mil fãs se reuniram no Aeroporto JFK, o maior grupo de norte-americanos a ocupar um aeroporto para saudar um visitante. Os Beatles (exceto George Harrison) nunca haviam pisado no país, mas os Estados Unidos, assim como aconteceu antes na Grã-Bretanha, estavam fascinados e encantados.

Após o desembarque da banda, a primeira tarefa deles foi conceder uma entrevista coletiva dentro do próprio aeroporto. Os jornalistas norte-americanos, macacos velhos, eram conhecidos pelo cinismo e pelo enfado do mundo, mas os Beatles os conquistaram com humor atrevido e respostas engenhosas. “O que acham de Beethoven?”, indagou um repórter. “Adoramos, sobretudo seus poemas”, retrucou Ringo. O recinto foi tomado por gargalhadas. Após anos de coletivas inúteis, nas quais os artistas davam as respostas mais tediosas, os Beatles eram uma lufada de ar fresco.

Em seguida, o grupo foi levado ao Hotel Plaza, onde centenas de fãs estavam reunidos, principalmente meninas aos berros, e depois ao Playboy Club. No dia seguinte, com os fãs ainda em frente ao hotel, passaram o dia dando entrevistas, repetindo as mesmas histórias para as mesmas perguntas várias e várias vezes.

No domingo – que alívio –, eles ao menos teriam a chance de parar de falar e começar a tocar. Os Beatles chegaram à tarde aos estúdios do *The Ed Sullivan Show*, no número 1697 da Broadway. Na semana que antecedeu a apresentação, os produtores receberam cinquenta mil pedidos para os setecentos ingressos. No camarim,

pilhas de cartas e telegramas estavam amontoadas sobre a mesa. Um envelope estava marcado com a palavra URGENTE em letras vermelhas. McCartney o abriu. “É do Elvis”, ele anunciou empolgado. “Quem é Elvis?”, perguntou Lennon lentamente.

A banda fez duas apresentações naquele dia, uma à tarde (a ser exibida na semana seguinte) e outra à noite, ao vivo. Eles abriram o show da tarde com “Twist and Shout”, dos Isley Brothers, numa referência respeitosa à fonte musical da qual beberam tão avidamente. (Em Nova York, passaram boa parte do tempo telefonando para as estações de rádio e pedindo suas músicas de R&B favoritas, como as das Ronettes, das Marvelettes e as de Marvin Gaye.) Depois passaram para “Please Please Me” e “I Want to Hold Your Hand”.

UMA LEGENDA SURGIU SOB LENNON DIZENDO: “SINTO MUITO, GAROTAS, ELE É CASADO”. ESSA INFORMAÇÃO TINHA O PODER DE ANIQUILAR AS FANTASIAS DE MILHÕES DE GAROTAS

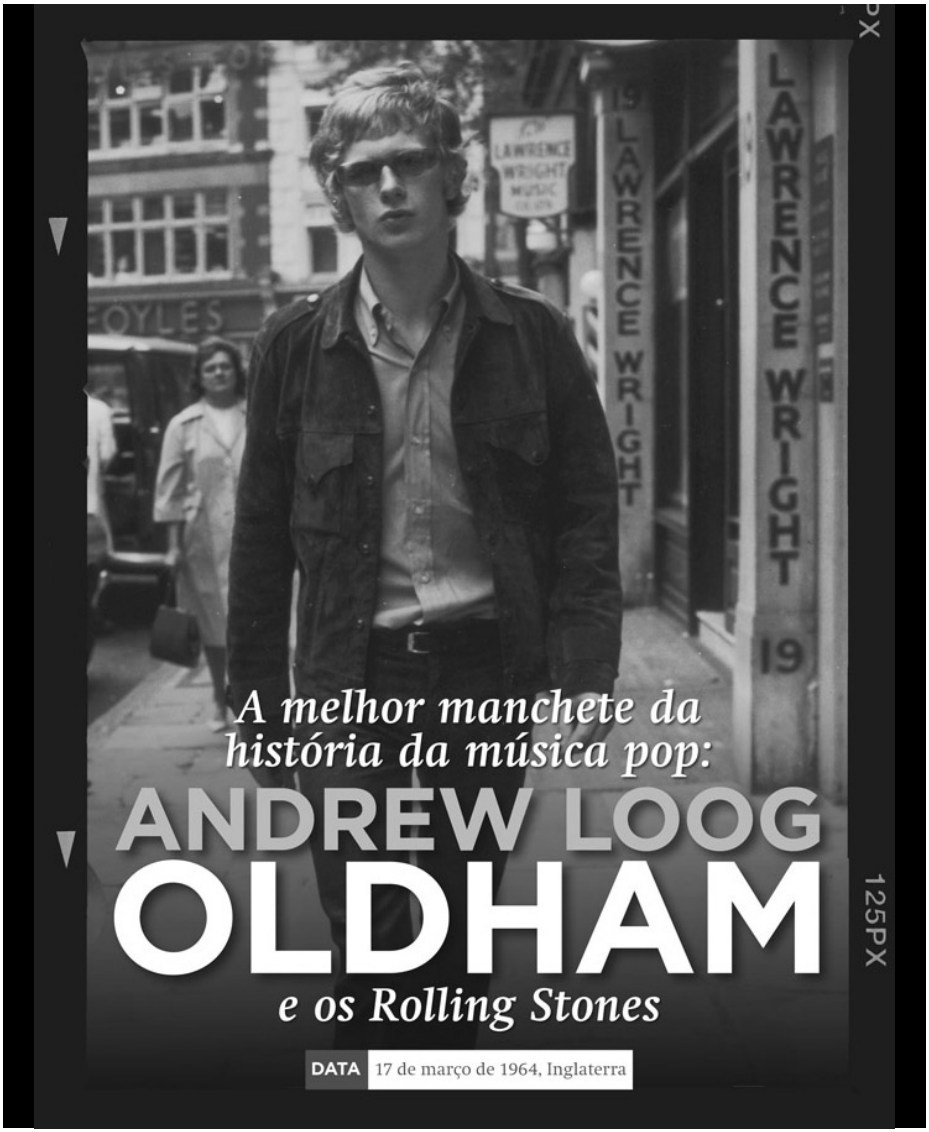
Para o show da noite, a apresentação ao vivo que os colocaria no centro da vida norte-americana foi aberta com “All My Loving”, depois eles lançaram “She Loves You”. Paul e John sacudiram a cabeleira como nunca para incendiar o público jovem. Quase no fim da música, uma legenda surgiu sob Lennon dizendo: “Sinto muito, garotas, ele é casado”. Essa informação poderia ter causado um enorme desastre, pois tinha o poder de aniquilar as fantasias de milhões de garotas. Porém o ímpeto do momento ignorou o incidente, tornando-o inofensivo.

Os Beatles vestiam ternos pretos e, sempre que sacudiam a cabeça ou chegavam perto do microfone, o público gritava e as paredes estremeciam. Paul lançou mão de seu truque fofinho olhando diretamente para a câmera com comoventes olhos de Bambi. Lennon casou perfeitamente seus sorrisos inteligentes com a câmera. Terminava assim sua primeira apresentação ao vivo na televisão norte-americana, mas eles voltaram mais tarde para encerrar o

programa com “I Saw Her Standing There” e “I Want to Hold Your Hand”.

No fim daquela noite, anunciou-se que 58% dos lares dos EUA com televisor sintonizaram o programa. Ainda assim, os jornais norte-americanos escolheram crucificar os Beatles. O *New York Times*, a *Newsweek*, o *Herald Tribune* – todos publicaram críticas negativas, com o mesmo recado cruel para os rapazes de Liverpool, Inglaterra: vocês são feios, tocam mal, as músicas são fracas e o grupo, com toda a certeza, não vai durar.

Em público, os Beatles sorriram. Em particular, ficaram enfurecidos com as resenhas ruins. Mas será que os jovens norte-americanos prestaram alguma atenção naqueles duros golpes? Nenhuma. A beatlemania acabara de atingir os Estados Unidos e, depois do *The Ed Sullivan Show*, seria simplesmente impossível detê-la.


LAWRENCE WRIGHT
LAWRENCE WRIGHT
19
19
LAWRENCE WRIGHT MUSIC
A melhor manchete da história da música pop:
ANDREW LOOG OLDHAM
e os Rolling Stones
DATA
17 de março de 1964, Inglaterra

A música pop gera dois tipos de empresários. Há os intimidadores, que não se importam de recorrer à violência física e psicológica para conseguir o que querem. Então vêm os espertos: aqueles que propõem mudanças, os quem botam para quebrar, os malandros. Andrew Loog Oldham pertencia à segunda categoria. E depois ele a superou. Ninguém entendia o pop como Oldham. Ele sabia tudo a respeito, como os fãs pensavam, como os músicos trabalhavam e como a imprensa funcionava. Isso fez com que ele se transformasse em uma das forças mais formidáveis da história da música pop dos anos 1960. Não é por acaso que tenha trabalhado tanto para os Beatles quanto para os Rolling Stones.

Andrew Loog Oldham começou sua vida profissional como assistente em uma loja de roupas, mas não numa loja qualquer. Ao deixar o colégio, foi trabalhar na butique de Mary Quant, Bazaar, na King's Road, Chelsea. Mais tarde, Quant disse se lembrar pouco dele, mas recordava-se de que um dia ele não apareceu para trabalhar. Então, um mês depois, a *Vogue* norte-americana telefonou dizendo haver um jovem inglês na redação afirmando ser o responsável pela criação da maioria das roupas de Mary Quant...

Ao voltar para Londres, Oldham procurou sua própria imagem e a encontrou num trapaceiro chamado Pete Meaden. Ele foi o primeiro empresário da banda The Who, o cara que os transformara em *mods*. Juntos, Oldham e Meaden abriram uma empresa de relações públicas e representaram vários grupos.

ELE TELEFONOU PARA A *MELODY MAKER* E LHES DEU

UMA MANCHETE: "VOCÊ DEIXARIA SUA FILHA SE CASAR COM UM ROLLING STONE?" O RESTANTE DA IMPRENSA EMBARCOU NA ONDA IMEDIATAMENTE

Oldham agora estava realizando seu sonho de cinema. Tratava-se de um homem impelido por muitas coisas – por dois filmes no mínimo: *Expresso Bongo* e, principalmente, *A embriaguez do sucesso*, estrelado por Burt Lancaster e Tony Curtis. Oldham curtia o estilo de vida exibido nesse clássico de 1957, sua natureza agressiva e o glamour nova-iorquino permeado de decadência. Oldham também tinha outros heróis, e o maior deles era o produtor musical Phil Spector. Quando este foi para Londres, em 1962, Oldham logo estava a seu lado, sugando valiosas informações do norte-americano.

No começo de 1963, Oldham levou uma de suas bandas para se apresentar em um programa de tevê chamado *Thank Your Lucky Stars*. Foi ali que viu os Beatles perderem sua virgindade televisiva. Oldham procurou diretamente o empresário do grupo, Brian Epstein, e ele lhe descolou um emprego na mesma hora.

Oldham não tinha dificuldade em atrair a imprensa para sua causa: os Beatles estavam em todos os jornais. Porém, cerca de um mês depois, o destino interveio com algo novo. Enquanto tomava um drinque com Peter Jones, editor de um jornal musical chamado *Record Mirror*, ele ficou sabendo de uma desordeira banda de blues que botava para quebrar toda semana no Hotel Station, em Richmond, nos arredores de Londres. Na sexta-feira à noite seguinte, Oldham estava lá, viu os Rolling Stones e ficou perdidamente apaixonado por eles. "Eu sabia o que estava vendo", ele afirmaria mais tarde. "Era sexo, e eu estava 48 horas à frente dos outros."

Oldham telefonou para Epstein e perguntou se ele se interessava. Epstein disse que não, então Oldham se demitiu e se tornou o empresário dos Rolling Stones. Em apenas um mês, ele passou de funcionário a maior rival de Epstein. Oldham saboreava o desafio. Enquanto Epstein se orgulhava de nunca ter de recorrer a golpes publicitários, Oldham vivia deles. Tais façanhas eram seu motor, seu combustível, seu impulso.

A primeira atitude foi tirar o pianista, Ian Stewart, da banda. Ele era velho e feio demais, foi a justificativa. Os Stones eram sexo, sexo jovem. Não precisavam de uma figura paternal em suas fileiras.

NA SEXTA-FEIRA À NOITE SEGUINTE, OLDHAM ESTAVA LÁ, VIU OS ROLLING STONES E FICOU PERDIDAMENTE APAIXONADO POR ELES. "EU SABIA O QUE ESTAVA VENDO", ELE AFIRMARIA. "ERA SEXO, E EU ESTAVA 48 HORAS À FRENTE DOS OUTROS."

Em seguida, começou uma guerra com os Beatles. Sua primeira tacada foi posicionar os Stones como a alternativa aos Fab Four. Epstein transformara os garotos movidos a bolinha de Liverpool em uma trupe respeitável, com rosto limpo e terno bem cortado. Todo mundo amava os Fabs. Oldham garantia que todos, menos os jovens, odiassem os Stones. Antes da primeira apresentação da banda no *Juke Box Jury*, ele disse aos garotos que não levassem o programa a sério, que fizessem piadas, agissem como se não dessem a mínima. O resultado? Páginas e mais páginas de indignação em todos os jornais. E esse é um tipo de publicidade que não está à venda.

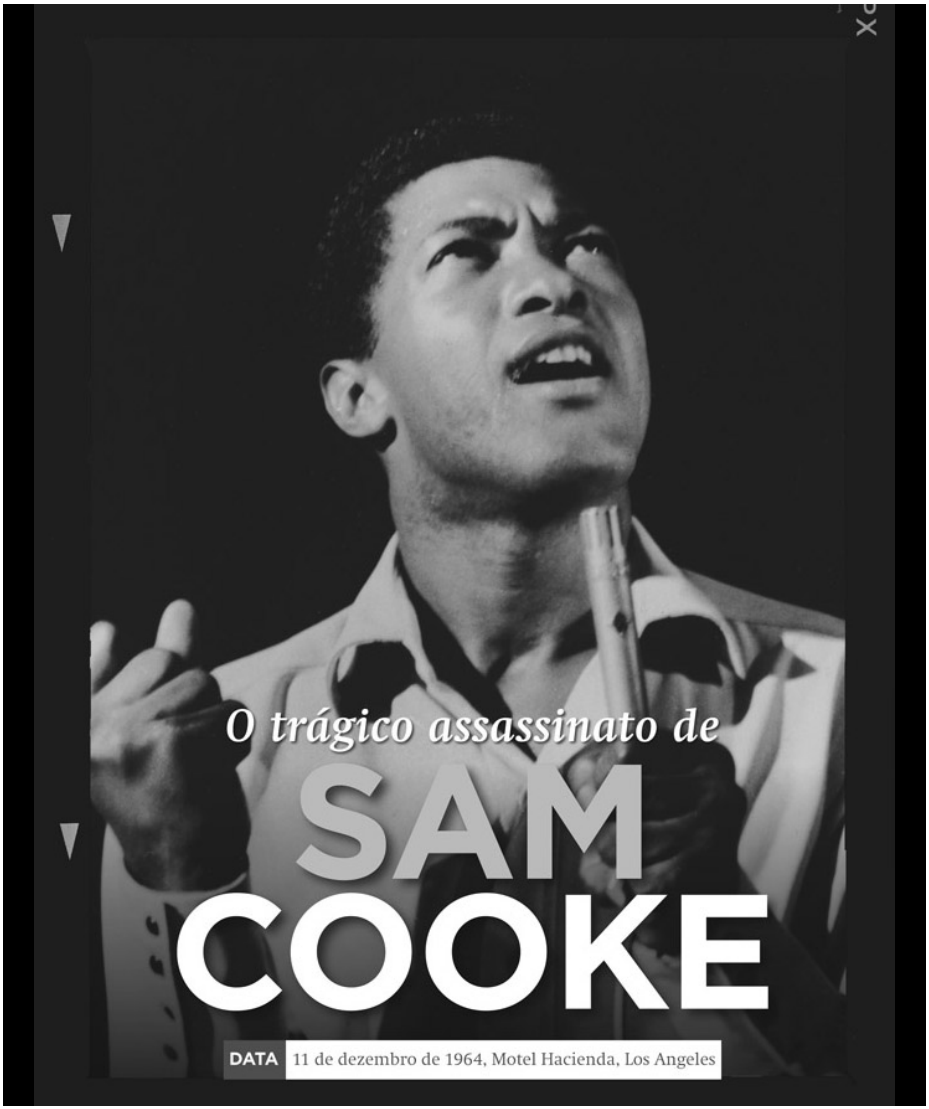
Então, o golpe de mestre. No começo de março, ele telefonou para a revista de música *Melody Maker* e lhes deu uma manchete que cativaria um país: "Você deixaria sua filha se casar com um Rolling Stone?" Como ele previra, o restante da imprensa embarcou na onda imediatamente, e, durante meses, o assunto era trazido à tona em toda entrevista concedida pelo grupo.

Para garantir que estivessem à altura da notoriedade que lhes havia conferido, Oldham incentivava o comportamento cada vez mais selvagem da banda. Em 1965, enquanto passavam pelo East Ham, em Londres, a banda parou num posto de gasolina. O baixista Bill Wyman perguntou ao frentista se podia usar o banheiro. A resposta foi não, então a banda desceu do carro e urinou na parede do posto. "Nós mijamos em qualquer lugar, cara", Jagger disse ao funcionário. Grosseiros, arrogantes e condescendentes, os Stones agora se tornavam

uma das maiores atrações da Grã-Bretanha. Oldham fizera um trabalho espetacular.

Seu equívoco foi criar uma imagem paralela. Ele passou a se entregar a todos os tipos de comportamentos rock'n'roll que a princípio agradavam a banda, então os chateou. Ele se esquecera de uma das regras de ouro do pop: nunca ofusque o artista. Em 1966, ficou acertada sua saída, e ele o fez para abrir seu próprio selo fonográfico: Immediate Records. Como era de esperar, o primeiro lançamento, "Hang on Sloopy", do grupo The McCoys, foi direto para o primeiro lugar.

Andrew Loog Oldham nasceu em 29 de janeiro de 1944, em Londres. O pai era tenente da Força Aérea dos Estados Unidos e morreu antes de ele nascer. Oldham frequentou várias escolas, mas ficou totalmente apaixonado pelo Soho londrino e as primeiras comoções da cultura adolescente que aconteciam em boates como The 2i's. Oldham se tornou relações-públicas, mais famosamente para o produtor Joe Meek e os Beatles. Em abril de 1963, ele descobriu os Rolling Stones e virou empresário da banda. Durante três anos, conduziu o grupo ao topo das paradas. Negociou contratos revolucionários que deram ao grupo o controle de suas gravações, e conseguiu que Lennon e McCartney compusessem o primeiro sucesso da banda, "I Wanna Be Your Man". Em 1966, ele se afastou para criar a Immediate Records. Com artistas como Small Faces e Chris Farlowe, a Immediate pôs muitas músicas nas paradas e durou cerca de cinco anos. Após a falência, Oldham se casou com a modelo colombiana Esther Farfan e se mudou para o país natal dela. Publicou duas autobiografias, *Stoned* e *Stoned 2*, e trabalha como DJ nos Estados Unidos.


O trágico assassinato de
SAM
COOKE
DATA
11 de dezembro de 1964, Motel Hacienda, Los Angeles

Na hora da morte, no início da manhã de 11 de dezembro de 1964, o melhor *soul man* dos Estados Unidos estava nu, exceto pelo sobretudo e um sapato. Havia uma bala em seu peito e ele estava caído contra a parede do escritório de um motel. A recepcionista, Bertha Franklin, sentou-se à sua mesa, esperando a polícia chegar. Assim como os policiais à paisana, prestes a invadir o local, ela ainda não sabia quem acabara de matar.

Sam Cooke chegara ao motel no início da madrugada acompanhado de uma moça que evidentemente não era sua esposa. “Vocês terão de assinar como senhor e senhora”, Bertha afirmou, olhando de forma significativa para a garota. O homem fez como lhe foi pedido.

Ele conhecera Lisa Boyer numa boate no início da noite. Ela era bonita, sexy, graciosa, e Sam Cooke queria ir para a cama com ela. Muito. Ele foi conversar com ela, e, quando se deram conta, estavam dentro do carro dele procurando um motel.

Mais tarde, Lisa diria a todos que não queria ir ao motel com Cooke, mas ele insistiu para que arranjassem um quarto. “Você é tão linda”, ele não parava de repetir. De acordo com Lisa, assim que entraram no quarto, ele a empurrou para a cama e tirou o suéter dela. Temendo ser estuprada, a moça de 22 anos esperou uma oportunidade. Quando Cooke foi ao banheiro, ela pegou algumas roupas do cantor e correu até o orelhão mais próximo, de onde chamou a polícia. Furioso, Cooke foi atrás dela.

Nesse momento, Bertha Franklin estava em sua sala conversando com o chefe pelo telefone. Cooke bateu à porta. Bertha desligou e abriu. Ela disse ao cantor que não vira a moça. Cooke foi embora e Bertha retomou o telefonema. Minutos depois, ele voltou. Quando bateu novamente, Bertha se recusou a abrir. Então, Cooke arrombou a

porta e entrou. Ele estava convencido de que Lisa estava escondida ali. Foi direto às salas adjacentes ao escritório e depois voltou. Cooke segurou Bertha pelos pulsos, exigindo saber onde ela escondera Lisa.

LISA BOYER ERA BONITA, SEXY E GRACIOSA. SAM COOKE FOI CONVERSAR COM ELA, E, QUANDO SE DERAM CONTA, ESTAVAM DENTRO DO CARRO DELE PROCURANDO UM MOTEL

Sam Cooke brinca ao piano com mais uma doce melodia. O músico suave com voz angelical era também um astuto empresário tentando romper as barreiras raciais nos Estados Unidos dos anos 1950.

Bertha o empurrou e ambos caíram no chão. Ela declarou que Cooke não a deixava em paz, então começou a mordê-lo numa tentativa de se livrar dele. Por fim, conseguiu se levantar e correu até a TV. Em cima do aparelho, havia uma arma. Bertha Franklin pegou o revólver, o girou e, enquanto Sam Cooke se dirigia até ela, atirou no peito dele. “Você atirou em mim”, ele exclamou assombrado, cambaleando em sua direção. Nisso, Bertha pegou um porrete e bateu na cabeça dele. O porrete quebrou e Cooke caiu curvado no chão.

Bertha pegou o telefone. Seu chefe continuava na linha. Ela pediu para ele chamar a polícia. Colocou o telefone no gancho e se sentou ali sozinha, olhando para o cadáver. Pouco depois, a polícia chegou. O cenário não era nenhuma novidade para eles. Naquela cidade, era comum homens serem mortos em brigas. Por que esse incidente seria diferente?

A investigação foi *pro forma*. A polícia colheu depoimentos e

depois transportou o corpo para o legista local. Foi encontrado álcool no sangue do homem, mas nada de narcóticos. Em seguida, a polícia entrou em contato com a família; a esposa se debulhou em lágrimas. No meio da tarde, o corpo jazia numa funerária na Avenida South Central.

Foi então que a polícia percebeu que não se tratava do homicídio comum de um homem comum. As estações de rádio começaram a tocar as mesmas músicas sem parar – “You Send Me”, “Only Sixteen”, “Twisting the Night Away”, “Bring It on Home to Me”, “A Change Is Gonna Come”. Moças e rapazes se reuniam na cena do crime trazendo flores. Na funerária, uma longa fila se formava, se estendendo cada vez mais, para ver o corpo do herói abatido.

Um mar de simpatizantes compareceu ao funeral. Sam Cooke estava morto e os afro-americanos lamentavam profundamente. Por quê? Porque haviam acabado de perder um de seus verdadeiros líderes, símbolo de esperança absoluta num país racialmente dividido. Cooke era um cantor e compositor dotado de enorme talento e tinha uma missão. Ele queria alcançar negros e brancos, criando uma música que cruzasse a fronteira e unisse ambas as raças em uma época de grande divisão.

Suas músicas eram fáceis de lembrar, elaboradas a partir de elementos do pop, do soul e da música gospel. Seu canto era puro e limpo, feito água da fonte, e muitas de suas canções contavam com doces arranjos de cordas para iluminá-las. Raramente tinham o materialismo de uma faixa de Otis Redding ou a sensualidade dissimulada de Al Green. Entretanto, tinham um brilho e uma inteligência que as tornavam irresistíveis, sendo embelezadas por sua voz maravilhosa. Sam Cooke tinha tudo que um músico podia querer. E ainda mais.

Além disso, as ambições de Cooke não o impediam de criar ótimas gravações. Ele era um pioneiro de verdade, um dos primeiros artistas negros modernos a criar o próprio selo e editora musical. Assim como Berry Gordy, era um homem disposto a cuidar da própria carreira, e ao fazer isso abria caminho para outros. Numa época em que os negros eram considerados cidadãos de terceira classe, Cooke

estava determinado a ser bem-sucedido.

ELA COLOCOU O TELEFONE NO GANCHO E SE SENTOU ALI SOZINHA, OLHANDO PARA O CADÁVER DE SAM COOKE

O espírito individual aflorou em Sam Cooke desde a tenra idade, desde quando começou a cantar música gospel, passando a ser notado pela voz dinâmica e pela boa aparência. Na adolescência, integrou a banda gospel The Teen Highways Gospel. E, embora tenha sido advertido pela igreja de que qualquer outra música além do gospel pertencia ao diabo, Cooke sentia uma irresistível atração pelas maravilhosas harmonias de bandas como The Ink Spots.

Sua reputação como cantor gospel o transformou numa espécie de astro dentro desse mundo, reputação estimulada pelo belo visual. A própria rainha do soul, Aretha Franklin, recorda-se de lutar contra pensamentos diabólicos enquanto assistia a uma apresentação dele na igreja. A banda gospel mais famosa da época era The Soul Stirrers, liderada por um cantor excelente chamado R. H. Harris. Quando este se aposentou, Cooke foi escolhido para substituí-lo. Era como ser convidado a trilhar os passos de Caruso.

Cooke sabia que seria uma bobagem tentar copiar o estilo de Harris. Em vez disso, valeu-se da própria voz e, dessa maneira, levava as igrejas à loucura. Cooke tinha confiança suficiente para começar a compor um novo material para o grupo, parte do qual foi lançado pelo selo Specialty. Ainda assim, como se recordam os integrantes da banda, ele pensava em encontrar uma maneira de atingir um público bem maior. Parecia que para Cooke o gospel estava cheio de músicas cativantes, ritmos empolgantes e harmonias de primeira – não sendo muito diferente do R&B, do soul ou mesmo do pop. E ele tinha razão. Pense no número de canções "inspiradas" pelo cânone gospel. Ouça os Soul Stirrers cantarem "Stand By Me Father". Agora escute a imortal "Stand By Me", de Ben E. King. Iguaizinhas, não?

Em 1956, seguindo o conselho do pai, de acordo com o qual Deus

lhe dera uma voz para alegrar as pessoas, Cooke mergulhou fundo nas águas da música comercial, a dita música do diabo. Lançou a canção "Lovable" sob o nome Dale Cooke. O resultado foi imediato: os Soul Stirrers o demitiram.

SEGUINDO O CONSELHO DO PAI, DE ACORDO COM O QUAL DEUS LHE DERA UMA VOZ PARA ALEGRAR AS PESSOAS, COOKE MERGULHOU FUNDO NAS ÁGUAS DA MÚSICA DO DIABO

Um ano mais tarde, em 1957, Cooke assinou com um selo não religioso e lançou uma música composta por ele, "You Send Me", que vendeu dois milhões de cópias. E então foi um sucesso atrás do outro. Suas canções eram inocentes, divertidas. Estavam repletas de inocência, mas também traziam um sentimento real de classe e sofisticação. E alcançavam o que Sam Cooke esperava, atingindo uma audiência muito ampla.

Ele agora era um ícone e modelo exemplar, e estava ciente das provações e do sofrimento de seu povo. Uma de suas últimas composições, "A Change Is Gonna Come", é legitimamente percebida como umas das maiores músicas da luta pelos direitos civis. Trata-se de uma canção que liga Cooke à obra de cantores de protesto, como então produziam Bob Dylan e Phil Ochs. Contudo, ela não pode ser categorizada. Não é sul, nem pop, nem rock. É uma canção excelente que transcende categorias, exatamente como queria Sam Cooke.

Então, ele conheceu Lisa Boyer e o sonho terminou. Seja qual tenha sido o motivo de seu trágico falecimento, uma coisa permanecia verdadeira: raramente a morte de um homem destoou tanto de sua arte. O motel barato, a garota volúvel, o comportamento bêbado violento – poucos conseguiam acreditar que tais coisas poderiam levar à morte o homem cujo espírito soava tão nítido, tão fascinante. Como um homem com um coração tão enorme podia perecer de forma tão terrível? Não parecia possível.

Nos meses seguintes à morte de Cooke, teóricos da conspiração

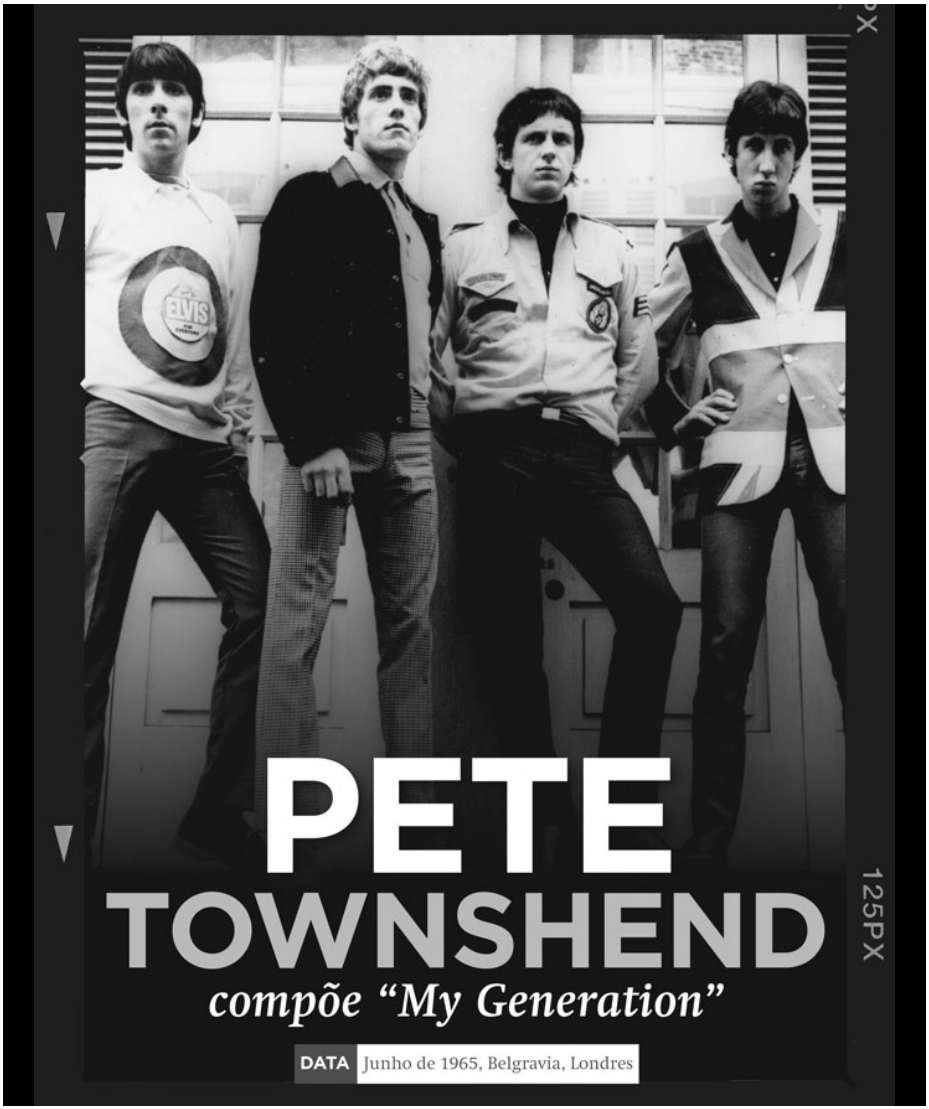
estavam munidos de potente arsenal. Primeiro, Lisa Boyer foi presa numa batida policial ligada à prostituição, causando grande espanto. Depois, a viúva do cantor se casou novamente. Não existe nada de vergonhoso nisso, exceto pelo fato de o novo marido ser o amigo mais próximo de Cooke, o cantor e compositor Bobby Womack.

Há quem suspeite fortemente de que as autoridades norte-americanas não conseguiam tolerar tamanho sucesso de um símbolo negro, criando assim as circunstâncias de sua morte.

Seja qual for a verdade envolvendo a morte de Cooke, sua música continua tocando e sua alma ainda brilha. Ele foi o elo entre Nat King Cole, Stax e a Motown. Reza a lenda que, no dia da morte de Sam Cooke, Deus tapou os olhos com a mão para não ver o diabo sorrindo para ele.

Samuel Cook nasceu no dia 22 de janeiro de 1931, em Clarksdale, Mississippi. Ele cresceu em uma família grande e religiosa e começou a cantar música gospel ainda bastante jovem. Fez fama como vocalista do grupo The Highway QCs, antes de ser convidado a integrar a melhor de todas as bandas de gospel, The Soul Stirrers. Apesar da desaprovação dentro da igreja, Cooke estava determinado a fazer com que sua música alcançasse um público muito maior, e assim começou a gravar música secular para selos fonográficos não religiosos. Isso fez com que fosse banido do mundo gospel, mas seus primeiros sucessos, como “You Send Me”, provaram que sua intuição estava absolutamente correta. Sucessos futuros como “Bring It on Home to Me” e “Chain Gang” consolidaram Cooke como artista completo e vocalista fantástico. Ele usou o sucesso para abrir um selo de gravação e uma editora musical. À época de sua morte, em um motel de Los Angeles,

tentava construir um gigantesco império musical. Seu falecimento foi profundamente lamentado, não só pelos afro-americanos, como também por todos que acreditavam piamente na igualdade e no poder da música de sanar grandes discórdias.


ELVIS
PETE
TOWNSHEND
compõe "My Generation"
DATA Junho de 1965, Belgravia, Londres
125PX

É a música que define o The Who, uma canção com um riff de guitarra clássico que sempre será associado a Pete Townshend, compositor da banda, e à década na qual nasceu. "My Generation" foi composta em 1965 e, quase meio século depois, sua capacidade de reduzir o ouvinte à submissão permanece plenamente intacta. "My Generation" é um dos principais hinos dos anos 1960 e da juventude em geral. E poderia nunca ter sido composta se não fosse a família real.

Nos anos 1960, os jovens se apoderaram de todas as formas de arte. Tomaram o poder no cinema, teatro, livros, moda, televisão e na música. "My Generation" capturou perfeitamente esse clima. Trata-se de uma canção de desobediência juvenil, sobre atacar os conservadores, que reprimem os jovens sem razão. "My Generation" é uma ofensiva provocação ao mundo adulto, e é por isso que seu poder e seu apelo eternos a todas as futuras gerações estão assegurados.

A canção foi composta, dependendo de qual entrevista de Townshend se lê, ou num trem ou no apartamento do guitarrista em Belgravia. Ele se mudara para lá em junho de 1965. O Who fora formado um ano antes e, em janeiro de 1965, estava nas paradas com o compacto "I Can't Explain". A banda estava deliberadamente decidida a conquistar a enorme comunidade *mod* da Grã-Bretanha. Suas roupas eram brilhantes, alinhadas e atraentes, e as músicas, sucintas destilações dos infortúnios e tribulações de ser um adolescente.

"I Can't Explain" era uma dessas canções, uma brilhante visão sobre a incapacidade de articulação da juventude. A seguinte foi "Anyway Anyhow Anywhere". Ela também entrou nas paradas, mas Townshend sabia que eles precisavam de algo muito especial caso

desejassem se tornar os líderes que suspeitavam ser capazes de se tornar.

"MY GENERATION" É UMA OFENSIVA PROVOCAÇÃO AO MUNDO ADULTO, E É POR ISSO QUE SEU APELO A TODAS AS FUTURAS GERAÇÕES ESTÁ ASSEGURADO

"Se existiu um momento no qual o Who poderia ter acabado", observou posteriormente Townshend, "foi na época de 'My Generation'. Tínhamos uma imagem de não ter tempo para ninguém e da arrogância *mod*, num período em que na verdade éramos um grupo bastante comum. Não tínhamos feito nada bom, mas sabíamos que éramos capazes, então depois de um tempo conseguimos isso juntos."

ASSIM NASCEU "MY GENERATION", UMA SALVA DE FÚRIA E VIOLÊNCIA DE TRÊS MINUTOS APONTADA PARA O CORAÇÃO DO SISTEMA BRITÂNICO

O novo empresário, Kit Lambert, tanto acreditava na capacidade de composição do jovem Townshend que deu ao músico um equipamento avaliado em mais de mil libras, uma fortuna à época. A ideia era que Townshend se sentasse no belo apartamento em Belgravia e realizasse seu potencial como compositor. Para ajudá-lo, Lambert iria visitá-lo com o intuito de incentivar o pupilo a compor.

Um dia, o carro de Townshend, um Packard Hearse 1935, foi rebocado. Supostamente por ordem da rainha mãe, que estaria desgostosa por ter de vê-lo ao trafegar nas redondezas do Palácio de Buckingham. Townshend já se sentia mal por morar em Belgravia. Aquela não era a sua gente. Ele nascera em Chiswick, zona oeste de Londres, fizera faculdade de artes e adorava o R&B nu e cru. O guitarrista não tinha nada em comum com os ricos de Belgravia. Ver seu bem ser tratado com tanto desdém o enfureceu, e assim nasceu "My Generation", uma salva de fúria e violência de três minutos

apontada para o coração do sistema britânico.

Apropriadamente, as sessões de gravação do compacto foram repletas de tensão e violência, com o grupo quase trocando socos em várias ocasiões. Não foi uma surpresa. A banda sempre foi frágil, sempre sujeita a explodir em violência. Townshend e Keith Moon possuíam um gene autodestrutivo que se manifestava em frequentes sessões de bebida e drogas – o que aborrecia muito o vocalista Roger Daltrey. "Vocês são dois viciados", berrava. O baixista John Entwistle nunca pareceu se importar com nada.

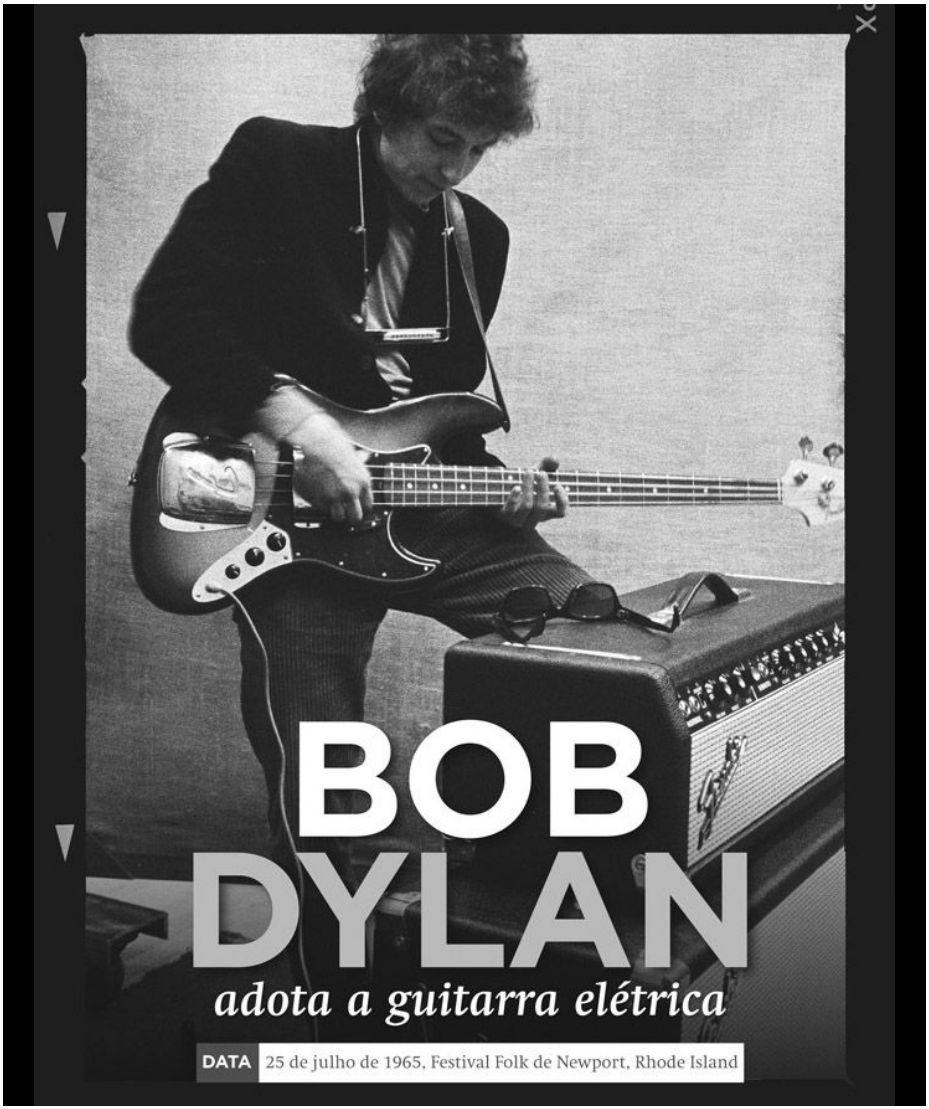
Daltrey cantou a música de forma gaguejada. Ao longo dos anos, tanto Townshend quanto Kit Lambert reivindicaram que a ideia fora deles. Certamente, o efeito buscado por Daltrey – imitar a fala de um *mod* tão chapado por anfetamina que mal conseguia falar – e-e-e-coou em meio ao público da banda, que a lançou à vice-liderança das paradas. O sucesso foi merecido, a música representou vários números um: o primeiro compacto a trazer um solo de baixo; o primeiro a terminar numa batelada de microfonia e caos; o primeiro hino subversivo do Reino Unido.

Na época, Townshend amou a atenção, o sucesso, o reconhecimento e o dinheiro decorrentes de "My Generation", porém, conforme os anos passavam, o verso sobre esperar morrer antes de envelhecer voltaria para assombrá-lo. Quando envelheceu, ou ao menos quando chegou à meia-idade, ele fazia parte do *mainstream* do rock, famoso pela ópera rock de álbuns conceituais como *Tommy* e *Quadrophenia*, ocupando o terceiro lugar, depois dos Beatles e dos Stones. Nesse meio-tempo, Townshend aceitou o papel de estadista idoso do rock e passou horas com entrevistadores oferecendo seus pensamentos sobre música, religião e a vida em geral. Não há problema nenhum nisso, mas é uma diferença e tanto em relação à canção que disse tudo em 199 segundos.

APROPRIADAMENTE, AS SESSÕES DE GRAVAÇÃO DO COMPACTO FORAM REPLETAS DE TENSÃO E VIOLÊNCIA, COM O GRUPO QUASE TROCANDO SOCOS

“My Generation” foi acertadamente nomeada para o Hall da Fama do Grammy como uma das quinhentas músicas que deram forma ao rock’n’roll. É, desde então, um modelo seguido por toda banda inflamada. Resume parte crucial dos anos 1960 sem deixar de ser atemporal para toda as demais gerações. E essa é uma bela conquista.

O The Who foi formado em 1964. Os integrantes originais eram Pete Townshend (guitarra), John Entwistle (baixo), Roger Daltrey (vocal) e Keith Moon (bateria). Conhecida como a mais importante banda do movimento *mod*, em 1969 contava com diversos sucessos entre as dez mais, além de uma série de álbuns clássicos, como *My Generation* e *The Who Sell Out*. Eram famosos pelas tumultuadas apresentações ao vivo, nas quais muitas vezes quebravam guitarras e o equipamento, e foram aclamados no mundo todo, em 1969, pelo álbum conceitual *Tommy*. Diversas vezes foram ironicamente citados como a terceira maior banda de rock do mundo, mas discos como *Live at Leeds*, *Who’s Next* e *Quadrophenia* mantiveram seu sucesso e sua credibilidade artística. Em 1978, Keith Moon morreu em decorrência de uma overdose de pílulas receitadas para curar sua dependência do álcool. Seu lugar foi assumido por Kenney Jones, ex-baterista do Small Faces, e mais tarde ocupado por Zak, filho de Ringo Starr. John Entwistle morreu em Las Vegas, em 2002, um dia antes de a turnê norte-americana começar. A morte foi atribuída a um ataque cardíaco provocado pelo uso de cocaína.


BOB
DYLAN
adota a guitarra elétrica
DATA
25 de julho de 1965, Festival Folk de Newport, Rhode Island

Em 1965, Bob Dylan Um estava desesperado para se tornar Bob Dylan Dois. Só havia um problema. Seus fãs não queriam o Bob Dylan Dois. Porque Dylan era o líder deles, a tocha a iluminar o caminho, o jovem prodígio que já havia composto três clássicos: "Blowin' in the Wind", "A Hard Rain's A-Gonna Fall" e "The Times They Are A-Changin'". As letras incisivas eram ao mesmo tempo políticas e filosóficas – criadas para um estilo vigoroso executado no violão e na gaita, revelavam ao mundo como seu público se sentia, pensava, fantasiava.

Com suas roupas imundas e expressão sincera, Dylan tinha a aparência certa e desempenhava o papel certo. Só que ele não queria mais esse papel. Estava entediado. "É um saco ouvir quanto você é maravilhoso quando você mesmo não pensa assim", declarou a um entrevistador.

Na verdade, outras influências entraram em sua vida e ele não conseguia resistir a elas. Adorava os Beatles ("É um absurdo o que fazem com os acordes") e estava muito empolgado com a ideia do blues elétrico. A versão dos Animals para "House of the Rising Sun" era sempre ouvida, bem como o disco *So Many Roads*, de John Hammond Jr. (Por coincidência, os vocais de apoio nesse disco foram feitos pelo grupo Levon and the Hawks, que mais tarde viraria The Band, trabalhando extensivamente com Dylan.)

Durante todo o ano de 1964, as sessões de gravação foram marcadas por incursões tanto no território acústico quanto no elétrico, enquanto Bob Dylan Dois buscava dar forma ao som que assolava sua cabeça. As drogas desempenharam seu papel: Dylan largou o LSD em 1964, depois de experimentar anfetaminas e maconha. Sua leitura era igualmente livre, incluindo a poesia rebelde de Allen Ginsberg, os versos franceses decadentes de Arthur Rimbaud, bem como os

romances de Jack Kerouac. Os livros, as drogas e a própria imaginação fértil do homem ajudaram a produzir um novo estilo lírico, algo mais pessoal que, no entanto, explorava o surreal e o fantástico. Era um estilo nunca antes experimentado na música popular, e esse foi um dos principais pontos a elevá-lo ao topo da árvore musical.

A VIDA DE **DYLAN** ESTAVA REPLETA DE ENTREVISTAS COLETIVAS SEM SENTIDO, FÃS, SIMPATIZANTES, GAROTAS, DROGAS, PASSAGENS DE SOM, PÚBLICO EXIGENTE

Em maio de 1965, Dylan viajou pela Grã-Bretanha e voltou para casa esgotado. Sua vida estava repleta de entrevistas coletivas sem sentido, fãs histéricos, hotéis cheios de simpatizantes, garotas, drogas, muitas garotas, muitas drogas, viagens, passagens de som, públicos realmente exigentes. Pensamentos sobre abandonar tudo esvoaçavam por sua cabeça, mas então uma nova música – "Like a Rolling Stone" – surgiu. Ele a agarrou com força, a modelou, e ela mudou tudo. A pedra do título em inglês (*stone*) era um marco importante nos compactos de música pop, uma canção de amor arrebatadora cujo som explosivo refletia a empolgação da letra de Dylan – uma letra ao mesmo tempo cruel e compassiva.

SUA GRAVADORA SE RECUSOU A LANÇAR "LIKE A ROLLING STONE". SEIS MINUTOS DE DURAÇÃO? VERSOS SEM CLICHÊS DA MÚSICA ROMÂNTICA? VOCÊ ESTÁ DE BRINCADEIRA, CERTO?

Além disso, "Like a Rolling Stone" jogava fora o conjunto de regras ao durar mais de seis minutos. Nenhum compacto pop tinha seis minutos de duração. Os lançamentos comuns tinham no máximo três minutos e meio. E "Like a Rolling Stone" estreou um som e um estilo muito novos, construídos em torno da guitarra melódica de

Dylan, seu vocal escarnecedor e as linhas melancólicas e pungentes do órgão de Al Kooper. Era um som que Dylan mais tarde descreveria como “louco feito mercúrio”.

Como seria de esperar, a CBS, sua gravadora, se recusou a lançá-la. Seis minutos de duração? Versos que não mencionam clichês da música romântica? Você está de brincadeira, certo? Porém um funcionário da companhia conhecia a gravação. Ele pegou um disco de acetato com a canção, o levou a uma boate da moda em Nova York e o entregou ao DJ, que o tocou. Quando acabou, o público berrou, querendo ouvir mais e mais, até furar o acetato.

A gravadora cedeu à pressão. “Like a Rolling Stone” hoje é considerado um dos compactos mais importantes da história do rock. Cinco dias após o lançamento, Dylan chegou ao Festival Folk de Newport para encontrar seu antigo público. Ele estava vestido para o confronto com uma camisa de bolinhas, botas com um pequeno salto e terno, com os olhos ocultos por óculos escuros. Não tinha nada a ver com o uniforme de camisa xadrez e jeans surrado passado de pai para filho.

O primeiro compromisso de Dylan foi uma oficina de compositores no sábado à tarde. Centenas foram ver seu messias. A multidão sob a tenda era tão grande que ele conseguiu tocar apenas uma música antes de voltar apressadamente aos bastidores.

Foi ali que se deparou com The Paul Butterfield Blues Band e os convidou para ser músicos de apoio. Alguns dizem que foi aborrecimento com o desprezo de um organizador pelo blues elétrico que o levou a fazer a mudança; para outros, com “Like a Rolling Stone” retumbando no rádio, Dylan já havia feito sua opção pelo som elétrico. Só Dylan é quem sabe. O que é certo é que o pianista Barry Goldberg e o tecladista Al Kooper também foram convidados a acompanhá-lo no palco. Eles aceitaram, e naquela noite fugiram até uma mansão nos arredores para começar a ensaiar. Segundo consta, aquela foi uma noite tortuosa. Os músicos da Paul Butterfield Blues Band eram disciplinados e consideravam a abordagem de Dylan uma heresia. Eles aprenderam três canções e encerraram o ensaio ao amanhecer.

Bob Dylan toca música eletrificada no Festival Folk de Newport, em 25 de julho de 1965. Sua decisão de ofender os puristas do folk naquela noite ainda é objeto de análise de dylanólogos entusiasmados.

Na noite seguinte, Dylan entrou no palco a passos largos com a banda de apoio e mandou uma versão eletrificada de “Maggie’s Farm”. Quando cantou que não trabalharia mais na fazenda da Maggie, o significado não poderia ser mais claro. Ele estava vestindo jaqueta de couro preta, calça da mesma cor, cabelo encaracolado e óculos escuros.

PARA O PÚBLICO, O ESTILO ELÉTRICO DE DYLAN ERA UM INDESEJÁVEL TSUNAMI DE SOM. ELES REAGIRAM

COM VAIAS E GRITOS. SERÁ MESMO?

Ao ouvir a salva de artilharia de Dylan, os organizadores do festival, Pete Seeger e Alan Lomax, piraram. Eles chamaram o produtor Joe Boyd nos bastidores e o mandaram à mesa de som para diminuir o volume. Boyd se dirigiu até lá, mas tudo o que conseguiu foi um gesto obsceno do engenheiro de Dylan. Então, Seeger começou a procurar um machado para cortar os cabos elétricos. Hoje em dia, ele afirma que não tinha nada contra a nova música de Dylan, apenas com o fato de o som estar distorcido.

Esses não foram os únicos sinais de pânico e desaprovação. Para o público, o estilo elétrico de Dylan era um indesejável tsunami de som. Reagiram com vaias, zombarias e gritos. Será mesmo? Há quem diga que a plateia não vaiou, somente os jornalistas da frente. Outros contestam: não foram os picaretas, mas os outros artistas que assistiam das laterais. Outros ainda são categóricos: foi o público quem vaiou, sem sombra de dúvida.

Tudo o que sabemos é que as pessoas em Newport estavam reagindo porque, bem diante de seus olhos, o Bob Dylan Um desaparecia rapidamente. Com o som das vaias ainda ressoando em seus ouvidos, Dylan mandou ver “Like a Rolling Stone”, canção que dentro de semanas estaria no primeiro lugar das paradas norte-americanas. Finalizou a apresentação com “Phantom Engineer”, música que ressurgiria como “It Takes a Lot to Laugh, It Takes a Train to Cry”. Com um breve “É isso”, Dylan e a banda deixaram o palco ao som de ainda mais urros de desaprovação.

JOHNNY CASH AGUARDAVA COM UM VIOLÃO. ELE ENTREGOU O INSTRUMENTO A DYLAN E O MANDOU VOLTAR E TOCAR – MAS SEM A BANDA. DYLAN ESCOLHEU “MR. TAMBOURINE MAN” PARA O ENCERRAMENTO

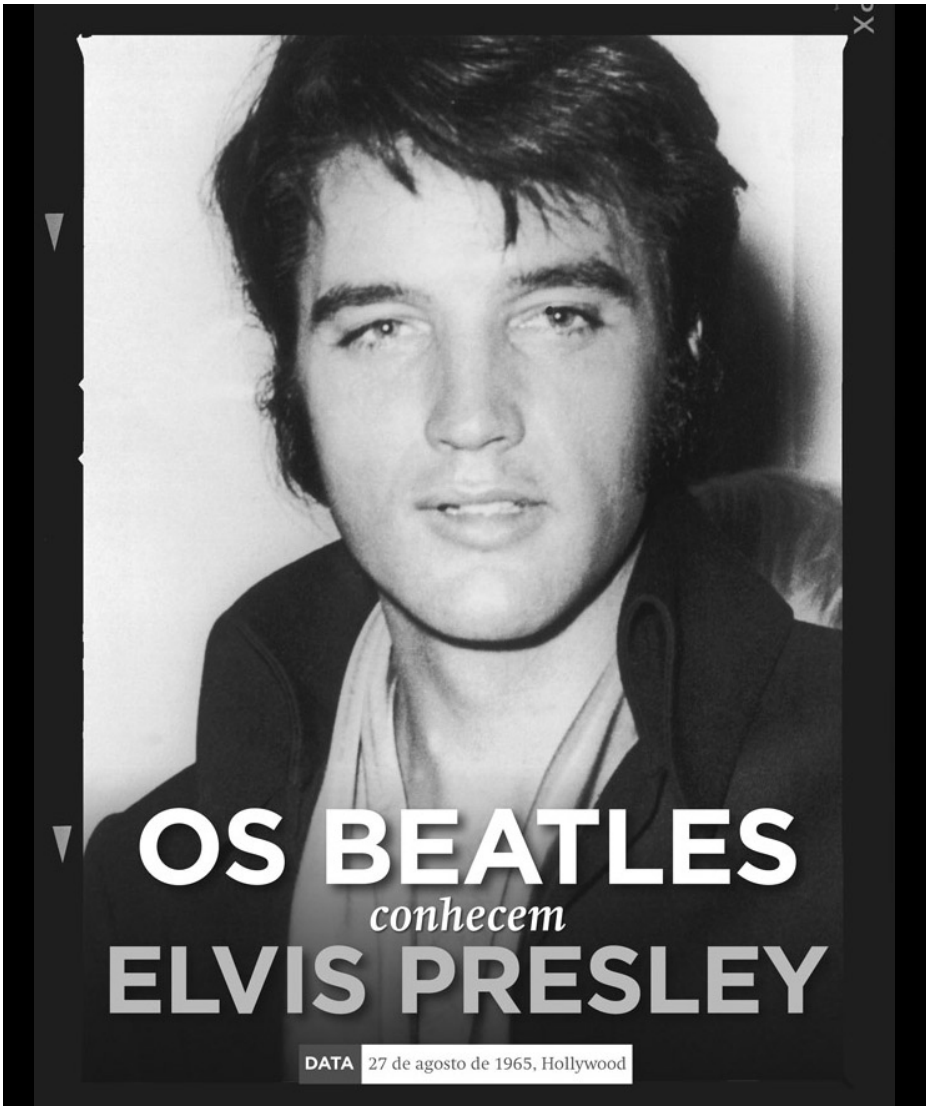
Fora do palco, Johnny Cash aguardava com um violão. Ele

agarrou o amigo Dylan, entregou o instrumento a ele e o mandou voltar e tocar – mas sem a banda. Dylan amava e respeitava Cash e atendeu ao pedido. Entrou novamente no palco e tocou – para deleite da plateia – um punhado de canções acústicas, terminando com "Mr. Tambourine Man". Foi uma escolha intencional para o encerramento. No ano anterior em Newport, Dylan tocara essa música e fora recebido com reprovação. As imagens surreais da canção não fizeram sucesso entre a multidão. Agora, era número um nas paradas, cortesia da versão dos Byrds, e Dylan estava apresentando um argumento muito inteligente. A música terminou, ele se virou e dessa vez foi embora.

A apresentação de Dylan daquela noite continua sendo uma das interações mais confrontadoras entre artista e público. E, apesar de sua recusa em reagir à desaprovação da plateia, aquilo lhe custou muito. Na festa depois do festival, a cantora Maria Muldaur o convidou para dançar. "Não posso", respondeu Dylan. "Minhas mãos estão pegando fogo."

Robert Allen Zimmerman nasceu em 24 de maio de 1941, em Duluth, Minnesota. Em 1961, Dylan foi a Nova York visitar seu ídolo musical, Woody Guthrie. Tocou em vários clubes de folk do Village e assinou contrato com a CBS Records. Dylan se estabeleceu como um dos maiores compositores do mundo, mas se afastou do folk e rumou para o rock elétrico. Em 1967, se envolveu em um acidente de motocicleta que o afastou dos olhos do público. Ao voltar, era um artista mais gentil. Em 1975, depois de se separar da esposa, Sarah, lançou *Blood on the Tracks*,

disco que muitos consideram superior à sua produção dos anos 1960. Fez turnê com um grupo de músicos por ele batizado de Rolling Thunder Revue e lançou mais álbuns aclamados pela crítica. No fim da década de 1970, Dylan converteu-se ao cristianismo. Desde então, sua produção musical tem apresentado qualidade variada. Contudo, discos como *Time Out of Mind* e *Modern Times* foram sucessos de crítica e público, e Dylan continuou fazendo turnês pelo mundo. Apareceu em uma série de filmes e, em 2004, lançou a primeira parte de sua autobiografia, *Crônicas*.


OS BEATLES
conhecem
ELVIS PRESLEY
DATA 27 de agosto de 1965, Hollywood

Havia apenas uma pessoa que os Beatles queriam realmente conhecer nos Estados Unidos: Elvis Presley. Não davam a mínima para os outros – Frank Sinatras, Dean Martins da vida. Eles sabiam que só a enorme popularidade que tinham atraía artistas desse patamar até eles. Não tinha nada a ver com a música; estavam a quilômetros de distância nesse quesito. Já Elvis era diferente.

Os Beatles cresceram ouvindo Elvis, eram ainda jovens rapazes quando as gravações dele explodiram no rádio e mudaram para sempre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos. Antes de Elvis, a música era água com açúcar. Depois dele, se tornou sexy e vibrante. Elvis era o catalisador, a mudança para melhor, e, mesmo que sua carreira tivesse declinado desde os dias de ouro de "That's All Right", "Blue Suede Shoes" e "Jailhouse Rock", os fãs ainda tinham muito respeito por ele. Ele era Elvis, e isso era o bastante.

Os Beatles tentaram encontrar Elvis durante sua primeira turnê histérica pelos EUA em 1964, mas compromissos de ambos os lados impediram qualquer contato. Ou ao menos foi o que disseram. A verdade era que os Beatles queriam conhecer Elvis, e não o contrário. Isso conferiu a vantagem a Elvis.

Um ano depois, no verão de 1965, enquanto os Beatles faziam uma pausa na turnê norte-americana e se hospedavam na casa de Zsa Zsa Gabor, o encontro foi marcado. Levou três dias de planejamento, três dias de vaivém entre os dois lados, com muito sigilo sobre tudo. Porém não o bastante. Alguém falou. Quando os Beatles chegaram à casa de Elvis em Hollywood, na Perugia Way, 565, Bel Air, os fãs já esperavam por eles. A banda avançou pela entrada da garagem e foi recebida pelo séquito de Elvis. O pessoal e a esposa de Elvis, Priscilla,

estavam animados para conhecer os quatro rapazes de Liverpool, o fenômeno da Inglaterra. No entanto, Elvis estava indiferente. Ele era o Rei, não eles.

POR FIM, ELVIS ANUNCIOU: "SE VOCÊS FOREM FICAR AÍ PARADOS ME OLHANDO, VOU ME DEITAR"

O grupo foi conduzido até a casa, onde Elvis os recebeu na sala de estar. Ele vestia camisa vermelha e calça cinza. Os Beatles o cumprimentaram e, em silêncio, perderam o fôlego com o esplendor da moradia de Elvis. As mesas de bilhar, em especial, chamaram sua atenção. "Parecia uma boate", afirmou Lennon mais tarde, e a semelhança foi reforçada quando o empresário de Elvis, o coronel Tom Parker, revelou uma roleta escondida em uma mesa de centro e perguntou a Brian Epstein se ele não queria jogar.

JOHN LENNON MAIS TARDE COMENTOU: "AQUELE ERA O CARA QUE TODOS NÓS IDOLATRAMOS DURANTE ANOS, DESDE QUANDO ESTÁVAMOS COMEÇANDO EM LIVERPOOL. ELE ERA UMA LENDA VIVA, E NUNCA É FÁCIL CONHECER UMA LENDA VIVA"

Elvis colocou Paul e John ao seu lado no sofá, enquanto Ringo e George se sentaram de pernas cruzadas no chão diante deles. No toca-discos, "Mohair Sam", de Charlie Rich. De repente, os Beatles se viram experimentando uma emoção que não lhes inquietava havia anos: a devoção de fã. Eles ficaram sem fala. John Lennon mais tarde comentou: "Aquele era o cara que todos nós idolatramos durante anos, desde quando estávamos começando em Liverpool. Ele era uma lenda viva, e nunca é fácil conhecer uma lenda viva".

Por fim, Elvis anunciou: "Se vocês forem ficar aí parados me olhando, vou me deitar". Aquilo aliviou a tensão. Drinques surgiram: uísque com Coca-Cola para os rapazes, 7Up para Elvis. Os Beatles lhe

ofereceram um cigarro, mas Elvis não aceitou.

Rolou uma conversa informal, alguns instrumentos musicais apareceram: um baixo, algumas guitarras. Elvis pegou o baixo, John, Paul e George agarraram as guitarras e Ringo se limitou a marcar o ritmo na lateral da cadeira.

Paul se deleitou com o fato de Elvis escolher o baixo. “Achei maravilhoso o fato de ele gostar de baixo”, veio a declarar. “Então ali estava eu: ‘Bem, deixe-me mostrar uma coisinha, El...’ De repente, ele era um parceiro. Foi uma conversa ótima para mim. Eu pude falar sobre o baixo e nós ficamos sentados, curtindo.”

Eles começaram a sessão improvisada com uma música de Cilla Black, “You’re My World”, mas logo passaram para o repertório de Elvis: “That’s All Right” e “Blue Suede Shoes”. Então, tocaram “I Feel Fine”, dos Beatles. “Elvis era muito promissor no baixo”, avaliou McCartney.

Eles tocaram por cerca de uma hora e então deixaram os instrumentos de lado. A conversa se concentrou nas experiências em comum. Elvis contou sobre um show em Vancouver no qual os fãs quase viraram o palco. Observador como sempre, Lennon comentou que os Beatles ao menos eram quatro e que um podia cuidar do outro durante a loucura, a histeria que os acompanhava quase todas as horas do dia. Elvis estava completamente sozinho.

Os Beatles se apresentam para cinquenta mil fãs aos gritos no Shea Stadium, em Nova York, no dia 15 de agosto de 1965 – um dos maiores shows de todos os tempos. Mais tarde, Lennon contou ter enlouquecido no palco naquela noite.

HI?
PAUL IS ALL!
WE LUV YOU BEATLES

NÃO ERA ESSE O ELVIS PELO QUAL FORAM APAIXONADOS DURANTE TODOS AQUELES ANOS. ESSE ELVIS ERA JUSTAMENTE O TIPO DE ARTISTA SEGURO DO *MAINSTREAM* QUE O ROCK'N'ROLL SE PROPUSERA A DESTRUIR. E ERA EVIDENTE

Incapaz de controlar a língua, Lennon criticou gentilmente Elvis por abandonar as raízes do rock'n'roll cru para fazer filmes e músicas insignificantes, aos quais obviamente dava pouca importância. Curto e grosso, Elvis retrucou: "Bem, eu posso muito bem gravar alguma coisa e derrubar vocês do topo". Todos riram – mas a tensão já havia se estabelecido.

A conversa passou a ser sobre o problema das viagens aéreas, e eles falaram a respeito de automóveis. Lennon descobriu que ele e Elvis tinham um Rolls-Royce do mesmo modelo, um Phantom preto.

Às duas da manhã, a festa terminou. Ciente de que Elvis era um grande fã de Peter Sellers, Lennon, ao deixar a casa, gritou, com sua melhor imitação da voz do ator: "Valeu pela música, Elvis. E vida longa ao Rei!"

Durante a conversa, os quatro rapazes convidaram Elvis a encontrá-los na noite seguinte. Elvis falou que veria o que seria possível fazer. No dia seguinte, os Beatles ouviram o recado do pessoal do Rei: obrigado, mas não. Lennon sentou e escreveu um recado a Elvis: "Se não fosse você, eu nada seria".

Publicamente, os Beatles sempre mantiveram o mesmo partido: foi uma noite ótima, Elvis era fabuloso. Em particular, no entanto, ficaram decepcionados. Elvis se tornara um artista versátil, e entediado com isso. Quando Lennon perguntou sobre o que seria o próximo filme, Elvis respondeu: "Interpreto um rapaz do interior com um violão que conhece algumas garotas ao longo do caminho e canta algumas músicas". Lennon o encarou confuso até que Elvis e o coronel Tom Parker explicaram que era essa a fórmula imutável de seus filmes. Eles se afastaram da fórmula em *Coração rebelde* e perderam

dinheiro. Nunca mais repetiriam a dose.

Tamanha aquiescência a fórmulas do *showbiz* era completamente estranha para os Beatles. Para Lennon e McCartney em particular, tudo tinha a ver com intensa imaginação, invenção, expansão de fronteiras – deveriam ser esses os propulsores da vida artística, não explorar cinicamente o público com receitas testadas e comprovadas. Não era esse o Elvis pelo qual foram apaixonados durante todos aqueles anos. Esse Elvis era justamente o tipo de artista seguro do *mainstream* que o rock'n'roll se propusera a destruir. E era evidente. "Foi como conhecer Engelbert Humperdinck", comentou Lennon em particular.

DURANTE SEU ENCONTRO COM NIXON, ELVIS ATACOU OS BEATLES. ERAM USUÁRIOS DE DROGAS, ELE CONTOU AO PRESIDENTE. ALÉM DISSO, ERAM O CENTRO DA ATIVIDADE ANTIAMERICANA

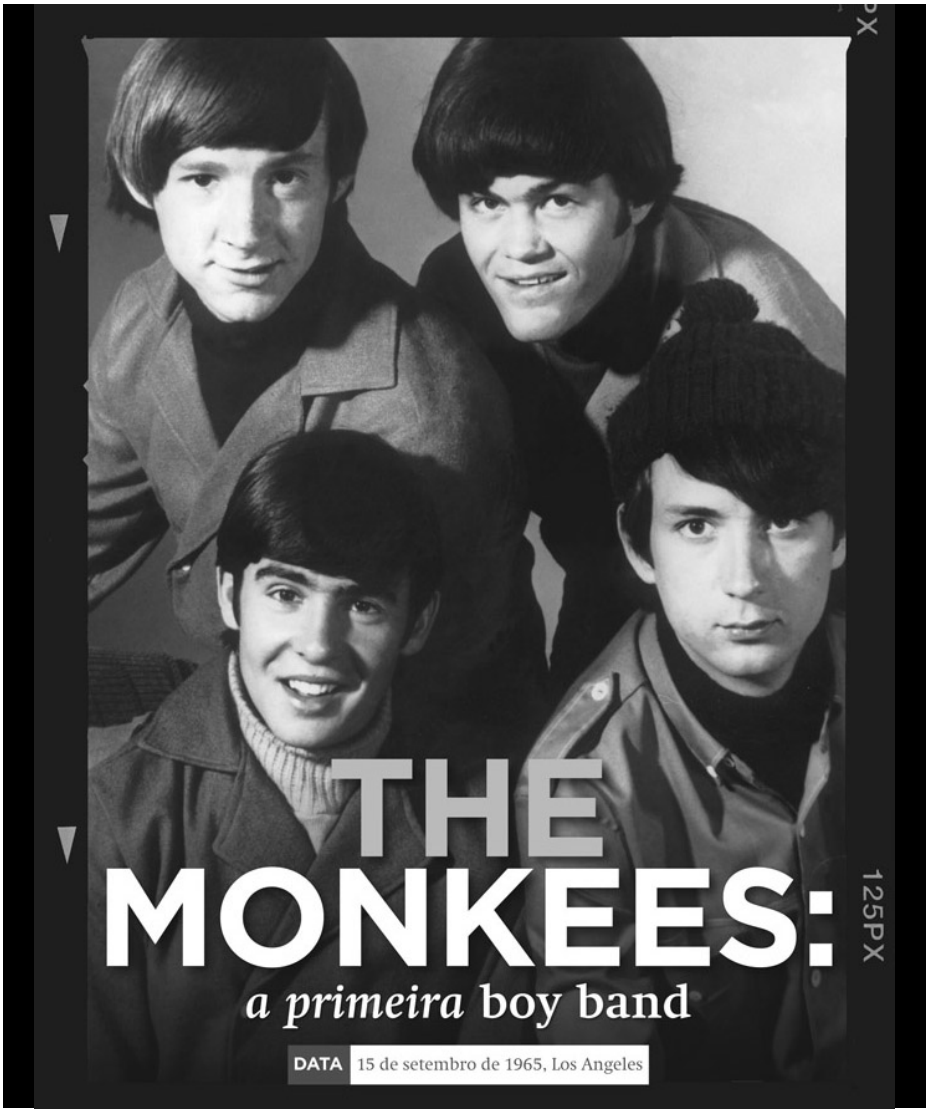
Mas o estranho encontro entre Elvis e os Beatles não se resumiu a um conflito de gerações com sabor de decepção. Uma sombria reviravolta desse encontro veio à tona muitos anos depois, quando arquivos do FBI revelaram que, em 21 de dezembro de 1970, Elvis embarcou em seu jatinho particular e fez uma visita sem hora marcada ao então presidente norte-americano Richard Nixon. Ele levava consigo uma carta a Nixon, detalhando o seguinte plano: o presidente o transformaria em agente do FBI e ele, por sua vez, espionaria para o governo. Seus alvos seriam usuários de drogas, hippies e os Panteras Negras. Ele entregou a carta às 18h30, se hospedou em um hotel na vizinhança e ficou à espera de uma resposta.

A Casa Branca respondeu com um convite para uma reunião com Nixon na manhã seguinte. Durante a conversa, Elvis atacou os Beatles. Eram usuários de drogas, ele contou a Nixon Além disso, eram o centro da atividade antiamericana. Os quatro chegaram aos EUA, ganharam milhões de dólares, voltaram para casa e criticaram

publicamente o país que os alimentou. Seu prestígio como artista lhe permitiria ficar de olho nos Beatles e em outros que conheceu durante espetáculos, em estúdios de gravação e assim por diante.

Temendo a publicidade negativa se viesse a público que ele recusara a ajuda do Rei, Nixon entrou na onda e lhe entregou um distintivo do FBI. Ele não se esqueceu de tirar uma fotografia junto com o cantor claramente desmiolado. Talvez ajudasse a ganhar votos da juventude.

Feliz como uma criança no Natal, Elvis voltou para casa. Agora, ele era um completo agente do FBI e desmascararia aqueles Beatles. Infelizmente para ele, o grupo havia se separado oito meses antes.


THE
MONKEES:
a primeira boy band
DATA 15 de setembro de 1965, Los Angeles
125PX

Depois de assistir a *Os reis do iê-iê-iê*, os cineastas Bob Rafelson e Bert Schneider chegaram a uma conclusão: os Estados Unidos precisavam ter seus próprios Beatles. Como? Simples. Montando uma banda de rock'n'roll que pudessem controlar desde o início. Certifique-se de que os integrantes, a exemplo dos Beatles, tenham personalidades distintas e depois crie uma série de tevê sobre eles. *Voilà!* Grana alta garantida para todos.

No dia 15 de setembro de 1965, foram publicados nos jornais especializados anúncios sobre audições para os papéis de "quatro rapazes malucos". Todos os quatro candidatos escolhidos tinham experiência no mundo dos espetáculos. Davy Jones integrava o elenco da Broadway de *Oliver!*; Mike Nesmith era compositor e seu trabalho já havia sido gravado por The Paul Butterfield Blues Band e Linda Ronstadt; Mickey Dolenz trabalhava no programa de tevê infantil *Circus Boy*; e Peter Tork era músico folk.

Rafelson e Schneider decidiram batizar sua criação de The Monkees. Eles não sabiam, mas haviam acabado de inventar a *boy band*, a precursora dos Backstreet Boys, New Edition, Take That – todas aquelas atuações fabricadas e controladas por manipuladores cruéis. Só que a história dos Monkees se mostraria muito mais interessante do que a das bandas que inspirariam.

Com o grupo formado, Rafelson e Schneider contataram Don Kirshner, diretor musical da Screen Gems, em busca de músicas adequadas. Ele entregou o trabalho a dois produtores, Tommy Boyce e Bobby Hart, compositores do tema do grupo, "Hey Hey We're the Monkees", e de seu compacto de estreia, "Last Train to Clarksville". Mais tarde, Neil Diamond compôs "I'm a Believer" e "A Little Bit Me, a Little Bit You" para eles. Gerry Goffin e Carole King contribuíram com

“Pleasant Valley Sunday” e “Porpoise Song”.

MULTIDÕES HISTÉRICAS DE JOVENS FÃS DOS MONKEES SURGIRAM; NAS DUAS PRIMEIRAS SEMANAS, FORAM ARRECADADAS MAIS DE QUINHENTAS MIL LIBRAS EM INGRESSOS

As ideias de Rafelson e Schneider para a série de tevê eram originais e inovadoras. O principal ponto da história era o fato de os Monkees serem uma banda em busca da fama sem contrato com gravadoras. Eles viviam juntos em uma casa, onde sempre começavam suas aventuras mirabolantes. Naturalmente, cada integrante fora escolhido para se encaixar num estereótipo. Dolenz era maluco, Nesmith, sério, Tork, tímido, e Jones, um garoto comum.

As histórias eram rápidas e espontâneas. Cada episódio trazia uma sequência mostrando uma música. Tal filmagem poderia então ser usada para promover a canção. Dessa forma, eles se tornaram o primeiro grupo de videoclipe, garantindo um grande público pela mídia visual.

A BANDA FICOU MAGOADA QUANDO NOTICIARAM QUE ELES NÃO TOCAVAM NAS PRÓPRIAS GRAVAÇÕES. MUITOS JORNAIS OS APELIDARAM DE OS PRE-FAB FOUR

O primeiro episódio foi exibido em 12 de setembro de 1966, e os Monkees logo se tornaram sensação pop mundial. O disco, *The Monkees,* atingiu o topo das paradas nos dois lados do Atlântico. Em dezembro de 1966, a banda deu início à sua primeira turnê. Multidões histéricas de jovens fãs dos Monkees surgiram; nas duas primeiras semanas, foram arrecadadas mais de quinhentas mil libras em ingressos.

Tamanho sucesso fez com que os rapazes pensassem que deveriam se envolver nas decisões artísticas da banda – um

comportamento que não foi bem encarado por Kirshner, que considerava o grupo musicalmente incompetente. Ele se recusava a deixá-los tocar nas próprias gravações, embora tenha permitido que Nesmith produzisse algumas sessões contanto que ele prometesse não usar nenhum integrante da banda (ele concordou, depois trouxe Tork para tocar guitarra).

Em janeiro de 1967, Kirshner lançou o segundo disco, *More of the Monkees*, sem consultar a banda. Reza a lenda que o grupo não teve direito nem a um exemplar gratuito. No mês seguinte, Kirshner estava fora. Uma pequena falha contratual possibilitava que os rapazes o demitissem. Mas a banda ficou magoada quando noticiaram que eles não tocavam nas gravações (muitos jornais os chamavam de os Pre-Fab Four, os quatro pré-fabricados, numa alusão irônica ao apelido Fab Four, dos Beatles). Eles gravaram um álbum por conta própria, depois saíram em turnê, começando pela Grã-Bretanha – onde conheceram os Beatles. Lennon disse a eles que nunca perdia um episódio na tevê, e Nesmith se tornou próximo a ponto de circular por Abbey Road (ele estava lá quando "A Day in the Life" foi gravada).

O grupo voltou aos EUA para gravar uma segunda temporada da série, mas não estava mais dando certo. Os integrantes aceitaram a sugestão de Rafelson e Schneider de fazer um filme. *Os Monkees estão soltos* não se propunha a ser uma experiência cinematográfica engraçadinha. O filme seria uma viagem psicodélica que exploraria a psique do grupo, bem como o fracasso do mundo musical de levá-los a sério. *Os Monkees estão soltos* corrigiria impressões equivocadas sobre o grupo, relançando-os de modo a conquistar um público antenado. O roteiro foi escrito por Rafelson, Schneider e um jovem ator chamado Jack Nicholson. Este chegou a compor uma canção para o filme, um pastiche do tema da banda.

EM 1967, OS MONKEES VENDERAM MAIS DISCOS QUE OS BEATLES. DOIS ANOS DEPOIS, NINGUÉM LHES DAVA A MÍNIMA.

O filme fracassou. Os adolescentes não entenderam, e os hippies nem chegariam perto. O marketing era pavoroso (os produtores chegaram a ponto de querer usar uma foto da banda com a chamada: "Os Monkees fazem sexo oral em você"*). Mais tarde, Nesmith afirmou que o fracasso do filme foi deliberadamente uma tática de Rafelson e Schneider, que queriam se livrar de um projeto não lucrativo.

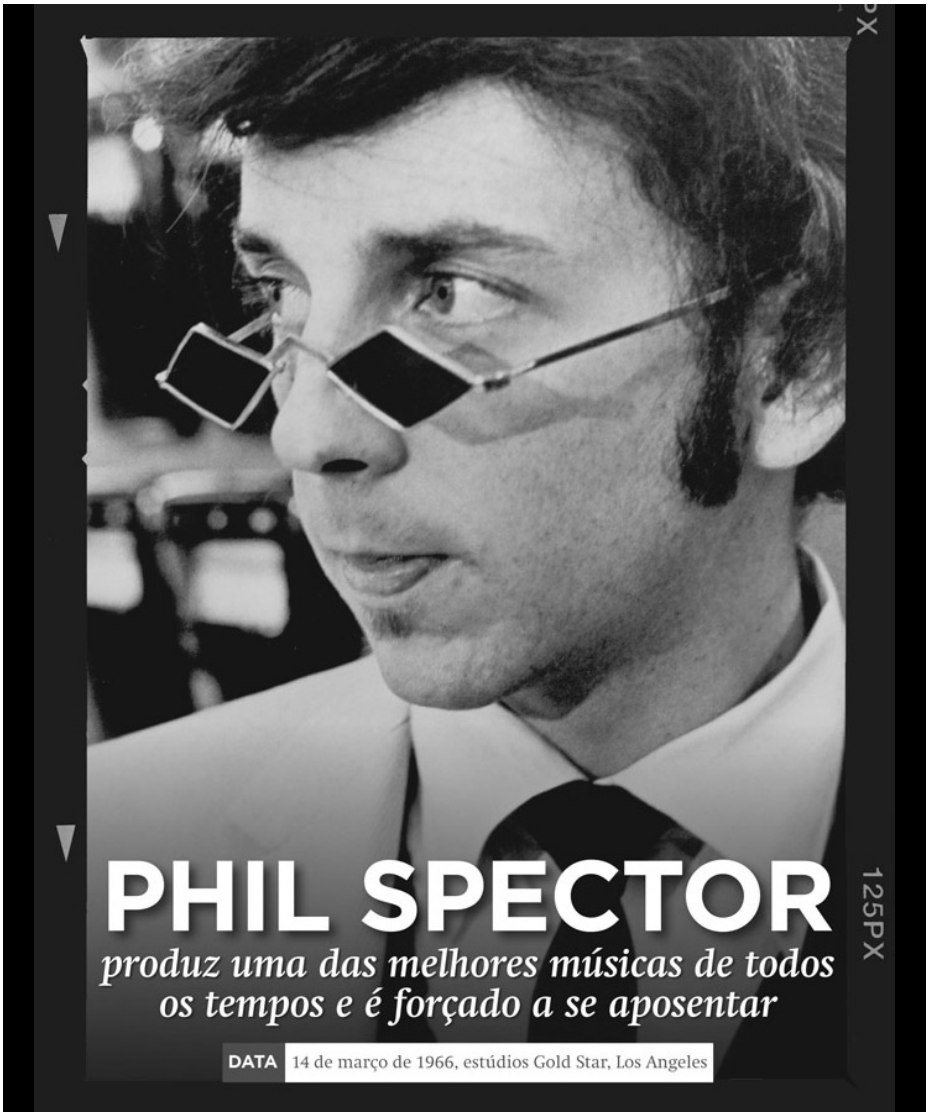
Em 1967, os Monkees venderam mais discos que os Beatles ou Elvis Presley. Dois anos depois, ninguém lhes dava a mínima. No entanto, uma lição fora aprendida. No ano em que os Monkees se separaram, uma banda existente apenas num desenho animado, The Archies, dominou as paradas do mundo inteiro com a canção "Sugar Sugar". O homem por trás disso? Don Kirshner.

O produtor Berton "Bert" Schneider e o diretor Bob Rafelson representariam um importante papel na história do cinema norte-americano dos anos 1970. Eles se conheceram em Los Angeles no começo da década anterior, atraídos por visões políticas em comum. Schneider cujo pai chefiou a Columbia Records, era um rebelde que abandonara a Universidade Cornell. Seus pontos de vista eram tão radicais que o exército dos EUA não o aceitou. O sucesso dos Monkees deu a Schneider e Rafelson a chance de entrar no mundo do cinema. Eles criaram a Raybert Productions e produziram o clássico *Sem destino*, de grande sucesso. O filme seguinte, *Cada um vive como quer*, também foi sucesso, ajudando a estabelecer o jovem Jack Nicholson como um dos principais atores de Hollywood. Rafelson dirigiria Nicholson em mais quatro filmes: *O dia dos loucos* (1972), *O*

destino bate à sua porta (1981), *O cão de guarda* (1992) e *Sangue e vinho* (1996). Em 1975, Schneider ganhou o Oscar de melhor documentário por *Corações e mentes*, uma marcante acusação sobre o envolvimento dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã.

NOTA

* No original, “The Monkees give you head”, em alusão ao título original do filme, *Head*. (N. do E.)


PHIL SPECTOR
produz uma das melhores músicas de todos os tempos e é forçado a se aposentar
DATA 14 de março de 1966, estúdios Gold Star, Los Angeles
125PX

A magia terminara. Todo mundo sabia disso, até mesmo o homem responsável por torná-la possível. Sim, já no início de 1965, Spector sabia que seus dias estavam contados. "Eu lembro que estávamos no estúdio produzindo 'Born to Be Together', das Ronettes", disse o amigo de longa data de Spector, Jack Nitzsche. "Durante a reprodução, Phil se aproximou e disse: 'Está tudo acabado. Acabado. O lance não existe mais'. O entusiasmo se foi. Tínhamos feito aquilo tantas e tantas vezes..."

O lance que Spector e Nitzsche tinham "feito tantas e tanta vezes" era a "parede de som" (*wall of sound*), o estilo de produção característico que Spector criara e usara para produzir algumas das melhores músicas de todos os tempos. O som exigia um estúdio lotado de músicos, câmaras de eco sendo usadas no limite, um cantor de R&B posicionado na frente e uma canção adaptada repleta da inocência do começo dos anos 1960 e da empolgação do rock'n'roll. Durante três anos, a fórmula produziu clássicos como "Be My Baby", "Then He Kissed Me", "Da Doo Ron Ron" e "Baby, I Love You". O som de Spector comandara as transmissões de rádio e tevê, transformando-o no primeiro produtor superastro.

Spector revelou ao mundo que sua intenção era criar "sinfonias adolescentes". Durante um período glorioso, foi exatamente isso que ele fez, mas agora seu sucesso completara seu curso. Philles, o selo fonográfico de Spector, perdia rapidamente todos os principais artistas. The Crystals e Bob B. Soxx já não faziam mais parte; The Righteous Brothers desapareceriam em uma confusão de brigas jurídicas e disputas amargas. A banda da esposa de Spector, The Ronettes, mal conseguia ser contratada. Um tipo diferente de música era agora o éter. Quem queria dançar ao som de Phil Spector quando

Bob Dylan detinha o segredo do mistério da vida?

Diante de tudo isso, Spector decidiu ir para o tudo ou nada, lançando a última carta em sua manga. Ele criaria o compacto definitivo de Phil Spector, uma gravação que ficaria como a apoteose de tudo por que lutara. Em sua mente febril, essa canção levaria a parede de som a seu ponto mais extremo e seria tão triunfante em som e visão que instantaneamente o colocaria de volta em seu legítimo lugar no topo das paradas.

Então, telefonou para a ex-mulher, Annette, e humildemente perguntou: “Sou tão grande quanto os Beatles? Quanto Bob Dylan?” A resposta não seria tão obviamente fingida, mas soaria verdadeira em alto e bom som. “Sim, Phil, você é maior que todos eles juntos.”

Phil Spector, Tina e Ike Turner posam para divulgar a música "River Deep – Mountain High". A música não fez sucesso nos EUA, o que levou Spector a amargar uma depressão durante dois anos. Somente a oferta de trabalhar com os Beatles o traria à ativa novamente.

Ele sabia quem queria cantando essa grandiosa canção. Seu nome era Anna Mae Bullock, mais conhecida como Tina Turner. Sua carreira como cantora começou na noite em que subiu ao palco de uma boate de Saint Louis e perguntou ao líder da banda se podia cantar. Ike Turner aceitou, e em um ano o casal havia se casado e caído na estrada com o nome Ike and Tina Turner Revue.

Spector viu pela primeira vez a dinâmica apresentação de Tina Turner no palco quando organizou um espetáculo chamado The Big TNT Show. Ele ficou extremamente impressionado com o vocal de Tina ("Ela me parecia uma versão feminina de Ben E. King"), mas também com sua habilidade de levar um público jovem e branco ao frenesi. Apesar de estar entusiasmado com Tina, ele temia o marido dela, Ike. O uso de álcool e cocaína, além dos boatos de agressão contra a esposa, seguiam Ike feito um cão de guarda fiel. Spector não queria nem saber dele por perto do estúdio quando começassem a

trabalhar. Para compensar o rejeitado e desconfiado Ike, prometeu-lhe um contrato com o selo Philles em algum momento do futuro. Ele também deu a Ike vinte mil dólares, o que ajudou a desanuviar o ambiente.

Com o marido seguramente fora do caminho, Spector entrou em contato com uma dupla de compositores que lhe ajudara bastante no passado. Ellie Greenwich e Jeff Barry compuseram “Be My Baby”, “Baby, I Love You”, “Da Doo Ron Ron” e “Then He Kissed Me”. Spector brigara com a dupla por causa de “Chapel of Love”, mas a animosidade significava pouca coisa para ele. Na hora do trabalho, estava sempre pronto para deixar as desavenças de lado.

Spector seduziu a dupla, e em um mês eles estavam trabalhando arduamente em Los Angeles numa canção intitulada “River Deep – Mountain High”. A canção consistia em três riffs principais que os envolvidos colocaram sobre a mesa. Normalmente, um acabaria sendo descartado por medo de poluição, mas Spector confiava que sua parede sonora, em conjunto com o vocal de Tina, daria um jeito nisso. Em termos líricos, os três queriam compor uma música romântica diferente de tudo o que existisse. Essas eram as instruções.

“A questão a respeito de ‘River Deep’ era a maneira pela qual eu sentia aquela forte linha do baixo”, contou Spector mais tarde. “Foi assim que começou. Depois Jeff criou o verso de abertura. Eu queria uma canção delicada sobre uma garota muito apaixonada, mas numa forma de expressão diferente. Assim, inventamos o lance da boneca de pano e do cachorrinho.”

As duas primeiras sessões de gravação de “River Deep” ocorreram no fim de fevereiro de 1967. O ponto de encontro era a sala A do estúdio Gold Star, onde Spector produzira tantos compactos brilhantes. Ele entupiu seu local de gravação preferido com duas dúzias de músicos, determinado a ir além do que já tinha ido. Ele usou quatro guitarristas, quatro baixistas, dois percussionistas, três tecladistas, uma seção de metais com seis instrumentos, sem mencionar a perdiz na pereira.*

Quando Tina chegou para gravar, Spector contava com vinte cantores para o coral. Desacostumada a tanta pompa musical, a jovem

cantora ficou completamente confusa e não conseguiu cantar. Tina entendia a estrutura do R&B, mas essa música tinha tudo, menos estrutura. Ela parava, recomeçava, acelerava, terminava e voltava...

QUEM QUERIA DANÇAR AO SOM DE PHIL SPECTOR QUANDO BOB DYLAN DETINHA O SEGREDO DO MISTÉRIO DA VIDA?

Spector a mandou ensaiar a canção por uma semana. Quando regressou, na noite de 7 de março, ele astutamente esvaziara o estúdio. Tina se instalou e, contando apenas com Spector e o engenheiro Larry Levine como espectadores, começou a cantar. Sempre perfeccionista, Spector interrompia a cada verso: "Está bom, está bom, mas tente outra vez", ele dizia, cortando-a inúmeras vezes. A sessão se arrastou noite adentro; a cantora estava banhada em suor. Por volta de meia-noite, Tina Turner perdeu a cabeça. Rasgou a blusa e, de pé numa sala escura, mergulhou dentro da própria alma para extrair um último incrível esforço vocálico.

A sessão chegou ao fim e Turner deixou o estúdio sem ter certeza se sua interpretação seria de alguma forma utilizada. Spector também não estava certo. Levou uma semana intensiva de mixagem e produção para que ele se declarasse satisfeito.

E havia motivos para isso. "River Deep – Mountain High" é um dos compactos mais formidáveis já criados, uma canção que faz com que uma enorme onda de música se choque com o vocal de Tina Turner e depois exploda num épico de proporções exorbitantes. Esse era Spector no auge do talento. Se suas outras produções tinham sido sinfonias adolescentes, então essa era uma mudança estonteante para a ópera. Ele deve ter ficado eufórico com o resultado, ansioso por mostrá-lo às pessoas e vê-las se ajoelharem novamente diante de sua genialidade.

Em 14 de maio de 1966, a capa da *Billboard* trazia uma fotografia de Ike e Tina Turner anunciando o compacto. Duas semanas depois, o compacto foi parar na posição 99 da lista das cem mais tocadas da

revista. Na semana seguinte, subiu para 94. Na outra, chegou à posição 93 e, uma semana depois, atingiu o posto 88 e, então... sumiu. Os EUA deram as costas a essa canção fantástica, e Phil Spector ficou completamente arrasado. Ele dera tudo de si nessa gravação, e não fora o bastante. Pela primeira vez, Spector sentiu a dor aguda da rejeição e da humilhação na parte mais profunda de seu ser. Ele se trancou em sua mansão de Los Angeles por dois longos anos. Seu selo se tocava sozinho, e raramente ele era visto em público. Na verdade, ele só voltaria a trabalhar no dia em que os Beatles vieram bater à sua porta.

TINA TURNER RASGOU A BLUSA E, DE PÉ NUMA SALA ESCURA, MERGULHOU DENTRO DA PRÓPRIA ALMA PARA EXTRAIR UM ÚLTIMO ESFORÇO VOCÁLICO INCRÍVEL

Ao longo dos anos, muitas foram as explicações para o fracasso retumbante de “River Deep” nos Estados Unidos. (Na Grã-Bretanha, ela rapidamente ficou entre as cinco mais tocadas.) Spector disse que o que aconteceu foi bem simples: as pessoas não gostaram da música e ponto final. Outros pensaram de forma diferente. Para Ike, a questão se resumia à raça, as estações de rádio não conseguiram entender o que estava fazendo uma cantora de R&B liderando os vocais dessa incrível amostra de música pop wagneriana. “As estações de R&B não tocavam porque a consideravam pop, e as de música pop não a tocavam porque era R&B”, assinalou.

Já Jeff Barry acreditou que foi a reputação de Spector no mundo musical como homem arrogante, desdenhoso dos seres humanos e sem nenhum encanto que acabou cobrando seu preço. Ele recorda que Spector certa noite ridicularizou um importante DJ e a história se espalhou pelo mundo da música. “Então, quando as rádios e o setor como um todo ficaram sabendo disso, passaram a adotar uma atitude muito negativa o tempo todo, uma atitude do tipo: ‘É mesmo? Vamos ver o que você produziu...’ Acho que procuravam qualquer motivo.”

A recusa do próprio Spector de sair em uma turnê de promoção

do compacto, de conhecer e cumprimentar os influentes do setor, pesou contra ele. Também se assinalou que o tipo de canções nas quais Spector se especializara – relatos frívolos e inocentes de amor e perda adolescentes sob fundo épico – estavam agora fora de moda. A música estava se tornando séria. Quem argumentou assim tinha razão. Os Beatles voltaram o foco para o álbum e, assim, diminuíram consideravelmente a importância do compacto.

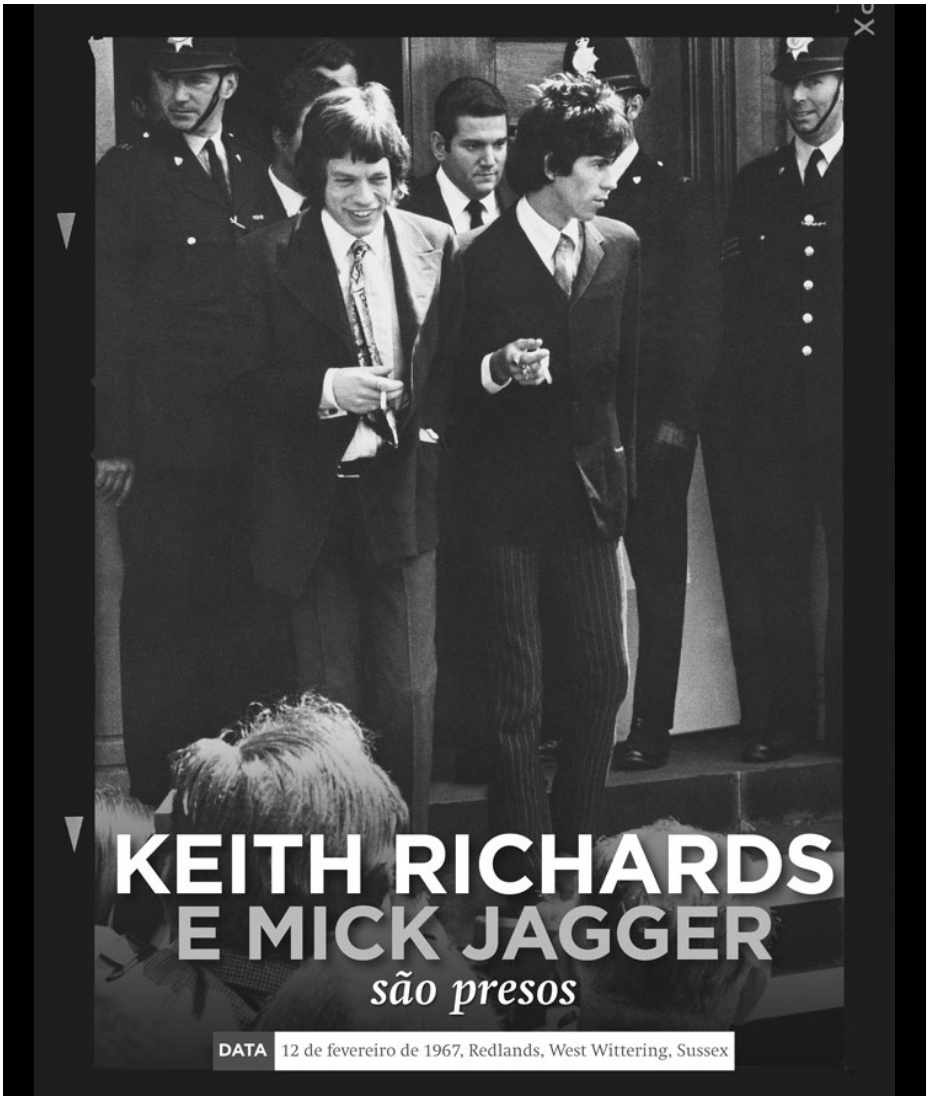
Talvez uma combinação de todos esses fatores tenha conspirado para derrubar o homem que o escritor Tom Wolfe chamou de "o magnata dos adolescentes". O título não se aplicava mais a Spector. "Um homem antiquado" teria sido uma alcunha muito mais exata.

Harvey Philip Spector nasceu no Natal de 1940. Nove anos depois, seu pai se suicidou. Durante o ensino médio, Spector formou a banda The Teddy Bears. Seu segundo compacto, "To Know Him Is to Love Him", roubou o título do epitáfio gravado na lápide do pai. Em 1961, criou uma gravadora com Lester Sill – a Philles – e criou o estilo conhecido como "wall of sound" (parede sonora). "Be My Baby", compacto das Ronettes, de 1963, é tido como uma de suas maiores realizações. Ele se casou com a principal vocalista do grupo, Veronica Bennett. No fim dos anos 1960, Spector foi convidado a produzir o último disco dos Beatles, *Let It Be*. A seguir, trabalhou com George Harrison e John Lennon em vários projetos solo. Na década de 1970, ele produziu a banda punk Ramones, e, vinte anos depois, se tornara um verdadeiro recluso. Em 3 de fevereiro de 2003, a atriz Lana Clarkson foi encontrada morta na mansão de Spector em Hollywood. Após dois julgamentos, ele foi considerado culpado pelo assassinato e sentenciado a dezenove anos de prisão. Somente aos 88 anos Spector terá direito a pedir

liberdade condicional.

NOTA

* O autor ironiza a quantidade de instrumentistas recorrendo à tradicional canção natalina inglesa “The Twelve Days of Christmas”, na qual a cada dia o amado dá um presente a mais à namorada. (N. do T.)


KEITH RICHARDS
E MICK JAGGER
são presos
DATA
12 de fevereiro de 1967, Redlands, West Wittering, Sussex

Diz-se que, na noite em que os Stones foram presos, a polícia não invadiu Redlands, a casa de campo de Keith Richards, até terem confirmado que George Harrison e sua então namorada, Pattie Boyd, haviam realmente deixado o local na noite anterior. Os policiais estavam ali para prender a banda mais famosa do país, e levar um homem ainda visto como um dos amados Beatles só serviria para complicar as coisas. Eles pegariam os Beatles mais tarde.

A polícia escolheu a hora certa, aguardando o fim da festa. Estavam na reunião na casa de Keith Richards Mick Jagger e sua então namorada, a cantora Marianne Faithfull, e vários amigos e conhecidos, como Nicky Kramer, Robert Fraser, Mohammed Jajaj, Michael Cooper e David Schneidermann.

Kramer era um parasita, Fraser, *marchand,* e Jajaj, seu funcionário. Cooper era fotógrafo, e David Schneidermann – bem, francamente, ninguém sabia ao certo quem era Schneidermann. Algumas poucas coisas eram sabidas a seu respeito: era norte-americano, seu apelido era Rei do Ácido e tinha em mãos uma porção de White Lightning, um tipo novo de LSD. Ao chegar ao Reino Unido, Schneidermann contatara os Stones com essa informação, e ficou decidido que a casa de Richards seria o ambiente perfeito para essa maravilhosa nova droga ser ingerida.

A festa começou no sábado. Harrison e Boyd, mais tarde seguidos por Tony Bramwell, amigo do Beatle, foram embora. Os demais passaram a noite ali. Às nove da manhã de domingo, Schneidermann preparou para todos os presentes uma xícara de chá com a droga. Em uma hora, estavam todos viajando. Segundo os relatos, a droga se mostrou agradável e o grupo de amigos passou horas explorando

bosques próximos, em uma névoa de deslumbramento. Ao entardecer, a droga foi perdendo o efeito e o grupo voltou para casa.

A PRINCÍPIO, ELE ACHOU ESTAR TENDO UMA ALUCINAÇÃO, POIS DIANTE DELE PARECIA HAVER UM HOMEM DE CASACO BRANCO CERCADO POR VINTE POLICIAIS

Enquanto os outros relaxavam na sala ao som de discos do Who e de Bob Dylan no volume máximo, Marianne Faithfull foi tomar banho. Ela então voltou para a sala de estar envolta apenas num tapete de pele. Ninguém ficou constrangido com a aparição.

QUANDO A POLÍCIA IRROMPEU NA SALA DE ESTAR, MARIANNE FAITHFULL MOSTROU OS PEITOS. ELA FOI LEVADA AO ANDAR SUPERIOR POR UMA POLICIAL PARA SER REVISTADA

Paulatinamente, o pessoal foi tomando consciência de batidas fortes. Apesar dos apelos risonhos de Jagger e Faithfull para ignorarem o barulho, Richards abriu a porta. A princípio, ele achou estar tendo uma alucinação, pois diante dele parecia haver um homem de casaco branco cercado por vinte policiais.

Quando o capitão Gordon Dineley perguntou: “O senhor é o proprietário e morador do recinto?”, enfiando um mandado de busca em suas mãos, a confusão de Richards logo se desfez. A polícia invadiu a casa enquanto Richards corria para alertar os convidados. Eles acharam a cena toda extremamente cômica; o LSD faz isso com você.

Quando a polícia irrompeu na sala de estar, Marianne Faithfull se levantou, mostrando os peitos. Ela foi levada ao andar superior por uma policial para ser revistada. Enquanto isso, a polícia revistou Robert Fraser e achou duas caixinhas de remédio, com anfetamina e

heroína. Inacreditavelmente, o policial se desculpou por revistar o dono de uma chique galeria de arte.

Outro policial trouxe uma jaqueta verde à sala de estar. Era de Mick Jagger. O policial tirou uma porção de maconha de um dos bolsos, mas – inacreditavelmente para um homem numa batida de entorpecentes – pensou que fosse terra e pôs de volta na jaqueta.

Depois, de outro bolso, ele sacou um pequeno frasco contendo quatro pílulas. “Isto lhe pertence, senhor?”, perguntou ao cantor. Jagger explicou o que era e disse que o médico lhe prescrevera. Mentira. As pílulas eram de Marianne Faithfull, que as comprara em um aeroporto na Itália. (Mais tarde, quando ela implorou ao namorado para que a deixasse levar a culpa, Jagger corajosamente recusou, explicando que isso terminaria de uma vez por todas com sua carreira. Ele também disse para ela não se preocupar, porque a banda “vive desse tipo de publicidade”.)

Outro policial abriu a pasta de David Schneidermann. Todos prenderam a respiração. Eles sabiam que a pasta continha uma pletora de drogas alucinógenas, de heroína a maconha, com tudo que pudesse existir entre elas. “É filme”, explicou Schneidermann, enquanto o policial dava uma olhada em diversos pacotinhos embalados em papel-alumínio. “Por favor, não abra. Vai queimar os negativos.” “Certamente, senhor”, respondeu o policial, fechando a pasta e dando meia-volta. A polícia então foi embora, aparentemente satisfeita com os achados. Mick e Keith se sentiram muito aliviados.

Mick Jagger é mantido sob custódia enquanto continua o julgamento dele, de Keith Richards e do *marchand* Robert Fraser. A severidade das sentenças causou indignação.

Nada foi encontrado, a não ser remédios prescritos pelo médico. O único indício da tempestade que cairia a seguir veio do capitão, que ao sair disse a Richards: “Se os exames revelarem que drogas ilegais foram ingeridas em sua residência sem que o fato tenha sido informado por qualquer um dos indivíduos, o senhor será responsabilizado”. O guitarrista replicou: “Entendi, pode botar toda a culpa em mim”.

Depois que todos policiais haviam partido, os convidados começaram a fazer perguntas. Por que a polícia escolhera invadir a casa de Richards justamente naquela hora? Como eles sabiam que uma festa de ácido estava rolando? Quem contou a eles? Quem, no

fim das contas, armara para os Stones? Rapidamente, eles se lembraram de um acontecimento da semana anterior.

No dia 5 de fevereiro, dois repórteres do *News of the World* acompanharam Brian Jones, guitarrista dos Rolling Stones, numa boate, fingindo ser grandes fãs. No dia seguinte, o jornal noticiava na capa a noitada. Segundo o relato, o músico usara drogas ilegais (Mandrax) em uma casa noturna e convidara várias garotas para experimentar mais em sua casa. Só havia um problema. Os jornalistas pensaram que Brian Jones fosse Mick Jagger e assim se referiram a ele na reportagem inteira. Obviamente, um cantor cabeludo era igualzinho aos demais.

Na noite de segunda-feira, um Jagger enfurecido apareceu no *The Eamonn Andrews Show* e anunciou que processaria o jornal. Vinte e quatro horas depois, um documento dos advogados de Jagger chegou à mesa do editor do jornal. Eles podiam perder milhares de libras pela calúnia. Uma semana após o ocorrido, a polícia apareceu na casa de Richards e pegou Jagger. Seria coincidência?

Um mês após batida, a polícia anunciou que denunciaria Mick Jagger pela posse de quatro tabletes de anfetamina, Keith Richards por permitir que sua residência fosse usada para ingestão de drogas ilegais e Robert Fraser por posse de heroína e anfetamina. Os Stones ficaram chocados. Era evidente que haviam se tornado alvo, que alguém estava determinado a pegá-los.

O POLICIAL TIROU UMA PORÇÃO DE MACONHA DE UM DOS BOLSOS, MAS – INACREDITAVELMENTE PARA UM HOMEM NUMA BATIDA DE ENTORPECENTES – PENSOU QUE FOSSE TERRA E PÔS DE VOLTA NA JAQUETA

Os Stones defendiam a rebeldia e a liberação. Havia pouco tempo, Mick Jagger concedera uma entrevista ao *New Musical Express* na qual elogiara os hippies de Nova York, questionara a Guerra do Vietnã, a perseguição aos homossexuais e a ilegalidade do aborto e do uso de drogas. Muitos teriam rejeitado sua perspectiva liberal. Outros

podem ter decidido agir de forma dissimulada contra ele.

Numa quarta-feira, dia 10 de maio, se noticiou que a polícia dera uma batida na casa de Brian Jones, em Chelsea, e o acusara de posse de cocaína, metedrina e maconha. Claramente, a batida fora programada para prejudicar o julgamento de Mick e Keith. “Eles sabem muito bem que não têm provas suficientes contra nós, então partiram para cima do Brian”, espumava Jagger. “Todo jurado que escolherem vai pensar que drogas e Stones são sinônimos.”

Na primeira audiência, Jagger e Richards pagaram fiança, sendo informados de que seriam julgados em junho. O julgamento aconteceu no condado de West Sussex, presidido pelo juiz Block. Robert Fraser foi o primeiro a comparecer e se declarou culpado. Block determinou que ele ficasse preso até a definição da sentença.

O caso de Mick Jagger era o próximo. Ele manteve a história de que havia comprado as pílulas na Itália e, ao chegar à Inglaterra, seu médico havia liberado o uso por telefone. O clínico geral de Jagger, dr. Dixon Firth, sentou-se no banco das testemunhas e confirmou a versão do cantor.

A defesa argumentou que a aceitação verbal do médico configurava a emissão de uma receita legal. O juiz Block não concordou. Dirigindo-se ao júri, ele pediu que a defesa fosse desconsiderada, pois “tais observações não podem ser encaradas como prescrições”. Ao júri não restou alternativa senão entregar um veredicto de culpado.

A sentença seria proferida após o julgamento de Richards. Jagger e Fraser foram conduzidos para passar a noite na prisão Lewes. No dia seguinte, teve início o julgamento do guitarrista. Ele foi acusando de permitir que os convidados fumassem maconha em sua casa.

O comportamento dos convidados agora ocupava o centro das atenções, e houve uma grande encenação a respeito da garota misteriosa que apareceu num tapete de pele. (Durante o almoço, policiais prepotentes contaram aos jornalistas que haviam flagrado Jagger comendo um chocolate Mars enfiado na vagina de Marianne, dando origem a um mito urbano que cruelmente acompanhou a cantora durante toda a sua vida.)

A defesa de Richards foi simples. A polícia plantara maconha em sua casa para que Mick fosse condenado e, assim, forçado a retirar a ação por calúnia contra o *News of the World*. Era uma teoria que mais tarde ganhou grande crédito após um policial admitir que deram a batida na casa depois de receberem a dica de um jornal de circulação nacional.

OS STONES FICARAM CHOCADOS. ERA EVIDENTE QUE HAVIAM SE TORNADO ALVO, QUE A ELITE DOMINANTE ESTAVA DETERMINADA A PEGÁ-LOS

Quando o juiz Block o questionou sobre a nudez de Marianne, Richards respondeu com sinceridade: “Não somos velhos, não estamos preocupados com trivialidades morais”. Não era o de tipo coisa capaz de torná-lo benquisto por um velho que tinha sua vida nas mãos. Contudo, Richards não dava a mínima. Ele sempre fora o mais durão dos Stones, capaz de suportar qualquer tipo de acusação. Incluindo a prisão.

O dia terminou e Richards foi levado a Wormwood Scrubs, onde os presidiários o recepcionaram de braços abertos, enchendo sua cela com valioso tabaco. “Não se preocupem, queridos”, disse o guitarrista a seus admiradores. “Não ficarei por muito tempo.”

No dia seguinte, essa declaração lhe saiu pela culatra. O júri considerou Richards culpado, e o juiz Block o sentenciou a um ano de prisão, determinando o pagamento de cerca de mil libras por despesas judiciais. Inacreditavelmente, Robert Fraser – apesar de ter sido pego com quantidades razoáveis de anfetamina e heroína – pegou seis meses, metade da sentença de Richards. Severamente abalado, Jagger foi encaminhado à prisão de Brixton junto com Robert Fraser. Richards foi levado de volta a Wormwood Scrubs.

RICHARDS SEMPRE FORA O MAIS DURÃO DOS STONES, CAPAZ DE SUPORTAR QUALQUER TIPO DE ACUSAÇÃO. INCLUINDO A PRISÃO

Enquanto Richards, Jagger e Fraser começavam a cumprir as sentenças, tomava forma um sentimento geral de oposição ao tratamento que lhes fora conferido. Os jornais do dia seguinte expressaram enorme surpresa com a severidade das penas. Agora havia um grande perigo de os Stones se tornarem mártires.

Uma pressão discreta foi exercida. Na hora do almoço do mesmo dia, a Corte Suprema liberou Richards e Jagger sob fiança de vinte mil libras. A dupla foi comemorar num bar, onde o barman, em solidariedade, não cobrou as bebidas. Então chegou a edição vespertina do *Evening Standard*. O jornal trazia um anúncio com uma declaração do Who. Seu novo compacto traria versões de duas músicas dos Stones: "Under My Thumb" e "The Last Time". O anúncio dizia o seguinte: "O Who acredita que Mick Jagger e Keith Richards tenham sido tratados como bodes expiatórios... O Who lança hoje a primeira de uma série de músicas de Jagger e Richards para manter seu trabalho entre o público até estarem livres para poder gravar".

O dia seguinte chegou com a notícia mais chocante de todas. O jornal *The Times*, bastião do conservadorismo, publicou um editorial intitulado "Quem quebra uma borboleta na roda de tortura", escrito pelo então editor William Rees-Mogg. Inacreditavelmente, o jornal ficou do lado dos Stones, concluindo que as sentenças tinham sido tremendamente injustas. No outro dia, todos os jornais, à exceção do *News of the World*, seguiram o exemplo. A condenação de Richards foi anulada e Jagger recebeu liberdade condicional.

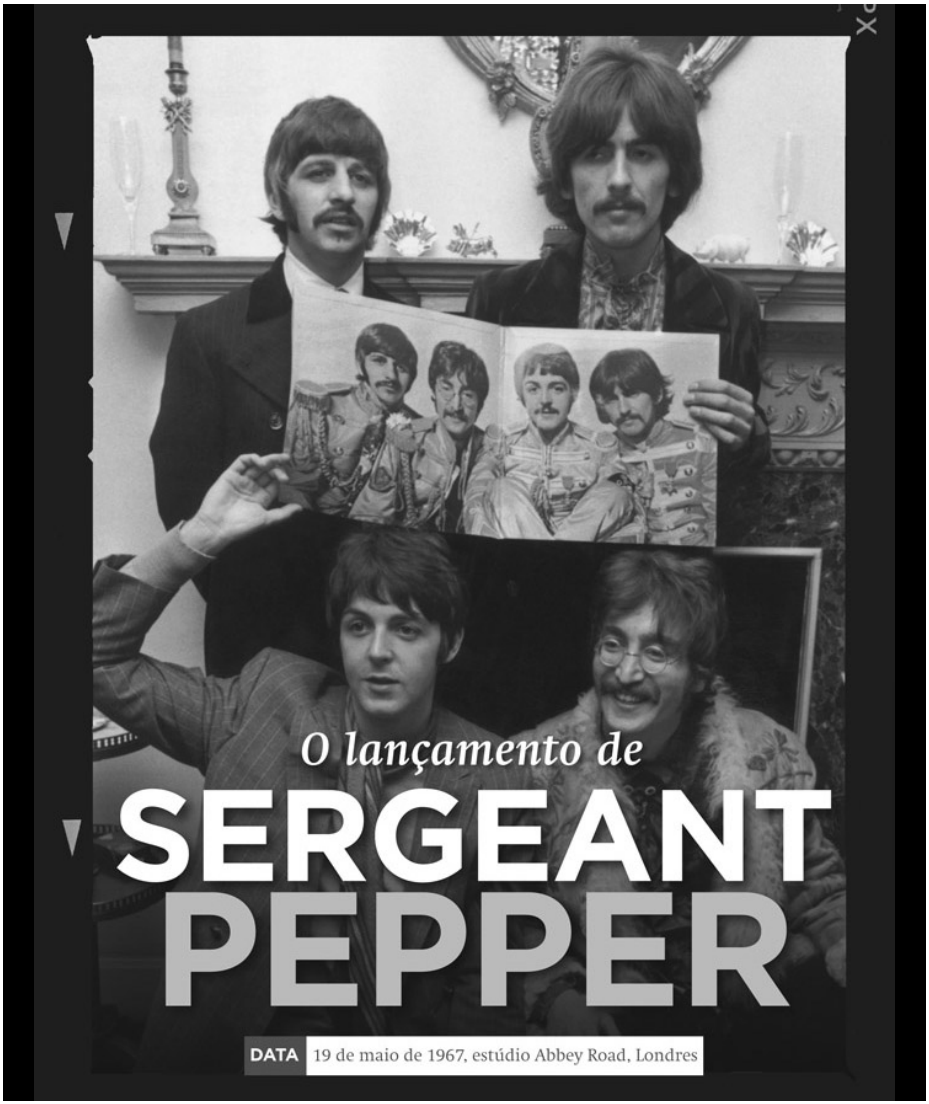
O JORNAL *THE TIMES*, BASTIÃO DO CONSERVADORISMO, FICOU DO LADO DOS **STONES**, CONCLUINDO QUE AS SENTENÇAS TINHAM SIDO TREMENDAMENTE INJUSTAS

Embora à época muitos acreditassem que o *News of the World* tivesse pagado para Schneidermann procurar os Stones com drogas e então avisar a polícia, mais tarde se soube que um funcionário de Richards deu a dica. O incidente de Redlands é importante porque

marca o dia em que o sistema finalmente declarou guerra aberta à contracultura, marcando o início de uma batalha que duraria muitos anos.

Um mês depois, os Stones lançaram um novo compacto. Ele recebeu o nome de “We Love You”.

A banda Rolling Stones foi formada em 1962 por Brian Jones (guitarra). Os outros membros eram Mick Jagger (vocalista), Keith Richards (guitarra), Bill Wyman (baixo) e Charlie Watts (bateria). No começo, eles tocavam versões de blues, mas, quando Jagger e Richards começaram a compor juntos, entraram nas paradas de sucessos com canções como “Time Is on My Side” e “Ruby Tuesday”. O grupo atingiu a plena forma com o lançamento de *Beggars Banquet*, em 1968. O disco trouxe músicas decisivas, como “Sympathy for the Devil” e “Street Fighting Man”. Canções posteriores, como “Honky Tonk Women” e “Brown Sugar”, em conjunto com a imagem duvidosa da banda, ajudaram a lhes conferir o título de maior banda de rock do mundo. Na década de 1970, lançaram aquela que muitos consideram sua maior obra, *Exile on Main Street*, e, nos anos 1980, divulgaram músicas memoráveis, como “Miss You” e “Start Me Up”. Em termos de shows, os Stones continuam sendo uma das maiores bandas do mundo. Como grupo musical, eles sobreviveram a muitos de seus contemporâneos, e estão na sexta década tocando juntos.


O lançamento de
SERGEANT PEPPER
DATA 19 de maio de 1967, estúdio Abbey Road, Londres

No dia 19 de maio de 1967, um grupo cuidadosamente selecionado de jornalistas, DJs e fotógrafos (incluindo a jovem norte-americana Linda Eastman) se dirigiu ao número 24 da Rua Chapel, em Londres. Era a casa de Brian Epstein, empresário dos Beatles. Todos estavam ali para ouvir um disco que viraria o mundo de pernas para o ar. O nome era *Sergeant Pepper's Lonely Hearts Club Band*. Também estariam presentes na festa os autores dessa obra extraordinária – os Beatles.

A imprensa foi recebida pessoalmente por Epstein. Depois do coquetel, os jornalistas aguardavam ansiosamente a chegada dos Beatles. Finalmente, eles apareceram, vestidos para a ocasião com roupas coloridas. John Lennon, em particular, chamava a atenção. Ele vestia camisa verde florida com babados, calça de veludo marrom, bolsa de couro escocesa e meias amarelo-canário. Ele estava esquelético e parecia estar em outro lugar. Ray Coleman, que participou do evento, escreveu: "John parecia cansado, velho, doente e irremediavelmente viciado em drogas. Os olhos estavam apagados, sua fala arrastada e ininteligível".

O que havia acontecido com os músicos mais famosos do mundo? Era simples, a beatlemania tinha acontecido. Desde o lançamento do primeiro compacto, a banda se tornara inacreditavelmente famosa em quase todos os países. Eles fizeram inúmeras turnês, produziram uma incrível sequência de álbuns e compactos revolucionários, fizeram dois filmes e participaram de incontáveis programas de tevê e rádio. Aonde quer que fossem, o pandemônio e o caos se estabeleciam. Quando não eram os fãs tentando alcançá-los, era a imprensa. Quando não era a imprensa, eram promotores ou parasitas. Como um dia comentou George Harrison, o único lugar no mundo onde um Beatle podia

encontrar paz e silêncio era no banheiro do hotel.

PEPPER SE ENCAIXAVA PERFEITAMENTE NO ENTÃO CHAMADO VERÃO DO AMOR. UM ÁLBUM COM PERSONALIDADE TÃO CORDIAL E TÃO CHEIO DE INVENÇÃO QUE LOGO SE PERDOAM SUAS FRAQUEZAS

Provavelmente a capa de disco mais icônica que já existiu. Criada por Peter Blake, foi a primeira a trazer a letra das músicas. Foi inúmeras vezes citada por bandas e revistas.

Em 1966, a banda disse chega. Em 29 de agosto, no show em Candlestick Park, San Francisco, Paul McCartney disse ao assistente Tony Barrow: “Não se esqueça de gravar este”. Os dois sabiam de algo que o mundo não sabia; aquela provavelmente seria a última vez que o grupo tocaria ao vivo para um público pagante.

A banda não poderia estar mais feliz. Na viagem de volta para casa, George Harrison se acomodou em seu assento e disse: “É isso, não sou mais um Beatle”. E sorriu. Dali em diante, os Beatles trabalhariam somente em estúdio, produzindo apenas gravações. Era um passo revolucionário. Nenhuma outra banda jamais tentara mudança semelhante na carreira.

EMBORA VIVESSE SE ENTUPINDO DE LSD, A DROGA NÃO AFETAVA A ENORME COMPETITIVIDADE DE LENNON. LONGE DISSO

Ao chegar a Londres, os músicos tomaram caminhos diferentes. John foi à Espanha filmar uma breve aparição no filme *Como ganhei a guerra*; George viajou à Índia para estudar *sitar* com Ravi Shankar; Paul começou a trabalhar na trilha sonora de *Lua de mel ao meio-dia*; e Ringo saiu de férias.

A pausa fez bem a eles. Na Espanha, Lennon comporia "Strawberry Fields Forever", uma de suas melhores canções. Em seguida, voltaria para sua casa em Weybridge e passaria a ingerir uma enorme quantidade de LSD. Em 9 de novembro, depois de três dias acordado em função das drogas, ele foi à galeria Indica, em Mason's Yard, Londres, para ver a exposição Objetos e Pinturas Inacabados. Seria seu primeiro encontro com a artista japonesa Yoko Ono. Em relação ao restante do tempo, antes de o trabalho começar novamente, ele estava mais do que feliz por passá-lo viajando dentro da própria cabeça.

Quando a banda voltou a se reunir no estúdio Abbey Road, em novembro, McCartney sabia o que gostaria que a banda fizesse. Nas palavras de Mark Lewisohn, o maior especialista em Beatles, McCartney desejava "tornar o disco uma obra de arte pelo conteúdo e pela capa. Ele queria dizer este é o álbum e isto é o que se pode fazer com ele".

"Strawberry Fields Forever" foi a primeira música que a banda gravou, e ela era diferente de tudo o que já haviam tentando. Tudo nela – a estrutura, o som geral, a letra oblíqua – era inovador e inspirador. Demorou cerca de 45 horas para que a gravação ficasse perfeita. Tratava-se de uma extraordinária quantidade de tempo para dedicar a uma música. Demonstrava não apenas o desejo inabalável de deixar tudo certo como também as mudanças ocorridas desde que os Beatles foram pela primeira vez a Abbey Road, em 1962. Naquela época, as sessões de gravações eram severamente limitadas a duas horas. O primeiro disco dos Beatles foi feito em um único dia.

Pepper consumiu cinco meses da vida deles e foi gravado nos horários mais aleatórios. A sessão podia estar marcada para começar às sete, mas, como agora eram suas condições, eles podiam não chegar antes das dez ou onze. Como a maioria das bandas, os Beatles eram seres noturnos. Sua criatividade tinha maior chance de brilhar quando o restante do mundo estava dormindo. Depois da finalização de "Strawberry Fields Forever", a banda voltou sua atenção a uma nova música de McCartney chamada "Penny Lane". Assim como "Strawberry Fields", a letra da canção mencionava a infância do compositor. Era um clássico de McCartney, uma música fervilhando de melodia, invenção e energia. A EMI estava ávida por lançar um novo compacto do grupo. Para tirar a gravadora do seu pé, o grupo lhe deu o que possivelmente pode ser chamado de o maior compacto pop da história: "Strawberry Fields Forever" de um lado e "Penny Lane" do outro.

Porém uma surpresa estava reservada ao grupo. "Release Me", de Engelbert Humperdinck, negou à banda o primeiro lugar nas paradas, levando a ainda mais especulação da mídia quanto a seu futuro. Afinal, no Natal, os Beach Boys haviam tomado o lugar dos Beatles como maior banda do mundo em uma pesquisa do *New Musical Express*. De modo ainda mais afrontoso, Cliff Richard foi eleito o melhor vocalista, derrotando Lennon. A banda deu de ombros e continuou gravando. O que estava acontecendo em Abbey Road era muito mais interessante que uma tola especulação da imprensa.

Embora vivesse se entupindo de LSD, a droga não afetava a enorme competitividade de Lennon. Longe disso. Em um curto espaço de tempo, ele compôs "Lucy in the Sky with Diamonds", "Being for the Benefit of Mr. Kite" (a letra foi inspirada no pôster de um circo comprado enquanto filmava o vídeo promocional de "Strawberry Fields" em Knole Park, Kent), "Good Morning Good Morning", estimulada por um comercial de tevê de cereal matinal, e "A Day in the Life". McCartney revidou com "Getting Better", "Fixing a Hole" e a refinada "She's Leaving Home".

Ele também apresentou a música "Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band", que lhe rendeu a ideia que auxiliaria *Pepper* a se tornar o

disco mais famoso dos Beatles. Sergeant Pepper seria uma banda fictícia, interpretada pelos Beatles. O álbum seria então o registro de alguns de seus shows, tocados pelos Beatles. A ideia foi aceita de forma entusiasmada pelos colegas de grupo.

A liberdade também era algo especial nessas sessões. Sem apresentações ao vivo a cumprir, a banda podia dedicar tanto tempo quanto quisesse para aperfeiçoar as músicas. *Loops* de fitas, ecos, *delays*, tudo que estivesse à mão seria experimentado. Em "Being for the Benefit of Mr. Kite", Lennon pediu um som de parque de diversões. Em "When I'm Sixty-Four", McCartney desejou que sua voz soasse dez anos mais jovem. E assim por diante.

A apoteose de toda essa criatividade se deu quando a banda gravou "A Day in the Life", uma das poucas do disco na qual Lennon e McCartney trabalharam rigorosamente em conjunto. Lennon compusera a maior parte da canção, mas precisava da ponte. McCartney vinha brincando com uma ideia sobre levantar da cama pela manhã. Por uma grande coincidência – típica da magia cercando o álbum –, a letra se encaixou à perfeição na estrutura de John. McCartney, que vinha explorando avidamente a cena vanguardista londrina, pensava naquele momento em um intervalo instrumental criado por uma orquestra que fosse instruída a começar na nota mais grave de seus instrumentos e chegar à mais aguda.

Na sessão de gravação de 10 de fevereiro, uma sexta-feira, quarenta músicos chegaram e, após se instalarem, foram convidados a colocar chapéus engraçados, nariz de palhaço, balões nos arcos etc. Adequadamente trajados, eles gravaram cinco tomadas, sob a batuta de McCartney, cercado de amigos como Mick Jagger, Marianne Faithfull, Donovan, Mike Nesmith e Brian Jones. Uma câmera capturou a cena singular.

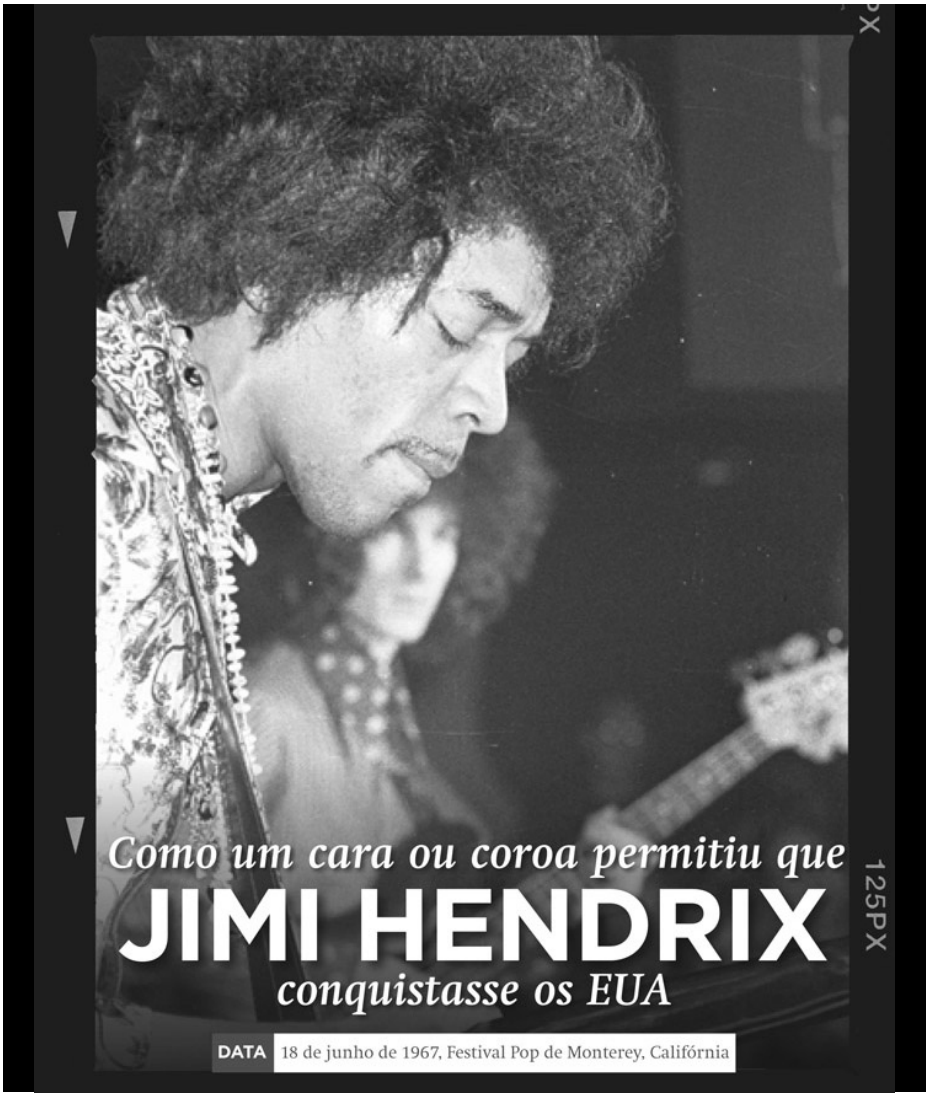
APESAR DAS GRANDES REALIZAÇÕES ARTÍSTICAS, A BANDA NÃO SABIA AO CERTO COMO O MUNDO RECEBERIA *PEPPER*. "SERÁ QUE VÃO COMPRAR?", NERVOSO E MUITO CHAPADO, LENNON PERGUNTOU A RAY COLEMAN

A música foi colocada no fim do disco, e um estrondoso acorde ao piano e uma colagem de ruídos, incluindo um apito para cachorro, foram posteriormente acrescentados para finalizar um dos álbuns mais notáveis de todos os tempos. *Pepper* se encaixava perfeitamente nas ideias e na criatividade a impelir o então chamado verão do amor. É um disco isento de ódio, um álbum com personalidade tão cordial e tão cheio de invenção que logo se perdoam suas fraquezas.

Foi Robert Fraser, dono de uma galeria e amigo de McCartney, que sugeriu que convidassem Peter Blake para produzir a capa. Blake pediu aos Beatles que indicassem pessoas que desejavam ver na capa. Vários nomes foram apresentados. Enquanto isso, a banda foi a um fabricante de figurino teatral em Londres, se vestiu com uniformes de cores berrantes e foi tirar sua fotografia.

E então lá estavam eles na casa de Brian Epstein, altos com uma ajudinha dos amigos e extremamente apreensivos. Apesar das grandes realizações artísticas, a banda não sabia ao certo como o mundo receberia *Pepper*. “Será que vão comprar?”, nervoso e muito chapado, Lennon perguntou a Ray Coleman. “Eu gosto, todos nós sentimos como uma nova etapa, mas será que vão comprar?”

Em 3 de junho, *Sgt. Pepper* entrou nas paradas britânicas e ali permaneceu por 201 semanas. Sobreviveu 175 semanas nas paradas norte-americanas. O disco vendeu 32 milhões de cópias e vive sendo indicado como o melhor de todos os tempos. Porém, mais que tudo isso, naquele verão de 1967, os Beatles mostraram a todos as grandes possibilidades do formato do álbum – para benefício de todos nós.


Como um cara ou coroa permitiu que
JIMI HENDRIX
conquistasse os EUA
DATA
18 de junho de 1967, Festival Pop de Monterey, Califórnia
125PX

Em janeiro de 1967, dois jovens empreendedores, Ben Shapiro e Alan Pariser, participaram do Festival Human Be-In, no Golden Gate Park, em San Francisco. O festival fora organizado como manifestação pública contra a proibição do LSD. Entre os artistas que tocaram naquele dia estavam The Grateful Dead, Quicksilver Messenger Service, Jefferson Airplane. Vários ícones da contracultura, como Allen Ginsberg, compareceram, e dizem que Timothy Leary comprou cem mil tabletes de LSD e os distribuiu gratuitamente.

Foi esse o dia em que os hippies anunciaram sua presença ao mundo, um dia em que milhares e milhares de jovens entraram em sintonia, se ligaram e caíram fora, e Shapiro e Pariser ficaram muito impressionados. Percebendo o potencial do novo movimento, decidiram organizar um evento similar para junho daquele ano. Escolheram a área de feiras de Monterey, localizado entre San Francisco e Los Angeles. Eles precisavam de cerca de cinquenta mil dólares para cobrir as despesas. A dupla conseguiu o dinheiro com várias gravadoras, cientes de que um festival como esse lhes daria a chance de selecionar a dedo a nata da fraternidade do rock.

Com o dinheiro garantido, Shapiro e Pariser procuraram o grupo The Mamas and The Papas e ofereceram ao líder da banda, John Phillips, cinco mil dólares para participar do evento. A banda recusou o dinheiro. A coisa parecia organizada demais, muito "coronel Parker". Em vez disso, fizeram uma sugestão. Por que não um festival organizado pelos próprios músicos?

Shapiro e Pariser eram espertos e perceberam que a ideia atrairia um grande público. Eles formaram um conselho administrativo para montar o festival. Faziam parte do conselho Brian Wilson, Paul

McCartney, Mick Jagger e Smokey Robinson. Foi Paul McCartney quem insistiu para que o festival contratasse um grupo chamado The Jimi Hendrix Experience.

Embora desconhecido em seu próprio país, quem em Londres conhecia rock sabia da existência de Hendrix e estava assombrado com sua habilidade técnica, profunda imaginação e as poderosas apresentações ao vivo. Quando o espírito incorporava nele, Hendrix quebrava guitarras e amplificadores, tamanha era a força que o impelia. A princípio, muitos achavam que ele estava simplesmente imitando Pete Townshend, então conhecido pela excentricidade de detonar guitarras. "Hendrix foi o primeiro homem a tripudiar sobre o meu território", um dia declarou Townshend. "Eu me senti muito intimidado com isso."

EMBORA TIVESSE O MAIOR RESPEITO MUSICAL POR HENDRIX, TOWNSHEND DESCONFIAVA DELE. POR ISSO, DESEJAVA SE APRESENTAR ANTES

Hendrix entrou para a lista de atrações, uma enorme chance de mostrar à sua futura plateia do que ele era feito. Numa quinta-feira, 15 de junho, o restante das bandas foi confirmado. Entre as atrações estavam The Association, Eric Burdon and The Animals, Simon and Garfunkel, Canned Heat, The Byrds, Laura Nyro, Jefferson Airplane e Buffalo Springfield. Uma boa amostra de artistas de R&B também foi convidada, incluindo Lou Rawls, Booker T. and the MGs e Otis Redding – cuja apresentação renderia a esse grande cantor um novo público. "Eu ganhei as pessoas do amor", disse ele mais tarde. Cinco curtos meses depois, ele morreu em um acidente aéreo.

Na sexta-feira, o pinga-pinga de hippies chegando virou uma torrente. Cerca de trinta mil pessoas entraram no local, embora apenas sete mil e quinhentas pudessem adentrar a arena principal. O público passou de noventa mil durante o fim de semana e poucos problemas foram registrados. A polícia adotou uma abordagem leve, muitas vezes ignorando o uso de drogas pela multidão.

O público, por sua vez, agiu com moderação. Muitos pareciam contentes apenas por estarem juntos e esqueciam a música. Eles queriam mostrar ao mundo que sua tão zombada filosofia paz e amor era extremamente prática, podendo funcionar em qualquer situação.

Para agradar a todos, os organizadores programaram atrações fora do palco principal. Era possível brincar num sintetizador ou tocar música em um palco especialmente construído para isso. Todos se divertiram. Brian Jones circulou pelo festival vestindo roupas de cores berrantes, e Paul McCartney foi avistado diversas vezes, gerando boatos de que os Beatles tocariam ao vivo.

No domingo, todo mundo que ali estava sabia que estava participando de uma ocasião muito especial. Enquanto o cineasta D. A. Pennebaker zanzava com sua equipe filmando o evento para a posteridade, empresários e gravadoras discutiam grandes contratos nos bastidores e milhares de hippies curtiam o momento extasiados sob a luz do sol; parecia que um mundo novo estava prestes a nascer.

Nos bastidores, porém, qualquer ideia de harmonia espiritual era dissipada por uma briga crescente entre Jimi Hendrix e Pete Townshend. Um queria tocar antes do outro. Meses antes, o Who havia tocado depois de Jimi no palco do Saville Theatre, em Londres. Hendrix terminou sua apresentação destruindo o equipamento, então, quando o Who fez o mesmo no fim de seu show, o público se mostrou desconcertado. Uma atração destruindo equipamentos e instrumentos pode animar a plateia; se duas fizerem o mesmo, o impacto é menor. Embora tivesse o maior respeito musical por Hendrix, Townshend desconfiava dele. Por isso, desejava se apresentar antes.

Já um grande sucesso na Grã-Bretanha, Hendrix voltou aos EUA em junho de 1967 para se apresentar em Monterey, onde o brilhante estilo de tocar guitarra aliado a atitudes excêntricas no palco o transformariam num astro em seu país natal.

Hendrix sabia o que fizera ao Who em Londres e não pretendia levar o troco, ainda mais num show tão importante. Mas Townshend não abria mão. Ele também estava de olho no enorme mercado norte-americano. Com apenas um compacto de sucesso ("Happy Jack") associado ao Who nos EUA, Monterey era a chance deles de causar grande impacto.

A questão foi finalmente resolvida quando John Phillips interveio e sugeriu que a questão fosse decidida no cara ou coroa. Os dois pararam, pensaram a respeito e aceitaram a proposta. Phillips jogou a moeda, Townshend ganhou e Hendrix seria a última atração da noite. Hendrix reagiu à notícia pegando o instrumento e tocando, nas palavras de Townshend, "uma guitarra incrível, parado em uma cadeira no camarim debaixo do palco. Janis Joplin estava lá, Mama Cass, Brian Jones, Eric [Clapton], eu e algumas outras pessoas...

Depois, ele se levantou, virou para mim e disse: 'Se eu for tocar depois de você, vou dar tudo de mim'. E foi embora".

O Who entrou no palco para o tudo ou nada, fazendo uma apresentação furiosa, que terminou com Townshend destruindo a guitarra e Daltrey detonando os microfones, além de bombas de fumaça explodindo pelo palco.

O Grateful Dead tocou em seguida, e sua música delicada deu uma acalmada nas coisas. Então, Brian Jones, dos Rolling Stones, entrou no palco e anunciou: "Gostaria de apresentar um grande amigo, um compatriota de vocês... Ele é o artista mais empolgante que já ouvi: The Jimi Hendrix Experience".

Jimi entrou no palco e mandou ver "Killing Floor". Ele esfregava o braço na guitarra, pressionando-a contra os alto-falantes para causar microfonia, lambendo lascivamente o instrumento. Depois passou para "Foxy Lady" antes de tocar uma versão meio R&B de "Like a Rolling Stone", de Bob Dylan. Monterey lançou sua aprovação: ele é fã de Dylan, então é um de nós. A seguir vieram "Rock Me Baby", "Hey Joe", "Can You See Me" e "The Wind Cries Mary", uma das maiores baladas de todos os tempos de Jimi.

Ao concluir a música, Hendrix disse à plateia: "É demais voltar aqui desse jeito e ter uma chance de tocar de verdade... Posso passar a noite sentado aqui dizendo obrigado, obrigado, obrigado, mas não dá para fazer isso... Então, vou sacrificar alguma coisa..." A banda tocou "Wild Thing" e Hendrix se esbaldou. Tocou guitarra nas costas, no meio das pernas, nos joelhos. Correu a língua para cima e para baixo das cordas. Ele arremessou a mão da guitarra nos amplificadores e depois jogou o instrumento no chão. A seguir veio o golpe de misericórdia, num ato sugerido pelo relações-públicas Keith Altham. Hendrix saiu do palco e voltou com uma lata de fluido para isqueiro. Ele derramou o líquido sobre a guitarra e riscou um fósforo. O instrumento pegou fogo. Jimi pegou a mão da guitarra e continuou a socá-la contra o palco. Depois, jogou os pedaços para a plateia em êxtase, antes de deixar o palco ovacionado.

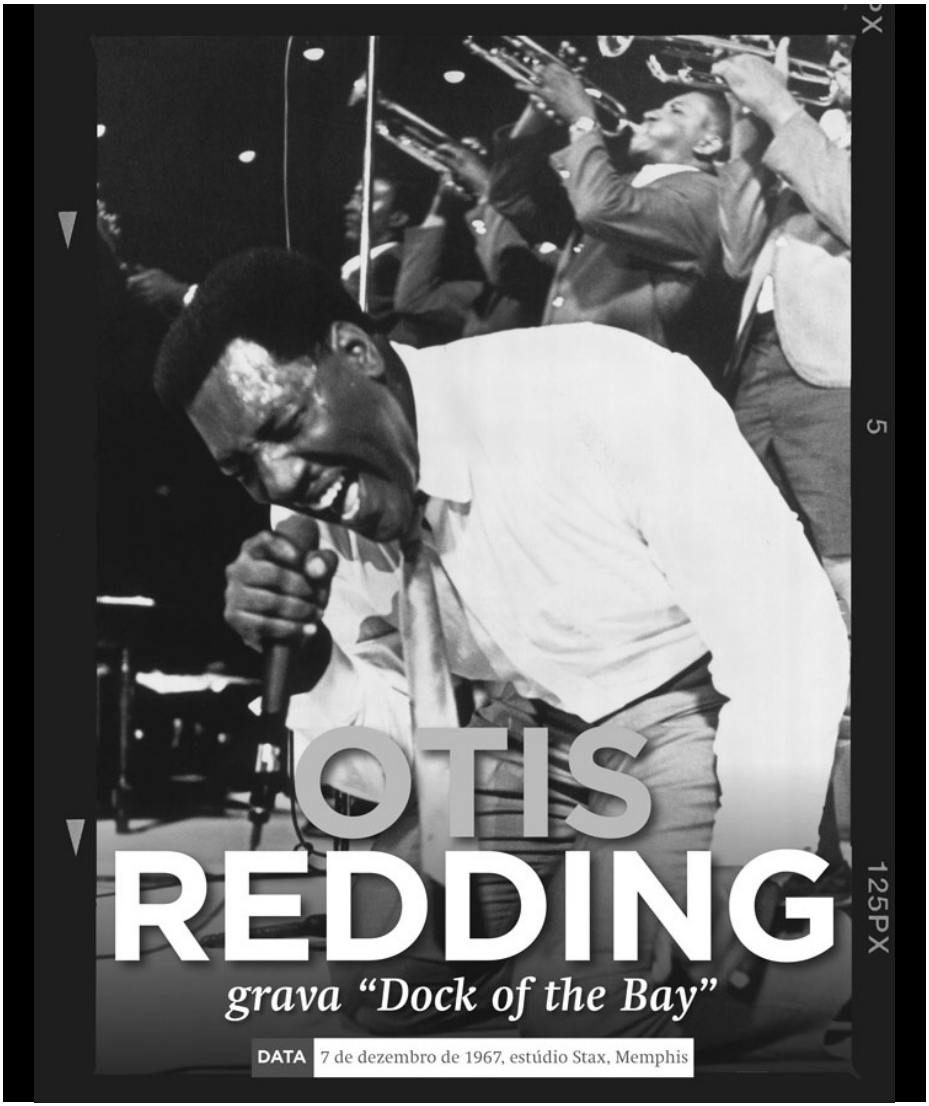
SOCÁ-LA CONTRA O PALCO. DEPOIS, JOGOU OS PEDAÇOS PARA A PLATEIA EM ÊXTASE, ANTES DE DEIXAR O PALCO OVACIONADO

Hendrix não colocou fogo apenas na guitarra, ele incendiou Monterey. E assim ganhou os Estados Unidos. No dia seguinte, ele e a banda voaram a San Francisco para tocar seis noites no Fillmore West, de Bill Graham, onde abririam para o Jefferson Airplane. Depois de um único show, o Airplane caiu fora. Simplesmente não havia como tocar depois de Jimi.

Townshend tomou o avião de volta para Londres no dia seguinte. No bolso, encontrou uma pílula de STP, alucinógeno vinte vezes mais potente que o LSD. Keith Moon sacou outro e a dupla passou o voo literalmente viajando. Logo, Pete Townshend vivia um pesadelo. “Tive muitas viagens ruins com o LSD, mas nada parecido com aquilo. Em determinado momento, fiquei tão enojado de quem eu era, do que pensava, do meu corpo e do que sentia, que na verdade deixei meu próprio corpo. Eu olhava para baixo e enxergava a mim mesmo na poltrona. No fim das contas, percebi que devia voltar ou acabaria morrendo... Nunca mais encostei num ácido depois disso, porque o choque daquela viagem foi tão atordoante e pavoroso que nem sequer fumei cigarro por quatro anos”.

Townshend terminaria arrumando um guru indiano, Meher Baba, embarcando numa jornada espiritual que o levaria a compor a ópera rock *Tommy*. Esta, por sua vez, lhe concedeu o sucesso nos Estados Unidos que Hendrix lhe tomara ao perder um cara ou coroa.

James Marshall Hendrix nasceu no dia 27 de novembro de 1942, em Seattle, Washington. Era o mais velho de cinco irmãos. Os pais se separaram quando ele tinha 9 anos; a mãe, Lucille, morreu dois anos mais tarde em decorrência do alcoolismo. Aos 15 anos, Jimi comprou a primeira guitarra. Em 1961, depois de roubar dois carros, foi alistado no exército. Quando deu baixa, passou os anos seguintes tocando com várias bandas, incluindo os Isley Brothers. Ele estava o tempo todo desenvolvendo seu estilo singular, que incluiria tocar guitarra com os dentes. Em 1966, foi descoberto em Nova York por Chas Chandler, ex-baixista dos Animals. Chandler levou Hendrix a Londres, onde imediatamente se tornou sucesso, graças a compactos como “Hey Joe” e “Purple Haze”. Ele voltou aos Estados Unidos e, com a brilhante apresentação no Festival Pop de Monterey, ganhou fama e virou um dos grandes ícones da cultura hippie. Entre seus discos memoráveis estão *Are You Experienced* e *Axis: Bold as Love*. Ele morreu em 18 de setembro de 1970, em Londres, asfixiado com o próprio vômito. Tinha 27 anos de idade.


OTIS
REDDING
grava "Dock of the Bay"
DATA 7 de dezembro de 1967, estúdio Stax, Memphis

De alguma forma, o garoto de aparência comum conseguira entrar na sessão. Ele vestia jeans, boina e tênis e, em silêncio, posicionou-se atrás de um conjunto de microfones. Quem o notou imaginou que se tratasse do filho de alguém e, assim, ele não foi questionado, nem pelo cantor, nem pela banda, nem pelo produtor. Eles apenas gravaram a música que se tornaria um clássico, um momento decisivo na história da Stax Records, canção que ficaria eternamente ligada a seu criador e cantor, Otis Redding.

Essa música marcante era "(Sittin' On) The Dock of the Bay", a qual Otis Redding compusera com o guitarrista Steve Cropper. Embora tenha sido gravada em 7 de dezembro de 1967, a origem da canção remetia a junho daquele ano. Aquele foi o mês em que Otis Redding, principal vocalista do soul e rei da Stax Records, vivenciou duas grandes epifanias.

O primeiro momento revelador foi ouvir o álbum *Sergeant Pepper's Lonely Hearts Club Band*, dos Beatles. Assim como o restante do mundo naquele primeiro verão do amor, Otis se apaixonou por *Sergeant Pepper*. Ele o punha para tocar o tempo todo, absorvendo cada nuance. Ao impregnar-se de uma música tão distante do meio onde atuava, Otis sentiu seus próprios instintos musicais se agitarem, e isso o empolgou. Ele começou a se perguntar: E se houvesse um *Sergeant Pepper* do soul?

A segunda revelação aconteceu na noite de sábado, 17 de junho, ao subir no palco do Festival Pop de Monterey e realizar uma apresentação que ficaria marcada na história. Ele cantou cinco músicas: "Shake", "Respect", "I've Been Loving You Too Long", "Satisfaction" e "Try a Little Tenderness" – e sacudiu o local. "Esta é a

plateia do amor, certo? Todos nós nos amamos, certo? Eu estou certo?", gritou Otis para o público. A multidão respondeu: "Sim!" E Otis gritou de volta: "Quero ouvir vocês dizendo 'sim'!" E o público urrou: "Sim!" Naquele momento, ele os ganhou; ele era deles, e eles eram dele. As críticas sobre o show foram sensacionais. O crítico e futuro empresário de Bruce Springsteen, Jon Landau, escreveu: "As apresentações de Otis Redding constituem, como um todo, o mais elevado nível de expressão que o rock'n'roll já alcançou".

OTIS SENTIU SEUS PRÓPRIOS INSTINTOS MUSICAIS SE AGITAREM, E ISSO O EMPOLGOU. ELE COMEÇOU A SE PERGUNTAR: E SE HOUVESSE UM *SERGEANT* PEPPER DO SOUL?

Redding partiu numa tempestuosa turnê pela costa oeste, usando uma casa flutuante em Sausalito como base. Ele dividia o espaço com o empresário da turnê, Speedo. Foi ali que "Dock of the Bay" veio à luz. Ele tocou os primeiros compassos para Speedo, fazendo-o batucar vários ritmos enquanto ele lutava com a forma e a apresentação da canção no violão. Speedo nunca ouvira nada do gênero de Otis. "Dock" era lenta, sinuosa e composta em uma estrutura musical que ele não reconheceu. "Ele ia mudando o andamento conforme tocava. E eu prestava atenção nas mudanças do tempo, mas ainda não estava entendendo direito", reconheceu Speedo.

Otis foi para casa e tocou a música para sua esposa, Zelma. Ela também não entendeu. Em novembro, ele entrou em estúdio com dezenas de novas canções e ideias, mas desejava começar com "Dock of the Bay". O grande jornalista Stanley Booth viu tudo. Ele estava lá na noite da gravação e observou Otis sentado à mesa com o violão rachado, tocando a música sem parar, acrescentando versos, mudando palavras. Ele viu Booker T., o grande tecladista, chegar com o baixista Duck Dunn. Eles pegaram os instrumentos e começaram a brincar com ideias e sons. O baterista Al Jackson sentou-se atrás de seu equipamento. Ele disse: "Um, dois, três", e eles entraram no ritmo.

Enquanto a música rolava, a seção de sopros entrou. Cropper e Redding os levaram de lado e começaram a cantar os versos para eles.

Enquanto ensaiavam, o garoto de tênis e boina entrou. Talvez ele estivesse dando uma olhada na loja da Stax na frente do prédio, viu aqueles grandes músicos passando e decidiu segui-los, para ver o que estava rolando. Pode ser que um som tenha chegado a seus ouvidos e ele o tenha acompanhado pelo corredor, chegando ao estúdio. Vai saber... Ele estava ali, vendo a banda começar a ensaiar, até a música ficar pronta e as fitas de gravação serem ligadas.

A MULTIDÃO RESPONDEU: "SIM!" E **OTIS** GRITOU DE VOLTA: "QUERO OUVIR VOCÊS DIZENDO 'SIM'!" E O PÚBLICO URROU: "SIM!"

Em poucas tomadas, "Dock of the Bay" estava destinada à imortalidade. Eles se agruparam ao redor da mesa de mixagem e ouviram a música. Quando terminou, Otis se virou para Cropper e disse: "É isso". Cropper sabia que ele estava certo e concordou com a cabeça. "Essa é das boas", falou Booker, e foi nessa hora que o garoto de tênis se manifestou: "Eu gostei, é assim que se canta. Eu também gostaria de ser cantor".

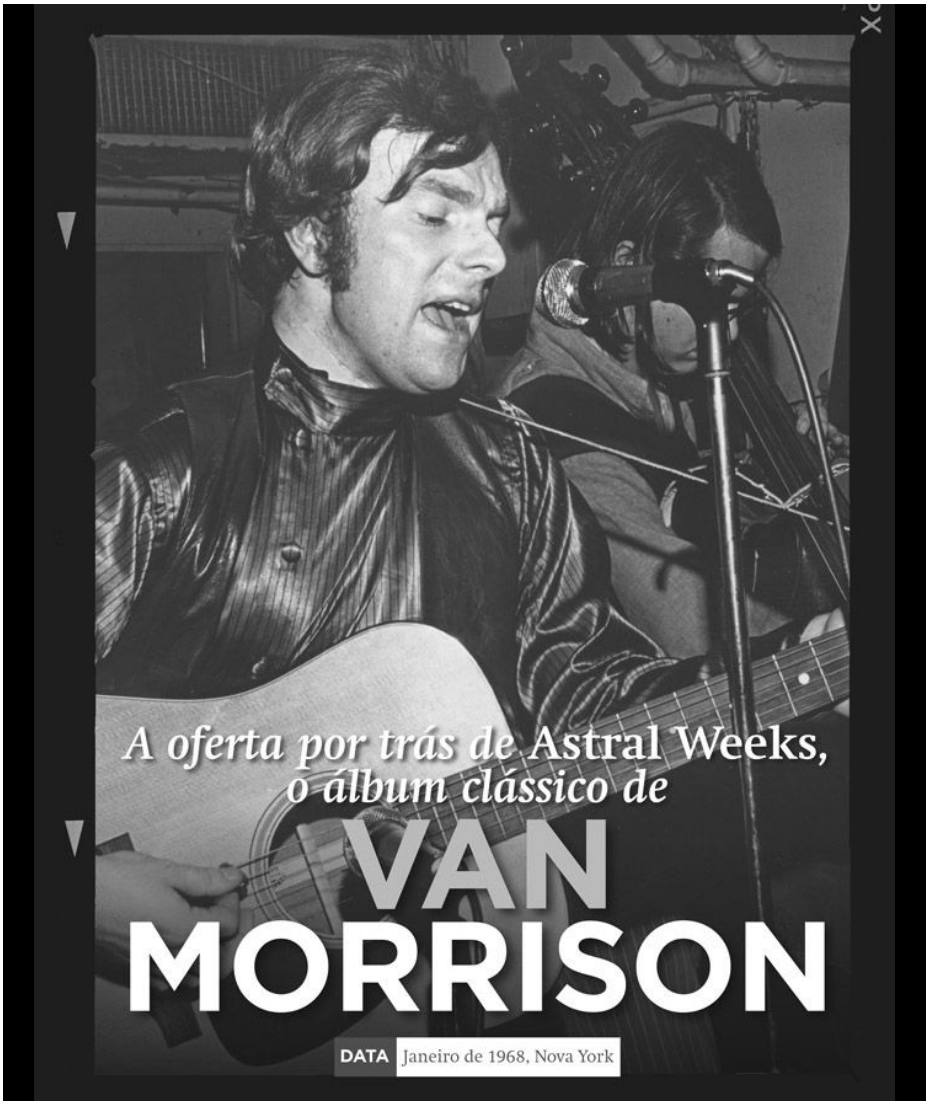
O rapazinho nunca mais voltaria a ver Otis. Dois dias depois da sessão, Otis tomou um avião com a banda e voou até Cleveland para gravar um programa de tevê. Naquela noite, eles se apresentaram numa boate chamada Leo's. No dia seguinte, haveria outro show em Madison. O tempo estava terrível, mas Otis nunca gostou de deixar o público na mão. Ele insistiu para tocarem. Às 3h28 daquela tarde, o avião mergulhou nas águas geladas do lago Monona. Houve apenas um sobrevivente. Não era Otis.

A Stax Records declarou luto, mas "Dock of the Bay" foi lançada como compacto em janeiro de 1968 e disparou para o primeiro lugar das paradas de R&B. Manteve-se na liderança por quatro semanas, realizando o sonho de Otis de sucesso misturando estilos. A canção ganhou dois prêmios Grammy: melhor música de R&B e melhor

interpretação masculina de R&B.

E, em algum lugar, Otis Redding estava assistindo a tudo aquilo e dizendo ao pessoal ao seu redor: “Viram, eu tinha razão. Eu sabia que essa canção seria meu primeiro sucesso no topo das paradas”. Então ele sorriu, caminhou em direção à luz e desapareceu para sempre.

Otis Redding nasceu em 9 de setembro de 1941, em Dawson, Geórgia. A família se mudou para a vizinha Macon quando ele tinha 5 anos de idade. Ele começou a cantar ainda muito jovem, vencendo vários concursos de calouros. Também participou de diversos grupos, principalmente de Johnny Jenkins and the Pinetoppers, com o qual gravou algumas canções. No fim de uma das sessões de gravação, ele foi autorizado a gravar sua canção “These Arms of Mine”. A música se tornou sucesso regional, chamando a atenção da Stax, que o contratou – ele ficaria inextricavelmente ligado ao selo pelo resto da vida. A voz e as apresentações emotivas logo lhe renderam o título de rei do soul, ao passo que a participação no Festival Pop de Monterey, voltado para o rock, em 1967, o apresentou a um público muito maior. O álbum *Otis Blue* é considerado um marco do R&B dos anos 1960. Em dezembro de 1967, Redding morreu em um acidente aéreo. O compacto “Dock of the Bay” foi lançado postumamente um mês depois, levando-o pela primeira vez ao topo das paradas.


A oferta por trás de Astral Weeks,
o álbum clássico de
VAN
MORRISON
DATA Janeiro de 1968, Nova York

No bolso da jaqueta, ele carrega um envelope com vinte mil dólares e é levado ao terceiro andar de um deserto edifício de Nova York. O medo toca seus nervos como um pianista de jazz maluco. Ele se chama Joe Smith e é vice-presidente da Warner Brothers Records. Carrega o dinheiro porque deseja contratar um artista chamado Van Morrison. Para que isso seja possível, ele deve pagar a quem presume serem gângsteres da máfia.

"Mandaram que eu fosse sozinho", relata Smith na biografia de Van Morrison escrita por Johnny Rogan. "Eu carregava vinte notas de mil dólares num envelope quando entrei naquele cômodo minúsculo, e ali estavam dois sujeitos nada agradáveis, incomuns no mundo de uma gravadora. Nós nos encaramos, o contrato foi assinado, as testemunhas também assinaram e o dinheiro foi contado. Minha preocupação era caminhar em direção à porta e ser golpeado na nuca, terminando sem os vinte mil e sem o contrato."

Felizmente, isso não aconteceu. Smith caminhou lentamente para fora da sala e desceu correndo, o mais rápido possível, as escadas do edifício. A partir daquele momento, Morrison podia deixar a Bang Records e gravar um dos melhores discos da música popular, graças à atitude de Smith. Esse álbum foi batizado de *Astral Weeks*.

A Bang Records era dirigida por um sujeito chamado Bert Berns. Filho de imigrantes russos judeus, Berns era compositor e sua obra incluía "Twist and Shout" e "Cry to Me". Ele também tinha negócios com gângsteres. Seu sócio era Tommy Emboli, chefe em exercício da poderosa família Genovese.

"MINHA PREOCUPAÇÃO ERA CAMINHAR EM DIREÇÃO À PORTA E SER GOLPEADO NA NUCA, TERMINANDO SEM

OS VINTE MIL E SEM O CONTRATO”

Berns contratou Morrison em 1967. Os dois haviam trabalhado juntos com a banda Them, de Morrison (Berns compôs e produziu o sucesso da Them, de 1966, “Here Comes the Night”). Embora vivessem brigando, a tensa relação renderia clássicos como “Gloria” e “Brown Eyed Girl”. Infelizmente, Berns sofreu um ataque cardíaco em 30 de dezembro de 1967 e morreu aos 38 anos.

Morrison agora queria deixar a Bang de toda forma. Qualquer boa vontade que pudesse ter tido em relação ao selo havia desaparecido, e com o falecimento de Berns ele viu a chance de seguir em frente. Um dos sócios de Berns pensava de forma diferente. Seu nome era Carmine Denoia, o Wassell. Ele era grande, mal-humorado e acreditava piamente na lealdade. Quando ficou sabendo da intenção de Morrison de deixar a Bang, ficou uma fera. Ele se apressou ao hotel em Nova York no qual o cantor estava entocado com a então namorada, Janet Planet. Carmine começou a socar com força a porta do quarto, gritando: “Seus dias no mundo da música estão contados, Morrison”.

NÃO ERA NOVIDADE O FATO DE GÂNGSTERES AMEAÇAREM MÚSICOS, ISSO ACONTECIA HAVIA MUITO TEMPO

Não era novidade o fato de gângsteres ameaçarem músicos, isso acontecia havia muito tempo. O famoso Al Capone comandou vários clubes de jazz em Chicago. Se quisesse algo de um artista, ele pedia – e depois ameaçava. Bing Crosby, Frank Sinatra, Dean Martin e muitos outros tiveram contato com mafiosos.

Também na era do rock’n’roll havia quem, no linguajar da máfia, quisesse encher o bolso. Um deles era Morris Levy, da Roulette Records. Seu apelido era O Padrinho, em referência aos supostos laços com o crime organizado. Levy entrou no ramo de edição musical ao comprar os direitos da canção “Lullaby of Birdland”. A fortuna dele

cresceu, assim como os laços com vários gângsteres.

Em 1969, os Beatles lançaram o disco *Abbey Road*. A faixa de abertura do álbum, "Come Together", cantada por John Lennon, era misteriosamente parecida com "You Can't Catch Me", de Chuck Berry, da qual Levy detinha os direitos. Ele processou Lennon de imediato. Lennon fez uma contraoferta: se a acusação fosse retirada, ele gravaria três músicas do catálogo de Levy em seu futuro disco de covers de rock'n'roll. Levy aceitou, mas, quando Lennon pareceu estar enrolando, ele roubou a fita máster e lançou o disco para venda por catálogo com o título *Roots*. A princípio, Lennon não reclamou, e Levy ganhou outra fortuna.

Em 1988, Levy foi exposto na tevê como tendo envolvimento com a máfia, sendo sentenciado a dez anos de prisão por extorquir dinheiro de um homem chamado John Lamonte. Ele morreu antes de a apelação ser julgada. Levy foi imortalizado na premiada série *Família Soprano*, da HBO, como o personagem Herman Rabkin, o Hesh.

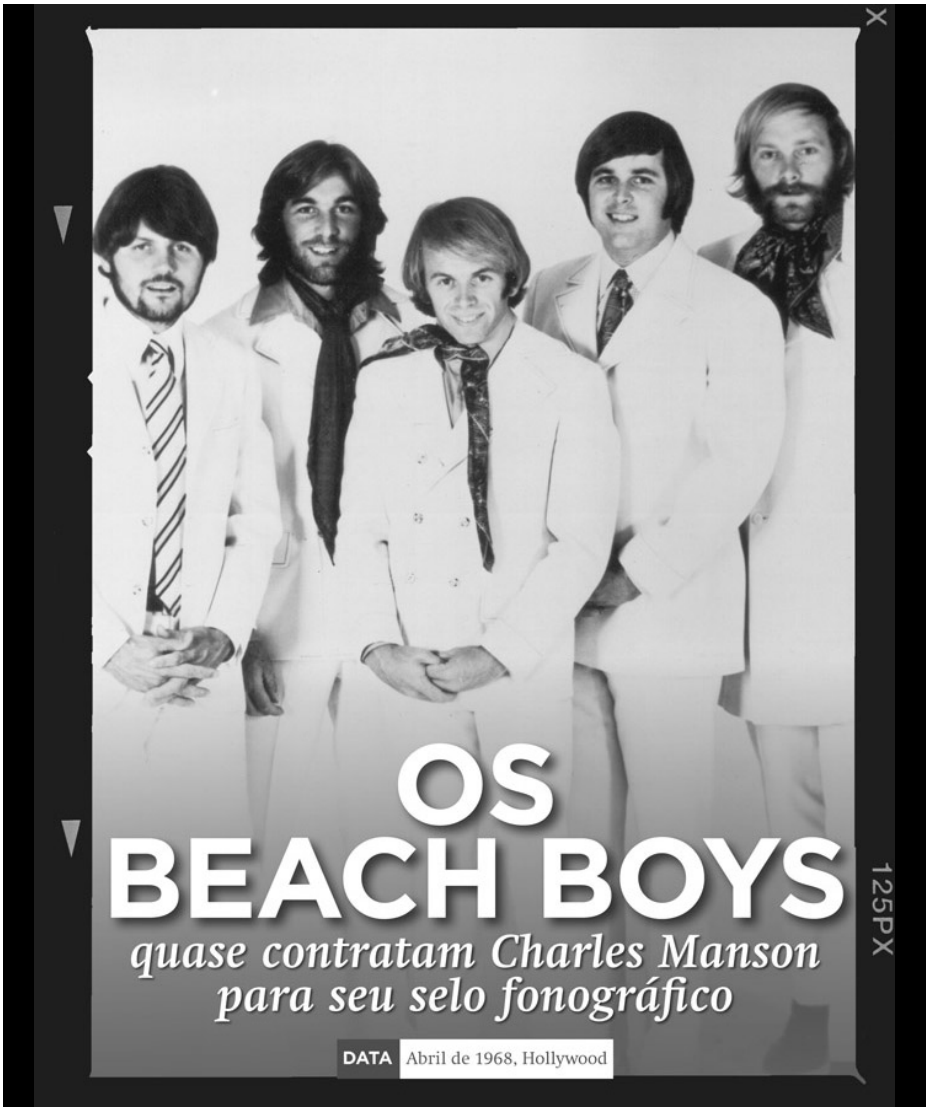
Quanto a Van Morrison, ele também seria imortalizado, mas por meio de sua música. Depois que Carmine partiu, Van e Janet tomaram a atitude mais lógica: deixaram Nova York. O casal foi para Cambridge, Massachusetts, e ali se estabeleceu. Morrison tocou em vários grupos locais, incluindo um liderado por Peter Wolf, vocalista da J. Geils Band, e começou a compor aquele que viria a ser seu primeiro grande disco. *Astral Weeks* carrega pouca influência da vida urbana. Pelo contrário, trata-se de uma incrível seleção de canções talhadas a partir das origens do blues, do jazz e do folk, reunidas numa síntese notável.

CARMINE COMEÇOU A SOCAR COM FORÇA A PORTA DO QUARTO, GRITANDO: "SEUS DIAS NO MUNDO DA MÚSICA ESTÃO CONTADOS, MORRISON"

Van Morrison nunca comentou seu bate-boca com os gângsteres, mas compôs uma música sobre a experiência. Ela se chama "Big Time

Operators” e foi lançada vinte anos após o incidente no hotel. Será que ele demorou tanto tempo assim para encarar o que havia acontecido? Não seria de estranhar se realmente fosse esse o caso.

George Ivan Morrison nasceu em Belfast no dia 31 de agosto de 1945. Sua mãe era cantora, e o pai, eletricista de um estaleiro. O pai também era dono de uma enorme coleção de discos, e Morrison cresceu ouvindo artistas como Jelly Roll Morton, Solomon Burke, Ray Charles e Leadbelly. Aos 11 anos, ele ganhou um violão e, na adolescência, tocou em bandas locais antes de ingressar na Them, que lançou sucessos como “Baby Please Don’t Go” e “Here Comes the Night”. Bert Berns, o produtor de seu segundo álbum, o convenceu a gravar um disco solo para o selo fonográfico Bang. “Brown Eyed Girl” surgiu nesse período, mas Morrison não gostou do tratamento que lhe fora dispensado pela Bang. Então foi para a Warner Brothers, na qual, como artista solo, gravou diversos álbuns marcantes, como *Astral Weeks*, *Moondance* e *It’s Too Late to Stop Now*, considerado muitas vezes um dos melhores discos ao vivo de todos os tempos. Van Morrison continuou compondo, gravando e lançando bons discos, como *The Common One* e *Avalon Sunset*. Hoje em dia, permanece um grande nome do cenário musical.


OS
BEACH BOYS
quase contratam Charles Manson
para seu selo fonográfico
DATA Abril de 1968, Hollywood
125PX

Duas jovens atraentes pedem carona numa estrada de Malibu. Seus nomes são Ella Jo Bailey e Patricia Krenwinkel. É abril de 1968, um dia agradável de primavera em Malibu. De repente, uma Ferrari vermelha encosta. As garotas correm para o carro. Atrás do volante está um belo homem de 24 anos. Elas gostam do visual dele e entram no carro, desencadeando, assim, um dos episódios mais sombrios da história da música pop.

O motorista da Ferrari revela ser o baterista de uma banda que talvez elas já tenham ouvido falar: os Beach Boys. As garotas gritam ao concordar, e Dennis Wilson sorri contente. Embora tivesse certa fama de garanhão, Dennis deixa as meninas onde elas queriam e se despede. Alguns dias depois – inacreditavelmente –, a mesma cena se repete. As garotas estão pedindo carona quando a Ferrari vermelha aparece. Dessa vez, Dennis as leva para a bela mansão alugada onde vivia, na Sunset Boulevard, em Beverly Hills.

Após darem uma volta pela suntuosa residência, Dennis e as duas tiram as roupas e passam a tarde fazendo amor. Ao entardecer, Dennis lhes avisa que precisa sair. Ele tem de comparecer ao estúdio naquela noite para trabalhar no novo álbum dos Beach Boys. As meninas agradecem e voltam para casa na comunidade (basicamente, um ônibus grande), que dividem com muitas outras moças e um rapaz cujo nome é Charlie Manson. Eles chamam a si mesmos de A Família, e Charlie é o pai.

Naquela noite durante o jantar, Charlie pergunta a elas onde passaram o dia. Animadas, as garotas narram suas aventuras, sem esconder nada. Não há limites na comunidade. Charlie diz ter encontrado Dennis duas vezes. A primeira numa boca de fumo em San Francisco, e a segunda, na mansão de Elvis Presley. (Nenhuma das

duas histórias foi confirmada.)

“VOCÊ VAI ME MACHUCAR?”, DENNIS DEIXA ESCAPAR. CHARLIE MANSON SORRI FELIZ. “PARECE QUE VOU MACHUCÁ-LO?”, PERGUNTA MANSAMENTE. EM SEGUIDA, SE AJOELHA E BEIJA OS SAPATOS DO DONO DA CASA

Os Beach Boys cantam "Do It Again" no programa britânico *Top of the Pops*, em 30 de novembro de 1968. Em casa, se perguntando se o grupo o contrataria, estava Charles Manson.

Charlie então diz: "Por que não voltamos à casa de Dennis para encontrá-lo?" Todo mundo considera uma boa ideia, e assim a comunidade toda entra no ônibus preto capenga e se dirige à casa do baterista. Quando eles chegam, a residência está vazia, então a arrombam e ficam bem à vontade.

Enquanto isso, Dennis Wilson está dando duro no estúdio numa nova música de Brian Wilson intitulada "Busy Doin' Nothin'" (na qual o excêntrico líder dos Beach Boys ensina como chegar à casa dele – mas isso, como dizem, é outra história).

Às três da manhã, depois de se gabar para o restante da banda a respeito da conquista dupla daquela tarde, Dennis se despede e volta para casa. Ao parar na entrada da garagem, ele vê o grande ônibus preto. O baterista também nota luzes da casa acesas. Ao descer do

carro, ele escuta música dos Beatles no último volume tocando no aparelho de som. Cada vez mais angustiado, Dennis considera mais prudente dirigir-se aos fundos da casa e entrar pela porta da cozinha.

Ao chegar ali, um homem magro e musculoso avança para o quintal. “Você vai me machucar?”, Dennis deixa escapar. Charlie Manson sorri feliz. “Parece que vou machucá-lo?”, pergunta mansamente. Em seguida, se ajoelha e beija os sapatos do dono da casa.

Totalmente desarmado pelo comportamento do homem, Dennis permite que Manson o guie pela própria casa. Na sala de estar, ele reconhece Patricia e Ella Jo, mas não conhece nenhuma das garotas sentadas bebendo seu uísque e o encarando de forma provocadora. Manson leva o baterista ao quarto e começa a falar com ele em um tom reconfortante e gentil.

Em pouco tempo, eles estão papeando como velhos amigos. Manson pergunta se Dennis gostaria de experimentar drogas e, quem sabe, uma ou duas garotas. Intencional e deliberadamente, ele acabara de tocar nos dois assuntos mais sensíveis ao baterista. Dennis nunca conseguia resistir a nenhum dos dois, e Manson sabia muito bem disso. Ao aceitar as duas ofertas, o Beach Boy sela um pacto silencioso com Manson.

Durante o verão de 1968, a Família de Charles Manson tomou conta da casa de Dennis Wilson. E faziam o que bem queriam. Pegavam joias, roupas e dinheiro do baterista, dando sexo e drogas em troca. Manson, por sua vez, tinha planos maiores em relação ao novo amigo. Ele sabia que os Beach Boys haviam acabado de criar um selo próprio, Brother Records, e Charlie queria ser o primeiro contratado.

Certa noite, Manson dá um LSD a Dennis e começa a tocar várias músicas que havia composto. Logo o baterista está convencido do talento explosivo de Manson. Ele começa a falar aos colegas de banda que precisam conhecer esse extraordinário compositor. Dennis chegou a mencioná-lo numa entrevista à revista *Rave*, em 1968. Podemos pensar que o baterista está sendo enganado por Manson. Pelo contrário. Dennis não é o único a ficar impressionado com o talento musical de Charlie. Neil Young também ficou boquiaberto pelas

músicas do sujeito.

MANSON PERGUNTA SE DENNIS GOSTARIA DE EXPERIMENTAR DROGAS E, QUEM SABE, UMA OU DUAS GAROTAS. ELE ACABARA DE TOCAR NOS DOIS ASSUNTOS MAIS SENSÍVEIS AO BATERISTA: DROGAS E MULHERES. DENNIS NUNCA CONSEGUIA RESISTIR A NENHUM DOS DOIS

Após passar uma tarde com Charlie na casa de Dennis, Young telefona para Mo Ostin, chefe da Warner Brothers Records, e recomenda sua contratação.

Rolam encontros com Charlie e o restante dos Beach Boys: Brian e Carl Wilson, Al Jardine e Mike Love. O filho de Doris Day, o produtor fonográfico Terry Melcher, também o conhece. Melcher é uma das figuras do cenário musical de Los Angeles. Ele cantou em *Pet Sounds,* obra-prima dos Beach Boys, e produziu, entre outros, Paul Revere and the Raiders, The Byrds, Glen Campbell e The Mamas and The Papas.

OS BEACH BOYS GRAVARAM QUASE CEM HORAS DE MÚSICAS DE CHARLIE. TAMBÉM CONSTA QUE MUITAS SESSÕES TERMINARAM EM ORGIAS, ESTIMULADAS POR SUBSTÂNCIAS QUÍMICAS DE TODOS OS TIPOS

Manson fica encantado por Melcher, sobretudo ao descobrir que ele está vagamente empregado como olheiro musical do selo Apple, dos Beatles. Melcher não sabe, mas Charlie é obcecado pelos Beatles.

Enquanto rolam esses encontros, Dennis passa a se envolver cada vez mais com o estilo de vida da Família Manson. Satisfeito, ele dá dinheiro ao grupo, paga todas as suas contas e começa a repetir as filosofias de Manson sobre as leis da vida. “O sorriso que você dá volta para você”, declara a um jornalista britânico.

Espalha-se o boato, entre a comunidade hippie de Los Angeles, de

que a casa de Dennis Wilson é uma residência aberta na qual se podem realizar todos os desejos. Tudo é oferecido. Um mar de gente invade sua propriedade. O caos se instala. Um amigo próximo do baterista diz para ele se tocar e parar com toda aquela loucura. Dennis finalmente recupera a razão e pede para Manson e seu pessoal se mudarem dali. Relutante em fazer qualquer coisa que pudesse prejudicar a chance de um contrato de gravação, Manson vai embora. Ele e sua Família rumam para a fazenda de George Spahn. Apesar da distância entre eles, Manson mantém contato regular com o músico. Na verdade, Wilson algumas vezes transportou os membros da Família em seu enorme Rolls-Royce até lixões, onde procuravam comida de supermercado com o baterista milionário dos Beach Boys observando sentado no carrão. Incongruência é pouco.

Dennis também cai na farra com Manson na fazenda Spahn, o tempo todo fazendo vagas promessas de contratos de gravação. Em seguida, parte para uma turnê europeia. Com o baterista fora da cidade, Manson se concentra em Gregg Jakobson, amigo do peito de Dennis. Recorrendo à mistura habitual de encanto e carisma, Manson impressiona bastante Jakobson, que fica cativado pela energia física do sujeito. Obedientemente, ele organiza uma sessão de gravação na qual Charlie registra catorze canções.

Quando os Beach Boys voltam da Europa, Manson continua com sua campanha, aparecendo na casa de Brian Wilson com drogas, garotas e, durante um período, consegue gravar outro lote de músicas. O empresário da banda, Nick Grillo, veio a declarar à revista *Rolling Stone* que eles gravaram quase cem horas de músicas de Charlie. Também consta que muitas sessões terminaram em orgias, estimuladas por substâncias químicas de todos os tipos.

Segundo os relatos, o talento de Manson em produzir grandes canções era altamente questionável, embora uma delas, “Cease to Exist”, tenha impressionado Dennis. Na sessão de gravação seguinte dos Beach Boys, o baterista coloca a música de Manson para gravar. Ele troca o título para “Never Learn Not to Love” e também modifica boa parte da letra original.

Animado com esse sucesso parcial, Manson pressiona cada vez

mais em busca de contrato. Entretanto, existe um obstáculo: Terry Melcher. Ele não gosta das músicas e certamente não curte a loucura que parece acompanhar Manson como um cão fiel.

Manson passa a investir em Melcher, que o evita a qualquer custo. Por fim, lhe é dito que o produtor passará naquela noite para ouvir seu material. Charlie fica em êxtase e prepara a fazenda. Ele não deveria ter se dado ao trabalho. Melcher nunca apareceu, enfurecendo Charlie.

ELE INTERPRETA A MÚSICA COMO O AVISO DE UMA IMINENTE GUERRA RACIAL APOCALÍPTICA NA QUAL A SUPREMACIA BRANCA FINALMENTE TRIUNFARÁ

No entanto, Melcher tem outros problemas. O padrasto que acabara de falecer deixara uma série de problemas financeiros. A mãe de Melcher, Doris Day, está abalada. O produtor concluiu que seria uma boa ideia se ele e a namorada, Candice Bergen, fossem morar na casa da mãe para cuidar dela durante esse penoso período.

A casa deles, então alugada, volta ao mercado. O endereço é Cielo Drive, 10050. A residência é rapidamente ocupada pelo diretor de cinema Roman Polanski e a esposa, a atriz Sharon Tate. Um ano mais tarde, quatro membros da Família Manson iriam a esse local para cometer um dos assassinatos em massa mais pavorosos de que se tem notícia.

Enquanto isso, Manson continua no pé de Dennis para saber como ficou a questão do contrato. O fato de a banda não ter lhe pagado nenhum direito autoral pela música confere a vantagem a Manson. Por fim, em março de 1969, o baterista o coloca num estúdio. Não há garotas dessa vez, mas o guitarrista Bobby Beausoleil está ali para ajudar. Novamente, as fitas não convencem ninguém. Nesse momento, Gregg Jakobson, ainda convencido de que Manson pode ser um grande astro, sugere que o estúdio de gravação não é o local adequado para captar o talento do homem. O processo funcionaria muito mais caso fossem gravá-lo em seu ambiente familiar, sentado ao

redor de uma fogueira e contando com o apoio dos integrantes da Família, na fazenda de George Spahn.

Inicialmente cético, Terry Melcher por fim aceita visitá-lo na fazenda de Spahn. De acordo com seu relato posterior, "Manson tocou violão e todas as meninas cantaram trechos, harmonias e fizeram vocal de apoio, e a coisa foi bem interessante. Eles contaram como dividiam isso e aquilo, formando uma grande família feliz..."

Todavia, a visão de Manson está bem distante dessa acolhedora descrição. Em 1968, os Beatles lançaram um novo álbum intitulado apenas *The Beatles* (mas conhecido mundo afora como *White Album*, o *Álbum branco*). Em sua mente perturbada pelas drogas, Manson acredita piamente que o álbum duplo contém treze músicas endereçadas unicamente a ele, todas trazendo mensagens ocultas que ele – e somente ele – é capaz de acessar. Uma delas é "Helter Skelter", canção maníaca de Paul McCartney com imagens dispersas de subir e descer. Manson vê a música de outra forma. Ele a interpreta como o aviso de uma iminente guerra racial apocalíptica na qual a supremacia branca finalmente triunfará. Ele apela para o Apocalipse da Bíblia, que prevê o fim do mundo, e em sua mente cria uma visão maluca distorcida na qual a canção de McCartney é a trilha sonora da guerra prestes a eclodir.

MANSON ODEIA EFETIVAMENTE A VIBRAÇÃO PAZ E AMOR. ELE INSISTE PARA QUE O FILME SOBRE SUA COMUNIDADE SEJA INTERCALADO COM SEQUÊNCIAS DO TERCEIRO REICH, DE HITLER

Alheio a isso tudo, Jakobson agora convence Melcher de que o melhor caminho a seguir é passar a documentar Manson e sua Família, retratando a comunidade como uma espécie de manual de instruções da vida. Manson adora a ideia de ser filmado e fotografado, embora tenha aversão a qualquer sugestão de que sua estrutura de alguma forma reflita outras comunidades hippies. Manson odeia efetivamente a vibração paz e amor. Ele conta a Melcher e Jakobson sua visão de

“Helter Skelter” e depois insiste para que o filme seja intercalado com sequências do Terceiro Reich, de Hitler.

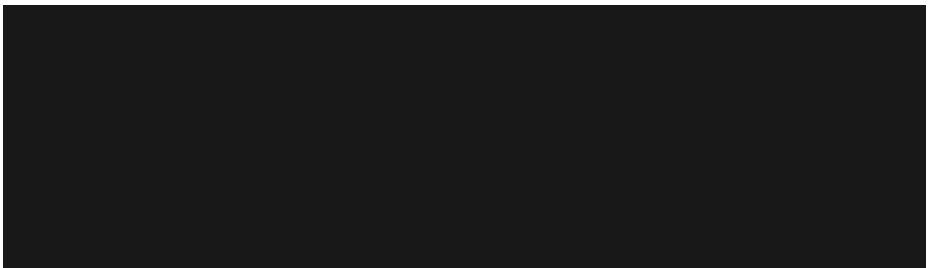
Perturbados com a arenga bombástica de Manson, os dois prometem voltar a procurá-lo na primeira oportunidade e batem em rápida retirada. Mais uma vez, passam a evitá-lo o tempo todo, desconhecendo os eventos horríveis prestes a acontecer envolvendo Manson e sua Família.

Nos últimos anos, Charles Manson vinha afirmando a seus seguidores que em breve ele os levaria a um admirável mundo novo. Agora, esses mesmos simpatizantes estão começando a se inquietar. Quando exatamente a revolução vai acontecer?

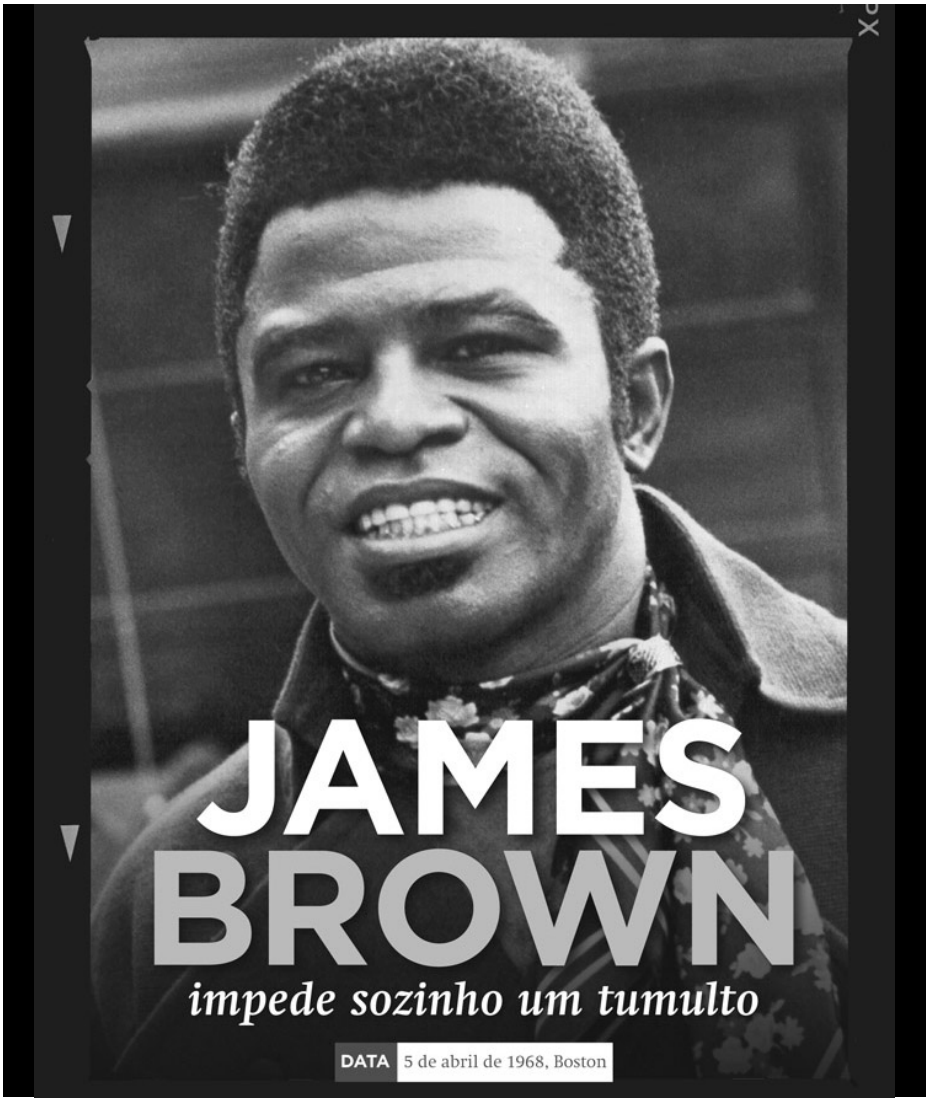
Manson sente a dissidência entre suas fileiras e sabe que não pode permitir que isso se agrave. Ele age rapidamente. Em agosto de 1969, Manson afirma a quatro seguidores que o dia do Helter Skelter havia chegado e que eles deveriam ir ao antigo endereço de Terry Melcher e matar todos que estivessem na casa. Essa é a noite em que acontece o infame “massacre de Sharon Tate”...

Desde a prisão e condenação de Manson, Wilson, Melcher e Jakobson se recusaram a comentar o envolvimento com um dos criminosos mais mal-afamados dos Estados Unidos. Não que Manson se importasse muito com isso. Seu sonho de se tornar astro do rock voltou a se acender muitos anos depois, quando Guns N’ Roses e Marilyn Manson gravaram suas canções.

Sentado em sua cela, Manson não poderia estar mais feliz. Como observa o escritor Simon Wells: “No fim das contas, era a isso que tudo se resumia. Manson não queria uma revolução; ele não pretendia mudar o mundo. Ele era igual a todos os demais. Só desejava o mesmo que a maioria das pessoas de sua geração: ser um astro do rock”.



A banda Beach Boys foi criada em 1961, em Hawthorne, Califórnia, pelos irmãos Brian, Carl e Dennis. A eles se juntaram o primo Mike Love e o amigo Al Jardine. Eram empresariados pelo pai dos irmãos Wilson, Murry. Foi Dennis, o único surfista da banda, quem sugeriu a composição de uma canção sobre a cena surfista da região. O primeiro compacto do grupo, "Surfin'", foi lançado no fim daquele mesmo ano e se tornou sucesso local. Os Beach Boys foram contratados pela Capitol Records e começaram a produzir uma série de clássicos memoráveis, como "California Girls" e "Good Vibrations". O álbum *Pet Sounds* é considerado um dos melhores de todos os tempos. A tensão de compor e gravar, em conjunto com a ingestão de drogas, levou Brian Wilson ao colapso. A banda continuou de maneira irregular sem ele, criando discos aclamados pela crítica, como *Holland*. Dennis e Carl Wilson já faleceram, e desde então a banda se dividiu em várias formações. Brian Wilson segue carreira solo. A banda detém o recorde de canções entre as quarenta mais das paradas norte-americanas (36), somando 56 entre as cem mais.


JAMES
BROWN
impede sozinho um tumulto
DATA
5 de abril de 1968, Boston

Quando Martin Luther King, grande defensor da paz, foi assassinado, a violência eclodiu pelos Estados Unidos. Em dezenas de cidades, afro-americanos promoveram atos de desordem. Apesar do toque de recolher entre o pôr e o nascer do sol, eles tomaram as ruas e saquearam. Queimaram lojas, propriedades e tudo o mais que chamasse sua atenção. Depois promoveram batalhas campais contra o exército e a polícia.

Dr. King foi morto com um único tiro, parado na sacada de seu hotel em Memphis, e os negros dos Estados Unidos irromperam. James Brown foi uma entre as milhões de pessoas profundamente abaladas por sua morte. Ele descansava em casa após uma curta viagem à África quando ouviu a notícia. Mais tarde, o cantor declarou que os EUA tinham acabado de perder seu melhor amigo, no entanto a maioria dos norte-americanos ainda não havia percebido isso.

Quando se recompôs, a primeira coisa que Brown fez foi telefonar para suas estações de rádio em Knoxville e Baltimore, entrando no ar para pedir aos ouvintes que não saíssem de casa, mantivessem a calma e honrassem o legado de não violência de Martin Luther King, não se envolvendo assim em tumultos. Em seguida, gravou várias mensagens reiterando seu pedido, ordenando que fossem reproduzidas a intervalos regulares dia e noite. “Acredito que elas tiveram efeito, pois essas cidades apresentaram menos problemas que a maioria”, afirmou Brown em sua biografia.

Brown contava com grande prestígio na comunidade negra. Era um gigante da música, um pioneiro do mesmo nível de seus contemporâneos brancos. Seus compactos de 1965, “I Got You (I Feel Good)” e “Papa’s Got a Brand New Bag”, anunciavam o início de uma nova forma musical que viria a ser conhecida como funk.

MAIS TARDE, O CANTOR DECLAROU QUE OS EUA TINHAM ACABADO DE PERDER SEU MELHOR AMIGO, NO ENTANTO A MAIORIA DOS NORTE-AMERICANOS AINDA NÃO HAVIA PERCEBIDO ISSO

Em termos políticos, Brown era um cavaleiro solitário. Ele acreditava no sonho americano. Desejava o sucesso tanto para si quanto para os demais. Sua mensagem era a seguinte: veja, se eu consigo, então você também é capaz. Tal posição o tornou malvisto em alguns lugares, embora as pessoas continuassem dançando feito doidas com sua música maravilhosa.

Brown amava e respeitava King, mas nem sempre concordava com suas filosofias. Certa vez, passaram uma noite discutindo o melhor caminho a seguir. O músico deixou a reunião com um respeito enorme pelo líder. Eles tinham a mesma visão, mas de ângulos diferentes. Brown sabia que o assassinato de King afetaria seu público, sua comunidade, de forma terrível. Ele compreendia a raiva que aquilo geraria. Em contrapartida, acreditava piamente que demonstrações violentas não conquistariam nada. Pessoas, brancas e negras, acabariam mortas, e isso era errado. Sua missão naquele momento era tentar manter a paz.

No dia seguinte à morte de King, Brown foi a Boston por conta de uma apresentação agendada. A cidade estava tensa, agitada. A Guarda Nacional estava de prontidão. Ao chegar, o músico ficou sabendo que Kevin White, prefeito de Boston, cogitara a hipótese de cancelar o show. Thomas Atkins, político negro local, argumentara que tal decisão poderia desencadear protestos, mas o prefeito não se convenceu. Uma ideia diferente foi sugerida: transmitir o espetáculo ao vivo na tevê. Assim, as pessoas ficariam em casa diante do televisor em vez de ocuparem as ruas. O prefeito considerou uma boa ideia. O show poderia acontecer, mas somente se fosse transmitido ao vivo.

Aquilo deixou Brown em uma situação desconfortável. Ele acabara de gravar um especial para a tevê. O contrato afirmava claramente que ele não podia se apresentar na tevê antes de o programa ser exibido. Nesse meio-tempo, quando Brown chegou para

fazer a passagem de som, viu fãs na bilheteria exigindo o dinheiro de volta. Se o show seria transmitido ao vivo, por que pagar por ele? O músico ficou furioso, dizendo que perderia dinheiro e se apresentaria em um auditório vazio. Chegou-se a um acordo. Se a equipe de Brown conseguisse renegociar o contrato com a emissora, o prefeito bancaria o prejuízo. Telefonemas foram dados e acordos foram feitos.

MAIS TARDE, BROWN ADMITIU TER CHORADO DURANTE O SHOW; LÁGRIMAS ESCORRIAM POR SEU ROSTO AO PENSAR EM MARTIN LUTHER KING E EM SUAS CONQUISTAS

O próprio prefeito apresentou Brown naquela noite. As primeiras palavras do artista foram de paz: “Não vamos fazer nada que desonre a memória do dr. King. Fiquem em casa. Principalmente as crianças. Pensem no que estão fazendo. Pensem no que o dr. King representava”. No intervalo entre as músicas, Brown pedia para as pessoas não destruírem o pouco que tinham. “Ainda somos irmãos, e vocês me deram a oportunidade de ser um homem de primeira classe. Eu engraxava sapatos na frente das estações de rádio. Agora, sou dono delas. Sabem o que isso significa? É o Poder Negro.”

Mais tarde, Brown admitiu ter chorado durante o show; lágrimas escorriam por seu rosto ao pensar em Martin Luther King e em suas conquistas. Lá fora, as ruas permaneceram vazias enquanto Boston sintonizava o show. O impacto da apresentação foi tão grande que ela foi reexibida na tevê logo após sua conclusão.

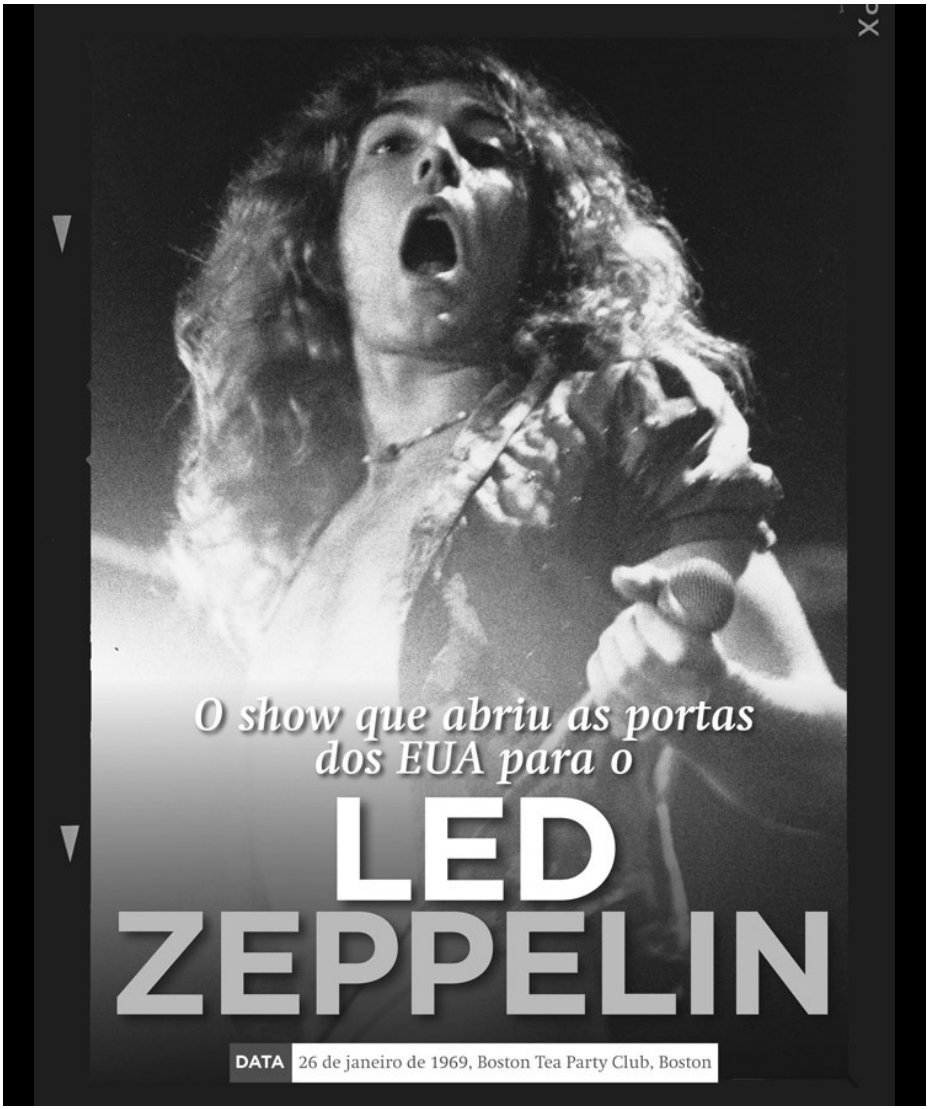
Brown foi convidado a se apresentar em outras cidades. Escolheu Washington. Para ele, tratava-se de um gesto simbólico um homem negro ser convidado à cidade da Casa Branca. Ao chegar, o músico não conseguia acreditar no que via. Trechos da cidade foram reduzidos a cinzas durante os tumultos. Doze mil soldados armados patrulhavam as ruas.

À tarde, ele foi à televisão e disse aos EUA: “A verdadeira resposta aos problemas raciais neste país é a educação, não queimar e

matar. Prepare-se. Capacite-se. Seja alguma coisa. Seja alguém. Martin era o nosso herói. Temos a obrigação de tentar realizar seu sonho de real fraternidade. Isso não é possível com violência".

No mês seguinte, Brown aceitou um convite do presidente Lyndon Johnson e voltou a Washington para jantar na Casa Branca. Uma das primeiras coisas que o presidente lhe perguntou quando se encontraram foi: "Não o chamam de Pai Tomás por causa disso?" "Não", respondeu Brown. "Por que não?" "Porque não sou servil aos brancos", afirmou James Brown, o *soul brother* número um.

James Brown nasceu em 3 de maio de 1933. Foi criado na extrema pobreza, primeiramente pelo pai, depois por uma tia, dona de bordel. Ele abandonou a escola e, aos 16 anos, foi condenado por tentativa de assalto à mão armada. No reformatório, Brown conheceu Bobby Byrd e, ao ser solto, entrou para a banda dele, The Avons (mais tarde, The Flames). Brown alcançou o primeiro sucesso em 1956 com sua composição "Please, Please, Please". Em 1963, contra a vontade da gravadora, financiou o próprio disco, *Live at the Apollo*, que permaneceu catorze meses nas paradas, alcançando a vice-liderança. Com sucessos como "Papa's Got a Brand New Bag", Brown criou sozinho a música funk. Nos anos 1970, ele não deixou a peteca cair com canções como "Get Up (I Feel Like Being a) Sex Machine". Seu funk bruto influenciou diversas bandas. Brown foi pego de surpresa pela chegada da música disco, mas na década seguinte muitas de suas músicas foram adotadas por artistas do rap. Brown fez turnês mundiais nos anos 1990 e 2000, com enorme aclamação. Ele morreu no dia de Natal em 2006, uma verdadeira lenda da música.


O show que abriu as portas dos EUA para o
LED ZEPPELIN
DATA
26 de janeiro de 1969, Boston Tea Party Club, Boston

É Natal de 1968, em Los Angeles, Hotel Chateau Marmont, onde o pecado vive e seduz. E Robert Plant está muito, muito preocupado. É difícil de acreditar, mas o homem que se transformaria no deus supremo do rock dos anos 1970, aquele ousado, uivante e presunçoso homem, sente os efeitos da viagem aérea, tem saudade de casa e se encontra em estado de completa apreensão em relação à turnê norte-americana que o aguarda.

Uma turnê pelos Estados Unidos é o teste definitivo para as bandas mais tarimbadas. O Led Zeppelin, grupo do qual Plant é o vocalista, se juntara havia – só – três meses. Fizeram shows apenas no Reino Unido – foram a atração principal no Wood Green Fishmongers Hall, entre outros locais –, e agora estão nos EUA para tocar em estádios, auditórios e casas famosas como Whiskey A Go Go e Fillmore West, sem mencionar o fato de nunca terem tocado naquele país antes. Plant se pergunta se vai conseguir. Ele está à altura da tarefa que tem diante de si? Ou está prestes a ser desmascarado?

Não ajuda saber que o líder da banda, Jimmy Page, desconfia de sua capacidade de dominar e agitar a plateia a ponto de ela não querer ir embora. Page não disse nada, mas Plant percebe sua reserva.

Enquanto permanece sentado em silencioso desespero, como o cantor de 20 anos poderia saber que seus temores não tinham o menor fundamento, que com aquela turnê o Led Zeppelin estouraria nos EUA? Além disso, como saberia que a banda está prestes a fazer apresentações com as quais os músicos conseguem apenas sonhar, concertos nos quais o público vai literalmente impedi-los de deixar o palco, nos quais serão forçados a tocar duas vezes o álbum de estreia e, no fim, jogar as mãos para cima e dizer para a multidão: Não temos mais o que tocar!

UMA TURNÊ PELOS ESTADOS UNIDOS É O TESTE DEFINITIVO PARA AS BANDAS MAIS TARIMBADAS. O LED ZEPPELIN SE JUNTARA HAVIA TRÊS MESES E FIZERA SHOWS APENAS NO REINO UNIDO

Plant não sabe nada disso. Tudo o que sabe é que os fatos parecem estar acontecendo rápido demais, e isso por causa do cara sentado a seu lado, o calmo e confiante guitarrista Jimmy Page. O Led Zeppelin é a banda de Page. Sem sombra de dúvida. Foi ele quem a formou, quem teve a visão musical responsável por sua criação.

Plant também sabe que não é a primeira opção de Page. Esse papel era do cultuado artista Terry Reid. Quando Reid recusou, Page procurou Chris Farlowe, que também disse não. Mas Reid recomendou Robert Plant. Page adorou a voz de Plant, mas sentia que sua inexperiência poderia ser um obstáculo. Apesar dessa ressalva, ele aceitou Plant, que, por sua vez, pediu ao guitarrista que desse uma conferida num baterista chamado John Bonham. Este era um verdadeiro achado, como uma versão melhorada de Keith Moon. A eles se juntou o baixista John Paul Jones, que trabalhara com Page numa música de Jeff Beck dois anos antes.

Em agosto de 1968, o Led Zeppelin (nome sugerido por Keith Moon) se reuniu num porão no Soho. Depois de uma hora tocando, ficou evidente que algo muito especial estava ganhando forma. A ideia de Page era excelente: uma abordagem com base no blues em conjunto com a sensibilidade clássica do rock'n'roll. A guitarra de Page é universal, passando sem esforço de riffs extraordinários à base e a solos atordoantes. A seção rítmica mais pesada do país o leva mais e mais fundo, e a voz de Plant não só se encaixa naturalmente nesse caldeirão sonoro como também se mostra capaz de se transformar em um instrumento em si.

Page liga para o amigo Peter Grant logo depois do ensaio e, muito entusiasmado, fala sobre a música que estão produzindo. Grant larga a sociedade empresarial com Mickie Most e assume a banda. A primeira coisa que faz é mandá-los para uma turnê na Escandinávia. No fim do mês, eles entram em estúdio para gravar o primeiro álbum.

Page e Grant bancam as sessões e os salários da banda. É uma aposta, mas nenhum dos dois está preocupado. Eles simplesmente sabem que vai dar certo.

A SEÇÃO RÍTMICA MAIS PESADA DO PAÍS O LEVA MAIS E MAIS FUNDO, E A VOZ DE PLANT SE TORNA UM INSTRUMENTO EM SI

Em novembro, Grant põe o álbum debaixo do braço e vai a Nova York se reunir com a Atlantic Records. Ele vende o grupo como sendo o novo Cream, ciente de que essa banda gerou muito lucro para o selo. É uma bela sacada. Os homens da Atlantic sorriem, ouvem e lhe oferecem apetitosos 222 mil dólares e um contrato de cinco anos, dando à banda total controle artístico sobre sua música.

Grant volta para casa triunfante. Ele e Page recuperam o valor investido e muito mais. Enquanto isso, Plant, Bonham e Jones recebem três mil libras cada, uma verdadeira fortuna para a época.

Em seguida, Grant recebe notícias muito interessantes. Jeff Beck desistiu de uma turnê pelos EUA, marcada para ter início em meados de dezembro. Grant conhece o promotor, telefona para ele e pede um favor. O promotor escuta, concorda e, de repente, o Led Zeppelin está pronto para estrear nos Estados Unidos. Eles voam às vésperas do Natal, em 23 de dezembro, devendo começar no dia 26. O grupo vai abrir para Vanilla Fudge, Iron Butterfly e Country Joe and the Fish. Os integrantes da banda passarão o Natal nos EUA, sozinhos. Grant os proíbe de levar namoradas na turnê. Como de costume, o baixista John Paul Jones ignora a determinação. Durante o voo para Los Angeles, ele casualmente informa ao restante da banda que vai se encontrar com a esposa, Mo, e a cantora Madeline Bell no Natal, em New Jersey. Ele os verá no primeiro show, em Denver.

Uma das primeiras fotos de Robert Plant aperfeiçoando sua presença de palco nos EUA, em 1970. Logo a banda lotaria grandes estádios, viajando de jatinho e causando histeria onde quer que pousasse.

Acompanhando os outros integrantes da banda a Los Angeles está Richard Cole, recém-nomeado gerente de turnê. Seu apelido é Ricardo. Ele passará os próximos anos mergulhando de cabeça numa piscina de caos, excesso, violência e destruição. Bonham será seu principal cúmplice, e o Led Zeppelin será conhecido por escândalos sexuais em boates, hotéis, quartos, apartamentos ou aonde quer que fosse.

Mas naquele momento, em Los Angeles, tudo não passa de um sonho distante. Pois Plant está morrendo de medo, incapaz de dormir e de se concentrar em qualquer outra coisa além do nervosismo que percorre seu corpo.

Em 26 de dezembro, o grupo toma um avião para Denver, dirigindo-se a seguir para o Auditorium Arena. Estão ali para abrir o show do Vanilla Fudge, muito famoso por apresentações incandescentes. Dizem que eles tomaram o lugar do Cream, The Who, Hendrix…

O Zeppelin vai tocar depois da banda Zephyr, e, quando sobem ao palco, se surpreendem por estarem sobre uma plataforma giratória. *Droga*, pensa Plant tentando se equilibrar, *como se eu precisasse de mais aborrecimentos...*

Eles começam a apresentação, e a princípio é estranho e meio esquisito – principalmente para Plant, que vê um conjunto diferente de rostos diante de si cada vez que abre os olhos. Apesar disso, a força das canções e a capacidade musical da banda começam a se afirmar. Eles tocam composições próprias e covers. Tocam por uma hora, e no fim a plateia se mostra bastante animada. O grupo pensa: *Quer saber, foi ótimo*.

Depois seguem para Seattle, Vancouver e, então, Whiskey e o Fillmore, onde conseguirão arrebatar a plateia, fazendo-a gritar por mais. Mais tarde, Detroit e Baltimore, ganhando confiança e força o tempo todo, vendo brilhar a força de sua habilidade.

Então, eles chegam à boate Boston Tea Party, onde devem tocar quatro noites. O lugar comporta quatrocentas pessoas, e, como Grant distribuiu às rádios o disco de estreia, que não para de tocar, os ingressos se esgotam rapidamente. A nova geração do rock está prestes a se impor pela primeira vez.

O Led Zeppelin entra no palco e os músicos são saudados como heróis. Animados com a recepção, a banda ataca o número de abertura. Quando saem do palco, uma hora e meia depois, o público está tão frenético, tão arrebatado, que os força a voltar e tocar o disco novamente. Eles também acrescentam algumas versões de blues, a principal fonte de sua magia.

A PLATEIA BERRA PELA VOLTA DA BANDA. VOCIFERA, IMPLORA, BAJULA, GRITA, SE ESGOELA

Eles recebem doze ovações em pé antes de saírem. Mas o público não os deixa partir. É incrível, o grupo está completamente esgotado, mas a plateia delira e exige mais música. A banda cambaleia de volta ao palco e passa a tocar covers de rock'n'roll: "Good Golly Miss Molly"

e “Long Tall Sally”. Deus do céu. Por fim, eles conseguem deixar o palco.

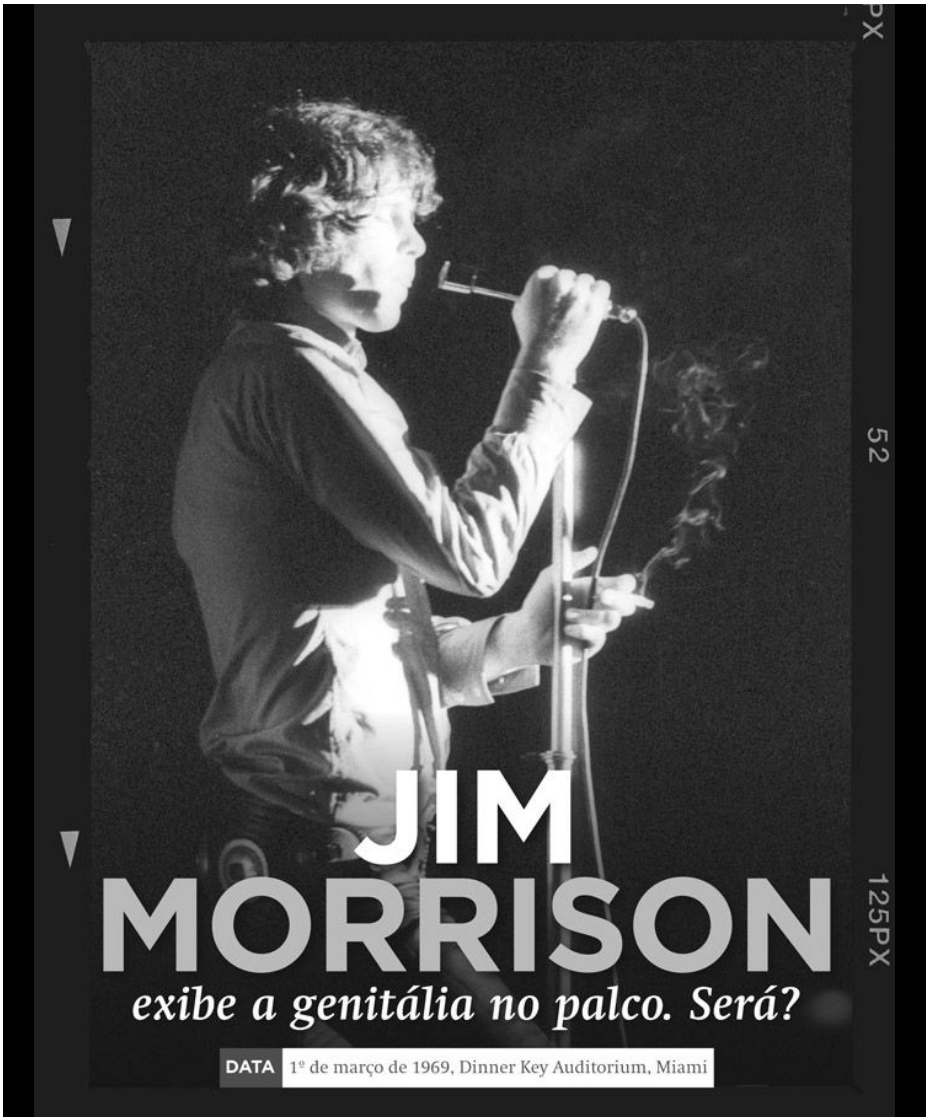
Eles acham que chega. É um inferno. A plateia berra pela volta da banda. Vocifera, implora, bajula, grita, se esgoela. Pela quarta hora seguida – isso mesmo, pela quarta hora – o grupo está tocando o que lhes vem à mente. Eles tocam o que é pedido. Beatles, Rolling Stones, Who, isso e aquilo. Finalmente as luzes se acendem, e os músicos, banhados de suor e alegria, ficam de pé, se curvam e acenam, e a plateia volta relutantemente para casa.

A notícia dessa noite incrível se espalha, e ao mesmo tempo o disco de estreia entra na parada das cem mais dos Estados Unidos, não parando mais de subir. O jornal *The Boston Phoenix* informa: “Imagino que o Led Zeppelin voará alto durante um bom tempo... Sua força bruta é atraente e fascinante, enquanto sua complexidade torna a repetida exposição um prazer”.

Quando o grupo volta aos EUA em abril daquele mesmo ano, é um dos mais populares do país. Tudo com o que sonharam estava ao alcance das mãos. O Natal de 1968 é um período de sua história para ser examinado com pesar, e para rir daquilo e perceber que dias assim são sempre a melhor coisa na jornada arrebatadora para o topo.

O Led Zeppelin foi formado por Jimmy Page, que havia acabado de deixar os Yardbirds. Ele escolheu Robert Plant para o vocal, John Paul Jones assumiu o

baixo e John Bonham a bateria. A banda fez seu primeiro show em julho de 1968, e apenas um ano depois tinha dois discos entre os mais vendidos: *Led Zeppelin* e *Led Zeppelin II*. Frequentemente costuma-se dizer que eles inventaram o heavy metal, uma afirmação que negam de pés juntos, mas o Led Zeppelin foi a maior banda dos anos 1970. Todos os seus álbuns gravados em estúdio ficaram entre os dez mais dos Estados Unidos, seis deles alcançando o primeiro lugar. Recusando-se a lançar compactos (ao menos no Reino Unido), a banda construiu sua reputação com faixas como “Stairway to Heaven”, “Rock and Roll” e “Kashmir”, as quais atraíram milhões de fãs. Os integrantes também ganharam fama pelo comportamento escandaloso – destruindo quartos de hotel ao cruzar o mundo no jatinho particular. Em 1980, John Bonham faleceu, em parte devido ao abuso de álcool. Em homenagem ao baterista, os demais membros anunciaram o fim da banda. Eles se reuniram em 2007 para um único espetáculo na O2 Arena, em Londres.


JIM
MORRISON
exibe a genitália no palco. Será?
DATA 1º de março de 1969, Dinner Key Auditorium, Miami

Ele agora passava a maior parte do tempo bêbado, e não era um bom bebedor. Nunca fora. Era um pé no saco quando embriagado. Brigava com os integrantes da banda, dava em cima da esposa dos outros, geralmente virava um grande mala. E agora a banda liderada por Jim Morrison, que estourara com estilo em 1967, estava perto do fim. Todo mundo sabia disso. Morrison não ajudava ao passar a maior parte do tempo fora de si. Foi uma jornada estranha para todos os envolvidos, uma viagem iniciada na Escola de Cinema da UCLA, em Los Angeles, que deu uma guinada para baixo quando Morrison exibiu a genitália num palco em Miami. Será mesmo? Essa é a questão.

Jim Morrison e Ray Manzarek eram colegas na Escola de Cinema da UCLA. Certa noite, Jim "cantou" seu poema "Moonlight Drive" junto com uma música de Ray. Logo havia uma banda, os jovens fãs de cinema foram acompanhados pelo guitarrista Robbie Krieger e o baterista John Densmore. O nome escolhido: The Doors.

Com a guitarra blues salpicada de flamenco, teclados com um quê de música clássica e bateria jazzista combinados à poesia *beat* de Morrison, o grupo descobriu um som sinistro que desafiava a imagem de Los Angeles vendida ao mundo. A Los Angeles dos Doors não era composta de moças de biquíni e pranchas de surfe domando as ondas ao som dos Beach Boys. Era feita de hotéis baratos, prostitutas e vício em drogas, a vida do diabo na Cidade dos Anjos. Não se tratava do feliz subúrbio dos EUA, mas de um país envolvido em tumultos raciais, assassinatos políticos e à beira da guerra civil.

ELE BRIGAVA COM OS INTEGRANTES DA BANDA, DAVA EM CIMA DA ESPOSA DOS OUTROS, GERALMENTE VIRAVA UM GRANDE MALA

O grupo assinou contrato com a Elektra Records e alcançou o sucesso com o segundo compacto, “Light My Fire”. Até aí, tudo bem. Mas Morrison era uma pessoa difícil. Durante a gravação do álbum de estreia, ele emporcalhou o estúdio com um extintor de incêndio, alegando depois estar viajando por causa de ácido. O produtor da banda, Paul A. Rothchild, achou aquilo uma desculpa esfarrapada. Desde o início, ele viu que o problema de Morrison era o LSD. Longe dele, o cantor era dócil; chapado, se transformava numa figura perigosa e imprevisível.

LOS ANGELES ERA FEITA DE HOTÉIS BARATOS, PROSTITUTAS E VÍCIO EM DROGAS, A VIDA DO DIABO NA CIDADE DOS ANJOS

Com o sucesso, Morrison mudou sua imagem, vestiu calça e jaqueta de couro e criou a personalidade do Lizard King, o Rei Lagarto. Ele se via como uma figura de proa da juventude, repleta de maldição e pavor, mas disposta a satisfazer tudo. Muitas garotas o procuravam e ele se deleitava com seu poder. Ele se via como um verdadeiro poeta.

Depois do sucesso dos dois primeiros discos, os Doors se viram encurralados. Novos grupos surgiram; um som mais blueseiro entrara na moda. Eles estavam ficando para trás. Conforme a estrela da banda começava a se apagar, Morrison se tornava ainda mais antipático, provocando brigas, contrariando, hostilizando a banda. Em 1969, eles voaram a Miami para um show no Dinner Key Auditorium. A casa tinha capacidade para seis mil pessoas, mas dez mil estavam presentes. Morrison subiu ao palco bêbado. O grupo começou com “Back Door Man”. Morrison cantou alguns versos, depois partiu para a pura e simples provocação: “Vocês não passam de um bando de

idiotas de merda. Vocês deixam as pessoas dizerem o que devem fazer. Se permitem ser intimidados. Amam isso, não amam?"

E ele continuou, e mais e mais. A banda começava tocar e Morrison os mandava parar. O cantor seguia nessa lenga-lenga com a plateia, que respondia com vaias. Um fã pulou no palco e o encharcou de champanhe. Em vez de se mostrar aborrecido, o vocalista convidou todos a se juntarem a ele, formando um círculo com os fãs. Um policial entrou em cena, lançando todos para fora do palco – inclusive Morrison, que liderou os fãs numa dança. Por fim, ele foi arrancado da multidão e levado ao camarim.

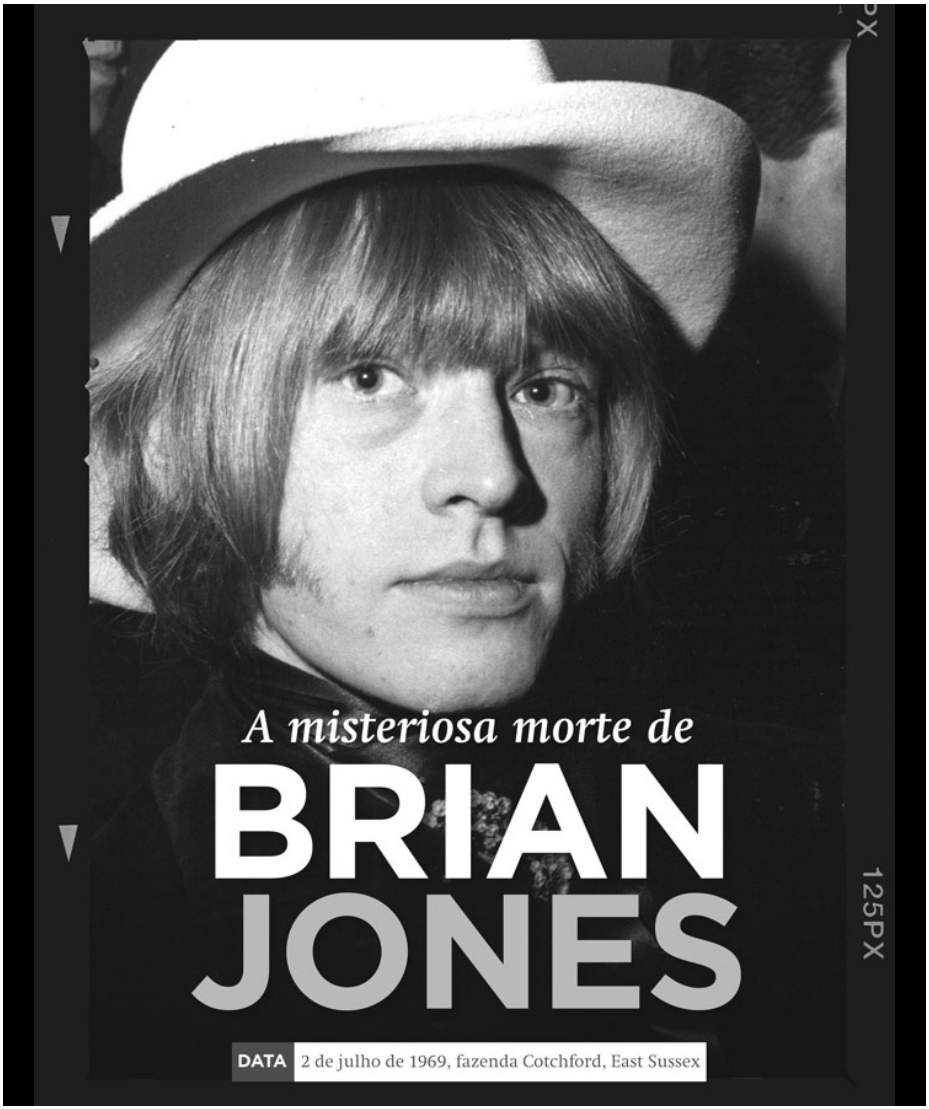
No dia seguinte, a banda foi à Jamaica para um descanso. Ali, ficaram sabendo que Morrison foi acusado de ato obsceno e de utilizar linguagem obscena. Segundo as autoridades, ele exibiu o pênis e simulou masturbação diante da plateia. A confusão se estabeleceu. O cantor tinha mesmo feito aquilo? Ninguém tinha visto, mas isso não significava que Morrison não fosse capaz de tal proeza.

Morrison se entregou às autoridades e, em agosto, teve início o julgamento. O fotógrafo David Levine disse ter ido cobrir o evento e lembrou-se de ficar decepcionado com o fato de o vocalista estar de barba crescida, escondendo o belo rosto. Segundo declarou, Morrison nunca exibiu o pênis. Nada disso, gritou o policial Theodore Jendry. "Ele botou a ferramenta para fora e começou a girá-la." O júri considerou Morrison culpado por ato obsceno e uso de palavrões. O cantor foi multado em cinquenta mil dólares e condenado a seis meses de prisão. Após a apelação, o encarceramento foi revogado.

Houve reação contra a banda. As rádios de Miami pararam de tocar suas músicas e os promotores de eventos se recusaram a contratá-la, caso o vocalista ficasse tentado a repetir a imoralidade.

Morrison se mudou para Paris, pensando em começar uma vida nova como poeta. Poucos meses depois, foi encontrado morto na banheira, vítima de ataque cardíaco fulminante. Ele tinha 27 anos. Em 2010, Morrison foi postumamente perdoado pelo estado da Flórida. Os integrantes vivos reagiram furiosamente. "Ninguém gostaria de ter essa acusação sobre a cabeça, nem estando morto", afirmou Robbie Krieger. "Ainda mais quando o fato nunca aconteceu."

James Douglas Morrison nasceu no dia 8 de dezembro de 1943, na Flórida. Seu pai era oficial da marinha, e Morrison, o mais velho de três filhos. Em 1964, ele se mudou para Los Angeles planejando estudar cinema na UCLA. Morrison conheceu o tecladista Ray Manzarek nessa época e, juntos, criaram o The Doors. Depois de uma série de shows explosivos na região de Los Angeles, a banda foi contratada pela Elektra Records e tirou a sorte grande com a clássica “Light My Fire”. Entre outros grandes sucessos estão “Hello, I Love You” e “Touch Me”. Em 1967, o grupo era uma das maiores atrações nos EUA e Morrison criou uma personalidade de astro do rock que muitos chamavam de Lizard King. Sua inclinação por drogas, garotas e bebidas se acentuou e a popularidade da banda começou a declinar enquanto Morrison se afundava no alcoolismo. No fim de 1970, o grupo chegou à conclusão de que os problemas do vocalista impediam a banda de se apresentar ao vivo. Em 1971, ele se mudou para Paris, mas foi encontrado morto na banheira no dia 3 de julho. Morrison está enterrado no cemitério Père Lachaise. Seu túmulo se tornou ponto de peregrinação.


A misteriosa morte de
BRIAN JONES
DATA
2 de julho de 1969, fazenda Cotchford, East Sussex

Muitas perguntas ainda permanecem; muito mistério ainda cerca sua morte. Apenas um fato é certo. Na noite de 2 de julho de 1969, o corpo de Brian Jones foi encontrado no fundo da piscina de sua casa, na fazenda Cotchford, em East Sussex. As tentativas de reanimá-lo não tiveram êxito. Brian Jones, o escandaloso e exuberante guitarrista dos Rolling Stones, estava morto. Ele tinha 27 anos.

Na noite em que Brian Jones morreu, três outras pessoas estavam na fazenda Cotchford: Frank Thorogood, empreiteiro, Janet Lawson, enfermeira, e Anna Wohlin, namorada sueca de Jones.

Muitos acreditam que Thorogood foi responsável pela morte de Jones. Ele e o guitarrista haviam discutido feio naquela semana. Outros creem que os próprios Stones têm certa culpa no falecimento do guitarrista. Um mês antes, os demais integrantes haviam pedido que ele deixasse a banda que ele próprio havia formado. Outros pensam ainda que a banda que Jones queria formar com John Lennon ameaçaria a popularidade dos Stones. Também afirmam que Jones detinha os direitos do nome "The Rolling Stones", causando enorme dor de cabeça nos antigos colegas de banda.

Há quem acredite que Jones foi vítima de uma conspiração do sistema para livrar o mundo de um homem que se vestia como mulher e se drogava como viciado, alucinado feito um demônio. Não era um grande exemplo para a juventude nos níveis mais elevados da sociedade... Talvez eles tivessem alguma razão.

No entanto, Brian Jones era uma figura singular na música pop britânica. Ele não era compositor propriamente, mas um músico cujo modo de se vestir era excêntrico, atraente e estiloso. Jones também apreciava muito as drogas, era violento com as mulheres,

manipulador, frágil, briguento, gentil, compassivo, ciumento, de gênio forte, mas nunca era um tédio.

"POR QUE VOCÊ NÃO O AJUDOU?", WOHLIN GRITOU PARA O EMPREITEIRO. "POR QUE O DEIXOU SOZINHO NA PISCINA?" THOROGOOD NÃO RESPONDEU

Brian Jones nasceu em Cheltenham no seio de uma rica família. Quando tinha 16 anos, a namorada de 14 ficou grávida. Jones se mudou para Londres com a "esposa" e se apaixonou pelo blues de Alexis Korner. Ele criou uma banda e a batizou The Rolling Stones, por causa da canção de Muddy Waters.

Em 1963, primeiro Chuck Berry, depois Lennon e McCartney deram aos Stones os dois primeiros sucessos da banda: "Come On" e "I Wanna Be Your Man". Contudo, eles de fato estouraram quando Mick Jagger e Keith Richards passaram a compor seu próprio material. Em 1965, vociferavam músicas como "Satisfaction" e "Let's Spend the Night Together" para uma nação escandalizada. Em breve, os EUA seriam deles. Brian Jones tinha tudo o que poderia desejar: garotas, dinheiro, fama. Mas estava prestes a perder tudo.

BRIAN JONES ERA VIOLENTO COM AS MULHERES, MANIPULADOR, FRÁGIL, BRIGUENTO, GENTIL, COMPASSIVO, CIUMENTO, TINHA GÊNIO FORTE, MAS NUNCA ERA UM TÉDIO

No verão de 1967, Brian e Keith Richards viajaram juntos em férias. Eles foram acompanhados pela namorada de Jones, a linda Anita Pallenberg, e por um motorista. No carro de Keith, o grupo rodou pela Europa até Marrakesh, bebendo, fumando e cheirando. Certa noite, Jones, muito chapado, pediu para Pallenberg participar de uma orgia com ele e uma prostituta local. Pallenberg se recusou; Jones a atacou. Ela correu atrás de Keith em busca de consolo e proteção. No

dia seguinte, Jones foi ver uma banda da região. Ele adorava música marroquina. Quando voltou ao hotel, Anita e Keith haviam partido. Jones ficou arrasado. Ele sabia que havia perdido o amor de sua vida para um de seus melhores amigos.

Ao voltar para a Inglaterra, Brian se envolveu em uma série de relacionamentos, um deles com a bailarina sueca Anna Wohlin. O guitarrista também comprou uma casa, a fazenda Cotchford, em East Sussex, antes o lar do escritor A. A. Milne, criador do Ursinho Puff. Ele contratou um empreiteiro, Frank Thorogood, que integrava a folha de pagamento dos Stones, disponível em tempo integral. Jones lhe cedeu um quarto em cima da garagem para ficar enquanto o trabalho na casa começava. Thorogood trouxe três operários para ajudar.

Enquanto isso, os Stones rumavam ao estúdio Olympic, para dar início à gravação de um novo disco.Brian se recusou a participar das sessões. A presença de Keith e Anita o perturbava demais. Um carro foi enviado a Cotchford diversas vezes, retornando o mesmo número de vezes vazio ao estúdio. Jagger e Richards foram ficando cada vez mais nervosos com sua ausência.

Finalmente, deram sua cartada. Em 7 de junho de 1969, Mick Jagger, Keith Richards e Charlie Watts foram até a fazenda Cotchford para uma reunião de emergência com Jones. No fim do encontro, o guitarrista não era mais membro da banda, formada por ele em 1961. Mas, meu bem, ele era um homem rico. Os Stones aceitaram lhe dar cem mil libras, mais vinte mil anuais pelo tempo que o grupo permanecesse junto. Segundo todos os relatos, eles se separaram de forma amigável. De acordo com Wohlin, Richards deu um papelote de cocaína a Jones pouco antes de sair. O guitarrista inalou tudo e passou mal o resto da noite.

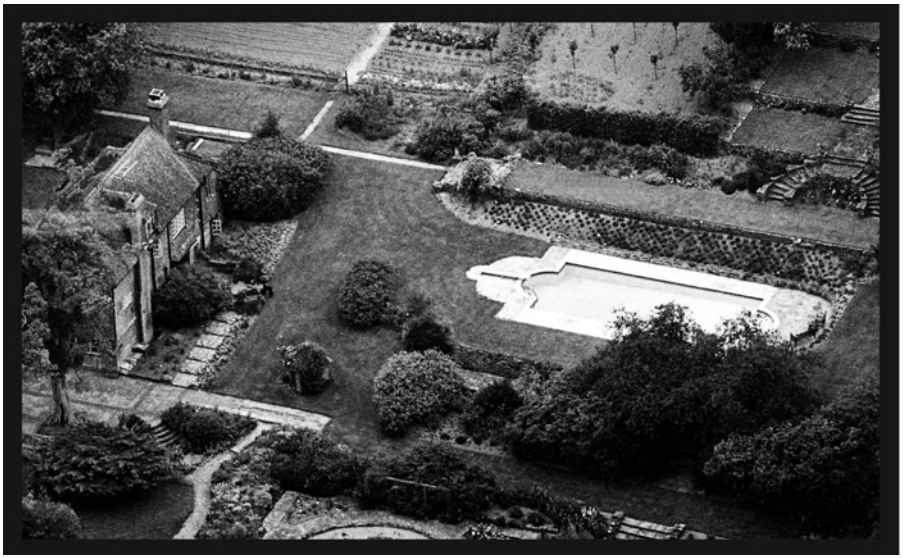


Foto aérea da casa que um dia pertenceu ao escritor A. A. Milne e mais tarde foi arrematada por Brian Jones. O guitarrista dos Rolling Stones se afogou na piscina ao lado da residência no verão de 1969.

Segundo Wohlin, Jones queria mesmo deixar os Stones. De acordo com seu relato, ele frequentemente afirmava não gostar da música da banda e que estava pensando em montar um novo grupo. John Lennon e Alexis Korner estavam em sua mira. Ele fizera sessões improvisadas com ambos. Ainda segundo Wohlin, Jones começara a reduzir o consumo de drogas e a falar aberta e positivamente sobre o futuro. A namorada também conta que no dia 29 de junho, um domingo antes de sua morte, ela estava ao telefone com uma amiga quando Jones ficou enciumado de repente. Ele a jogou no chão. Segundos depois, uma viga na qual os operários estavam trabalhando rachou e caiu do teto. Mais alguns centímetros e a namorada teria morrido. No dia seguinte, Brian, furioso, confrontou Thorogood, dispensando-o, assim como seus homens. Em seguida, telefonou para o escritório dos Stones ordenando a suspensão dos pagamentos ao empreiteiro.

No dia seguinte, Frank Thorogood foi ao escritório do grupo

receber o último pagamento. Então, de mãos vazias, voltou a Cotchford para confrontar Jones. Como detestava conflitos, Jones se desculpou e logo fez as pazes com o construtor. Em um gesto de boa vontade, convidou-o para jantar.

Enquanto isso, uma enfermeira chamada Janet Lawson chegou. Jones pensou que ela estivesse com Thorogood. Na verdade, era namorada do motorista Tom Keylock, funcionário da banda. Depois do jantar e de alguns drinques, Jones convidou todos para um mergulho. Lawson ficou na casa enquanto os outros três pularam na piscina.

Wohlin testemunhou que Brian começou a ridicularizar Thorogood. Ele o chamou de quarentão feio e pobretão. Já Jones tinha dinheiro, beleza, a casa, fama, a garota. Wohlin pediu que o namorado deixasse o empreiteiro em paz, mas ele não deu ouvidos. Thorogood agarrou o guitarrista e o manteve embaixo da água por alguns segundos. Quando Jones emergiu, ele estava gargalhando alto.

Segundo Wohlin, Janet Lawson gritou dizendo haver um telefonema para ela. A dançarina saiu da piscina e avisou à enfermeira que atenderia no quarto. Quando chegou ali e tirou o aparelho do gancho, a linha estava muda.

Wohlin começou a trocar de roupa e o telefone tocou novamente. Dessa vez, Terry, uma amiga sueca, queria contar as últimas fofocas de Londres. Depois de dez minutos de conversa, Wohlin de repente ouviu Janet gritar histericamente. Ela voou escada abaixo até a cozinha e viu Thorogood com uma toalha ao redor do pescoço, tentando acender um cigarro enquanto suas mãos tremiam muito. Ela o empurrou e correu até a piscina, passando pela enfermeira chorosa, que estava perto da porta da cozinha. Wohlin não via Brian em lugar nenhum, até olhar dentro da piscina. Ali, no fundo, Brian Jones jazia inerte. Ela mergulhou e o alcançou em segundos. A dançarina o puxou para a superfície e, segurando a cabeça de Brian para cima, nadou até a beirada e começou a gritar para Frank Thorogood ajudá-la. Ele veio, mas, segundo o relato dela, caminhou lentamente em sua direção. Por fim, o empreiteiro se inclinou e ajudou a tirar o guitarrista da água.

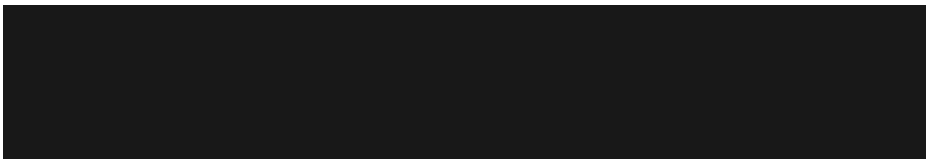
THOROGOOD AGARROU BRIAN JONES E O MANTEVE

"Por que você não o ajudou?", Wohlin gritou para o empreiteiro. "Por que o deixou sozinho na piscina?" Thorogood não respondeu. Então Janet veio correndo até eles e começou a fazer massagem cardíaca em Jones. Depois, ergueu os olhos para Wohlin e apenas disse: "Anna, não adianta, você o perdeu". Uma ambulância e a polícia chegaram. Wohlin foi levada para o quarto e o médico tentou sedá-la, mas ela recusou o medicamento. Na manhã seguinte, Anna estava convicta de que Thorogood matara Brian, acusação fortalecida quando ambos foram à delegacia prestar depoimento. Durante o caminho, o homem falou: "A única coisa que você precisa dizer é que Brian estava bebendo e que o afogamento foi um acidente. Não precisa contar mais nada. Eu saí da piscina para acender um cigarro na cozinha e não sei nada além do que você sabe".

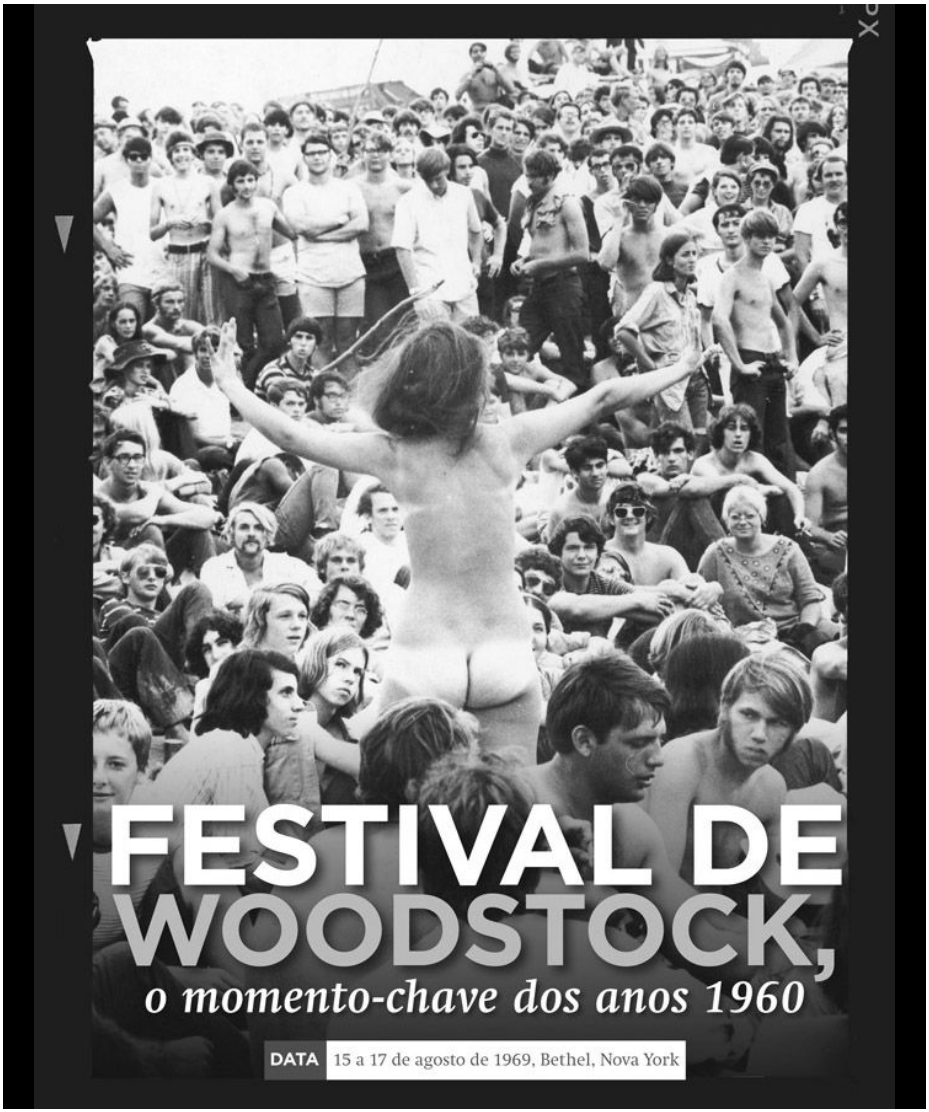
Esgotada pelo luto, sem dormir, assustada e confusa, Wohlin seguiu as instruções do empreiteiro. Mais tarde, admitiu ter escondido a verdade. Ela disse temer que seu fim acabasse sendo como o de Jones. "Hoje, eu me envergonho por não ter revelado a verdade."

No inquérito, o legista concluiu que a morte do guitarrista foi um infortúnio. Contudo, Jones era um bom nadador, além de bebedor e usuário de drogas calejado. Será que algumas doses e a pílula encontrada em seu corpo bastariam para desorientá-lo e arremessá-lo em direção à morte? Improvável.

No concerto gratuito dos Rolling Stones no Hyde Park, em Londres, que aconteceu dois dias depois, Mick Jagger leu um poema de Shelley em memória de Brian e soltou milhares de borboletas no céu. Foi uma comovente lembrança de como Brian Jones não apenas perdera a namorada e a banda naquele verão, mas também a vida.



Lewis Brian Hopkins Jones nasceu no dia 28 de fevereiro de 1942 em uma família claramente de classe média. Foi criado em Cheltenham, Gloucestershire. Em 1959, engravidou a namorada adolescente. Ela teve a criança e deu para adoção. Jones mudou-se para Londres buscando evitar mais escândalo e, na capital, criou a banda que o mundo viria a conhecer como Rolling Stones. Inicialmente, era ele o líder do grupo, mas a posição lhe foi usurpada quando o cantor Mick Jagger e o guitarrista Keith Richards começaram a compor. Então, a principal função de Jones se tornou providenciar instrumentação interessante para as gravações; ele era um bom músico. Também sabia se vestir e foi um dos primeiros astros pop a lançar o visual andrógino. Enquanto perdia o controle da banda, Jones mergulhava fundo no consumo de drogas. Em 1969, foi convidado a deixar os Rolling Stones. O guitarrista começou a tramar uma nova banda, que contaria com músicos igualmente famosos, como John Lennon, Alexis Korner e Steve Marriott, integrante do Small Faces e do Humble Pie, entre outros, mas faleceu antes de pôr a ideia em prática.


FESTIVAL DE
WOODSTOCK,
o momento-chave dos anos 1960
DATA
15 a 17 de agosto de 1969, Bethel, Nova York

Não era para ser desse jeito. O principal propósito do festival era dinheiro, arrecadar fundos para construir um estúdio de gravação altamente rentável em Woodstock, um belo local destinado a músicos de peso como Dylan e The Band. O verdadeiro legado desse plano foi o nome do festival, que aconteceu nos arredores de Bethel, a poucos quilômetros dali. O local originalmente planejado para o evento era um desagradável parque industrial perto de Wallkill.

Ele não foi planejado para ser um dos eventos culturais mais significativos da década, atraindo meio milhão de pessoas, se tornando símbolo do período e conferindo a Woodstock, em Nova York, fama vitalícia. Contudo, assim eram os anos 1960. As pessoas nunca sabiam o que esperar na próxima curva.

Os organizadores do Festival de Woodstock eram quatro jovens: John Roberts, Joel Rosenman, Artie Kornfeld e Mike Lang. Roberts era herdeiro de uma fortuna do setor farmacêutico, e ele e seu amigo Rosenman buscavam uma forma de investir parte desse dinheiro e lucrar em cima.

Eles colocaram um anúncio no *The New York Times* afirmando: "Jovens com capital ilimitado buscam interessantes e legítimas oportunidades de investimento, além de propostas comerciais". Foi assim que os amigos conheceram Kornfeld e Lang. Ao longo de discussões, tiveram a ideia de construir um estúdio em Woodstock. O capital inicial viria de um festival a ser organizado em agosto.

A JUVENTUDE DOS ESTADOS UNIDOS MOSTROU QUE ERA POSSÍVEL SE JUNTAR E TRABALHAR EM PROL DO BEM MAIOR. ISSO FEZ COM QUE WOODSTOCK SE

TRANSFORMASSE NO PARÂMETRO UTILIZADO PARA MENSURAR TODOS OS FESTIVAIS AINDA HOJE

Os quatro homens definiram Wallkill como local e começaram a procurar as atrações. Entre as que disseram não estavam Dylan, The Beatles, The Doors, The Byrds, The Moody Blues e Joni Mitchell. Somente quando o Creedence Clearwater Revival aceitou, as outras bandas começaram a aderir também. Os ingressos então foram impressos, e não eram baratos: sete dólares para um dia, treze dólares por dois e dezoito pelo fim de semana todo.

Contudo, um mês e meio antes da data do festival, a câmara municipal de Wallkill votou contra a permissão para o evento. A cidade não queria de forma alguma ver milhares de moças e rapazes de longos e sujos cabelos por ali com sua música alta e drogas ainda mais potentes. Felizmente, Max Yasgur, fazendeiro na vizinha Bethel, ofereceu sua fazenda de seiscentos acres para sediar o festival. Os organizadores tiveram de começar novamente, construindo palcos, barracas de comida, trazendo água e instalações sanitárias.

"SE NOS JUNTARMOS A ELES, PODEMOS TRANSFORMAR AS ADVERSIDADES QUE SÃO OS PROBLEMAS DESTE PAÍS NA ESPERANÇA DE UM FUTURO MELHOR E MAIS PACÍFICO"

Na quarta-feira, 13 de agosto, dois dias antes de o festival ter início, a notícia se espalhou e a comunidade hippie pôs o pé na estrada. Enquanto os organizadores corriam tentando acertar tudo, cinquenta mil pessoas chegaram e ocuparam a frente do palco principal. Não tinha como os organizadores obrigarem todos eles a pagar. Além disso, já haviam vendido uma boa quantidade de ingressos antecipadamente.

A única saída foi declarar que Woodstock seria um festival gratuito. Com essa informação, um milhão de pessoas tentou chegar até ali; metade delas foi convencida pela polícia a dar meia-volta. Isso

fez com que os organizadores tivessem de encarar apenas meio milhão de pessoas.

Na sexta-feira à noite, dedicada ao folk, Richie Havens subiu no palco e o Festival de Woodstock teve início. Naquela noite, a enorme multidão curtiu Tim Hardin, Arlo Guthrie e Joan Baez, entre outros. No sábado, outros grandes nomes fizeram apresentações maravilhosas: Country Joe McDonald, John Sebastian, Santana, Canned Heat, The Incredible String Band, Grateful Dead, Creedence, Janis Joplin, Sly and the Family Stone, The Who e Jefferson Airplane, que finalizou seu espetáculo às 8h30 da manhã de domingo.

A música foi retomada às 15h30 com Joe Cocker, The Band, Johnny Winter e Crosby, Stills, Nash and Young. Conforme o dia chegava ao fim, as pessoas começaram a partir. Quando a última atração do festival, Jimi Hendrix, subiu no palco, restavam apenas 25 mil pessoas para ouvir a dinâmica seleção de dezesseis músicas.

Entretanto, o que definiu Woodstock não foi a música, boa parte da qual foi exemplar, mas o comportamento da plateia. Apesar dos contratempos – a busca por água, banheiros e comida –, somente três mortes foram registradas em Woodstock: uma provocada por um acidente com trator, uma por apêndice rompido e outra por overdose de drogas. Aconteceram dois partos e nenhum episódio de violência, apesar das difíceis condições, incluindo muita chuva e lama. A juventude dos Estados Unidos mostrou que era possível se juntar e trabalhar em prol do bem maior.

QUANDO A CHUVA DESMORONOU, DISSERAM À PLATEIA QUE TENTASSE NÃO CAIR, POIS HAVIA LSD NA LAMA. OUTRA PESSOA GRITOU DO PALCO QUE SE PENSASSEM COM AFINCO A CHUVA IRIA EMBORA. E ELA FOI.

Foi essa conquista que conferiu a Woodstock seu toque especial e o transformou no parâmetro utilizado para mensurar todos os festivais ainda hoje. Max Yasgur, o fazendeiro, disse a respeito das pessoas acampadas em suas terras: “Se nos juntarmos a eles, podemos

transformar as adversidades que são os problemas deste país na esperança de um futuro melhor e mais pacífico".

Para os organizadores, podiam até ser belas palavras, mas certamente não cobriam a realidade – eles deviam um milhão de dólares e havia cerca de setenta processos contra eles. O fato de terem criado aquele que hoje é considerado o maior festival de rock de todos os tempos era pouco reconfortante.

A saída veio um ano depois, quando o filme *Woodstock: três dias de paz, amor e música*, dirigido por Michael Wadleigh e editado por Thelma Schoonmaker e Martin Scorsese, se tornou um grande sucesso. Kornfeld pedira dinheiro à Warner Brothers para filmar o evento. Um único executivo considerou que o projeto valia a pena. Arriscando o próprio emprego, Fred Weintraub entregou cem mil dólares a Kornfeld. O sucesso do filme ajudou bastante a aliviar as angústias financeiras daqueles homens.

Igual efeito teve o lançamento de dois discos de Woodstock, usando material de todos os artistas ao longo dos três dias. Os álbuns também incluíam anúncios memoráveis no palco. Quando a chuva desmoronou, disseram à plateia que tentasse não cair, pois havia LSD na lama. Outra pessoa gritou do palco que se pensassem com afinco a chuva iria embora.

E ela foi. Na tarde de domingo, com o público cantando "Chuva, chuva, vá embora", o sol rasgou as nuvens, iluminando as pessoas. Foi um dos momentos mais mágicos dos anos 1960, um dos motivos pelos quais o festival está inscrito na história.

Quatro meses mais tarde, os Rolling Stones tentaram criar sua própria versão de Woodstock com o Festival de Altamont, e toda a sua magia foi destruída.

O
FESTIVAL DE
ALTAMONT
e o fim dos anos 1960
DATA 6 de dezembro de 1969, Califórnia
125PX

Oito dólares. Não é muito, certo? Errado. Em 1969, era um preço exorbitante por um show. A maioria custava no máximo três dólares. Oito dólares? Era esse o preço para ver os Stones em sua primeira turnê pelos Estados Unidos em três anos. Era o valor mais elevado já cobrado por um show de rock'n'roll. O Festival de Altamont no encerramento da turnê, gratuito, era para ser uma espécie de oferta de paz, mas, quando terminou, quatro pessoas estavam mortas, uma delas assassinada. Por isso, muitos consideram Altamont o festival que sinalizou o fim do idealismo, o fim do ideal de paz e amor, o fim, na verdade, dos anos 1960.

Quando a turnê dos Stones começou, a primeira sem Brian Jones, os ingressos logo esgotaram. Os músicos tinham a reputação de maior banda de rock'n'roll do mundo e todos queriam verificar se a fama se justificava.

Apesar do sucesso, os Stones ficaram surpresos com o amargor contra eles destilado pela imprensa *underground*, representante da cultura roqueira. Ralph Gleason, da *Rolling Stone*, foi particularmente mordaz em relação ao preço dos ingressos para ver o grupo. Para ele, tal ganância nua e crua estava em desacordo com a ideia de cultura como movimento de igualdade, no qual a música era uma força liberadora visando à construção de um mundo melhor.

Para acalmar aqueles como Gleason, os hippies e os esquisitões, os Stones aceitaram organizar e tocar em um festival gratuito no fim da turnê. O show estava marcado para 6 de dezembro de 1969.

A ideia surgiu depois de um bate-papo informal nos bastidores com Jerry Garcia, do Grateful Dead. Os Stones pediram para Garcia encabeçar o festival e ele sugeriu que o grupo utilizasse os Hells

Angels locais como seguranças. Como os Stones tinham sido bem-sucedidos ao empregar os Angels britânicos durante sua apresentação no Hyde Park no verão, Jagger e Richards julgaram a ideia de Garcia valiosa. Nenhuma autoridade policial estaria envolvida e o concerto tinha potencial para ser um segundo Woodstock, pacificando dessa forma os críticos da banda. Perfeito.

O local original do show seria o gigantesco Golden Gate Park, em San Francisco. Contudo, um jogo de futebol americano no estádio dentro do parque, marcado para o dia do festival, fez a ideia ser descartada. O ponto escolhido passou a ser o Sears Point Raceway, porém, após uma discussão sobre direitos cinematográficos, o concerto foi novamente transferido, dessa vez para a Altamont Raceway.

UM BANDO DE ESTUDANTES DISTRIBUIU TABLETES DE LSD MISTURADO COM ANFETAMINA. OS ANGELS COMEÇARAM A CONSUMIR A DROGA COM GRANDES QUANTIDADES DE CERVEJA E VINHO. O PÚBLICO PASSOU A FICAR PARANOICO, ASSIM COMO OS ANGELS

A escolha do local se deu apenas dois dias antes do show e criou uma série de problemas. Não havia tempo para instalar banheiros e muitas barracas de comida não puderam ser armadas. Suprimentos médicos seriam escassos e haveria pouca água potável. Para piorar, devido à geografia de Altamont, o palco estava localizado ao fundo de um declive e não podia ser armado em uma posição vantajosa, elevada e segura.

Esses problemas, bem como muitos outros, foram debatidos na noite de quinta-feira em uma reunião entre o empresário da turnê dos Stones, Sam Cutler, o empresário do Grateful Dead, Rock Scully, e Pete Knell, dos Hells Angels de San Francisco. Knell começou dizendo que os Angels eram foras da lei e não tinham interesse em policiar eventos. Contudo, se recebessem quinhentos dólares em cerveja, entregues em baldes de gelo, garantiriam que ninguém da plateia subisse no palco. O acordo foi fechado. Sonny Barger, o Hell Angel

mais famoso do mundo, lembra que recebeu a seguinte instrução: “Sentar na beira do palco para ninguém invadir, e eu poderia beber cerveja até o show acabar. E foi isso que fui fazer ali”.

Os Stones então anunciaram quais bandas tocariam e a ordem de apresentação. A lista trazia Santana, Jefferson Airplane, Flying Burrito Brothers, Crosby, Stills and Nash, Stones e, por fim, Grateful Dead. Na sexta-feira, 5 de dezembro, um dia antes do espetáculo, as pessoas começaram a chegar a Altamont.

Às duas da madrugada do sábado, Mick Jagger e Keith Richards chegaram para dar uma conferida no lugar. Jagger, vestindo capa de veludo vermelho e boné, foi saudado pelos fãs. Ele deu entrevistas dizendo como estava feliz com o festival e tomou um helicóptero de volta para o hotel. Richards permaneceu e ficou chapado.

Às sete da manhã, os Angels permitiram que o público ali reunido adentrasse o vale e corresse até o palco. Às dez horas, cem mil pessoas haviam chegado. Entre eles, um bando de estudantes da Universidade de Berkeley que distribuiu tabletes de LSD misturado com anfetamina. Os Angels também receberam a droga e começaram a ingeri-la com grandes quantidades de cerveja e vinho. O público passou a ficar paranoico, assim como os Angels.

Santana foi a primeira banda a se apresentar. Na metade do show, um rapaz tentou subir no palco. Vários Angels o cercaram, bateram nele e o jogaram no chão. Mais tarde, Carlos Santana declarou aos repórteres: “Durante nosso show, vi do palco um cara com uma faca querendo ferir alguém. Ele queria briga. Havia garotos sendo esfaqueados e cabeças sendo rachadas o tempo todo”.

A atração seguinte foi Jefferson Airplane. Meses antes, a banda abrira para os Stones e roubara o show. A princípio, Jagger não queria nem saber desse grupo por perto do festival, mas, dada a reputação deles na contracultura de San Francisco, o vocalista deu o braço a torcer. No entanto, estipulou que deveria haver ao menos três bandas entre eles e o Airplane. Bem quando a banda começou a tocar “We Can Be Together”, outro rapaz invadiu o palco. Imediatamente, vários Angels começaram a bater nele com tacos de bilhar, antes de lançá-lo de volta à plateia. Como o rapaz continuou cambaleando ao redor,

mais Angels pularam do palco e começaram a socá-lo mais uma vez.

Indignado com as cenas violentas, Marty Balin, guitarrista do Airplane, pulou do palco e correu para ajudar o fã miserável. Ele gritou para os Angels pararem com o espancamento e, em troca, recebeu um murro na cara que o lançou ao chão. Depois que ele se levantou e voltou aos trancos e barrancos para o palco, Grace Slick, vocalista da banda, pegou o microfone e berrou: “Por que temos que brigar? Pessoal, vamos nos acalmar para continuar com a diversão”.

Enquanto ela falava, um helicóptero entrou em cena, trazendo Mick Jagger e Mick Taylor. Ele aterrissou e, enquanto Jagger descia da máquina, um cabeludo correu em sua direção e lhe desferiu um soco na cara. “Eu odeio você, odeio você”, gritava. Muito abalado, o cantor foi levado às pressas aos bastidores, onde ele e o restante da banda começavam a esperar nervosamente no trailer. De tempos em tempos, chegavam relatos a respeito do caos e da violência rolando por ali.

CONTUDO, A PAZ NÃO DUROU. POUCOS MINUTOS APÓS O INÍCIO DA APRESENTAÇÃO DE CROSBY, STILLS AND NASH, A VIOLÊNCIA ECLODIU, E OS ANGELS PARTIRAM PARA CIMA DO PÚBLICO, BATENDO EM TODOS COM PAUS E OS PRÓPRIOS PUNHOS

Houve certo alívio quando os Flying Burrito Brothers subiram ao palco. Suas canções melódicas e com toques country pareceram ter o efeito de uma espécie de bálsamo e, durante algum tempo, o festival acalmou. Contudo, a paz não durou. Poucos minutos após o início da apresentação de Crosby, Stills and Nash, a violência eclodiu, e os Angels partiram para cima do público, batendo em todos com paus e os próprios punhos. Crosby, Stills and Nash saíram rapidamente e começou a espera pelos Stones. Enquanto isso, o Grateful Dead anunciava não ter gostado do que vira e que voltaria a San Francisco. Os Stones seriam a última banda da noite.

MEREDITH SE VIROU E SACOU UMA ARMA DO BOLSO. UM ANGEL TOMOU A ARMA DELE E OUTRO O ESFAQUEOU NAS COSTAS MAIS UMA VEZ

Um dos truques dos Stones era fazer a plateia aguardar sua entrada no palco, criando tensão. Apesar dos apelos dos Angels e dos organizadores para esquecer aquilo e entrar o mais depressa possível, Mick Jagger se recusou. Ele não queria aparecer, explicou, até anoitecer por causa da maquiagem e das roupas. Os efeitos seriam muito melhores no escuro do que ao entardecer.

A plateia esperou, e a violência continuou. Muita gente viajava com ácido. Muitos relataram ter visto Angels esfregando LSD nas bochechas antes de pegar porretes e partir para cima do público. Depois de uma hora e meia, os Stones finalmente se encaminharam para o palco.

Eles entraram e se viram cercados de todos os lados pelo pessoal de apoio e por Angels. Devia ter mais de 150 pessoas no palco minúsculo. Jagger vestia capa de cetim laranja e preta e tinha razão: ele ficava mais demoníaco na escuridão, com os holofotes voltados para ele. A banda mandou ver "Jumpin' Jack Flash". Enquanto os Stones tocavam, quatro Angels identificaram alguém na plateia e foram atrás. Uma briga estourou enquanto o grupo hesitantemente se apresentava.

Satisfeitos, os Angels retornaram ao palco. Jagger pediu que as pessoas no tablado se afastassem para que ele pudesse dançar, mas não havia para onde irem. Enquanto isso, várias pessoas correram para o palco e foram espancadas. Era uma espécie de brincadeira sinistra, envolvendo corrida e porrada.

A banda entoou "Sympathy for the Devil". Uma garota nua caminhou em direção a Jagger. Antes de conseguir tocá-lo, cinco Angels a pegaram, mas ela se agarrou a um amplificador. Os Angels tentaram soltá-la. Jagger viu o que estava acontecendo e, com sua voz sarcástica e lamuriante, falou: "Pessoal, garanto que não é preciso tanta gente para dar conta disso".

Os Angels o encararam, furiosos com o comentário mordaz.

Porém, antes que pudessem fazer alguma coisa, Jagger bradou para Mick Taylor: “Porra, cara... tem alguém ali... tem um sujeito apontando uma arma pra gente”.

Meredith Hunter era um garoto negro de 17 anos com uma namorada loura chamada Patty. No dia de seu assassinato, trajava terno verde brilhante e havia ingerido grande quantidade de metanfetamina. Quando os Stones subiram no palco, Meredith foi ao carro buscar Patty, que estava se divertindo com amigas. Eles desceram o morro, com Meredith chapado e determinado a ficar o mais perto possível do palco. Por fim, ele se viu parado ao lado de um rapaz chamado Paul Cox.

Uma dupla de Hells Angels no palco do Festival de Altamont, onde Meredith Hunter seria assassinado. Os Stones queriam que Altamont fosse sua versão de Woodstock – o festival acabou virando um inferno.

Cox veio a declarar que, quando Meredith chegou, ele estava de olho no palco, ignorando deliberadamente um Angel que o fitava de cara feia havia vários minutos. “Ele não tirava os olhos de mim, e de repente eles estavam brigando com o rapaz negro ao meu lado...”

O Angel em questão se abaixou e puxou o cabelo de Meredith, fazendo o garoto urrar de dor. O agressor riu, e Meredith o fuzilou com os olhos. Assim, o Angel se inclinou, deu-lhe um soco na boca e saltou no chão para bater mais. Meredith tentou fugir, mas foi agarrado por vários “seguranças”, um dos quais pegou uma faca e a enterrou em suas costas.

Meredith se virou e sacou uma arma do bolso. Um Angel tomou a arma dele e outro o esfaqueou nas costas mais uma vez.

O garoto caiu de joelhos, depois se levantou e começou a se arrastar para longe dali o mais rápido que podia. Mas os Angels foram atrás e o lançaram ao chão, passando a chutar seu rosto e seu corpo.

Quando terminaram, o primeiro Angel a bater nele ficou de pé sobre sua cabeça por um minuto e depois foi embora. Os outros Angels se reuniram ao redor do rapaz ferido. “Não toquem nele”, um deles alertou a plateia. “Ele vai morrer mesmo, então deixem que morra”.

“ELES FICARAM NOS BARRANDO”, COX DECLAROU POSTERIORMENTE. “SABIAM QUE ELE MORRERIA. QUERIAM QUE O RAPAZ MORRESSE PROVAVELMENTE PARA NÃO FALAR. DEMOROU UNS QUINZE MINUTOS PARA LEVÁ-LO PARA TRÁS DO PALCO”

Os Angels vigiaram Meredith por vários minutos antes de irem embora. Então, várias pessoas correram para ajudá-lo, entre eles Paul Cox. Eles arrancaram a jaqueta do garoto e viram três grandes furos no corpo: na espinha dorsal, no flanco e na têmpora. Cox e o médico Robert Hiatt pegaram Meredith, ainda respirando, e o levaram ao palco, em busca de assistência médica de emergência.

Ciente da comoção, a banda decidiu interromper o show. Jagger implorou para todos: “Se acalmem. Todo mundo fique frio”. O grupo começou a tocar novamente, mas o som era incerto e frouxo. Jagger, tão desejoso de se apresentar ao mundo como um deus roqueiro de proporções dionisíacas, havia se transformado num moleque fraco, inútil, em uma péssima fantasia de Halloween.

Alguém tentou subir no palco para avisar Jagger sobre o rapaz esfaqueado, mas foi jogado de volta. O vocalista interrompeu a música mais uma vez. “Por que estamos brigando? Nós não queremos brigar... Temos de parar agora. Se não pudermos, não adianta nada.”

Alguém da plateia gritou, pedindo para Jagger parar, mas ele não conseguiu entender. A banda retomou mais uma vez, enquanto Cox e o médico tentavam colocar Meredith no palco para ir à barraca médica. Contudo, os Hells Angels não os deixavam passar. “Eles ficaram nos barrando”, Cox declarou posteriormente. “Eles mandavam dar a volta pelo outro lado. Sabiam que ele morreria em questão de minutos. Queriam que o rapaz morresse provavelmente para não

falar... Demorou uns quinze minutos para levá-lo para trás do palco."

O médico que finalmente atendeu o ferido não pôde fazer nada. Não havia equipamento médico no local nem helicóptero para transportá-lo a um hospital. Meredith morreu pouco antes de receber ajuda. "Os organizadores do festival são moralmente irresponsáveis", teria afirmado um médico.

Enquanto isso, Jagger continuava no palco, novamente pedindo calma, implorando um basta à violência. Keith se aproximou do microfone e desaprovou o comportamento de um grupo de Hells Angels que ainda estava brigando. A resposta foi rápida. Um deles foi até o microfone de Keith, olhou direto para o guitarrista e falou: "Foda-se".

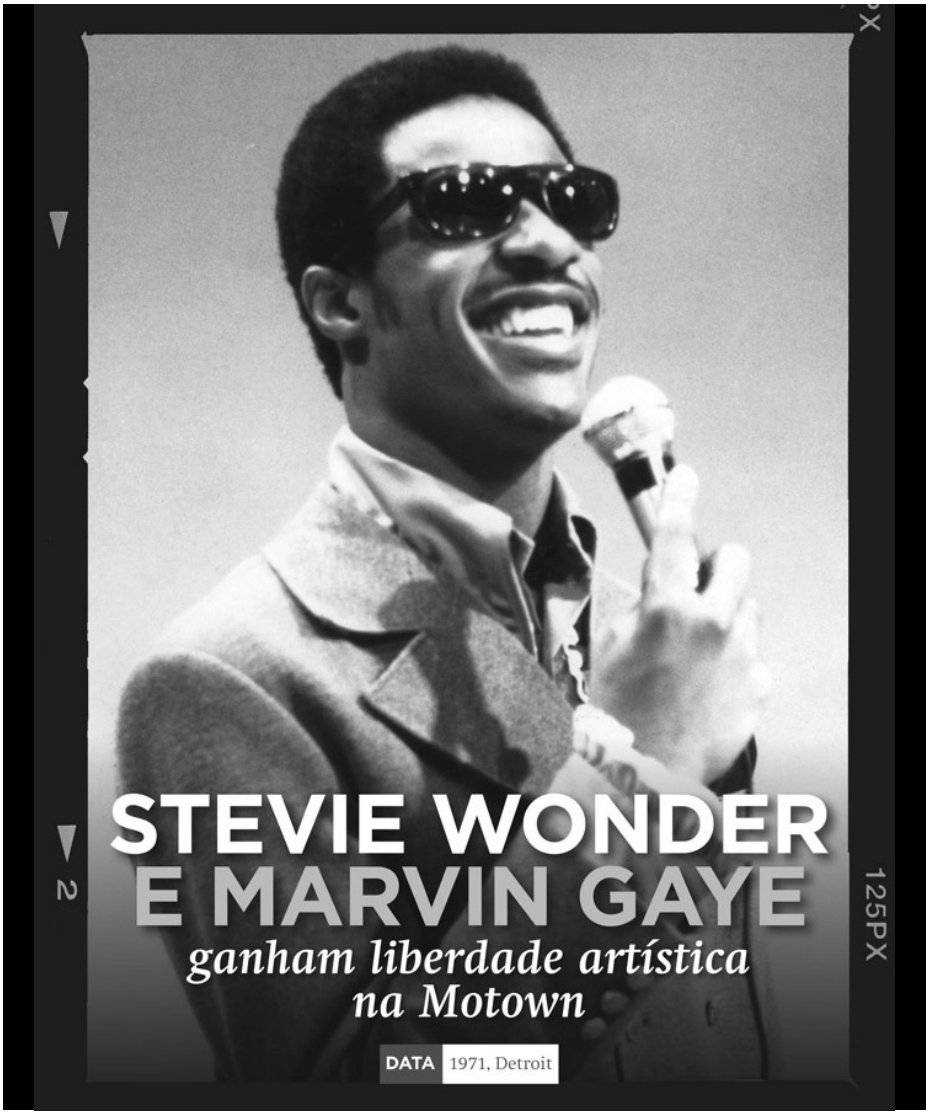
Finalmente, todos sossegaram – de certa maneira. Os Stones conseguiram tocar "Brown Sugar", "Midnight Rambler", "Gimme Shelter" e "Honky Tonk Women", antes de terminar – ironicamente – com "Street Fighting Man". Eles deixaram o palco e caminharam em direção aos helicópteros, deixando para trás o inferno que se tornara Altamont.

No dia seguinte, um dos artistas presentes, David Crosby, deu uma entrevista na qual comentou: "Não precisávamos dos Angels. Não os estou desprezando, porque isso não é saudável e porque eles só fizeram o que esperavam que fizessem... Mas os Stones não os conhecem. Para eles, um Angel é algo entre Peter Fonda e Dennis Hopper. Isso não é verdade. Entretanto, não creio que os Angels foram o maior equívoco. Para mim, o maior erro foi pegar o que era basicamente uma festa e transformá-la num jogo de ego e estrelismo. Uma viagem de ego do tipo 'Olha quanta gente tem aqui' e um ataque de estrelismo dos Rolling Stones".

"OS ORGANIZADORES DO FESTIVAL SÃO MORALMENTE IRRESPONSÁVEIS", TERIA AFIRMADO UM MÉDICO MAIS TARDE

Os Stones se recusaram a tecer comentários. Eles só voltariam a

visitar os Estados Unidos três anos depois. No verão de 1971, Alan Passaro, integrante dos Hells Angels, foi julgado pelo assassinato de Meredith Hunter. Após ver uma filmagem em que a vítima aparecia portando uma arma em Altamont, o júri o considerou inocente e Passaro não foi preso. Em 2003, a delegacia de polícia do condado de Alameda deu início a uma investigação de dois anos sobre a possibilidade de outro Hells Angel ter participado do assassinato. Determinando que Passaro agiu sozinho, a delegacia concluiu definitivamente o inquérito em 25 de maio de 2005.


STEVIE WONDER
E MARVIN GAYE
ganham liberdade artística
na Motown
DATA 1971, Detroit

É início de 1967 e a Motown é o selo fonográfico mais quente dos Estados Unidos. Um exército de músicos, produtores e compositores excelentes fabricaram uma imbatível máquina de sucessos. Somente naquele ano, a empresa arrecada trinta milhões de dólares com sucessos como "Bernadette", dos Four Tops, "Jimmy Mack", de Martha and the Vandellas, e "Ain't No Mountain High Enough", de Marvin Gaye e Tammi Terrell.

No dia 14 de outubro de 1967, a tragédia atinge a Motown e muda o selo para sempre. Tammi Terrell e Marvin Gaye sobem ao palco do Hampden Sydney College, na Virgínia. Eles começam a cantar e, de repente, Tammi desmaia nos braços de Gaye. Ele corre com ela para os bastidores e a cantora é levada ao hospital. Ela enfrentará oito cirurgias para tentar refrear o tumor cerebral.

A reação da gravadora está longe de ser a mais compreensiva. Ansiosa por manter o domínio das paradas, alcançado por Marvin e Tammi, eles a pressionam a voltar para o estúdio a cada oportunidade. Quando a cantora está muito doente para se apresentar, trazem uma substituta, Valerie Simpson, para simular os vocais de Tammi, de forma mais notável em "The Onion Song", o grande sucesso britânico. Marvin reage mal às manobras da Motown. Ele começa a se recusar a gravar ou a se apresentar ao vivo. Está desiludido com a máquina de sucessos da Motown e com suas muitas exigências.

Sua rota de fuga vem da fonte mais improvável. Certo dia, Renaldo Benson, dos Four Tops, presencia uma briga entre a polícia e manifestantes por um terreno conhecido como People's Park. Isso o inspira a compor um riff de guitarra, que leva ao compositor Al Cleveland. A canção criada por eles é batizada de "What's Going On".

MARVIN REAGE MAL ÀS MANOBRAS DA MOTOWN. ELE SE RECUSA A GRAVAR OU A SE APRESENTAR AO VIVO. ESTÁ DESILUDIDO COM A MÁQUINA DE SUCESSOS DA MOTOWN E COM SUAS MUITAS EXIGÊNCIAS

Os outros integrantes do Four Tops rejeitam a música. É uma música de protesto, reclamam, o que não é bom para as vendas. Então, Benson procura Marvin, que continua enlouquecendo a Motown com seu comportamento mal-humorado. Em 1967, sua versão magistral da canção "I Heard It Through the Grapevine" alcançou o primeiro lugar das paradas do mundo todo. Ainda assim, ele permanece confuso com o sucesso, recusando-se a promover o compacto ou sair em turnê.

GORDY MEMORAVELMENTE DECLARA SER AQUELA UMA DAS PIORES MÚSICAS QUE JÁ OUVIU. ELE JURA QUE A MOTOWN NUNCA VAI APROVAR SEU LANÇAMENTO

Em 16 de março de 1970, morre Tammi Terrell. No funeral, Marvin tem um colapso em público. Mais tarde, anuncia que nunca mais gravará duetos com cantoras nem se apresentará novamente ao vivo. (Em três anos, ele havia quebrado ambas as promessas.) Em vez disso, durante um piquenique da Motown, o cantor anuncia que se tornará jogador de futebol americano profissional.

Em junho de 1970, ele grava "What's Going On". Foi-se o padrão quatro por quatro e o ritmo percussivo que compunham o som clássico da Motown. Naquele momento havia uma levada que não era lenta nem rápida, uma linha de baixo profunda, saxofone melancólico e a letra penetrante cantada por Marvin. O vocal também foi duplicado, efeito obtido apenas porque o engenheiro pressionou os botões errados. Quando a gravação termina, Marvin chama Berry Gordy. Empolgado, ele diz a seu chefe ter produzido a melhor canção da carreira e deseja gravar um álbum com material similar, canções abordando os grandes problemas sociais vivenciados pelos Estados Unidos dentro de suas fronteiras e no Vietnã. Gordy fica perplexo. A

visão que tem de Marvin Gaye é simples: um grande símbolo sexual. Por que diabos ele abriria mão disso para cantar música de protesto? Ao ouvir a canção, Gordy memoravelmente declara ser uma das piores que já ouviu. E jura que a Motown nunca vai aprovar seu lançamento. Marvin dá de ombros e diz: “Tudo bem. Não vou gravar mais nada até minha canção ser lançada”. O impasse dura sete meses.

Gordy passa boa parte do tempo em Los Angeles. Em Detroit, a empresa sabe que precisa de algo novo de Marvin. A única disponível é “What’s Going On”, então eles dão o braço a torcer e a colocam no mercado. Barney Ales, vice-presidente da Motown, viaja a Los Angeles para avisar Gordy. Quando chega, os pedidos de novas cópias do compacto somam cem mil unidades. Ao ouvir a notícia, Gordy abre um sorriso e manda Marvin voltar ao estúdio e produzir um disco que ainda hoje figura entre os melhores já gravados em todos os tempos.

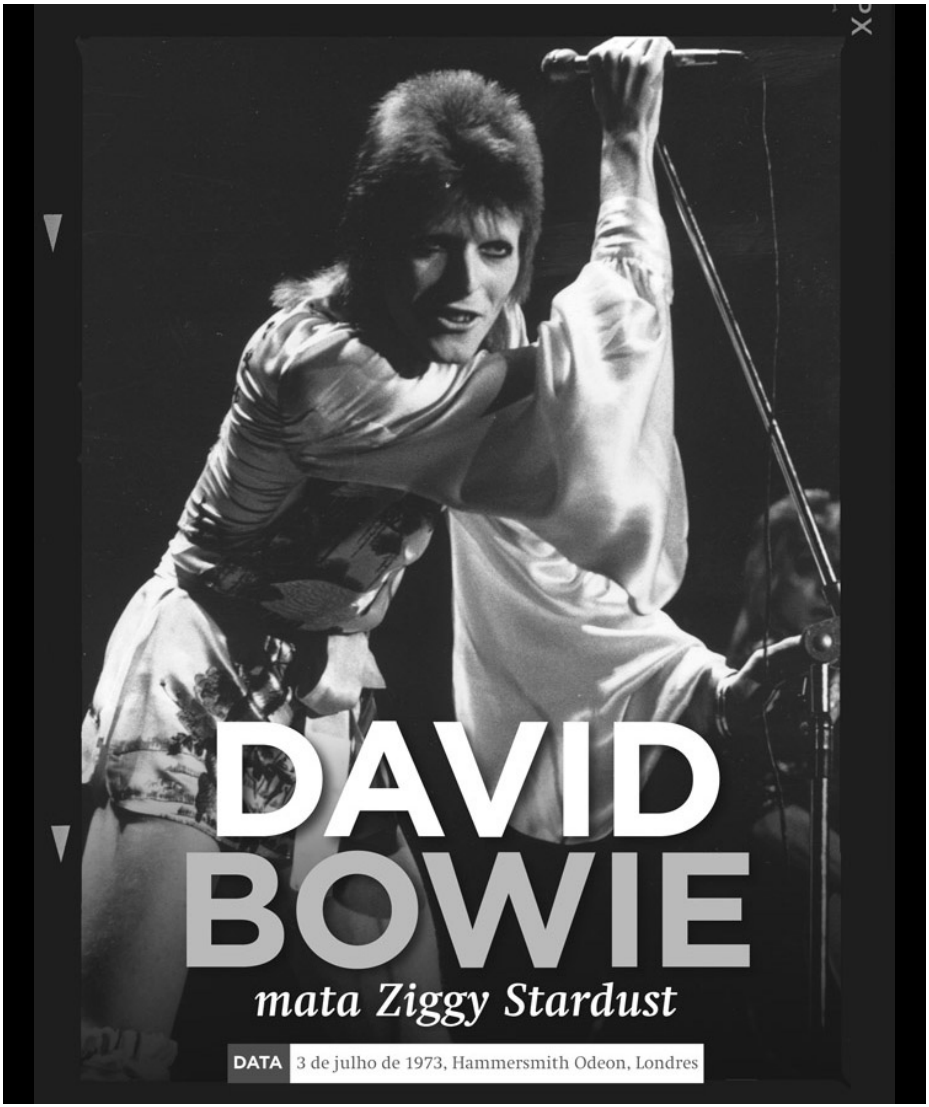
Ao mesmo tempo, um jovem artista da Motown chamado Stevland Judkins, mais conhecido pelo mundo como Stevie Wonder, vem ganhando fama. Ele foi um astro mirim, mas agora está desabrochando e vem se tornando um compositor competente. Está com 21 anos e prestes a receber um milhão de dólares em *royalties* retroativos. Ao pegar o cheque, Wonder causa surpresa. Ele afirma à Motown que não assinará um novo contrato. Em vez disso, vai partir para Nova York para gravar um disco que será vendido a quem der o maior lance. Ali Wonder faz amizade com Robert Margouleff e Malcolm Cecil, da Tonto’s Expanding Head Band. Ele está fascinado pela forma como usam um novo instrumento chamado sintetizador Moog e quer conhecer tudo a respeito. A dupla ensina a Wonder o que sabe, e a imaginação dele é libertada.

A música irrompe de dentro dele. “Acho que na primeira semana gravamos umas 35 canções”, contou Cecil mais tarde. “E gravamos perto de cem faixas antes de o álbum ficar pronto.” A música que Stevie Wonder compõe e grava nesse período incrível o coloca em um novo patamar, no mesmo nível de Dylan e dos Beatles. Sua obra também vai ajudar a acabar com as desavenças que perseguem a música nos EUA.

E temos um final feliz. O disco nova-iorquino de Stevie Wonder,

muito apropriadamente batizado de *Music of My Mind*, é adquirido pela Motown. A gravadora também concorda em dar a Wonder a liberdade musical de que ele tão desesperadamente precisava. A mesma concessão é feita a Marvin Gaye. Após obter esse direito, conquistado a duras penas, Stevie Wonder e Marvin Gaye seguiriam em frente para criar dois dos mais ricos e gratificantes conjuntos de obras musicais.

Stevland Hardaway Judkins nasceu prematuro, seis semanas antes do esperado, em 13 de maio de 1950, em Saginaw, Michigan. Sua cegueira foi diagnosticada logo após o parto. Quando tinha 4 anos de idade, seus pais se separaram e a família se mudou para Detroit. Ele começou a fazer música ainda bem jovem e, aos 12 anos, já dominava piano, baixo, gaita e bateria. Em 1963, gravou o primeiro sucesso, "Fingertips (Part One)", e no fim da década era frequentador regular das paradas, com sucessos como "For Once in My Life" e "My Cherie Amour". Em 1971, a Motown lhe pagou um milhão de dólares em *royalties* atrasados e Wonder negociou um contrato que lhe dava completa liberdade musical. Isso lhe permitiu se firmar como um dos principais compositores do século XX, lançando uma sequência de discos clássicos, como *Music of My Mind*, *Talking Book*, *Innervisions* e *Songs in the Key of Life*. Nos anos 1980, a canção "Happy Birthday" ajudou em muito a estabelecer a data de nascimento de Martin Luther King como feriado nacional nos EUA. Wonder defendeu muitas causas sociais e é um verdadeiro ícone da música norte-americana.


DAVID
BOWIE
mata Ziggy Stardust
DATA
3 de julho de 1973, Hammersmith Odeon, Londres

Na noite de 3 de julho de 1973, no Hammersmith Odeon, em Londres, David Bowie se aproxima do microfone e se dirige à plateia: "Este não é apenas o último dia da turnê", afirma aos fãs histéricos, "mas o último show que faremos". E nesse ponto ele está certo. Bowie nunca mais voltaria a interpretar Ziggy Stardust, o personagem que o lançou à fama. Naquela noite, ele não só matou sua mais famosa criação, como também vitimou o gênero musical que Ziggy veio a representar, o glam rock.

"Se *Sergeant Pepper* foi o ponto máximo dos anos 1960", afirmou certa vez a revista *Creative Loafing*, "o mesmo pode ser dito de Ziggy nos 1970."

O glam rock teve início no começo da década, sobrevivendo por cerca de três anos. É formado por uma batida reta e riffs fáceis. Seus praticantes jogam glitter no cabelo, usam maquiagem e desfilam a passos largos pela cidade em botas plataforma e espalhafatosos macacões coloridos. O glam rock é uma bobagem que produz ótimas canções. Para um homem que desde 1966 expressava o desejo de injetar teatralidade no rock'n'roll, esse gênero é o veículo perfeito.

Como em toda história, o papel de David Bowie na trajetória do glam rock começa em meio ao passado desconhecido de alguém. Vince Taylor era um roqueiro britânico que atuou no fim dos anos 1950 e começo dos 1960, se apresentou em casas como The 2i's, no Soho, e compôs ótimas canções, como "Brand New Cadillac". Ele vestia jaqueta de couro preta, o cabelo com brilhantina penteado para trás e era dono de ideias malucas. Acreditava piamente na existência de uma ligação entre ele, Jesus e os óvnis. Certa noite no palco, declarou ser o filho de Deus. Sua carreira declinou um bocado depois desse pronunciamento.

Em 1966, Taylor conhece um jovem cantor chamado David Jones. Jones gosta de Taylor por causa das farras, porque ele bebe, usa drogas e faz coisas malucas. Jones se lembra de sentar-se numa calçada de Londres e observar Taylor apontando num mapa onde as espaçonaves estavam prestes a aterrissar.

Quando David Jones virou David Bowie, ele não se esqueceu de Taylor. Quatro anos mais tarde, conforme começa a criar a história do personagem batizado de Ziggy Stardust, ele toma como base a vida e a carreira de Taylor. Bowie cria Ziggy Stardust em 1970, nos EUA. Para ele, um homem fascinado por estilo e imagem, trata-se de uma época de grande frustração. Ao seu redor só há cabelos compridos, contas, barbas e jeans – jeans em todos os cantos, nas bandas, nos fãs. Para Bowie, é tudo muito tedioso.

ELES SE SENTEM TREMENDAMENTE DESCONFORTÁVEIS NESSAS ROUPAS ATÉ O FIM DO SHOW, QUANDO UM BANDO DE GAROTAS CORRE AOS BASTIDORES DISPOSTAS A TRANSAR COM ELES

No entanto, ele conhece os caminhos do pop. Sabe que, assim que uma coisa faz sucesso, seu oposto vem para substituí-lo. Rock progressivo, depois punk rock. O soul brando dos anos 1970, depois o hip hop. Então, ele levará a música na direção oposta, rumo ao glamour e ao ultraje. Em maio de 1971, Bowie começa a trabalhar no projeto Ziggy. Enquanto isso, seu amigo de longa data e rival Marc Bolan tira a sorte grande. Seus compactos “Hot Love” e “Ride a White Swan” vendem milhões de cópias. A bolanmania explode e Bowie vê tudo com inveja, planejando uma estratégia melhor.

Bowie agora controla sua música, injetando um som pop rock muito mais pesado que antes. As novas canções são centradas nas guitarras, sucintas e tocadas com petulância. Ele sabe que o disco recém-gravado, *Hunky Dory*, não tem perspectiva. Trata-se de uma coletânea de grandes canções levemente anacrônicas. Bowie concentra-se em forjar um som mais contido. O glam rock é uma

realidade da vida e Bowie deve aceitar o fato se quiser sobreviver.

Ele decide elevar o conceito de Ziggy a um novo patamar e acaba se tornando o personagem. Trata-se de uma decisão sem precedentes. Para pôr à prova seu novo rumo, Bowie cria uma banda fictícia chamada Arnold Corns, liderada por um amigo, o estilista Freddie Burrett. Um compacto de Arnold Corns com "Moonage Daydream" e "Hang On to Yourself" aparece no devido tempo e não dá em nada.

Em dezembro, *Hunky Dory* é lançado. A imagem de Bowie na capa evoca a lembrança de grandes atrizes de Hollywood – Bacall, Garbo, Hepburn. O álbum granjeia boas críticas, mas fracassa nas vendas. Trata-se de uma coisa boa. Sem outras distrações, Bowie pode começar a criar o visual de Ziggy.

Freddie Burrett participa da conspiração, e sua musa é a modelo Daniella Parmar. "Daniella foi a primeira garota que vi com cabelo descolorido com água oxigenada e imagens recortadas de quadrinhos tingidas no fundo", escreveu Bowie certo dia. "Abençoada com estilo absoluto, ela inconscientemente mudou o visual da mulher britânica – minha mulher se inspirou cem por cento em seu estilo (e penteado)..."

Entre outras influências, podem ser citados os figurinos de dois filmes de Stanley Kubrick: *2001: uma odisseia no espaço* e *Laranja mecânica*. Bowie também adota a bota de cano médio de luta livre e a transforma numa pequena torre de vinil brilhante, com cadarço até o topo. O penteado, um topete vermelho vivo, foi emprestado da imagem na capa de uma revista de uma modelo do estilista Yamamoto.

Fãs apaixonados estendem a mão para David Bowie. Esta seria a última vez em que interpretaria seu mais famoso personagem, Ziggy Stardust, a figura icônica que o lançou ao superestrelato.

Bowie imagina uma série de shows nos quais a teatralidade será tão importante quanto a música. A principal inspiração nesse aspecto é Lindsay Kemp, mímico com quem trabalhara e que venera. “Eu o ensinei a exagerar o corpo e a voz”, afirma Kemp, “e a importância tanto de ser bonito quanto de soar bem.”

Então, Bowie dá um golpe de mestre. Ele declara ser gay à revista *Melody Maker*. A confissão (ele na verdade é bissexual) gera enorme interesse da imprensa. No fim de janeiro, ele apresenta o primeiro visual de Ziggy durante um show em Buckinghamshire. Ele sobe ao palco com cabelo ruivo brilhante, macacão, braguilha e botas plásticas vermelhas. Os integrantes do grupo vestem macacões dourados ao estilo de Ziggy. Eles se sentem tremendamente desconfortáveis nessas roupas até o fim do show, quando um bando de garotas corre aos bastidores dispostas a transar com eles.

“Sempre estou disposto a divertir”, disse Bowie à imprensa, “não apenas a subir no palco e mandar ver algumas músicas. Eu não

aguentaria viver assim."

Os shows são recebidos com entusiasmo, independentemente do tamanho da plateia, e Bowie e sua banda estão em boa forma. Eles são ótimos ao vivo e ficam melhores a cada noite. Uma palpável sensação de empolgação se liga ao bando de Bowie. O longamente aguardado grande avanço está chegando e todos são capazes de notar.

COCAÍNA, FÃS, ÁLCOOL E UMA AGENDA PUNITIVA, EIS A VIDA DE **BOWIE** AGORA, E ELE AMA CADA MINUTO

Em abril, o primeiro compacto de *Ziggy*, "Starman", é lançado. Bowie dá outro golpe de mestre. Em um programa de tevê tremendamente popular, *Top of the Pops*, diante de milhões de espectadores, ele abraça o guitarrista Mick Ronson. No dia seguinte, em todos os colégios britânicos, a garotada não fala de outra coisa: "Você viu aquele cara de roupa e cabelo estranho?..." E assim tem início o processo pop.

O interesse por Bowie cresce consideravelmente. O álbum *Ziggy Stardust and the Spiders from Mars* é lançado. Trata-se de um disco conceitual, declara Bowie em toda entrevista, no entanto, como todo disco conceitual famoso – pense em *Sergeant Pepper* – não é nada disso. Somente algumas canções de *Ziggy* têm a ver com a história do trágico e mágico astro pop. Todavia, sem sombra de dúvida, *Ziggy* é um álbum de seu tempo, de muitos sinais, um álbum de magnitude compensada por momentos baratos, loucos, de inspiração.

Bowie cai na estrada novamente. Durante um show em Oxford, aplica o terceiro golpe de mestre. No palco, simula sexo oral com a guitarra de Mick Ronson. A casa vai à loucura. O álbum sobe nas paradas, e Bowie ocupa o trono.

Um sucesso desse nível – perseguição de fãs em hotéis, camarins e quartos, as demandas da mídia, dos promotores, da banda e de todos os outros – leva ao abuso. Com Bowie não foi diferente. Mais tarde, ele admitiu: "Era muito mais fácil para mim viver dentro daquele personagem, com a ajuda de substâncias químicas; foi ficando cada

vez mais fácil tornar indistinta a linha entre a realidade e a criatura afortunada criada por mim".

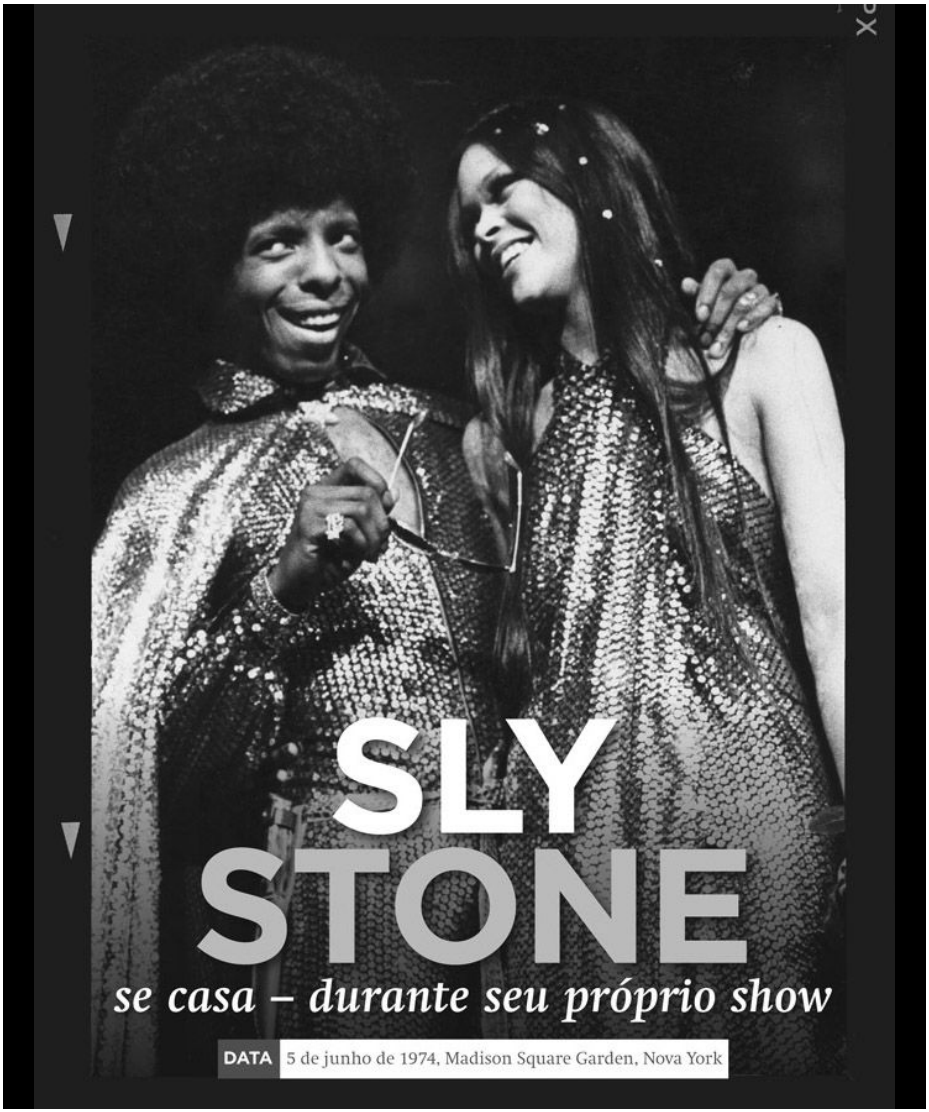
Cocaína, fãs, álcool e uma agenda punitiva, eis a vida de Bowie agora, e ele ama cada minuto. Da mesma forma que Bolan se apropriou do ano de 1971, Bowie se apodera de 1972 e 1973 e se recusa a largar o osso. Lança um novo compacto, "The Jean Genie", no fim de novembro, e três meses depois ainda figura nas paradas. É o ano de "Blockbuster", do Sweet, e "Cum On Feel the Noize", do Slade. O glam rock está no auge, e Ziggy é sua figura mais importante. Seu novo disco, *Aladdin Sane*, chega às lojas em abril de 1973. O álbum conta com cem mil pedidos adiantados e Bowie aparece nu e maquiado na sobrecapa. Naturalmente, arrebata todos diante de si.

Ele sai em turnê como Ziggy mais uma vez e, de alguma maneira, encontra tempo para gravar um disco de covers, *Pin Ups*. A seguir, excursiona pelos EUA, causando pouca reação e esbanjando muito dinheiro. Ele volta ao Reino Unido e recupera toda a grana. Bowie se veste de forma provocadora, sua vida é um manifesto no qual nenhuma barreira é reconhecida, seja sexual ou qualquer outra. Ele banca o astro pop até o último fio de cabelo, interpreta o moleque mimado em toda sua extensão e depois se transforma – simples assim – no estiloso artista preocupado, e tudo num único dia.

Para Bowie, o ritmo se mostra rápido demais, maníaco demais. Ele conhece sua história pop, sabe que pelo bem da carreira terá de se retirar em algum momento, como Dylan nos anos 1960, para se recompor, se recuperar e então ressurgir com outra aparência, recomeçando a dança.

E é por isso que ele mata Ziggy no dia 3 de julho, refugiando-se nas sombras para se reinventar como algo completamente diferente. O glam rock segue aos trancos e barrancos. Sem líder, começa a perder o pique. Em um ano, estará acabado e esquecido, e a garotada adotará a próxima moda. E David Bowie estará ali à sua espera. Ainda. Para ele, existe muito mais a ser produzido – e pelo menos agora ele pode seguramente afirmar que deixou o fantasma de Vince Taylor para trás.

David Robert Jones nasceu no dia 8 de janeiro de 1947. Seu pai trabalhava na organização de caridade britânica Barnardo's, e a mãe era lanterninha de cinema. A família residia no sul de Londres antes de se mudar, em 1953, para Bromley, condado de Kent. Ele estudou na Bromley Technical School e formou a primeira banda, The Konrads, quando tinha 15 anos. Em 1967 mudou seu sobrenome para Bowie e, em 1969, entrou nas paradas com "Space Oddity". Houve um período improdutivo antes de o álbum *Ziggy Stardust* o lançar à fama. Discos como *Young Americans*, *Station to Station*, *Low* e *Heroes* estabeleceram-no como o músico mais influente dos anos 1970. Desde então, canções como "Let's Dance" e álbuns como *Reality* mantiveram seu enorme apelo. Bowie atuou em vários filmes e tentou carreira como artista plástico. Em 2004, desmaiou no palco e passou por uma cirurgia cardíaca. Em 2006, recebeu um Grammy pelo conjunto da obra. Ele mora em Nova York e é casado com a supermodelo Iman. Bowie tem dois filhos, Duncan (anteriormente Zowie) e Alexandra.


SLY
STONE
se casa – durante seu próprio show
DATA 5 de junho de 1974, Madison Square Garden, Nova York

Havia duas irmãs, Kathleen e April Silva. Elas eram altas e magras, com longos cabelos escuros caindo pelas costas, polinésias, exóticas e provocantes. Dizem que Sly Stone dormia com as duas em sua cama e que tal arranjo durou algum tempo. Então um dia ele fez sua escolha, pedindo Kathleen em casamento. No entanto, em se tratando de Sly, o grande lobo mau do funk, do soul e do pop, ele se casou com ela – mas diante de 21 mil fãs no Madison Square Garden.

Muitas drogas circundavam Sly – cocaína e fenciclidina –, e todos podiam ver o caminho decadente que ele estava tomando, só que ninguém sabia como tirá-lo dele. O lance que ele e seu irmão Freddie estavam vivendo era loucura. Passavam o dia cheirando cocaína, um tentando ficar mais chapado que o outro, como alguém descreveu. Depois, sem mais nem menos, cancelavam o show da noite. Onde quer que fosse. Certa vez, no Madison Square Garden, a banda chegou ao local e Freddie decidiu não se apresentar. O público ameaçou criar um tumulto e o grupo precisou sair escondido em carros que os deixaram além de outra grande multidão, aquela à espera do segundo show.

Sly encarava tudo, sem se abalar nem se desculpar. “Desculpa é para gente arrependida”, dizia ele. E falava sério. Quando um dia – inevitavelmente – a polícia deu uma batida em sua casa, encontrando centenas de armas e de pílulas, ele acabou no tribunal. Na metade do julgamento, seu advogado foi ao banheiro e o encontrou preparando carreiras de cocaína. “Você não pode fazer isso”, afirmou. “É para isso que pago você, então posso sim”, retrucou Sly. “Se você não for capaz de garantir que eu possa, então sugiro que me diga quem devo contratar, pois obviamente não é você.”

Contudo, no começo a coisa era bem diferente. Sly and the

Family Stone surgiram em 1967. A energia, a cor e a ousadia pura e simples trazidas por eles eram inacreditáveis. Eles se tornaram uma das maiores bandas de todos os tempos, chegando ao topo com os Beatles e The Isley Brothers.

A música de Sly mesclava rock, pop e soul da forma mais arrebatadora possível. Sua banda e sua arte atraíam tanto afro-americanos quanto hippies dos EUA. Sly colocou o R&B em um contexto completamente novo ao acrescentar elementos do rock como riffs de guitarra e estruturas musicais mais longas. A composição sexual e racial da banda e o estilo rebelde de se vestir – repleto de brilho, franjas e conflitos malucos de cores – refletia essa nova música livre.

Em Woodstock, em 1969, eles subiram ao palco lá pelas quatro da manhã. Em quinze minutos, fizeram milhares de pessoas se levantar. Sim, eram bons assim e tinham um poder enorme. Não importava o tipo de público diante de Sly e sua banda, fosse negro ou branco, eles sabiam fazer qualquer ser humano dançar e requebrar.

A MÚSICA DE **SLY** MESCLAVA ROCK, POP E SOUL DA FORMA MAIS ARREBATADORA POSSÍVEL

Sly realmente ignorava todas as fronteiras e tabus, e por isso mesmo era tão revolucionário, por isso se tornou um símbolo da liberdade e por isso era tão suscetível às drogas, principalmente à cocaína. Em curtos quatro anos, Sly foi de fora para dentro, de cima para baixo, passando de grandes exortações para dançar ao funk sombrio, imprevisível e taciturno de *There's a Riot Going On*, álbum que anunciou ao mundo o fim dos anos 1960 e o início de um período ruim.

Quando esse disco foi lançado, ele estava afundado em pó. Ele bancava o gângster, um homem que controlava todos ao redor e espancava sua gente. Sly assustou tanto o baixista Larry Graham que este pensou mesmo que o líder havia encomendado seu enterro. E se tivesse feito isso? Bem, ninguém se surpreenderia. Isso mostra quão

mau e instável ele se tornara. “Vai tomar no olho do cu”, disse um dia ao empresário. A música introvertida e o comportamento irresponsável comprometeram bastante a reputação de Sly. As pessoas ficaram fartas de gastar um bom dinheiro com ingressos para shows aos quais ele não comparecia. O público começou a diminuir.

Em 1973, durante telefonema para o colega Steven Paley, Sly disse que tocaria no Madison Square Garden e também se casaria com Kathleen Silva. “Por que não junta os dois eventos?”, Paley brincou. Sly riu e depois pensou...

Em 5 de junho de 1974, Sly e Kathleen subiram ao palco do Madison Square Garden enquanto um pastor dizia: “Estamos reunidos aqui nesta noite diante de Deus e destas pessoas para unir este homem e esta mulher em santo matrimônio...” Ao lado deles, quinze modelos seguravam folhas de palmeira pintadas de dourado. Na frente deles, 21 mil fãs urravam em aprovação. Se foi um golpe publicitário para lotar o Garden, deu certo.

A festa aconteceu mais tarde no Waldorf Astoria. Andy Warhol estava entre os convidados, e Steven Paley foi o padrinho de Sly. Dois jornalistas tiveram total acesso para cobrir o evento. Um dos repórteres era Maureen Orth. Segundo Paley, Sly deu uma cantada nela na noite do casamento.

A união durou um ano. Kathleen lhe deu um filho, Sly Junior, e então teve início o abuso – de drogas e confiança. Numa tentativa de reconciliação, Sly e Kathleen viajaram para o Havaí, terra natal da esposa. A caminho dali, ela ficou sabendo que Sly era pai de outra criança, com uma integrante do grupo, Cynthia Robinson. Ela não fazia a menor ideia.

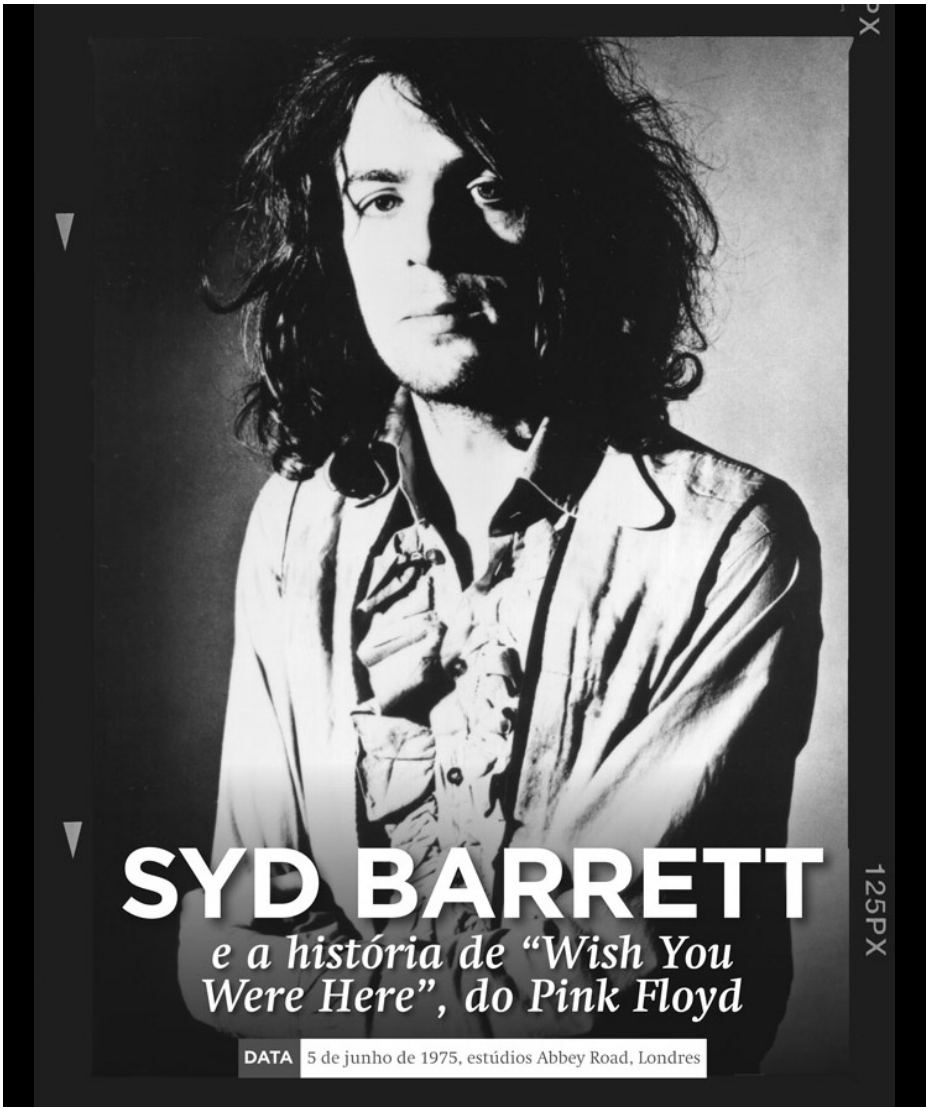
O casal voltou para a mansão de Sly em Los Angeles, onde ele ficou com a banda, as drogas e um malvado pit bull chamado Gun. Um dia, Kathleen estava limpando a casa e ouviu um barulho horrível. Ela subiu correndo as escadas e viu Gun atacando brutalmente Sly Junior, que, inocentemente, descera do berço. Ciente de que pit bulls nunca soltam sua presa, numa atitude inspirada, ela ficou de quatro e começou a imitar um cachorro, rosnando tão alto que Gun largou o bebê e se afastou. Kathleen conseguiu trancar o cachorro num quarto.

Depois pegou o filho, correu até o carro e dirigiu até os vizinhos gritando por socorro. Sly Junior levou 121 pontos.

Kathleen voltou para casa, mas apenas para pegar suas coisas. A ilusão de um casamento no Madison Square Garden desaparecera.

Pouco tempo depois, Sly Stone confessou a um integrante do grupo: “Eu fiz tanta merda, tanta coisa errada, que Deus não vai me aceitar de volta”.

Sly Stone nasceu Sylvester Stewart em 15 de março de 1944. Sua família era profundamente religiosa. Durante o ensino médio, Sly e o irmão Freddie fizeram parte de conjuntos, um dos quais, The Viscaynes, era voltado ao *doo-wop*. Eles lançaram alguns compactos e Sly também gravou como artista solo sob o nome Danny Stewart. Em 1964, Sly era DJ da estação de rádio KSOL, especializada em R&B, em San Francisco, cuja programação incluía bandas brancas, como os Beatles. Também atuou como produtor fonográfico da Autumn Records, trabalhando com The Beau Brummels e The Mojo Men. Uma de suas produções, “C’mon and Swim”, de Bobby Freeman, virou sucesso nacional. Em 1967, ele montou a banda Sly and the Family Stone. Durante os cinco anos seguintes, gravou vários sucessos, como “Dance to the Music”, “Family Affair” e “If You Want Me to Stay”. O abuso de drogas e desavenças internas acabaram separando a banda, mas Sly continuou lançando discos de qualidade variável nos anos 1980. Depois se recolheu, aparecendo apenas ocasionalmente em premiações. Em 2008, botou o pé na estrada novamente, mas as apresentações foram amplamente criticadas.


SYD BARRETT
e a história de "Wish You Were Here", do Pink Floyd
DATA 5 de junho de 1975, estúdios Abbey Road, Londres

Na sala três dos estúdios Abbey Road, o Pink Floyd estava encrencado. Era janeiro de 1975 e a gravação de seu nono álbum não ia nada bem. As ideias não fluíam, as músicas não ficavam prontas. Não havia empenho nem centelha de inspiração entre os quatro músicos ali reunidos: Roger Waters, David Gilmour, Nick Mason e Rick Wright. O maior problema da banda acabou sendo algo que não poderia ser previsto: o sucesso. Um enorme, mundial, inimaginável sucesso.

O oitavo álbum do Pink Floyd, *The Dark Side of the Moon*, superou todas as expectativas. E muito mais. Lançado em março de 1973, o disco começou a vender e não parou mais. Dois anos depois, ainda ocupava espaço proeminente nas paradas dos EUA. E não sairia dali por mais treze anos, uma estatística descomunal. Para promover esse trabalho notável, a banda fez turnês ininterruptas e os músicos ficaram exaustos.

Naqueles dois anos na estrada, eles conseguiram trabalhar em apenas três canções novas. Atribuíram o período infrutífero às consequências comerciais do sucesso musical. Como observou o tecladista Rick Wright: “De repente, ficamos cientes de que o Pink Floyd estava virando um produto e que a partir dali a maior parte do tempo seria voltada para o lado comercial do grupo, e não para tocar”.

Com o mundo (e principalmente a EMI, a gravadora da banda) insistindo na gravação do próximo álbum, o grupo relutantemente voltou a Abbey Road em janeiro de 1975. A ideia era registrar o novo material disponível, na esperança de que o processo servisse como trampolim para um surto de muita e necessária criatividade. Entretanto, a banda se viu presa, não indo nem para frente nem para

trás. Também não ajudou o fato de a esposa do baterista Nick Mason ter acabado de abandoná-lo e ele não estar nem um pouco interessado na gravação. “Eu estava morto na bateria e aquilo deixava todo mundo maluco”, admitiu Mason posteriormente.

O FATO DE NÃO PODEREM CONFIAR EM SYD ANIQUILARIA A BANDA. TODAVIA, SEM SYD BARRETT NÃO HAVERIA PINK FLOYD

Os shows do Pink Floyd eram conhecidos pelo visual incrível e pela alta qualidade do som. Aqui eles se apresentam em Roterdã, no começo de 1977. Inacreditavelmente, o disco *The Dark Side of the Moon*, lançado em 1973, ainda estava nas paradas da época, permanecendo até 1988.

Roger Waters descreveria as primeiras sessões como "torturantes". Sua criatividade sempre vinha à tona quando encontrava um conceito ou ideia geral para suas músicas, podendo então explorá-las por completo. E essa ideia não vinha. E, enquanto a banda avançava de forma distraída durante as sessões, o impasse parecia incontornável.

Uma das novas canções preparadas por Waters era "Shine On You Crazy Diamond", que fala essencialmente sobre o fundador da banda, Syd Barrett, o principal compositor do grupo, sua força criativa. O uso que fazia do LSD havia transformado Syd num fantasma, num homem incapaz de falar. Waters foi forçado a assumir a liderança e Syd acabou sendo expulso, pois o fato de não poderem confiar nele aniquilaria a banda. Todavia, sem Syd não haveria Pink Floyd. Durante anos, Waters ficou fascinado com esse enigma. Mais tarde ele afirmaria: "Não teria acontecido sem ele, mas, em contrapartida, não

teria continuado com ele".

Ao contemplar o infortúnio de Syd, Waters agora via uma saída do enrosco no qual se encontrava o grupo. Eles sempre se consideraram acima das maquinações da indústria musical. A venda de discos, a imprensa, a mídia, tudo isso interferia na noção que a banda tinha de si mesma, como artistas criando uma música desafiadora. O declínio de Syd certamente simbolizava esse relacionamento, o artista esmagado pela indústria musical interessada no dinheiro, sem dar a menor importância para a arte, tão somente para o sucesso a qualquer custo. Waters então propõe que a canção sobre Syd ocupe totalmente o lado A do novo disco. Duas outras músicas, "Raving and Drooling" e "You Gotta Be Crazy", preencheriam o lado B.

O ARTISTA ESMAGADO PELA INDÚSTRIA MUSICAL INTERESSADA NO DINHEIRO, SEM DAR A MENOR IMPORTÂNCIA PARA A ARTE, TÃO SOMENTE PARA O SUCESSO A QUALQUER CUSTO

O grupo concordou, mas as sessões continuavam horríveis e deprimentes, repletas de tensão. Incapaz de suportar a pressão, Waters marcou uma reunião e encorajou os integrantes a desabafar, expressando sua insatisfação. Fazendo isso, a banda percebeu a armadilha na qual se metera.

Waters mais tarde afirmou: "Quando temos 15 anos, sonhamos com um apartamento estiloso, uma namorada bonita, em não ter de levantar antes do meio-dia, fazer parte de uma banda e alcançar grande sucesso. De repente, temos o sucesso e as ambições simplesmente evaporam. Éramos milionários e, digam o que quiserem, o dinheiro muda tudo. Ele nos coloca em um limbo muito estranho e desagradável".

Waters declarou que queria descartar o novo material, exceto "Shine On", e recomeçar, dessa vez compondo canções sobre o relacionamento entre a banda e o mundo dos negócios. A única voz

discordante era a do guitarrista David Gilmour. Ele estava perdidamente apaixonado pela futura esposa, Ginger, e uma rigorosa autoavaliação era a última coisa que tinha na cabeça. Contudo, Gilmour foi voto vencido e a mudança de rumo produziu três músicas novas: “Welcome to the Machine”, “Wish You Were Here” e “Have a Cigar”.

No dia 5 de junho de 1975, Gilmour casou-se com Ginger e a festa foi realizada em Abbey Road. Antes de a comemoração ter início, Waters precisava acrescentar vocais à gravação de “Shine On You Crazy Diamond”. O produtor Alan Parsons não conseguiu ir à sessão, então enviou seu assistente, John Leckie. Ele estava de pé ao lado da mesa de som quando Waters parou de cantar e apontou para a direita do assistente.

Leckie se virou, e ali a seu lado, segurando um saco plástico, de capa de chuva branca, careca e extremamente gordo, com uma escova de dentes saindo de um dos bolsos do casaco, estava Syd Barrett, o homem sobre quem Waters estava cantando naquele exato instante.

Leckie o reconheceu imediatamente. Nos anos 1960, ele trabalhara com Syd em um de seus discos solo. “Olá”, disse Leckie. Syd apenas sorriu. Waters também soube de imediato de quem se tratava e não conseguia acreditar na mudança de aparência do antigo companheiro.

ALI A SEU LADO, SEGURANDO UM SACO PLÁSTICO, DE CAPA DE CHUVA BRANCA, CARECA E EXTREMAMENTE GORDO, COM UMA ESCOVA DE DENTES SAINDO DE UM DOS BOLSOS DO CASACO, ESTAVA SYD BARRETT

Quando montou a banda, Barrett era magro, cabeludo, agitado e cheio de criatividade. Foi ele quem transformou o Floyd de uma banda de blues no principal expoente da música psicodélica britânica. Syd deu dois sucessos à banda, “See Emily Play” e “Arnold Layne”, além de compor a maioria das canções de *The Piper at the Gates of Dawn*, álbum de estreia que figurou entre os mais vendidos. Seus

métodos de composição eram singulares. “Arnold Layne”, por exemplo, foi inspirada em um homem que roubava roupas íntimas de varais em Cambridgeshire, inclusive da mãe de Roger Waters. “Apples and Oranges” surgiu quando Syd seguiu uma bela garota fazendo compras em Richmond e depois descreveu sobre a jornada dela naquele dia.

Barrett levou o grupo a tocar instrumentais longas como “Interstellar Overdrive”, épico de dezesseis minutos que definiu o som da primeira safra do conjunto. Barrett misturava esses longos improvisos com psicodelia pop de três minutos. Ele possuía um talento único, mas o uso de LSD o exauriu de forma terrível.

Conforme o uso que fazia de drogas aumentava, mais ele se afastava do mundo. Seu comportamento se tornou instável. Às vezes, não comparecia a shows. Quando ia, era capaz de colocar pílulas de Mandrax no cabelo e, conforme a iluminação derretia a medicação, deixá-las escorrer por seu rosto. Ou podia conceder uma entrevista para a tevê e não falar nada. Depois de um tempo, Barrett parou de falar de vez, até mesmo com a banda. Eles eram forçados a lhe entregar bilhetes quando desejavam manter algum tipo de comunicação.

O Pink Floyd percebeu que, apesar do enorme talento, Syd era um peso morto, um homem cujo comportamento poderia acabar com o grupo. O sujeito responsável por sua fama ameaçava jogar tudo fora. Eles escolheram um novo guitarrista, David Gilmour, e em 1968 Syd deixou a banda. Ele gravaria dois discos solo (considerados obras-primas pelos especialistas) e depois foi viver na casa da mãe, em Cambridge, onde morou até sua morte, em 2006. Mas naquele momento, em 1975, ali estava Syd no estúdio Abbey Road ouvindo “Shine On You Crazy Diamond”.

Pete Jenner, empresário da banda, lembra-se do que aconteceu a seguir: “Eu entrei no estúdio. Roger Waters estava sentado numa banqueta. Eu me sentei perto dele, que se inclinou para o meu lado e perguntou: ‘Sabe quem é aquele cara?’ Eu respondi que não. ‘Ele não é amigo seu?’ ‘Pense’, disse Roger. E de repente a ficha caiu. Era Syd! Eu olhei para o lado e Roger tinha lágrimas nos olhos. Era muito triste.

Ali estava aquela pessoa notável, gorda, careca e louca que conhecíamos, sobre quem aquela música falava, sentada ali, embora claramente em outro mundo".

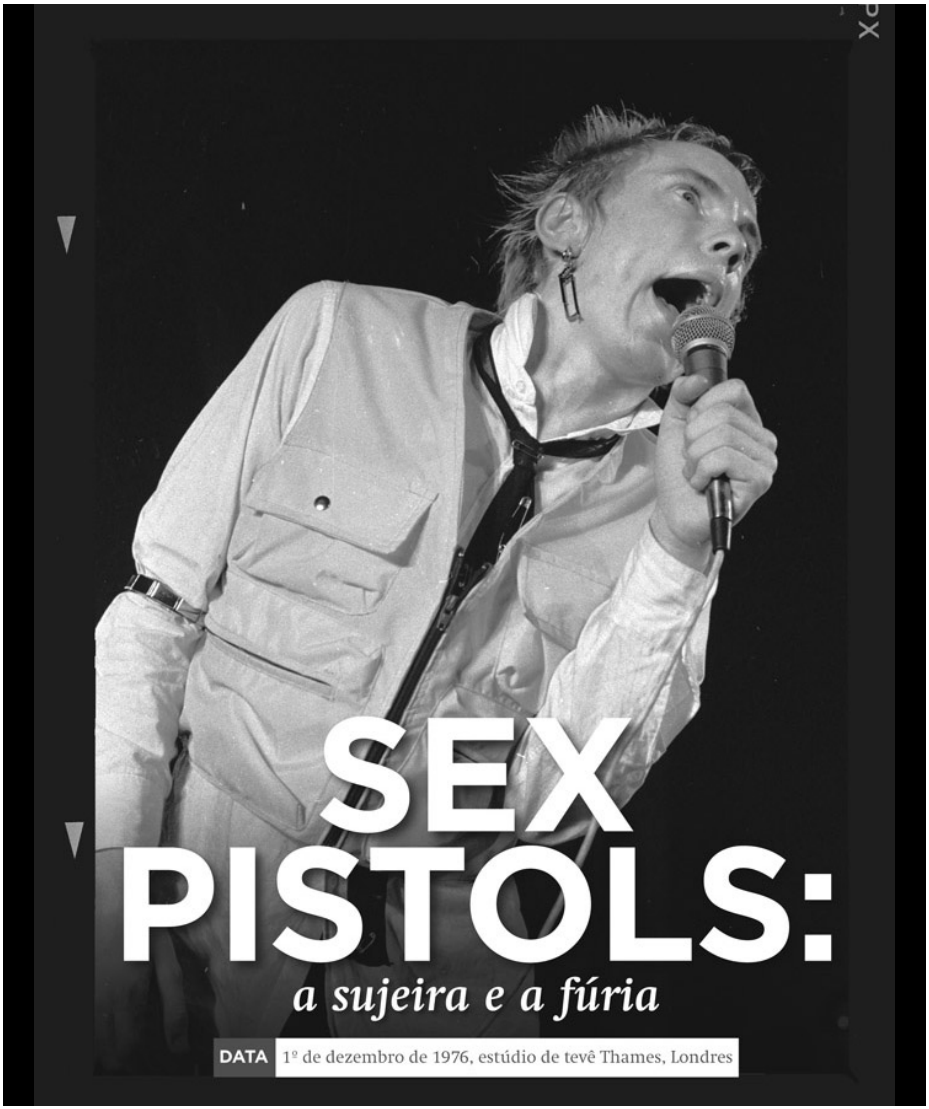
Jenner foi até lá e se apresentou, mas o sujeito pouco falou. Mais tarde, eles subiram para a festa de casamento de Gilmour, onde Syd papeou obliquamente com os antigos colegas, muitas vezes pegando a escova para dar um trato nos dentes antes de guardá-la no bolso e sorrir de forma enigmática. Ele explicou o ganho de peso da seguinte forma: "Tenho uma geladeira enorme, e ela está cheia de costeleta de porco".

E, de repente, o antigo colega se foi. Sumiu na noite sabe Deus para onde. No dia seguinte, o grupo viajou para Cleveland, começando a turnê pelos EUA. Só se falava em Syd e, sob aquela conversa, uma sensação de culpa claramente tomava forma. Obviamente, Barrett estava muito doente quando deixou a banda. Será que os demais integrantes não deveriam tê-lo ajudado? As atitudes deles não foram mal-intencionadas, mas nascidas da exasperação. Todavia, agora enxergavam que poderiam ter agido de forma mais honrosa, com mais bondade e compaixão.

Foi um erro que o restante da banda sente até hoje.

O Pink Floyd foi criado em 1964. Os integrantes eram Syd Barrett (guitarra), Roger Waters (baixo), Richard Wright (teclados) e Nick Mason (bateria).

Inicialmente tendo como inspiração o blues, a banda, graças às canções singulares e excêntricas de Barrett, se tornou a figura de proa da moda psicodélica de meados dos anos 1960 em Londres, com sucessos como “Arnold Layne”. Também lançaram o álbum de estreia *The Piper at the Gates of Dawn*. O uso imprudente que Barrett fazia de LSD o fez deixar a banda em 1968. Waters assumiu a função de compositor e David Gilmour substituiu Syd. Rapidamente, estabeleceram uma nova direção musical, baseada em longas explorações musicais cuidadosamente arquitetadas para seduzir o ouvinte. O estilo atingiu o auge comercial em 1973 com *The Dark Side of the Moon*, que vendeu mais de 45 milhões de cópias. Entre os discos posteriores figuram *Wish You Were Here*, *Animals* e *The Wall*. Em meados dos anos 1980, as tensões entre Waters e Gilmour fizeram a banda se separar. Eles se reuniram em 2005 para o Live 8. O Pink Floyd, declararam, ainda existia e se apresentaria em ocasiões muito especiais.


SEX
PISTOLS:
a sujeira e a fúria
DATA
1º de dezembro de 1976, estúdio de tevê Thames, Londres

O punk rock ainda era um movimento *underground* em 1976, refúgio de jovens e modernos. Em pequenas boates, bandas punks berravam e gemiam ao som de guitarras altas e velozes, e a plateia respondia na mesma moeda. Muitas apresentações terminaram em caos. O mundo sabia pouco a respeito desse cenário anárquico – até certa banda punk ser vista na tevê na hora do chá.

A mídia convencional desconhecia o punk por completo até 1º de dezembro de 1976. Nesse dia, a banda de rock de arena Queen seria entrevistada no programa *Today*, de Bill Grundy, mas desistiu em cima da hora. A gravadora do Queen, a EMI (ou, como alguém um dia a apelidou, Every Mistake Imaginable, todo erro imaginável), rapidamente procurou um substituto. Escolheram os Sex Pistols, grupo contratado dois meses antes e cuja polêmica nova música, "Anarchy in the UK", havia acabado de ser lançada.

O *MIRROR* AGIU COMO TODO JORNAL AGE COM BANDAS DE ROCK QUE XINGAM E SE COMPORTAM COM NATURALIDADE: ATACOU. DEPOIS DISSO, O GRUPO ESTAVA COM A VIDA FEITA

Dado o que exalavam, foi simplesmente estúpido – ou uma das decisões de divulgação mais inspiradas de todos os tempos. Os Pistols discutiram com Grundy, praguejaram e de maneira geral escandalizaram os telespectadores britânicos. Estavam presentes naquele dia Johnny Rotten, Steve Jones, Glen Matlock e Paul Cook. A banda estava acompanhada pelo "contingente de Bromley", Siouxsie

Sioux Steve Severin, Simon Barker e a punk Simone.

Embora o programa fosse transmitido apenas em Londres, os Sex Pistols e o punk eram notícia no país inteiro na manhã seguinte, quando não se falava em outra coisa. Seguindo a velha tradição do ultraje roqueiro, os pais estavam chocados, e os filhos, felizes.

Todavia, quando se lê a transcrição toda (veja na página seguinte), uma ironia aparece. Bill Grundy, o apresentador de meia-idade, age de forma muito mais punk que o grupo. Ao vivo na tevê, admite estar bêbado, faz comentários sugestivos à ainda muito jovem Siouxsie Sioux e pede para a banda se comportar mal. Por exemplo, quando Johnny Rotten fala o primeiro palavrão, o cantor pede desculpas. É Grundy quem o incentiva a prosseguir.

Transcrição da entrevista de Bill Grundy com os Sex Pistols, em 1º de dezembro de 1976

GRUNDY *Eles são punks. A nova moda, dizem eles. Seus heróis? Não os gentis*
e sóbrios Rolling Stones… Podem ver que estão tão bêbados quanto eu... Estão sóbrios, se compararmos. Eles são o grupo Sex Pistols e estou cercado por todos eles…
JONES *[Lendo o* teleprompter*] Ação!*
GRUNDY *Vamos ver os Sex Pistols em ação. Vamos lá, garotos…*
[Filmagem dos Sex Pistols em ação é exibida; depois volta para Grundy.]
GRUNDY *Me disseram que o grupo [bate no joelho com um maço de papéis] recebeu quarenta mil libras de uma gravadora. Isso não parece, hum, levemente contrário à sua visão antimaterialista da vida?*
MATLOCK *Não, quanto mais melhor.*
GRUNDY *Sério?*
MATLOCK *Ah, é.*
GRUNDY *Bem, então fale mais a respeito.*
JONES *Nós gastamos toda aquela merda, né?*
GRUNDY *Não sei, gastaram?*
MATLOCK *Sim, acabou tudo.*
GRUNDY *É mesmo?*
JONES *No bar.*
GRUNDY *É mesmo? Deus do céu! Eu queria saber uma coisa...*
MATLOCK *O quê?*
GRUNDY *Você está falando sério, ou está tirando sarro, querendo me fazer rir?*
MATLOCK *Não, acabou tudo. Já era.*
GRUNDY *É mesmo?*

MATLOCK *Pois é.*
GRUNDY *Não, eu me refiro ao que vocês fazem.*
MATLOCK *Ah, sim.*
GRUNDY *Vocês são sérios?*
MATLOCK *Humm.*
GRUNDY *Beethoven, Mozart, Bach e Brahms, todos eles morreram...*
ROTTEN *Eles são nossos heróis, não são?*
GRUNDY *Sério… como é que é? O que o senhor disse?*
ROTTEN *São pessoas maravilhosas.*
GRUNDY *São?*
ROTTEN *Ah, sim! Deixam a gente ligado.*
JONES *Mas estão mortos!*
GRUNDY *Bem, digamos que empolguem outras pessoas?*
ROTTEN *[Falando baixinho] Bela merda.*
GRUNDY *Como é que é?*
ROTTEN *Nada. Uma grosseria. Próxima pergunta.*
GRUNDY *Não, não, qual era a palavra rude?*
ROTTEN *Merda.*
GRUNDY *Era isso? Virgem santa, você quase me matou de susto.*
ROTTEN *Ah, tá bom, Siegfried…*
GRUNDY *[Virando-se para as pessoas atrás da banda] E as meninas aí atrás?*
MATLOCK *Esse velhote parece o pai delas, né?*
GRUNDY *Você, ah…*
MATLOCK *Ou o avô.*
GRUNDY *[Para Sioux] Você está preocupada, ou só está se divertindo?*
SIOUX *Me divertindo.*
GRUNDY *De verdade?*
SIOUX *Sim.*
GRUNDY *Ah, foi o que pensei mesmo.*
SIOUX *Eu sempre quis conhecer você.*
GRUNDY *Não diga.*
SIOUX *Pois é.*
GRUNDY *Depois a gente se conhece, pode ser? [Sioux faz cara de tédio]*
JONES *Seu velho imundo!*
GRUNDY *Continua, camarada, continua. Vai, você tem*

mais cinco segundos. Diga alguma coisa ultrajante.
JONES *Seu canalha sujo!*
GRUNDY *Vai, de novo.*
JONES *Bunda-mole nojento! [Risos do grupo]*
GRUNDY *Que garoto esperto!*
JONES *Que filho da puta safado.*

GRUNDY *Bom, por hoje é só. O outro roqueiro, Eamonn, e não vou falar mais nada sobre ele, voltará amanhã. A gente se vê. Espero não ver vocês [a banda] novamente. De minha parte, boa noite.*

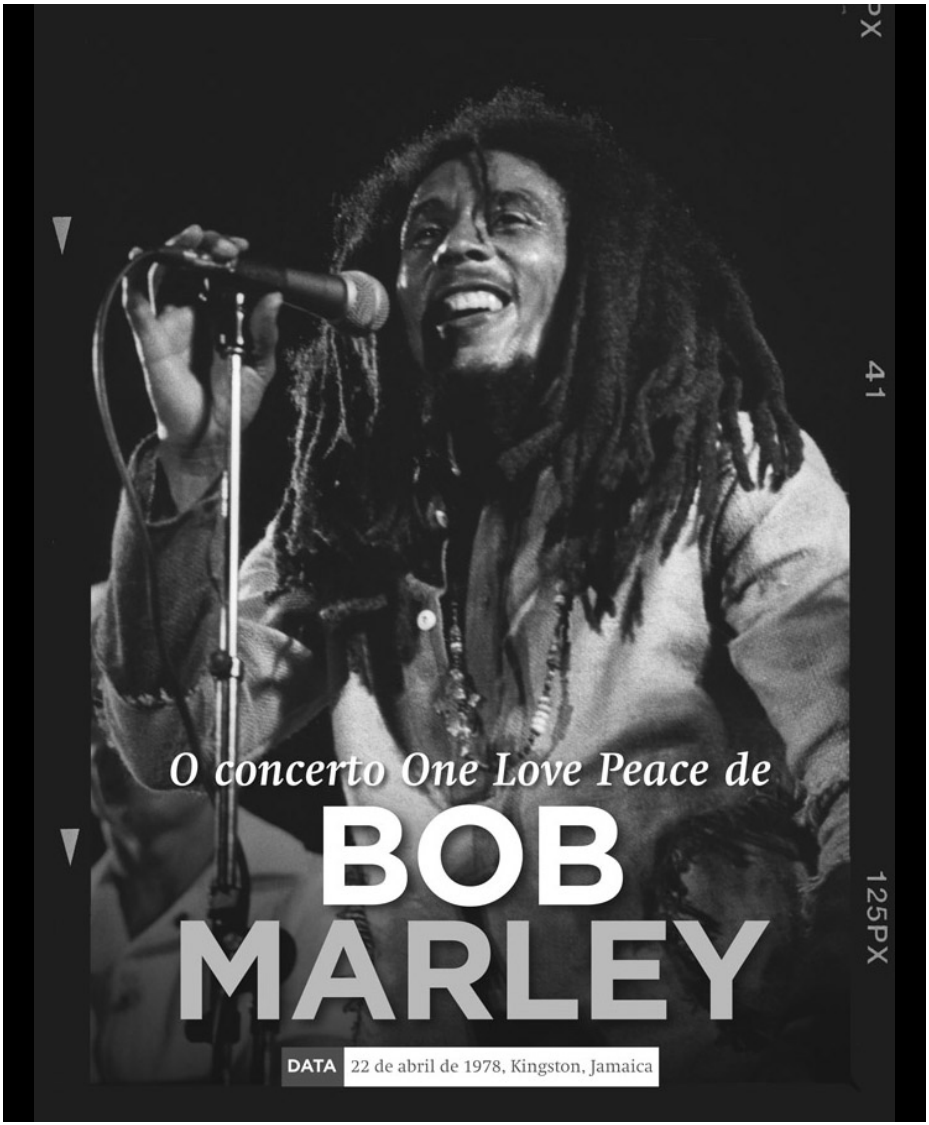
Toca a vinheta do programa (mais tarde copiada e incorporada ao começo da música "Where's Bill Grundy Now?", da banda Television Personalities) e sobem os créditos. Rotten olha para o relógio, Jones começa a dançar e Grundy, longe do microfone, resmunga para si mesmo: "Que merda".

O impacto dos Pistols no programa não pode ser subestimado. O *Daily Mirror* noticiou o incidente sob o título "A sujeira e a fúria", frase muitos anos mais tarde reciclada como título do documentário de Julian Temple sobre a banda. O *Mirror* agiu como todo jornal britânico age com bandas de rock dignas de nota que xingam e se comportam com naturalidade: atacou com falsa indignação moral. Depois disso, o grupo estava com a vida feita.

Após o incidente com Grundy, os Pistols saíram em turnê, acompanhados pelo Clash e os Heartbreakers. Contudo, muitos shows foram cancelados por autoridades locais ofendidas. Das vinte apresentações marcadas, somente sete aconteceram. Em janeiro de 1977, o grupo era uma desgraça nacional. Até a gravadora se voltou contra eles: os operários da fábrica da EMI se recusavam a manusear o compacto, transformando a versão original em um verdadeiro item de colecionador.

Sem surpresa, o conjunto deixou a gravadora em março de 1977 e, em junho daquele ano, estavam em primeiro lugar com a canção contra a monarquia "God Save the Queen". O álbum de estreia, *Never Mind the Bollocks, Here's the Sex Pistols*, saiu em outubro de 1977 e é considerado por luminares como Noel Gallagher um dos maiores discos de rock de todos os tempos. Quatro meses após o lançamento, a banda se separou.

A banda Sex Pistols foi formada em 1975. Malcolm McLaren era o empresário deles e trabalhou bastante para o grupo ser notado. No verão de 1976, já tinham sido expulsos de casas de espetáculos londrinas como The Nashville e The Marquee. Em outubro de 1976, conforme o punk rock começava a ganhar fôlego, o grupo foi contratado pela EMI Records. A banda lançou em novembro seu compacto de estreia, “Anarchy in the UK”. A entrevista concedida a Bill Grundy lhes garantiu fama nacional. Em março de 1977, assinaram com a A&M Records e, depois da cerimônia de assinatura em frente ao Palácio de Buckingham, eles destruíram o escritório da gravadora. Foram dispensados e contratados pela Virgin Records. O compacto de grande vendagem “God Save the Queen” foi proibido. Rotten se gabava de ser “a gravação mais censurada da história”. O disco de estreia entrou direto em primeiro lugar. Nesse momento, o baixista Glen Matlock fora substituído por Sid Vicious. Os Pistols foram considerados a principal banda punk. Desde o rompimento, voltaram a se reunir algumas vezes para a realização de shows lucrativos.


O concerto One Love Peace de
BOB
MARLEY
DATA
22 de abril de 1978, Kingston, Jamaica

No dia 3 de dezembro de 1976, dois carros pararam no jardim da casa de Bob Marley, na Rua Hope, em Kingston, Jamaica. Vários homens armados desceram, apontaram os rifles para a casa e abriram fogo. Marley estava na cozinha, comendo toranja e conversando com seu empresário, Don Taylor. Também estavam ali integrantes da banda e sua esposa, Rita. Quando as balas passaram voando, todos se jogaram no chão. Taylor foi o azarado. Levou cinco tiros, quatro na perna e um nas costas.

Rita Marley foi gravemente ferida por uma bala na cabeça. Bob se safou com lesões pouco graves no peito e nos braços. Dada a quantidade de balas metralhadas na casa naquela noite, é um milagre terem sobrevivido ao ataque.

Se Marley tivesse morrido no tiroteio, não teria sido o primeiro pacifista a ser morto dessa forma. Sua música se dedicava a forjar unidade entre os povos. Rastafariano convicto, ele pregava uma doutrina de igualdade, tentando construir um mundo no qual a cor da pele não tivesse mais importância que a cor dos olhos. Sua origem mestiça explica em boa parte sua visão de integração dos povos.

Marley gravou pela primeira vez aos 16 anos. A canção tinha o nome de “Judge Me Not”. Em 1964, montou a banda The Wailing Wailers, com Peter Tosh e Bunny Wailer. Em 1967, o músico passou a sofrer influência da religião rastafári. No começo da década de 1970, havia composto diversas músicas com temas ligados a espiritualidade, pobreza e injustiça.

MARLEY PREGAVA UMA DOUTRINA DE IGUALDADE, TENTANDO CONSTRUIR UM MUNDO NO QUAL A COR DA PELE NÃO TIVESSE MAIS IMPORTÂNCIA QUE A COR DOS

Foi a capacidade de Marley de criar um reggae notável e de universalizar o sofrimento visto na Jamaica que lhe fez alcançar enorme sucesso mundial. “Os diferentes povos do mundo são as diferentes flores da Terra”, declarou um dia. Marley também contava com uma gravadora astuta, a Island Records. Fundada por Chris Blackwell, a Island lhe conferiu um som animado e acessível que o fez vender mais de vinte milhões de discos durante a vida.

Entretanto, o sucesso de Marley era um nítido contraste em relação à agitação que afetava os jamaicanos nos anos 1970. A Jamaica vivia um turbilhão porque os dois principais partidos políticos, JLP e PNP, recorriam a bandos armados numa amarga luta para ganhar o controle do país. Os dois partidos buscaram o apoio de Marley. Sua reputação era imensa e sua aprovação seria inestimável. No entanto, o cantor foi inteligente, tentando agradar às duas facções, sem nunca ficar do lado de nenhuma.

Em 1976, o partido esquerdista PNP o convenceu a participar de um concerto gratuito ao ar livre. O festival não seria político, mas dedicado à paz na ilha. Dois dias antes do espetáculo, os pistoleiros invadiram o jardim de Marley e abriram fogo.

O músico estava determinado a cumprir seu compromisso. Sob os olhos da Jamaica, sem dúvida também sob os olhos dos agressores, a apresentação de Marley deixou os espectadores boquiabertos com a profundidade de paixão e significado. Vocês podem atirar em mim, afirmou, mas nunca me derrotarão, pois tenho a música e o amor, e essas são as minhas armas. No dia seguinte, ele tomou um avião. Primeiro viajou para as Bahamas, onde passou um mês se recuperando. Em seguida, partiu para a Grã-Bretanha, onde gravaria seu álbum de maior êxito comercial, *Exodus*.

Marley não voltaria a botar os pés na Jamaica por dois anos, mas uma notável sequência de fatos o levou de volta para casa. Certo dia, os líderes dos pistoleiros dos dois partidos rivais – Claudius Massop, o Claudie, e Aston Marshall, o Bucky – se viram dividindo a mesma cela numa prisão. Os dois começaram a conversar e, em uma hora, haviam

selado um pacto para pôr fim à agressão. O primeiro passo seria organizar um concerto para unir o país. O músico convidado como atração principal era, sem dúvida, Bob Marley. O convite concedeu ao cantor, saudoso da terra natal, a oportunidade perfeita para voltar à Jamaica.

FOI UM GESTO BRILHANTE, E, EMBORA OS DOIS POLÍTICOS PARECESSEM CLARAMENTE INCOMODADOS, A MULTIDÃO RUGIU EM APROVAÇÃO. NAQUELA NOITE, A JAMAICA ESTAVA UNIDA

O concerto One Love Peace aconteceu no dia 22 de abril de 1978. Diversos artistas consagrados se apresentaram. Jacob Miller entrou no palco com um enorme baseado, ostentado diante dos líderes dos principais partidos, Michael Manley e Edward Seaga. E Peter Tosh, ex-integrante dos Wailers, passou a maior parte da apresentação criticando severamente os dois por não legalizarem a maconha.

Logo depois da meia-noite, Bob Marley e os Wailers subiram ao palco sob aplausos entusiasmados. Na metade do grande sucesso "Jamming", Marley convidou Manley e Seaga ao palco. Ele segurou a mão dos dois e as uniu. "Desejo apenas apertar as mãos e mostrar ao povo que vamos fazer a coisa certa, vamos nos unir..."

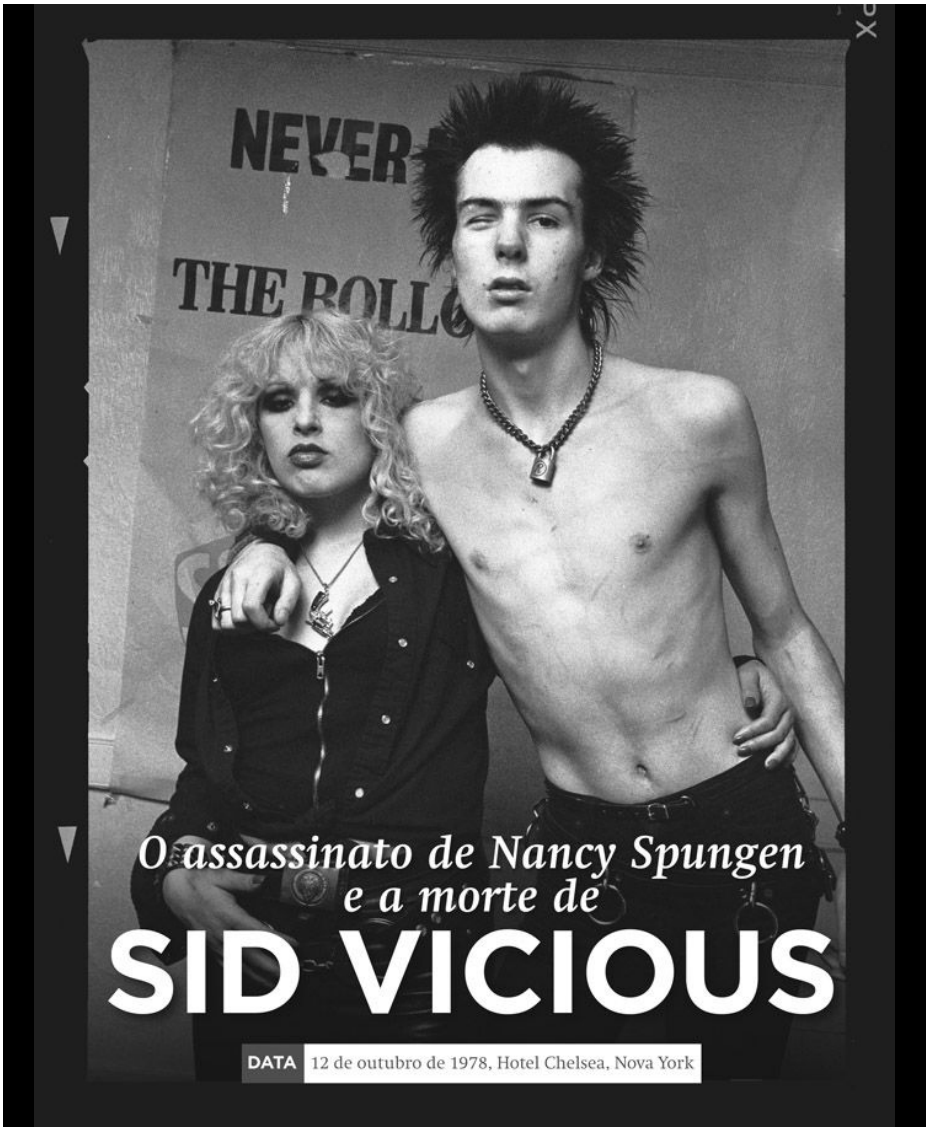
Foi um gesto brilhante, e, embora os dois políticos parecessem claramente incomodados com o aperto de mãos, as 32 mil pessoas presentes rugiram em aprovação, pois naquela noite a Jamaica estava unida de verdade. Marley novamente mostrara sua magia.

Infelizmente, o show pouco fez para conter a violência. Poucas semanas depois, Manley convocou eleições, vencendo por ampla margem e dando assim início a uma nova rodada de tiroteios. Dois anos após a realização do concerto, Massop e Marshall, os responsáveis por sua organização, estavam mortos, atingidos pelas mesmas balas pelas quais viveram.

Tragicamente, Marley foi diagnosticado com câncer e faleceu no dia 11 de maio de 1981. Ironicamente, foi em seu funeral que Manley

e Seaga voltaram a se encontrar – e dessa vez apertaram as mãos com facilidade. A busca de Bob Marley pelo amor não fora em vão.

Robert Nesta Marley nasceu em 6 de fevereiro de 1945, filho de pai branco e mãe jamaicana negra. O pai o abandonou logo após o nascimento, e Marley foi criado no povoado jamaicano de Nine Mile. Ele largou a escola aos 14 anos e começou a tocar. Em 1966, a banda da qual fazia parte se resumia a três integrantes: Marley, Bunny Wailer e Peter Tosh. Eram conhecidos como The Wailers e conquistaram certo sucesso, tanto na Jamaica quanto no exterior. Em 1972, os Wailers foram contratados pela Island Records. Álbuns como *Catch a Fire* e *Exodus* fizeram de Marley uma figura icônica para muitos. Embora sua música estivesse ligada à tradição do reggae, a abertura a outras influências e a capacidade da gravadora de apresentá-lo como roqueiro concederam amplo e profundo sucesso a Marley. Ele era seguidor da religião rastafári, e sua mensagem de união de todos os povos inspirou muita gente. Tal visão foi abreviada por sua trágica morte em decorrência de um câncer em 11 de maio de 1981. O corpo de Marley foi levado de volta a seu vilarejo natal, Nine Miles, onde descansa num mausoléu.


NEVER
THE ROLL
O assassinato de Nancy Spungen
e a morte de
SID VICIOUS
DATA
12 de outubro de 1978, Hotel Chelsea, Nova York

Ele acorda no quarto 100 do infame Hotel Chelsea, em Nova York, se sentindo atordoado. Na noite anterior, havia ingerido uma grande dose de barbitúricos e desmaiado. Agora está pagando o preço, como acontece todas as manhãs. O sujeito se levanta da cama, e é quando percebe o sangue – nos lençóis, no colchão, no chão.

Sid Vicious segue o rastro de sangue até o banheiro, onde encontra Nancy Spungen. A namorada jaz no chão de roupa íntima preta. Também há um grande corte no abdome. Em algum momento das primeiras horas de 12 de outubro de 1978, Nancy Spungen foi esfaqueada e sangrou até morrer. Mais tarde, médicos estimaram que levou três horas para ela falecer.

Sid se pergunta o que fazer. Ele se concentra para descobrir o que aconteceu na noite passada, mas sua mente está vazia. Quem faria aquilo com Nancy? Ele? Pelo resto de sua vida, o baixista negaria a acusação com veemência. Ela era sua vida, gritava ele às pessoas, e ele nunca a feriria daquela forma. Então quem foi? Tratava-se de uma história de assassinato, suicídio e overdose, uma narrativa de amor, heroína e viciados sem fim, o estilo de vida rock'n'roll levado a limites aos quais ninguém deveria levá-lo. Sid e Nancy fizeram isso.

Sid amava Nancy e Nancy amava Sid. Ah, os dois brigavam e se lamentavam, havia violência em meio ao amor, mas o casal sabia que, independentemente de qualquer coisa, tinham de terminar juntos. O mundo zombava dos dois – a tiete escandalosa e o integrante autodestrutivo dos Sex Pistols. Contudo, eles desdenhavam em troca, pois apenas eles conheciam a verdade um do outro...

SID AMAVA NANCY E NANCY AMAVA SID. AH, OS DOIS BRIGAVAM E SE LAMENTAVAM, HAVIA VIOLÊNCIA EM

Conforme a polícia deu início à investigação, relatos conflitantes emergiram dos viciados, traficantes e oportunistas. Uma testemunha, Leon Webster, depôs à polícia e então vendeu duas vezes sua versão, a primeira para o *New York Post* e depois para o *Soho Weekly News*. Os três relatos diferiam. Um traficante, Rockets Redglare, disse ter encontrado Sid ao alvorecer, contradizendo a opinião médica segundo a qual Vicious estava dormindo desde as quatro horas daquela madrugada. Nem os funcionários do hotel conseguiam contar a história direito. Alguém afirmou ter visto Nancy no saguão às três da manhã, outros afirmaram estar no local naquela hora, mas sem ter visto nenhuma das partes do malfadado casal.

Quando Vicious foi levado para interrogatório, descobriu-se que ele era dono de uma faca como a utilizada para matar Nancy. Suspeito de assassinato, foi levado à prisão de Rikers Island. Malcolm McLaren, ex-empresário dos Pistols, voou a Nova York para ajudar. Ele sabia que Vicious precisava de um bom advogado e aquilo significava que uma bela quantia de dinheiro precisava ser levantada. Na sexta-feira, dia 21, Vicious foi solto após pagar fiança de cinquenta mil dólares, bancada pela Virgin Records. Vicious contou a McLaren que fora tratado como herói na cadeia.

Enquanto isso, sua mãe, Anne Beverley, se deslocou para Nova York. Sid precisava se apresentar todas as manhãs numa delegacia de polícia e fornecer amostras de urina para detecção de drogas. McLaren convenceu Anne quanto à urgente necessidade de Sid ser muito discreto, mantendo-se longe dos holofotes da mídia.

Dois dias depois, Sid Vicious tentou se matar. Sua mãe chamou McLaren, que o encontrou pingando sangue e vociferando: “Eu quero morrer, quero encontrar a Nancy agora!” Sid usara lâmpadas quebradas para cortar os braços e os pulsos. A mãe tinha escoriações pelo rosto. A polícia chegou e Sid foi levado ao Hospital Bellevue e posto numa camisa de força. McLaren voltou a Londres, mas antes

contratou uma equipe de detetives particulares para encontrar o assassino de Nancy. Nada foi descoberto.

VICIOUS PINGAVA SANGUE E BERRAVA: "EU QUERO MORRER, QUERO ENCONTRAR A NANCY AGORA!" ELE USARA LÂMPADAS QUEBRADAS PARA CORTAR OS BRAÇOS E OS PULSOS

Em Londres, o The Clash organizou um show visando arrecadar dinheiro para a defesa de Sid. Contudo, a maior parte das pessoas, incluindo John Lydon, não queria se envolver. No dia 28 de novembro, Vicious teve alta do Bellevue. Algumas semanas mais tarde, o baixista tinha uma nova namorada, Michelle Robinson, e foi viver no apartamento dela. Ela logo percebeu que ser a namorada de Sid Vicious significava uma tremenda encrenca. O sujeito vivia cercado de tietes e traficantes.

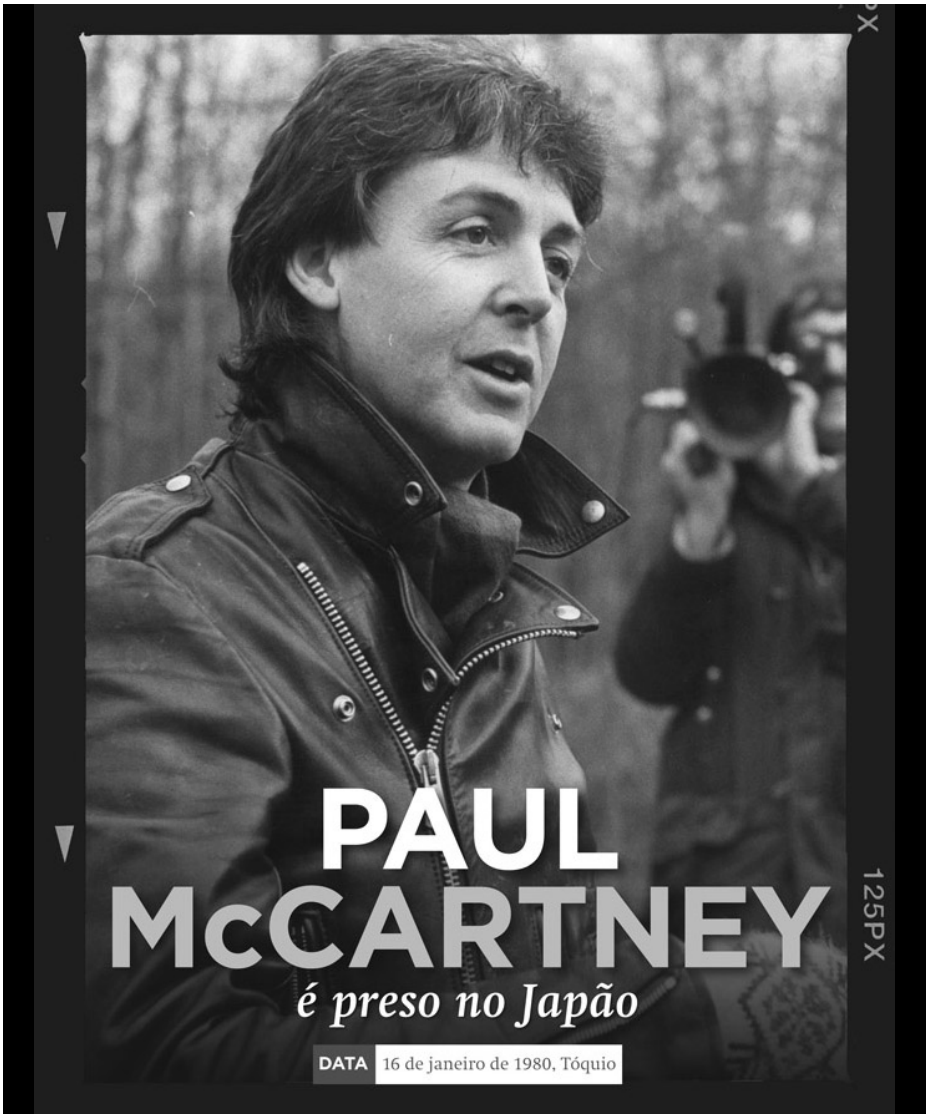
Seu nome carregava grande distinção por conta do período com os Sex Pistols. Quando a banda se desfez durante a turnê nos EUA, Vicious partiu para a carreira solo e obteve enorme sucesso com a versão punk de "My Way", canção de Paul Anka. A vida extravagante e o uso pesado de drogas impossibilitaram um segundo lançamento, embora ele ainda fosse capaz de negociar por causa de seu nome. Na semana anterior à morte de Nancy, Vicious fez três shows no Max's Kansas City, a famosa casa nova-iorquina. Ele foi pavoroso, tão alucinado que não conseguia terminar a maioria das músicas. Pouco importava. Milhares faziam fila para vê-lo, e isso gerava dinheiro suficiente para alimentar seu vício.

Para a nova namorada, cuidar de Sid virou um pesadelo. Ela teve um colapso nervoso e acabou no hospital. Quando saiu, Vicious estava novamente na prisão de Rikers Island. Certa noite numa boate, ele quebrara um copo no rosto de Todd, irmão de Patti Smith. Na cadeia, Vicious foi colocado na ala de desintoxicação e passou o Natal "limpo". Sob fiança, foi solto em 1º de fevereiro, e uma festa foi realizada no apartamento da namorada. Depois do jantar, um

traficante chegou e vendeu heroína a alguns convidados. Vicious não usava a droga havia pelo menos dois meses. Ele não conseguiu resistir.

Na manhã seguinte, ele foi encontrado morto. Poucos dias após o enterro, a mãe, Anne, descobriu um bilhete de suicídio em sua jaqueta: “Nós tínhamos um pacto de morte e tenho de honrar minha parte no acordo. Por favor, me enterre ao lado do meu bem, vestindo minha jaqueta de couro, jeans e botas de motoqueiro. Adeus”. Seu último desejo não pôde ser atendido. Nancy era judia e fora enterrada em um cemitério exclusivo para judeus. Então, as cinzas dele foram secretamente espalhadas sobre o túmulo dela. Assim na vida como na morte: os *junkies* malfadados agora estavam juntos para sempre.

John Simon Ritchie nasceu no subúrbio londrino de Lewisham no dia 10 de maio de 1957. Sua mãe, Anne, era da Real Força Aérea Britânica, e seu pai, guarda do Palácio de Buckingham. Logo após seu nascimento, a mãe o levou para morar na ilha mediterrânea de Ibiza. O pai deveria encontrá-los lá, mas não apareceu. Anne voltou a se casar, mas três anos depois o padrasto do menino morreu de câncer. John saiu de casa na adolescência e morou em vários imóveis invadidos. Foi nessa época que conheceu Jah Wobble e John Lydon, responsável pelo apelido Sid Vicious. Em 1976, entrou para a banda Flowers of Romance como baixista. Depois de Glen Matlock deixar os Sex Pistols, Sid assumiu a posição. Um ano mais tarde, o grupo se dissolveu em meio à turnê pelos EUA. Sid permaneceu por ali com a namorada, Nancy Spungen. Ele morreu de overdose de heroína em 2 de fevereiro de 1979, após o assassinato de Nancy. Malcolm McLaren, empresário dos Sex Pistols, um dia declarou: “Se Johnny Rotten era a voz do punk, Sid era a atitude”.


PAUL
McCARTNEY
é preso no Japão
DATA 16 de janeiro de 1980, Tóquio
125PX

Quando tudo havia terminado e Paul McCartney se preparava para deixar o país que o prendera, o compositor mais bem-sucedido do mundo afirmou: "Passei o tempo na cadeia de Tóquio fazendo uma lista mental de todas as drogas que são legais, porém perigosas. Todos nós usamos drogas – cigarro, uísque e mulheres ardentes, impulsivas. A sociedade considera o álcool fantástico, ainda que mate. Os cigarros podem matar. São piores que maconha. É simplesmente inverdade que a maconha mata. E as velhinhas tomando Valium? Pense no perigo da aspirina para o estômago".

McCartney estava mais uma vez defendendo a maconha, causa com a qual permaneceu envolvido a maior parte da vida. Ele começou a fazer uso da erva regularmente em 1964 e, em julho de 1967, assinou um anúncio de página inteira publicado no jornal *The Times* pedindo sua descriminalização. Os outros Beatles também assinaram o artigo, assim como o empresário deles, Brian Epstein.

Mais tarde, McCartney participou da campanha Legalise Cannabis. Em 1972, foi preso por posse duas vezes, uma na Suécia e a outra na Escócia, onde morava. Um ano mais tarde, foi detido novamente e multado em duzentas libras por cultivar a droga em sua fazenda. De forma divertida, McCartney declarou a um jornal ter recebido as sementes de um fã pelo correio e, sem ideia do que eram, as plantou inocentemente.

Por causa desses incidentes, o Japão nunca concedera permissão para McCartney tocar no país. Em muitas sociedades do Extremo Oriente, as drogas são vistas com enorme desaprovação. Somente após anos de pressão, ele teve autorização para embarcar em uma turnê com onze datas em companhia de sua banda, Wings.

MCCARTNEY DECIDIU LEVAR A DROGA NA BAGAGEM DE MÃO PORQUE NINGUÉM PENSARIA EM REVISTÁ-LO. A POLÍCIA JAPONESA ESTAVA À SUA ESPERA

McCartney chegou ao Japão com a banda no dia 16 de janeiro de 1980. Na bagagem de mão, ele carregava cerca de duzentos gramas de maconha. Geralmente, os músicos fazem os *roadies* esconderem tais substâncias em amplificadores, alto-falantes, na bateria, em estojos de guitarra... McCartney decidiu dar uma de esperto. Ele simplesmente levaria a droga na bagagem de mão porque ninguém pensaria em revistá-lo. O compositor se esquecera de uma coisa: graças aos crimes anteriores ligados às drogas, a polícia japonesa estava à sua espera.

MCCARTNEY DECLAROU À IMPRENSA TER RECEBIDO AS SEMENTES DE UM FÃ PELO CORREIO E, SEM IDEIA DO QUE ERAM, AS PLANTOU INOCENTEMENTE

"Não tentei esconder a maconha", afirmou McCartney posteriormente. "Eu estava vindo dos Estados Unidos e ainda tinha o comportamento norte-americano segundo o qual a maconha não é algo tão ruim assim. Eu não sabia quão severa era a postura japonesa. Eu tinha fumo de primeira e sabia que não conseguiria nada por lá. A parada era boa demais para despachar pelo vaso sanitário, então pensei em levá-la comigo."

Após a descoberta da droga, McCartney foi levado do aeroporto para um escritório governamental e interrogado durante cinco horas. Depois da primeira noite na cadeia, foi levado para a central de narcóticos, onde teria sido algemado e amarrado. O compositor foi interrogado por mais seis horas. O tempo todo defendeu que a droga era apenas para uso pessoal.

Enquanto respondia às perguntas no lado de dentro, os fãs se aglomeravam no lado de fora. Quando as autoridades tentaram levá-lo de volta à prisão, os fãs bloquearam o caminho e o batalhão de choque teve de ser chamado. No dia seguinte, McCartney recebeu más

notícias. Um juiz atendeu ao pedido de um promotor público de Tóquio para mantê-lo preso por ao menos dez dias para a condução do inquérito. Não lhe restou alternativa senão se adaptar à rotina da vida na prisão.

Ele era despertado todos os dias às seis da manhã e obrigado a sentar de pernas cruzadas enquanto a chamada matinal era realizada. Quando seu número, 22, era pronunciado, ele deveria gritar "Hai". No café da manhã, havia sopa de alga e cebola, e então tinha vinte minutos de exercícios. No almoço, o músico comia pão e geleia e era encaminhado para outro interrogatório, para consultar seus advogados ou podia ainda encontrar a esposa, Linda. A luz era desligada às oito todas as noites.

McCartney pediu permissão para receber o violão, mas o pedido foi negado. No entanto, a equipe pôde levar cobertores extras e comida quente. "A princípio, achei a cadeia cruel", veio a contar. "Entretanto, sob aquela aparência inescrutável, os guardas eram bastante cordiais. Fazíamos brincadeiras e cantamos algumas músicas. Ouvi pedidos por 'Yesterday', que cantei e eles acompanharam com palmas. Foi meio engraçado... Porém não tenho queixas. De modo geral, fui muito bem tratado."

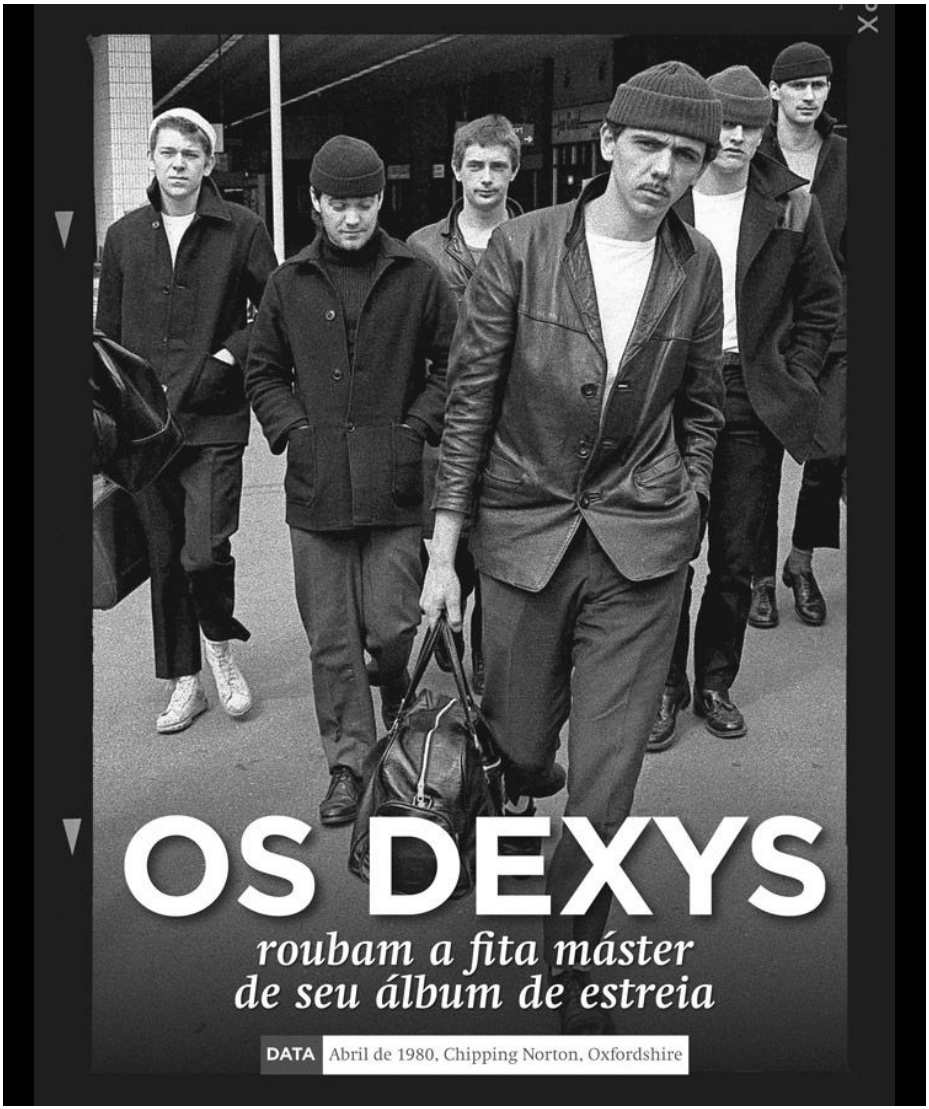
"A PARADA ERA BOA DEMAIS PARA DESPACHAR PELO VASO SANITÁRIO, ENTÃO PENSEI EM LEVÁ-LA COMIGO"

Lee Eastman, advogado e sogro de McCartney, viajou a Tóquio para ajudar na defesa. Contudo, no dia 25 de janeiro, as autoridades libertaram o músico e o deportaram para a Grã-Bretanha. O episódio lhe custou milhares de libras em perda de receitas da turnê, indenização ao promotor e despesas jurídicas.

Obviamente, McCartney não foi o primeiro músico a ver o sol nascer quadrado, muito longe disso. Ele se juntou a uma longa lista de astros que agora inclui Johnny Cash, Merle Haggard, Chuck Berry, Boy George, Ian Brown, Mick Jagger, Keith Richards, Tupac Shakur, 50 Cent, Lil Wayne, Lil' Kim, Leadbelly, entre outros. No entanto,

certamente foi o primeiro a ser preso em um país no qual apresentaria músicas de um álbum chamado *Band on the Run* (Banda em fuga).

James Paul McCartney nasceu em 18 de junho de 1942. Sua mãe era enfermeira, e o pai, músico. Ele tem um irmão, Michael, que, sob o nome Mike McGear, se apresentou com a banda The Scaffold. Paul conheceu John Lennon numa quermesse da igreja de Woolton quando tinha 15 anos, e eles começaram a compor juntos. Após a separação dos Beatles, em 1970, McCartney lançou dois álbuns solo bem recebidos e, em seguida, formou a banda Wings. Em 1969, casou-se com Linda Eastman e tiveram três filhos: Mary, Stella e James. O baixista também adotou Heather, filha de Linda. Entre seus discos estão *Band on the Run* e *Venus and Mars*. Os Wings duraram dez anos, com diversas formações. Após seu fim, McCartney gravou diversos álbuns solo. Compôs música clássica, publicou poesia e desenhos e participou ativamente de diversas causas ligadas à caridade, principalmente promovendo o bem-estar animal e o vegetarianismo. Em 2009, McCartney lançou a campanha Segunda sem Carne. Após Linda falecer em decorrência de câncer de mama, ele se casou (e depois se separou) com Heather Mills, com quem teve outra filha, Beatrice. Em 2011, McCartney se casou novamente, com Nancy Shevell.


OS DEXYS
roubam a fita máster
de seu álbum de estreia
DATA Abril de 1980, Chipping Norton, Oxfordshire

Ninguém esperava por isso, muito menos a gravadora. Afinal, ninguém nunca havia roubado as fitas do disco de estreia e se recusado a devolvê-las antes de uma renegociação do contrato. Contudo, foi exatamente isso que a banda Dexys Midnight Runners fez com a EMI Records. Uma proeza extraordinariamente audaciosa levada a cabo por uma banda extraordinária.

A história começa em 1978, com o fim da banda punk The Killjoys e a garra e a ambição do vocalista desse grupo, Kevin Rowland.

Nascido em Wolverhampton em 17 de agosto de 1953, Rowland era um garoto da classe operária que durante a adolescência se mudou bastante pela Grã-Bretanha. Seu primeiro conjunto, Lucy and the Lovers, era em parte influenciado pelo Deaf School, uma banda de Liverpool, e pelo Roxy Music. Os Killjoys foram o grupo seguinte de Rowland. Eles lançaram um compacto, "Johnny Won't Go to Heaven", que não deu em nada. O fracasso, aliado ao afastamento que sentia em relação à minguante cena punk, o fizeram parar de seguir tendências e dar ouvidos à própria individualidade.

O resultado desse desejo foi o Dexys Midnight Runners, banda de nove integrantes influenciada pelo soul que passou seu primeiro ano de existência compondo e ensaiando incessantemente, dia após dia. Rowland insistia em ser o líder em todos os aspectos, incluindo as roupas. Sua admiração pelo uso muito inteligente que Bryan Ferry fazia do estilo e da imagem desempenharia papel de destaque aqui.

FOTOS DA BANDA DE MAQUIAGEM E PENTEADOS ÚNICOS DEIXAM CLARO QUE O GRUPO ESTAVA PELO MENOS UM ANO À FRENTE DO MOVIMENTO NEW ROMANTIC

As primeiras fotos da banda, de maquiagem e penteados únicos, deixam claro que o grupo estava pelo menos um ano à frente do movimento New Romantic. Contudo, ao serem convidados para participar da turnê dos Specials e temendo que o visual radical afastasse as pessoas, os Dexys optaram por uma imagem masculina mais segura, tendo como base toucas de lã e casacos pesados. Assim que a turnê teve início, tornou-se evidente que a banda era uma das mais poderosas em ação. Eles davam tudo de si em cada show, Rowland em particular criava uma nova visão do soul. Suas apresentações eram estilizadas, mas de grande eficácia. Os Dexys não seguiam as regras. Os integrantes davam entrevistas nas quais expressavam aversão por beber nos shows. “Queremos que os shows sejam especiais”, diziam, se distanciando de todas as outras bandas.

AINDA ASSIM, ROWLAND NÃO ESTAVA CONTENTE, LONGE DISSO. MAIS TARDE, O LÍDER CONFESSOU QUE ACHAVA QUE APARECER NO *TOP OF THE POPS* CURARIA TODAS AS SUAS ANSIEDADES. PELO CONTRÁRIO, ELAS SÓ AUMENTARAM

Eles conseguiram um contrato com a EMI e o primeiro compacto, “Dance Stance”, ficou entre as quarenta mais. Contudo, foi a homenagem deles ao cantor de soul norte-americano Geno Washington, “Geno”, que os levou ao topo. Ainda assim, Rowland não estava contente, longe disso. Mais tarde, o líder confessou que achava que aparecer no *Top of the Pops* curaria todas as suas ansiedades. Pelo contrário, elas só aumentaram.

A banda agora se dirigia a um estúdio em Oxfordshire para gravar o álbum de estreia. O produtor seria Pete Wingfield, cujo compacto solo de 1975, “Eighteen With a Bullet”, Rowland admirava muito. Wingfield e a banda trabalhavam bem juntos. O produtor sabia que o grupo era brilhante ao vivo e o sucesso do álbum dependeria de sua capacidade de capturar tal intensidade no disco. As sessões duraram doze dias, com produtor e integrantes trocando ideias a

intervalos regulares, todos trabalhando em prol de um álbum de estreia verdadeiramente importante.

Ao mesmo tempo, Rowland tinha plena ciência de que o contrato assinado com a EMI beneficiava demais a gravadora. Os Dexys receberiam *royalties* de seis por cento; a maioria das bandas ficava com um valor entre dez e doze. Depois do sucesso de "Geno", o grupo reabriu a negociação com a EMI, mas não conseguiu convencer a gravadora da justeza de sua causa. Até mesmo o produtor Pete Wingfield considerava o contrato terrível.

Foi durante as sessões de gravação do disco que Rowland sugeriu pedir resgate à EMI, roubando as fitas máster. "Devo ser o tipo de cara que gosta de lutar por uma causa", afirmou mais tarde. "Eu pensei: a grande gravadora não vai nos ferrar; somos nós contra a EMI."

Enquanto a última música do álbum recebia a mixagem final, e com Wingfield fora do estúdio, a banda entrou em ação. Eles trancaram a porta do estúdio, deram um jeito de atrasar o engenheiro e levaram todas as fitas nas quais puderam pôr as mãos. Depois, correram para os carros e as levaram para a casa dos pais de Rowland, em Birmingham.

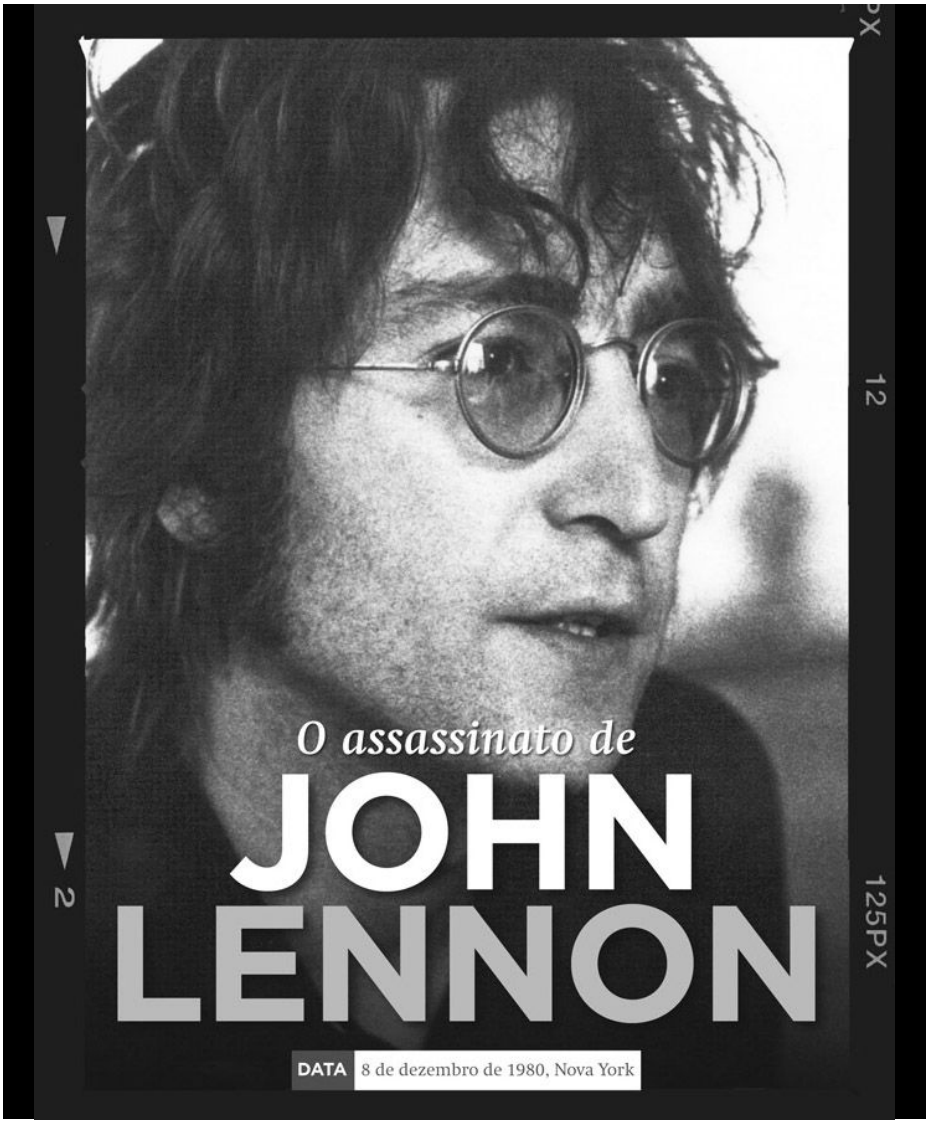
A EMI exigiu furiosamente a devolução das fitas. Os Dexys se recusaram e saíram em turnê nacional. A gravadora ficou sem saída. Eles aceitaram pagar nove por cento de *royalties* e as fitas foram devolvidas à empresa – ainda que com sorte. O grupo levou as fitas pelo metrô londrino, o que poderia tê-las desmagnetizado, destruindo tudo. Felizmente, as gravações sobreviveram à jornada.

A BANDA ENTROU EM AÇÃO. ELES TRANCARAM A PORTA DO ESTÚDIO, DERAM UM JEITO DE ATRASAR O ENGENHEIRO E LEVARAM TODAS AS FITAS NAS QUAIS PUDERAM PÔR AS MÃOS

Quando o disco, *Searching for the Young Soul Rebels*, foi lançado, em julho de 1980, as resenhas foram muito elogiosas e ele ficou entre os dez mais. A EMI, no entanto, não esqueceu as ações ousadas da

banda e os Dexys deixaram a gravadora em um ano. O noneto foi contratado pela Phonogram, onde gravou seu maior sucesso, “Come On Eileen”. “Nós sempre gostamos de um draminha”, Rowland veio a afirmar.

Os Dexys Midnight Runners foram criados em 1978. A formação mudou muitas vezes ao longo dos anos, mas os principais integrantes eram Al Archer, Pete Williams, Mick Talbot, Billy Adams, Helen O’Hara, Big Jim Patterson e Seb Shelton. Contratados pela EMI em 1979, o segundo compacto, “Geno”, chegou ao topo das paradas e o álbum de estreia, *Searching for the Young Soul Rebels*, alcançou sucesso de público e crítica. Em 1981, o grupo assinou com a Phonogram Records e mudou sua imagem e sua música. O compacto seguinte, “Come On Eileen”, e o álbum, *Too-Rye-Ay*, venderam milhões de cópias na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. Depois de um longo período em turnê, Rowland se afastou dos holofotes. Quando a banda ressurgiu, em 1985, com o terceiro álbum, *Don’t Stand Me Down*, havia mudado novamente a imagem e o som. O conjunto levou um tempo extremamente longo para compor e gravar e, infelizmente, não conseguiu repetir o sucesso das obras anteriores. O Dexys Midnight Runners se desfez em um ano e Kevin Rowland partiu para a carreira solo. Em 2006, eles se reuniram para uma turnê bem recebida na Grã-Bretanha.


O assassinato de
JOHN
LENNON
DATA 8 de dezembro de 1980, Nova York

Seu desejo se realizou. Mark Chapman garantiu que, sempre que em algum lugar do mundo se pensasse em John Lennon, seu nome não estivesse muito distante. Chapman e Lennon, Lennon e Chapman, unidos numa tragédia sem sentido. Agora, Chapman está preso e assim permanecerá pelo resto da vida. Quanto a Lennon, continua a vender, e assim será por toda a eternidade.

No dia 8 de dezembro de 1980, quatro balas atingiram John Lennon enquanto ele se dirigia à entrada de seu apartamento em Nova York. O mundo ficou em choque enquanto Lennon jazia no chão. Ele permaneceu consciente por cerca de trinta minutos e então faleceu.

O assassino era Mark David Chapman, nascido em 1955 em Fort Worth, Texas. Ele disse ter feito isso porque assim mandou uma voz em sua cabeça. Depois de matar Lennon, Chapman largou a arma e ficou lendo *O apanhador no campo de centeio*, à espera da polícia. Quando os policiais chegaram, suas primeiras palavras foram: “Eu agi sozinho”.

No banco traseiro da viatura, enquanto dois policiais incrédulos o interrogavam, Chapman revelou: “Garanto que a maior parte de mim é Holden Caulfield, o personagem principal do livro. A menor parte deve ser o diabo”.

Enquanto milhares de pessoas se reuniam em estado de choque diante do prédio de Lennon, a polícia e os jornalistas começavam a investigar o passado de Chapman. O que descobriram era muito perturbador. A infância foi infeliz. O pai batia na esposa e no filho. Na escola, a infelicidade de Chapman era uma fraqueza, e a garotada logo percebeu. Eles o intimidavam e o atormentavam continuamente, sem dó.

ELE ESTAVA OBCECADO POR O APANHADOR NO CAMPO DE CENTEIO, "GARANTO QUE A MAIOR PARTE DE MIM É HOLDEN CAULFIELD", DISSE ELE NO BANCO TRASEIRO DA VIATURA. "A MENOR PARTE DEVE SER O DIABO."

Então um dia ele ouviu uma música dos Beatles no rádio e, a exemplo de outros milhões de pessoas, ficou petrificado. No nono ano, Chapman se vestia como Lennon e ignorava a escola. Aos 14 anos, teve a primeira encrenca com a polícia. Ele estava na viagem do LSD, os policiais, não. Ele passou uma noite na cadeia. Foram mais dois anos de drogas e vida sem sentido até que um dia, em um ato de desespero, ele jogou as mãos para o céu e pediu para Jesus salvá-lo. E Jesus o encheu com um novo espírito e sua vida mudou. Ele jogou fora a roupa de roqueiro e passou a frequentar a igreja. Chapman foi à escola e perguntou às pessoas se elas conheciam as boas-novas.

Em março de 1969, John Lennon e sua esposa, Yoko Ono, ficaram uma semana na cama do Hilton, em Amsterdã. O gesto fazia parte de uma série de ações para aumentar a consciência quanto à paz mundial.

Com Jesus na cabeça, Chapman voltou sua atenção para os Beatles e, em particular, para o grande sucesso de Lennon, "Imagine". Como um multimilionário podia cantar sobre não ter posses? Seguramente, John Lennon era falso. É essa a palavra utilizada inúmeras vezes por Holden Caulfield no livro favorito de Chapman, *O apanhador no campo de centeio*, de J. D. Salinger. Quem era mau, era falso. Chapman ficou obcecado pelo livro, a ponto de ter de carregar uma cópia consigo o tempo todo. Se não tivesse, vasculharia a região em busca de uma livraria para comprar outro exemplar.

Chapman começou a trabalhar na Associação Cristã de Moços, como conselheiro de acampamento das férias de verão. As crianças gostavam muito dele, o chamavam de Nemo, e ele acabou ganhando o prêmio de Conselheiro Destaque. David Moore, seu colega de quarto, mais tarde diria que "ele era um dos funcionários mais compassivos que já tivemos". A natureza gentil de Chapman chamou a atenção de Jessica Blankenship, e eles começaram a namorar.

Aparentemente, Chapman dera um jeito na vida. Mas existiam sinais de grande dor interior. Ele enviou uma fita a um amigo e a descreveu como “um retrato de uma alma sofredora”. O desfecho de sua mente começou a ganhar ritmo. Chapman se matriculou com a namorada em uma faculdade evangélica, mas logo abandonou os estudos. Jessica o deixou e ele tentou se suicidar. Chapman passou um tempo no hospital e, após a alta, começou a trabalhar meio expediente ali, tocando violão para os pacientes. Um ano depois, investiu tudo o que tinha numa viagem ao redor do mundo. Ele visitou Tóquio, Seul, Hong Kong, Cingapura, Bangcoc, Déli, Israel, Gênova, Londres, Paris e Dublin. Ao voltar para casa, conheceu a nipo-americana Gloria Abe, com quem se casou em 2 de junho de 1979.

ERAM SINAIS DE GRANDE DOR INTERIOR. O DESFECHO DA MENTE DE CHAPMAN COMEÇOU A GANHAR RITMO

Chapman passou por vários empregos sem perspectivas para sustentar Gloria e, ao mesmo tempo, redescobriu a paixão por beber e se drogar. A esposa entrou em desespero com tamanha autodestruição, mas não podia fazer nada para detê-lo. Um dia, ele teve a ideia de matar alguém famoso. Dizem que Chapman foi à biblioteca local, se deteve na seção de biografias, fechou os olhos, esticou o braço e tirou um livro da estante. Seja sobre quem for o livro, ele afirmou ter raciocinado, vou matá-lo. O homem abriu os olhos. O livro era sobre John Lennon.

Lennon morava em Nova York desde 1971. Após o fim dos Beatles, em 1970, ele e Paul McCartney trocaram farpas publicamente. Lennon estava cansado de ser uma mercadoria, de ser chamado de Beatle e somente isso. Decidiu usar a fama para promover as causas nas quais acreditava piamente. Ele passou uma semana na cama com sua esposa, Yoko, pela paz mundial, conviveu com militantes radicais, como os Panteras Negras, atacou o envolvimento norte-americano na Guerra do Vietnã, teimosamente combateu as autoridades até conseguir autorização para morar nos Estados Unidos, escreveu

canções furiosas sobre a discriminação da mulher, de irlandeses e negros.

Yoko mandou Lennon para Los Angeles com a secretária deles, May Pang, durante um intervalo por ele posteriormente batizado de Fim de Semana Perdido. Ele e May, sob a bênção de Yoko, se tornaram um casal. Lennon bebia até cair, tentou compor e, após dezoito meses de farra, voltou a viver com Yoko. Ela o aceitou de volta e o filho deles, Sean, nasceu no dia 9 de outubro de 1975. Sean era o segundo filho de Lennon. O primeiro, Julian, teve o azar de nascer em meio à beatlemania, e Lennon não podia ser Beatle e pai ao mesmo tempo. Ele optou pelo primeiro, ignorou Julian e mais tarde se arrependeu. O compositor percebeu ter sido ausente na vida de Julian, a exemplo do que seu pai fez quando ele era criança em Liverpool. Com Sean, tal equívoco não seria cometido.

LENNON SE DEITOU NU EM POSIÇÃO FETAL SOBRE O CORPO VESTIDO DA ESPOSA E LEIBOVITZ FEZ UMA DAS MELHORES FOTOGRAFIAS DE SUA CARREIRA

Lennon abriu mão de tudo – música, farra e substâncias químicas – e se tornou um marido caseiro, se dedicando à criação do filho. Durante esse período, ele costumava olhar uma estranha guitarra de brinquedo que comprara pouco antes da reconciliação com Yoko. Lennon estava entretido com o instrumento e, conforme os anos passavam, começou a se perguntar como ela soaria em um disco ou até mesmo em um show ao vivo... Por fim, ele a pegou e começou a compor.

Em 1980, ele começou a escrever as canções que apareceriam no álbum *Double Fantasy*, dele e de Yoko. Lennon não tinha mais ilusões quanto à sua reputação no mundo da música. Seus dias como precursor haviam terminado. Em vez disso, a obra seria uma carta musical aos fãs, fazendo perguntas como: Você sobreviveu aos anos 1960? Saiu-se bem nos 1970? Como se sente em relação aos 1980? Em agosto, com Jack Douglas no leme, John e Yoko começaram a gravar

Double Fantasy. Em dezembro, o disco chegava às lojas, recebendo boas críticas.

No dia 8 de dezembro, John saiu da cama e deu início ao último dia de sua vida. A agenda começou com uma sessão de fotos com a fotógrafa Annie Leibovitz. Ela pediu para John e Yoko tirarem a roupa na sessão. John aceitou, mas Yoko não. Então, Lennon se deitou nu em posição fetal sobre o corpo vestido da esposa e Leibovitz fez uma das melhores fotografias de sua carreira.

Depois, John e Yoko concederam uma entrevista ao jornalista Dave Sholin. Durante a conversa, Lennon reafirmou o compromisso com a paz mundial e, sinistramente, acrescentou: "Nós vamos viver ou vamos morrer. Se estivermos mortos, teremos de lidar com isso..."

A entrevista durou três horas. Em seguida, Lennon e Yoko deixaram o apartamento no edifício Dakota e se dirigiram ao estúdio de gravação. Na porta de entrada do prédio, Lennon foi abordado por um jovem de óculos. Ele apertou a mão do jovem – era Mark Chapman – e autografou seu exemplar de *Double Fantasy*. Outro fã, Paul Goresh, tirou uma foto de Lennon e Chapman juntos. "Você deseja mais alguma coisa?", Lennon perguntou a Chapman, devolvendo o disco. "Não", ele respondeu, então Lennon caminhou em direção à limusine, rumo a seu destino.

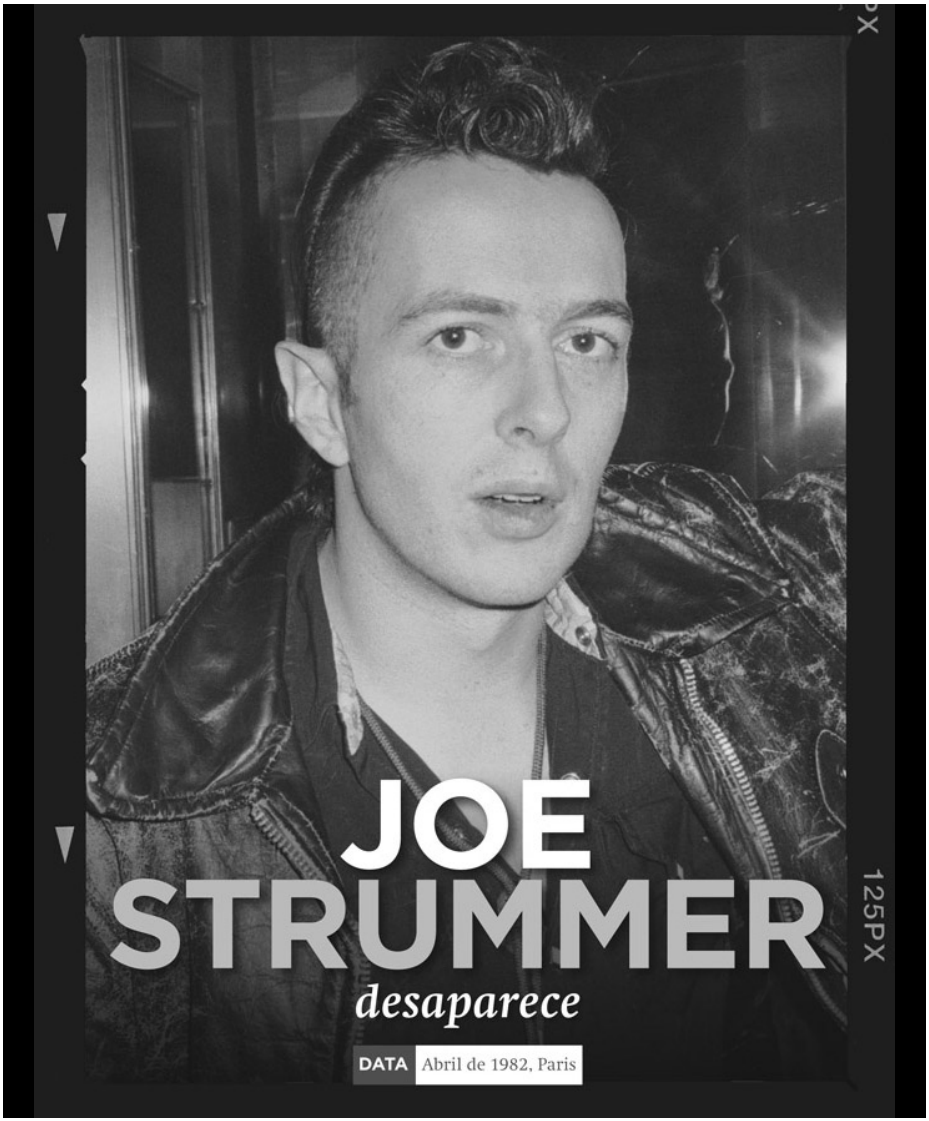
"Naquela hora, minha parte grande venceu, e eu quis voltar ao hotel", confessou Chapman. "Mas não consegui. Esperei ele voltar. Ele sabia aonde os patos iam durante o inverno e eu precisava saber disso." Era uma referência à pergunta que Holden faz a si mesmo durante todo o livro.

ESTE FOI O ÚLTIMO DESEJO DE **JOHN LENNON** NESTE MUNDO: PASSAR UM TEMPO COM SEU FILHO

No estúdio, Lennon deu alguns toques finais numa música de Yoko chamada "Walking on Thin Ice". Eles trabalharam nisso até as dez, depois combinaram de jantar com o produtor Jack Douglas. O casal deixou o estúdio e entrou na limusine. "Quer sair para jantar?",

perguntou-lhe Yoko ao se aproximarem de casa, porém o músico parecia ter mudado de ideia. “Quero voltar e ver o Sean”, respondeu Lennon. Este foi o último desejo de John Lennon neste mundo: passar um tempo com seu filho.

John Winston Lennon nasceu no dia 9 de outubro de 1940. O pai era marinheiro, ausente durante a maior parte da vida do músico, e Lennon foi criado principalmente pela tia Mimi. Quando ele tinha 17 anos, sua mãe morreu em um acidente de carro. A essa altura, ele tocava em várias bandas e, em 1957, conheceu Paul McCartney. Lennon se casou com sua paixão da adolescência, Cynthia, em 1962, e tiveram um filho, Julian. Eles se separaram em 1968 e John passou a viver com a artista japonesa Yoko Ono. Em 1970, ele deixou os Beatles para seguir carreira solo. Os primeiros trabalhos longe da banda foram marcados pela intensidade e crueza. Lennon desenvolveu forte visão esquerdista e defendeu a paz mundial, lançando mão da fama para promover as causas nas quais acreditava. Entre suas maiores composições como artista solo estão “Imagine”, “Give Peace a Chance” e “Jealous Guy”. Depois de seu assassinato, um trecho do Central Park ganhou o nome de Strawberry Fields por causa de uma de suas mais célebres composições e, na cidade natal de Liverpool, o aeroporto foi rebatizado com seu nome. Lennon continua sendo uma imponente figura na música contemporânea.


JOE
STRUMMER
desaparece
DATA Abril de 1982, Paris
125PX

Ao longo da carreira, o caos perseguiu o The Clash como um cão de guarda, sempre mordendo seus calcanhares. Os shows terminavam em tumulto, os integrantes faziam cara feia e gritavam uns com os outros, brigas com a gravadora eram frequentes. Ser um integrante do Clash não era fácil, e geralmente se pagava um preço alto por isso, como estava prestes a descobrir o cantor e líder da banda, Joe Strummer.

O Clash surgiu em 1977, cheio de estilo, imagem e autêntica ousadia. Era um material de primeira, os integrantes eram mais velhos que os das outras bandas punks, mais talentosos e faziam mais o estilo rock'n'roll. Eram completamente apaixonados pela música e pela mitologia que a cerca. E, a partir dessa mitologia, a personalidade de cada membro emergiu.

ELE TOMOU PARA SI A TAREFA DE CUIDAR DOS FÃS, DISTRIBUIR INGRESSOS GRÁTIS, LEVÁ-LOS AOS BASTIDORES. IMPELIA O GRUPO POLITICAMENTE, DESTILANDO SUA RAIVA NA FORMA DE CANÇÕES

Topper Headon era o baterista, o típico sujeito com quem tomaríamos uns drinques no bar – ilusão que primorosamente encobria o vício desenfreado em heroína. Paul Simonon, o baixista, era o boa-pinta, o ímã de modelos. Mick Jones, na guitarra, era o astro do rock de cabelo desgrenhado e uma queda pela cocaína. E Strummer? Bem, Joe Strummer era a alma da banda. Foi ele quem tomou para si a tarefa de cuidar dos fãs, distribuir ingressos grátis, levá-los aos bastidores. Impelia o grupo politicamente, selecionando

casos de opressão pelo mundo inteiro e destilando raiva contra a injustiça na forma de canções.

Tudo começou muito bem, com o Clash dominando o cenário punk na Grã-Bretanha e produzindo a rodo preciosidades de três minutos. Eles eram uma verdadeira banda inglesa de garagem, completamente de Notting Hill – à época, a mais metropolitana das áreas de Londres. Contudo, eram velhos demais, experientes demais para deixar um único estilo musical lhes prender. No segundo álbum, o grupo flertou com o rock norte-americano e, exceto por uma faixa furiosa, pisaram completamente na bola. Eles se reagruparam e criaram um novo projeto – bandas inteligentes agem assim –, então entraram em estúdio e produziram o brilhante *London Calling*, que, musicalmente, passava tudo em revista, do dub ao reggae, do soul ao pop. Hoje em dia, o disco é considerado um clássico, sempre figurando entre os melhores de todos os tempos.

No entanto, aonde quer que fossem, a imprensa não largava do pé deles. "O que enxergam quando se olham no espelho?", perguntou a *New Musical Express*. "Guerrilheiros do terceiro mundo com topetes estilosos?" Em público, Strummer permanecia impenitente. "Eu sei o que estou fazendo", ele retrucava. Em particular, o guitarrista pensava: Preciso mesmo disso tudo?

DE REPENTE, NÃO HAVIA GRUPO MAIS NA MODA POR ALI QUE O CLASH. ELES ATÉ FIZERAM UMA PONTA NUM FILME DE SCORSESE E SAÍAM PARA BEBER COM ROBERT DE NIRO

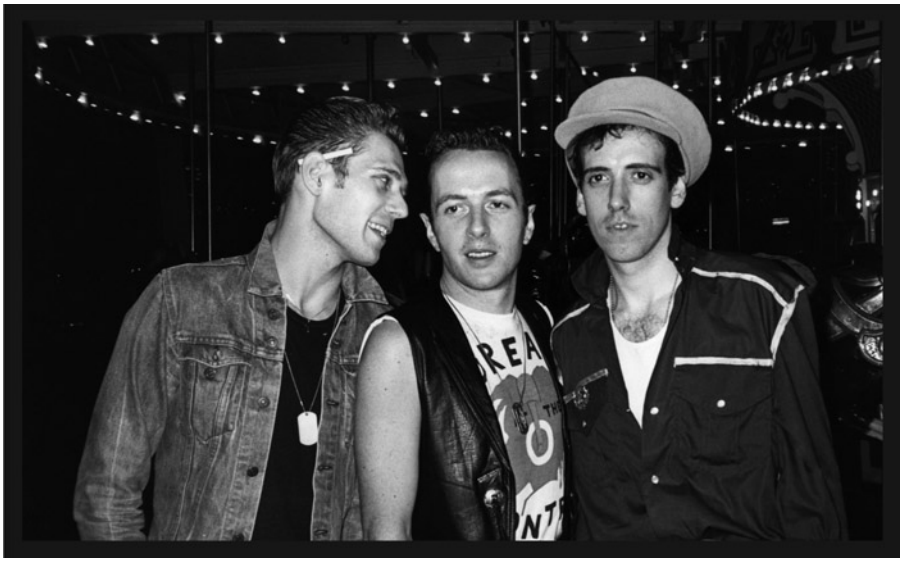
Em 1981, Strummer se voltou para o passado e pediu para o empresário original do Clash, Bernie Rhodes, assumir as rédeas. Rhodes era o típico empresário pop, cheio de golpes, estratégias e disfarces. Strummer acertadamente avaliou que ele seria o cara que os colocaria de volta nos trilhos. Rhodes se pôs a trabalhar na CBS, os fez lançar material para manter o grupo vivo aos olhos do público. Sucessos como "The Magnificent Seven" e "Radio Clash" ajudaram a

estabilizar o destino da banda. Rhodes também organizou um mês de shows pela Itália, França e Espanha. Em seguida, rumaram para Nova York, para tocar durante seis semanas numa boate na Times Square.

Quando o Corpo de Bombeiros de Nova York fechou a boate depois de apenas uma noite, o Clash acabou na capa de todos os jornais. Uma rádio nova-iorquina reagiu tocando “The Magnificent Seven” sem parar. De repente, não havia grupo mais na moda por ali que o Clash. Eles até fizeram uma ponta no sombrio filme *O rei da comédia*, de Martin Scorsese, e saíam para beber com Robert De Niro.

Em setembro, tocaram durante uma semana em Paris, repetindo a dose no Lyceum, em Londres. Em todos os shows, ficavam empolgados com o amor e o respeito evidentes do público por sua música, por sua postura e visão política. Eles haviam acreditado na imprensa, pensado que o mundo os odiava. Agora, pensavam de outra forma.

Motivados, tentaram começar a gravar, mas estamos falando do Clash, e eles tinham de dar um tiro no pé. Dois fatores os atrapalhavam: o crescente vício de Topper Headon e a insistência de Mick Jones em produzir o disco e gravar em Nova York. Naquele momento, Jones estava apaixonado pela cidade. Ele se empolgou com o hip hop surgindo nos guetos; vivia recebendo gravações de programas de rádio do gênero em Londres. E, é claro, havia uma mulher. Sempre há uma mulher. O nome dela era Ellen Foley, moradora de Nova York, e Jones queria ficar com ela.



Paul Simonon, Joe Strummer e Mick Jones, do The Clash, em maio de 1982. Infelizmente, o sucesso nos EUA não conseguiu esconder as divergências internas e o grupo começou a desmoronar.

E ele venceu. Em novembro, a banda foi a Nova York para dar início às gravações. Enquanto isso, o vício de Topper em heroína estava se tornando incontrolável. As vozes se ergueram contra o baterista. Fique limpo ou caia fora. O grupo trabalhou em Nova York até o Natal. Na volta, Topper foi preso por posse de heroína. Em janeiro de 1982, o conjunto deveria ter finalizado o álbum. Em vez disso, ainda estavam gravando, com uma turnê no Extremo Oriente para concluir no fim do mês.

Pouco antes da partida, Mick Jones apresentou aos outros sua mixagem para o disco, agora com 65 minutos e quinze canções. Eles ficaram horrorizados com o trabalho e, depois da turnê, pediram a ajuda do produtor Glyn Johns. Boa escolha. Johns certamente sabia como salvar álbuns. Joe e ele começaram a trabalhar, conferindo às músicas um som mais radiofônico, cortando a duração e descartando algumas faixas. Joe estava pronto para conquistar novamente os EUA e ninguém na banda iria impedi-lo. Ele queria que o grupo parasse de

agir como “pregadores”, com um grupo devotado, porém *cult*, de seguidores, e tentasse se abrir para o restante do mundo.

Em abril, enfim, as fitas prontas foram entregues à CBS Records. A gravadora se empolgou e programou o lançamento de um compacto, “Know Your Rights”, para o fim de abril, com o álbum em si – *Combat Rock* – saindo em meados de maio. Uma turnê foi anunciada. As duas primeiras datas seriam na Escócia. Os ingressos foram colocados à venda... e ninguém os comprava.

Nesse momento, Bernie Rhodes procurou Joe, exausto, com uma ideia para incendiar a turnê e salvar a banda. “Estávamos às vésperas da turnê”, contou Strummer em uma entrevista à tevê, em 1988, “e os ingressos não estavam sendo vendidos, faltando três dias para começar. Então, Bernie Rhodes, que, com Malcolm McLaren, gostava de um velho golpe publicitário, disse: ‘Escute, você precisa sumir’. Eu respondi: ‘Tá bom, Bernie, se você acha mesmo que devo desaparecer, vou fazer isso. Onde quer que eu suma?’ Ele disse: ‘Sei lá. Vá para Austin, no Texas. Você tem um conhecido lá, aquele cantor country Joe Ely. Fique com ele, mas ligue para mim toda manhã, às dez horas’. Eu concordei. Mas me mandei para Paris. E fui para Paris pensando ser uma boa piada não telefonar para o Bernie, pois ele pensava que estaria apenas representando – ‘Ah, onde o Joe se meteu?’ –, mas, depois de algumas semanas, ele *estaria* mesmo falando: ‘Ah, não, onde o Joe se meteu?’”

E eles não sabiam onde Strummer se enfiara, pelo menos durante um mês. Rhodes estava em suas mãos. Quando ele contou o que tinha em mente, Strummer estava exausto, fatigado e muito irritado. Os dois anos anteriores haviam sido frenéticos, a banda se vira cercada por tudo quanto é tipo de problema, de preocupações com dinheiro à imprensa cínica perseguindo cada movimento. Isso havia deixado o vocalista exausto, infeliz com a vida e com o futuro. Naquele momento, ele viu uma maneira de escapar do pesadelo e a agarrou.

EM QUESTÃO DE HORAS, KOSMO BATIA À PORTA DE JOE, “POR ALGUM MOTIVO VESTIDO DE RAMBO”, RELATOU STRUMMER

Os dois haviam combinado que Joe iria para o Texas, mas ele e sua namorada de longa data, Gaby, trocaram de carro e partiram rumo a Paris. O casal se hospedou na casa de um amigo e se esqueceu do mundo. Eles estavam livres. Visitaram galerias de arte e museus, caminharam por ruas flanqueadas de árvores, frequentaram cafés, beberam cerveja francesa.

Ele se cansara de produzir, sair em turnê, defender seu ponto de vista e lidar com um baterista drogado e um guitarrista mimado. Naquele momento, Joe só queria saber de sossego, o que encontrara em Paris.

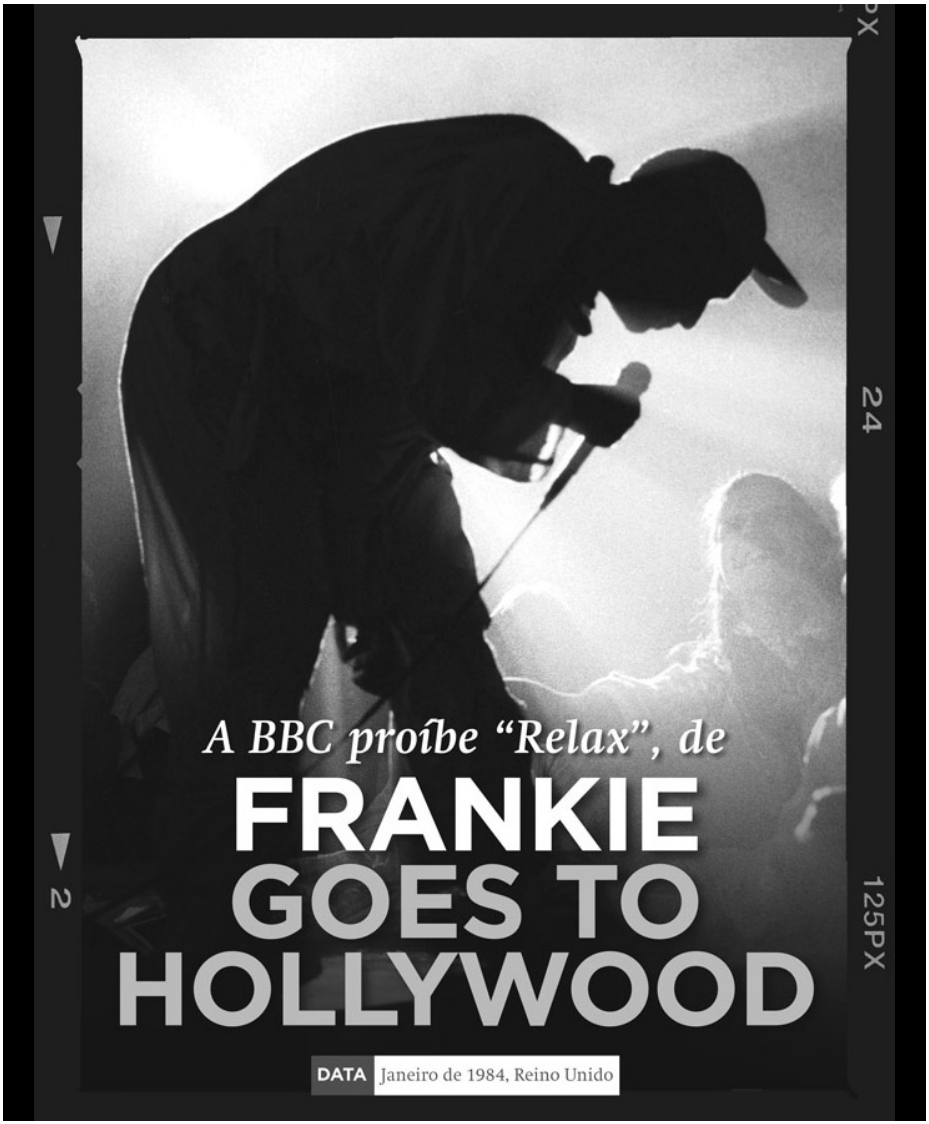
Na Grã-Bretanha, os jornais estavam cheios de relatos sobre seu desaparecimento. Toda semana, longas reportagens discutiam a notável reviravolta. Os boatos não cessavam. Joe estava na Escócia, em Nova York, fora pescado de um rio...

Embora intimamente associado à mitologia do rock, Strummer se mantinha em forma. No ano anterior, participara da Maratona de Londres e, em Paris, participou de bom grado da corrida na cidade, completando 42 quilômetros sem nenhum tipo de treinamento. Depois, decorridas seis semanas de tranquila estada, ele cometeu um erro ao ir a um bar e ser avistado por um jornalista holandês, que então acionou o assessor de imprensa do grupo, Kosmo Vinyl, em Londres. Em questão de horas, Kosmo batia à porta de Joe, "por algum motivo vestido de Rambo", relatou Strummer.

Joe e Gaby voltaram para Londres e encararam a imprensa, a música. Strummer ficou satisfeito ao saber que o novo compacto fora recebido com entusiasmo. Então numa posição de força, Strummer deu as cartas. Topper foi desligado e o baterista original da banda, Terry Chimes, ocupou o posto. Ironicamente, o novo compacto do grupo, "Rock the Casbah", havia sido composto por Topper, atingindo tamanha popularidade que ajudou a banda a conquistar os EUA.

Combat Rock teve sucesso similar, vindo a vender dois milhões de cópias em âmbito mundial, e o Clash nunca foi tão popular. Strummer agiu com o coração e alcançou sua glória. Ele nunca esqueceria essa lição.

John Graham Mellor nasceu em 21 de agosto de 1952. Seu pai era diplomata, e a família viveu em diversos países antes de se estabelecer em Londres. Aos 10 anos, John e seu irmão David (que mais tarde cometeria suicídio) foram colocados num internato. Depois de abandonar os estudos, Strummer se mudou para o País de Gales e começou a tocar em várias bandas. Então voltou para Londres e, em 1975, participou do grupo The 101ers. Eles conquistaram certa fama nos bares de rock londrinos. Em 1976, Strummer (assim apelidado devido ao jeito de tocar guitarra) foi abordado por Bernie Rhodes (empresário) e Mick Jones (guitarrista) e convidado a cantar numa banda nova, The Clash. O conjunto começou abrindo para os Sex Pistols em julho de 1976 e, em janeiro de 1977, foi contratado pela CBS. O disco de estreia, *The Clash*, recebeu acolhida tão entusiasmada como o terceiro álbum, *London Calling*. Strummer deixou a banda em meados dos anos 1980 para seguir carreira solo; também participou de diversos filmes e documentários. Morreu em casa, de ataque cardíaco, no dia 22 de dezembro de 2002.


A BBC proíbe "Relax", de
FRANKIE GOES TO HOLLYWOOD
DATA Janeiro de 1984, Reino Unido

A princípio, a Grã-Bretanha não queria nem saber de "Relax". O compacto de estreia de Frankie Goes to Hollywood, lançado em novembro de 1983, vendeu muito pouco. Entrou nas paradas na posição 67 e demorou sete semanas para subir para a 35. Talvez a culpa tenha sido da publicidade. "Relax" foi divulgado por anúncios trazendo os dois vocalistas do grupo, Holly Johnson e Paul Rutherford. Sob fotos em estilo 3 x 4 dos dois, lia-se a frase: "Todos os meninos bonzinhos adoram marinheiros".

No início de janeiro de 1984, a sorte virou a favor da banda. Depois de participarem do programa de tevê *The Tube*, eles foram convidados a apresentar a música no principal programa pop britânico, *Top of the Pops*. A participação foi exibida em 5 de janeiro, e na semana seguinte a canção alcançou o sexto lugar nas paradas.

Enquanto o grupo embarcava em uma frenética turnê de divulgação, o produtor de *Mike Read Show*, da BBC1, foi para casa e encontrou os filhos vendo o picante videoclipe incessantemente. No dia seguinte, ele pediu que Read boicotasse publicamente a gravação. Read concordou e, no ar, condenou a canção, classificando-a de obscena.

"As pessoas agora podem dizer que é engraçado banir aquilo, mas estamos falando de 1984", afirmou Read mais tarde, em sua defesa. "Na época, eu tinha grande exposição. Eu era o rosto das crianças na televisão. Havia o desenho de um falo na contracapa do disco. Mas o real motivo da proibição foi o vídeo, que simulava sodomia e pessoas recebendo jatos de urina na boca."

APÓS A PROIBIÇÃO DA BBC, ESSAS CANÇÕES DISPARARAM PARA O PRIMEIRO LUGAR, ALI PERMANECENDO POR LONGOS PERÍODOS, SIMPLESMENTE PORQUE TODA SEMANA MILHARES DE PESSOAS CORRIAM PARA COMPRAR OS COMPACTOS E ENTENDER A CONFUSÃO

O que conferiu importância à proibição foi o fato de a BBC já ter decidido retirar a música da programação antes do anúncio de Read. Contudo, em função de embaraços anteriores, não pretendiam divulgar essa informação. Proibir canções, como eles bem sabiam, era um negócio arriscado...

Na década de 1930, a British Broadcasting Corporation criou uma comissão para decidir o que era aceitável para as transmissões e, consequentemente, para a moral pública. De acordo com um dos integrantes, "ninguém está mais atento que eu para a necessidade de apoiar as forças da virtude contra os elementos selvagens sem caráter".

Tal atitude levou a algumas decisões malucas. Os censores da BBC lançaram proibição a qualquer canção que ligasse o céu ou Deus ao amor humano. "Hold My Hand", de Don Cornell, primeiro lugar nas paradas em 1954, foi proibida por comparar o ato de segurar a mão de uma mulher ao reino dos céus. Além disso, nenhuma gravação podia adaptar uma canção clássica para finalidades pop, assim nada de "I'm Always Chasing Rainbows", de Perry Como, que teve o desplante de adaptar *Fantaisie Impromptu*, de Chopin. Que menino levado.

Nos anos 1960, enquanto uma cultura de sexo e drogas se desenvolvia, as gravações passaram a refletir as mudanças sísmicas que abalavam a sociedade britânica. Algumas serviram mais para confundir que para chocar a BBC. Por exemplo, "I Can Make It", canção inofensiva do Small Faces, foi banida porque, para a emissora, o título era um eufemismo para o sexo. Em contrapartida, a aparente homenagem da banda às anfetaminas, "Here Comes the Nice", que incluía um verso sobre a necessidade da droga, escapou à censura. Vai

entender.

Outros exemplos são ainda mais descarados. “Wet Dream”, de Max Romeo, e “Je t’aime… moi non plus”, de Jane Birkin e Serge Gainsbourg, na qual a glamorosa dupla trocava suspiros de natureza muito sexual sobre um tema marcante, mal haviam saído das capas antes de serem impedidas de poluir as transmissões.

O problema com essas gravações é que, após a proibição da BBC, elas dispararam para o primeiro lugar, ali permanecendo por longos períodos, simplesmente porque toda semana milhares de pessoas corriam para comprar os compactos e entender a confusão.

DURANTE ANOS, A BANDA CLAMOU INOCÊNCIA, RECUSANDO-SE A ADMITIR QUE A LETRA DA MÚSICA TIVESSE CONOTAÇÃO SEXUAL. POR FIM, UM INTEGRANTE DA BANDA DISSE: “ERA MESMO SOBRE TRANSAR”

“Walk on the Wild Side”, gravação de Lou Reed de 1973, também foi podada graças ao verso sobre “pagar boquete”. O que nos traz de volta a Mike Read. Anos após a canção de Lou Reed ser vetada, Mike inocentemente a tocou no programa e foi censurado por isso. Read leu a letra ofensiva e confessou não compreender. “Isso que é ser ingênuo”, declarou mais tarde. “Tive de perguntar o significado. Digo, eu conhecia o ato, mas nunca tinha ouvido ninguém usar aquela frase.”

Com a proibição de “Relax” pela BBC, os consumidores aproveitaram a deixa e a colocaram direto em primeiro lugar, posição na qual permaneceu por cinco semanas. Toda semana, o *Top of the Pops* precisava cortar para uma imagem da banda antes de colocar outro artista no lugar.

Alguns DJs da BBC – notadamente David Jensen e John Peel – se recusaram a baixar a cabeça e tocaram a música regularmente. Como fizeram as concorrentes da BBC, as estações de rádio comerciais, que, percebendo o desconforto da emissora estatal e a enorme

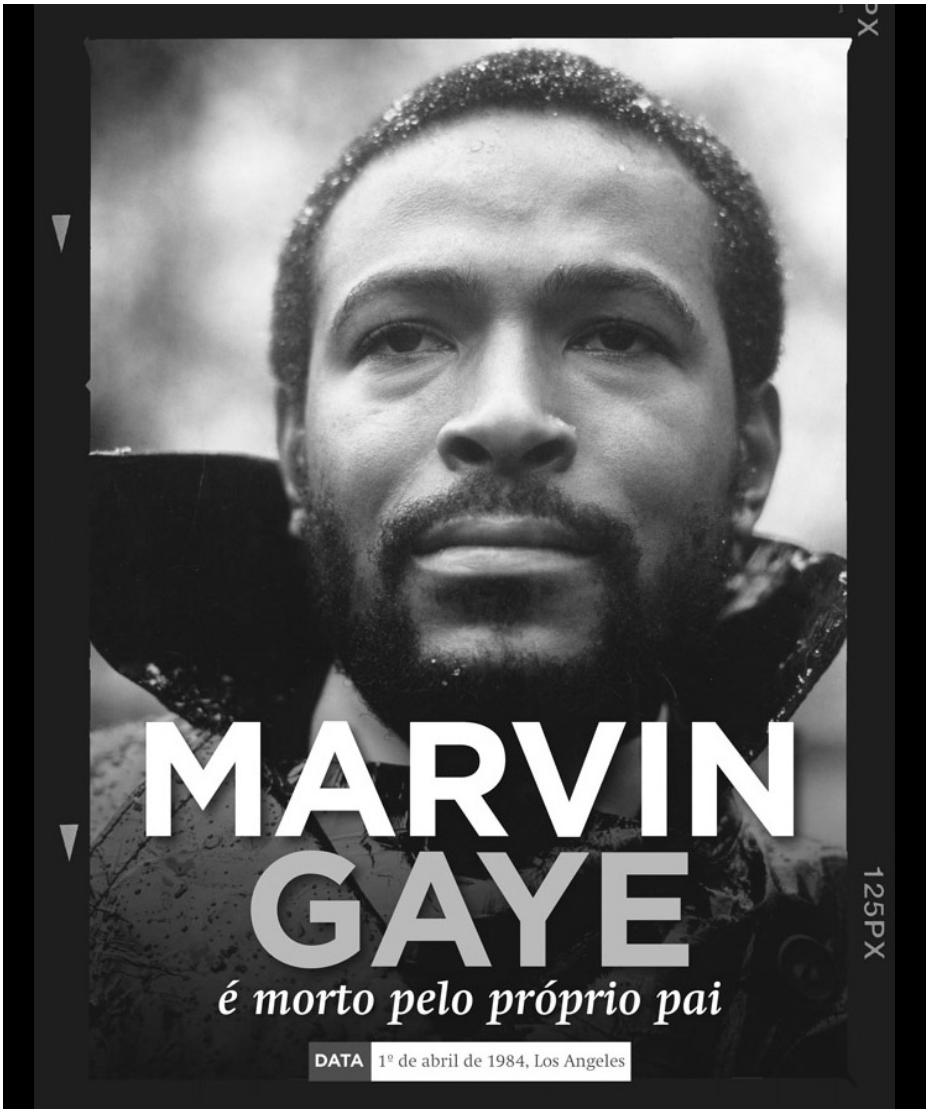
popularidade da canção, colocaram “Relax” em alta rotação.

Durante anos, a banda clamou inocência, recusando-se a admitir que a letra da música tivesse conotação sexual. Por fim, um integrante confessou: “Nós costumávamos fingir que era sobre motivação, mas era sobre transar”.

A canção é o sétimo compacto mais vendido da história do Reino Unido em todos os tempos, e merecidamente. A produção de Trevor Horn é brilhante, e o vocal de Holly Johnson – gravado às quatro da manhã, depois de o cantor ter usado haxixe nepalês – captura belamente a intenção da composição. A música acabou sendo usada em várias trilhas sonoras e voltou a ficar entre as dez mais ao ser relançada, em setembro de 1993. No total, passou 59 semanas nas paradas britânicas. E, graças à censura, sua popularidade nunca vai morrer.

Frankie Goes to Hollywood surgiu da cena punk de Liverpool do fim da década de 1970. Tocaram na região durante anos e participaram do influente programa de rádio de John Peel. Em 1983, foram contratados pela ZTT, nova gravadora de Trevor Horn, e, um ano depois, eram grandes astros, com os compactos “Relax” e “Two Tribes”. O álbum de estreia, *Welcome to the Pleasure Dome*, teve igual sucesso. Gravar uma sequência adequada àquele disco se mostrou além de sua capacidade. Turnês com pouco público e vendas escassas afetaram consideravelmente o grupo, bem como o distanciamento de Holly Johnson dos colegas. Em 1987, eles se separaram e Johnson foi contratado pela MCA Records. A ZTT processou Johnson, afirmando ter direito exclusivo a todo material solo. Depois de dois anos de briga, um juiz decidiu a favor do vocalista, que lançou dois

discos solo que venderam bem. Em 1993, ele foi diagnosticado com HIV e mais tarde publicou uma biografia bem recebida, *A Bone in My Flute*. Anos depois, a banda tentou se reunir, mas as tentativas não deram em nada por causa de disputas jurídicas.


MARVIN
GAYE
é morto pelo próprio pai
DATA 1º de abril de 1984, Los Angeles
125PX

É difícil imaginar, mas há quem creia que Marvin Gaye tramou a própria morte, entregando a arma ao pai e o instruindo a matá-lo. Não está claro se a morte de Gaye foi na verdade uma espécie de suicídio, porém é fato que naquela horrível manhã seu pai, também chamado Marvin Gaye, deu um tiro no coração do filho.

O pai de Marvin Gaye era pastor e pregava contra todos os vícios não naturais. Ele também gostava de usar roupas femininas, bebia enormes quantidades de vodca, batia na esposa, Alberta, e nos quatro filhos e reinava na casa com violência e intimidação. Os filhos viviam aterrorizados. Principalmente Marvin. "Dos 7 anos até a adolescência, a vida doméstica de Marvin consistiu em uma série de surras brutais", relatou sua irmã Jeanne.

A música veio salvar Marvin, se tornando seu consolo, seu refúgio. Ele aprendeu piano e bateria rapidamente. O rapaz tinha ouvido natural. O pai continuava indiferente. Para fugir dele, Marvin se alistou na Força Aérea, mas não encontrou alívio ali. Apenas um bando de coronéis que gostavam de afirmar a autoridade sobre ele. Marvin simulou loucura e deu baixa.

"DOS 7 ANOS ATÉ A ADOLESCÊNCIA, A VIDA DOMÉSTICA DE MARVIN CONSISTIU EM UMA SÉRIE DE SURRAS BRUTAIS", RELATOU SUA IRMÃ JEANNE

Ao voltar para sua cidade natal, Washington, ele começou a cantar música *doo-wop* em bandas da região, vindo a entrar na Moonglows, liderada por Harvey Fuqua. Foi Fuqua quem, em 1960, o levou a Detroit para conhecer Berry Gordy e a Motown. Gaye foi

contratado pela gravadora e permaneceu ali por 22 anos, lançando várias músicas de sucessos, criando o álbum *What's Going On* e discutindo constantemente com Gordy.

Sua temporada na Motown terminou com uma série de problemas pessoais. Em 1980, Gaye era viciado em cocaína e pornografia e estava ansioso para deixar os Estados Unidos, onde devia milhões de dólares em impostos. Gaye se mudou para Londres com a namorada holandesa, Eugenie Vis, fazendo sombrias exigências a ela ao se afundar cada vez mais em seus vícios.

Um salvador chegou do jeito mais improvável. Freddy Cousaert era um promotor belga que adorava a música de Gaye e o convenceu a ir morar em sua residência na Bélgica, em Ostend. O músico aceitou e, ao chegar ali, entrou em um programa para recuperar a saúde e a sanidade. Gaye começou a correr, a dar longas caminhadas, a dormir cedo. Enquanto isso, a CBS interveio e resolveu sua vida financeira. Ele começou a compor um novo álbum, *Midnight Love*.

"HAVIA MAIS COCAÍNA NESSA TURNÊ QUE EM QUALQUER OUTRA DA HISTÓRIA DO ENTRETENIMENTO." O PÓ TINHA EFEITO DEVASTADOR SOBRE SEUS INSTINTOS SEXUAIS. ORGIAS ERAM COMUNS; NO PALCO, GAYE ÀS VEZES TERMINAVA APENAS DE CUECA

Gaye também começou a escrever uma autobiografia com a ajuda do escritor David Ritz. Um dia, observando a coleção de pornografia sadomasoquista do cantor, Ritz comentou que ele precisava de "cura sexual". Em uma semana, Gaye havia composto "Sexual Healing", a música que o colocaria de volta no centro das atenções, rendendo-lhe dois prêmios Grammy.

Foi nessa época que a mãe de Gaye, Alberta, sofreu um derrame. Ele voltou aos Estados Unidos para ficar perto dela. Em abril de 1983, deu início a uma turnê de quatro meses, responsável por reacender seu vício em cocaína. Segundo uma pessoa envolvida: "Havia mais cocaína nessa turnê que em qualquer outra da história do

entretenimento". O pó tinha efeito devastador sobre seus instintos sexuais. Orgias eram comuns; no palco, Gaye às vezes terminava apenas de cueca.

Quando a turnê acabou, alco, Marvin voltou para a casa que havia comprado para a mãe, em Los Angeles. Os irmãos também moravam ali. "Nunca vi o Marvin em pior estado", disse Alberta. "Ele estava exausto, devia ter passado num hospital." Em outubro, o pai voltou a viver com a família e censurava severamente o filho pelo estilo de vida desonroso. Marvin o desprezava. Dizia à irmã Jeanne: "Se ele encostar a mão em mim, eu o mato". Então, no Natal, presenteou o pai com um revólver calibre 38, sem registro, da Smith and Wesson.

Três meses se passaram, três meses de tensão entre pai e filho. Apesar de todo o sucesso e das conquistas, o pai se recusava a lhe dar o amor incondicional que Marvin tanto buscava. Em vez disso, discutiam, brigavam e viviam se humilhando. Não havia alívio nem amor.

Dois dias antes do aniversário de 45 anos de Gaye se deu o trágico desenlace. No dia 31 de março, mãe e pai brigam. O filho intervém, pedindo para o pai parar com aquilo. Sensatamente, o pai recua. No dia seguinte, o pai começa a gritar por causa de uma apólice de seguro que havia desaparecido. O filho pede para o pai entrar em seu quarto. O pai se recusa. O filho o ameaça verbalmente e o pai acaba entrando. O filho o ataca, a mãe entra correndo e os separa. O filho diz a ela que vai embora e fica no quarto. O pai volta. Armado. E mata o filho com dois tiros.

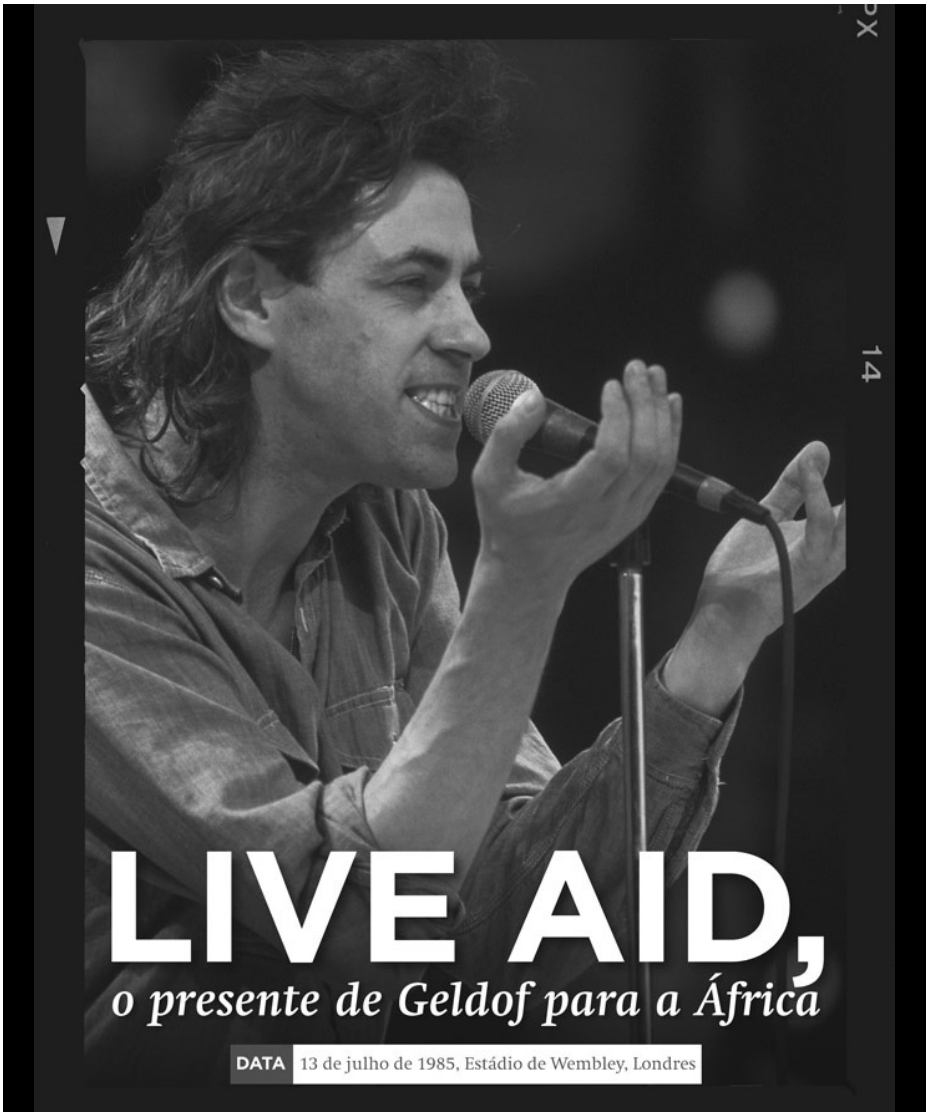
O irmão Frankie e a esposa dele ouvem os tiros e disparam até a casa. A esposa encontra a sogra gritando: "Ele atirou no meu filho". Frankie corre escada acima e encontra Marvin agonizando. Os paramédicos chegam e encontram o pai sentado na varanda, olhando para o nada. Tarde demais. Marvin já estava praticamente morto. Um dos maiores cantores e compositores do século XX morre ao dar entrada no hospital.

Marvin Gaye, pai, foi acusado de homicídio qualificado. A acusação foi reduzida para homicídio culposo antes de o caso ir a júri.

Em junho, ele foi julgado por matar o próprio filho. A esposa, Alberta, pagara a fiança. Em novembro, foi condenado a seis anos de suspensão condicional e a cinco anos de condicional.

No tribunal, o pai de Marvin Gaye declarou: “Se fosse possível, eu o traria de volta. Eu tinha medo dele. Pensei que seria ferido. Não sabia o que aconteceria… Sinto muito por tudo o que aconteceu”. Ele levou seis meses para se desculpar pela morte do filho.

Marvin Pentz Gaye nasceu em 2 de abril de 1939. Quando chegou à adolescência, sabia tocar bateria, piano e exibia uma voz notável pela pureza e pelo alcance de quatro oitavas. Contratado pela Motown em 1963, acumulou uma série de sucessos, como “Stubborn Kind of Fellow” e “Can I Get a Witness”. Em 1964, se casou com Anna Gordy (irmã de Berry) e, em 1967, cantava duetos com Tammi Terrell. Em 1971, lançou *What’s Going On*, considerado um dos melhores discos de todos os tempos. Álbuns como *Let’s Get It On* e *I Want You* transformaram Marvin em símbolo sexual. Descontente com o rótulo, ele brigou inúmeras vezes com Gordy por causa da direção musical e de sua imagem. No começo dos anos 1980, seus discos vendiam pouco e ele trocou a Motown pela CBS, ressuscitando a carreira com o sucesso mundial “Sexual Healing” e o disco *Midnight Love*. Quando planejava o álbum seguinte, foi morto a tiros pelo pai na casa da família, em Los Angeles, um dia antes de seu aniversário de 45 anos.


LIVE AID,
o presente de Geldof para a África
DATA 13 de julho de 1985, Estádio de Wembley, Londres

Ele está sentado diante da tevê, deprimido e preocupado. É 23 de outubro de 1984, e a vida não está um mar de rosas nem para Bob Geldof nem para sua banda, The Boomtown Rats. Eles têm um novo álbum e um compacto esperando para ser lançados, na esperança de revitalizar a carreira. Mas há um grande problema. A gravadora não está preparada para apoiá-los. Um após o outro, os compactos fracassaram, e a empresa teme estar injetando dinheiro numa barca furada. Sem sucesso, nada de turnê; sem turnê, nada de banda. Não é sem razão que Geldof está preocupado.

Os Boomtown Rats, banda cuja recusa em participar dos joguinhos de imagem aborreceu bastante a imprensa musical e que conquistara grande parte do mundo com a canção "I Don't Like Mondays" agora estava de joelhos. O esquecimento acena para eles.

Geldof está em casa se remoendo, pensando no que fazer, e a seu lado está sua esposa, a apresentadora de tevê Paula Yates. No andar de cima, dorme Fifi, a bebê do casal. A voz na tevê anuncia o início do noticiário. Michael Buerk, jornalista da BBC, surge na tela, e de repente o mundo gira e a vida de Geldof muda para sempre – assim como a de muitas e muitas pessoas.

Buerk está na Etiópia noticiando a respeito de uma fome tão severa que a classifica como "bíblica". A tela é tomada por rostos e corpos macilentos, olhos suplicantes, desesperados. As imagens são chocantes. E o repórter não está falando de meia dúzia de pessoas. São dezenas de milhares de seres humanos definhando. Geldof assiste horrorizado e não consegue tirar as imagens da cabeça. Elas o atormentam até o raiar do dia.

AS IMAGENS SÃO CHOCANTES. E NÃO SE ESTÁ FALANDO DE MEIA DÚZIA DE PESSOAS. SÃO DEZENAS DE MILHARES DE SERES HUMANOS DEFINHANDO. GELDOF ASSISTE HORRORIZADO

Como parte de seu contrato com a Phonogram Records, Geldof tinha direito a uma sala para tratar dos assuntos da Boomtown Rats. Enquanto se desloca para o trabalho, ele se pergunta como pode ajudar as pessoas na Etiópia. Pode mandar dinheiro, mas seria insignificante em relação à quantia necessária. Poderia convencer a banda a doar todos os *royalties* do próximo compacto para o fundo contra a fome, mas também seria muito pouco, em razão da então popularidade.

O U2 CAUSA O PRIMEIRO TUMULTO DO DIA, COM BONO MERGULHANDO NO PÚBLICO PARA DANÇAR COM UMA GAROTA. A MAIORIA DAS PESSOAS PENSA QUE SE TRATA DE UM TRUQUE, DE UM GOLPE BARATO, ATÉ SER REVELADO MAIS TARDE QUE A MOÇA ESTAVA SENDO ESMAGADA E QUE O VOCALISTA PULARA DO PALCO PARA SALVAR SUA VIDA

No entanto, seria possível fazer o grupo gravar um compacto especificamente para arrecadar dinheiro para a Etiópia. Aquilo poderia dar certo. Ele chega ao escritório. A duas portas dali, quatro garotas trabalham na assessoria de imprensa. Geldof entra na sala delas e menciona a ideia de um compacto beneficente. A reação entusiasmada mexe com o vocalista. Sabendo que sozinhos os Rats não conseguirão vender muitas cópias, ele pensa em convidar astros para participar. Geldof liga para a esposa, Paula, que está gravando *The Tube*, um programa de música pop. Haveria alguém com quem ela poderia falar sobre a ideia de um compacto para a caridade? Sim, ela responde, Midge Ure está aqui. Geldof pede para falar com ele. Os dois conversam. Ure pergunta a Geldof se já existe uma música pronta

para ser gravada. Fragmentos de uma, responde o cantor irlandês. Vamos trabalhar em algo amanhã, afirma Ure. Geldof desliga, reflete e telefona para Sting. Ele vai ajudar? Sem dúvida, responde o líder do Police.

Farão o mesmo Simon Le Bon, Frankie Goes to Hollywood, Paul Young, Phil Oakey, Boy George – e até mesmo Paul Weller, que, sabidamente, menospreza Geldof e os Rats. Sem problemas. A tragédia transformou em absurdo o preconceito pop.

Ele está estupefato com o apoio. Então, marca uma reunião com os mandachuvas da Phonogram. Eles aceitam prensar e distribuir o compacto. Geldof entra em contato com Peter Blake, artista pop pioneiro, que topa fazer a capa. Geldof conversa com o empresário de George Michael, Simon Napier-Bell, e este afirma que, mesmo vendendo meio milhão de cópias, o dinheiro arrecadado será pouco. Para ajudar de verdade, ele precisa fazer com que as grandes lojas não lucrem com a gravação.

Geldof escuta, age e consegue. Todos que venderão o compacto não embolsarão nem um centavo. A única taxa a ser paga é o imposto sobre circulação de mercadorias, do qual o governo conservador se recusa a abrir mão. Até Geldof confrontar Thatcher, que, pressentindo estar prestes a cometer uma grande burrada, concede a isenção.

Midge Ure envia a Geldof uma fita com música. Geldof acrescenta parte da letra e uma versão tosca de “Do They Know It’s Christmas” é feita. Então, uma surpresa: Paul Weller se oferece para tocar guitarra. No sábado, Weller grava sua parte, mas a guitarra esbarra na música eletrônica de Ure e sua contribuição termina no chão da sala de mixagem. Entretanto, Sting e John Taylor, do Duran Duran, gravam o baixo, e o vocal de apoio é acrescentado.

MAIS AJUDA SE FAZ NECESSÁRIA. ELES PRODUZIRAM UMA GRAVAÇÃO, REFLETE GELDOF. TALVEZ TENHAM DE TOCAR AO VIVO

No dia seguinte, 25 de novembro de 1984, domingo, acontece um

evento único. Um bando de astros da música britânica comparece ao estúdio Basing Street, em Ladbroke Grove, para gravar “Do They Know It’s Christmas”. O grupo será conhecido como Band Aid e a lista de participantes impressiona: Bono, Phil Collins, George Michael, Boy George, Frankie, Status Quo, Kool and the Gang, entre muitos mais. David Bowie e Paul McCartney, impedidos de comparecer à sessão, enviam fitas para serem usadas no lado B. A gravação é finalizada às sete horas da manhã seguinte.

Apenas um mês havia se passado desde que Geldof vira a notícia na tevê. As encomendas antecipadas do compacto chegam a quinhentos mil. Uma semana depois, ele assume o primeiro lugar das paradas. Somente na primeira semana, as vendas passam de um milhão de cópias. A canção fica em primeiro lugar durante semanas, vendendo três milhões de cópias. Então Geldof viaja à Etiópia, tendo uma recepção mais que merecida. Uma grande proeza foi levada a cabo, mas existe mais a ser feito. Muito mais. Ele conhece madre Teresa e fica consternado com as condições e as duas guerras civis que devastam o país, matando milhares de crianças inocentes.

Mais ajuda se faz necessária. Eles produziram uma gravação, reflete Geldof. Talvez tenham de tocar ao vivo. O idealizador recebe um telefonema de Ken Kragen. Uma versão norte-americana da Band Aid está sendo planejada. Michael Jackson e Lionel Richie compuseram “We Are the World”. A produção será de Quincy Jones, o *crème de la crème* da música dos Estados Unidos vai participar. O nome do grupo: USA for Africa.

Geldof visita o estúdio em Los Angeles. Ele fala com todos: Bob Dylan, Michael Jackson, Diana Ross, Stevie Wonder, Ray Charles, Dionne Warwick, Paul Simon, Lionel Richie, Bruce Springsteen, Smokey Robinson, Tina Turner... Ele fala sobre sua experiência na Etiópia e em outras partes da África. Ao fim do discurso apaixonado, menciona a possibilidade de um show ao vivo...

Harvey Goldsmith é um dos promotores de evento mais famosos da Grã-Bretanha. Geldof o contata e lança a ideia de um concerto duplo, um começando em Wembley e, mais tarde no mesmo dia, outro sendo realizado nos Estados Unidos. É um plano exorbitante, típico da

garra ardorosa de Geldof. Em discussões com Goldsmith, ele decide que as tevês dos dois países devem transmitir os eventos ao vivo. As bandas terão direito somente a determinada fatia de tempo, devendo tocar os grandes sucessos para causar o máximo de impacto. Enquanto os grupos se apresentam, os telespectadores doarão dinheiro. Será o maior evento arrecadador de dinheiro da televisão de todos os tempos, um *jukebox* global de proporções gigantescas.

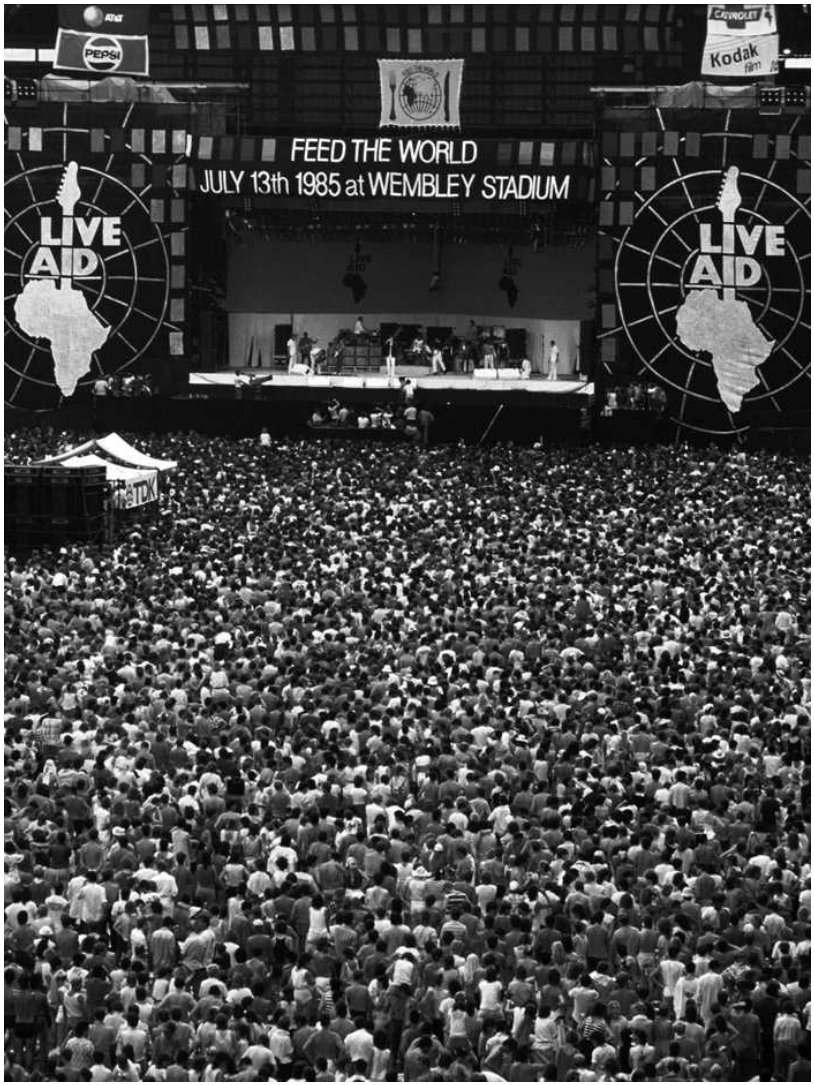
GELDOF VAI AOS BASTIDORES E É ENTREVISTADO AO VIVO NA TEVÊ. ELE CRITICA SEVERAMENTE O PAÍS POR NÃO COLOCAR A MÃO NO BOLSO. EM UMA HORA, A SOMA BATE A CASA DOS TRÊS MILHÕES DE LIBRAS. QUANDO A CONTABILIDADE É REALIZADA, É A IRLANDA, PAÍS NATAL DE GELDOF, QUEM LIDERA AS CONTRIBUIÇÕES

Geldof pega o telefone. McCartney, Bowie, Jagger, Sting, U2, Queen, Adam Ant, Style Council, Status Quo, George Michael e Elton John, Boy George... a lista não para de crescer. Nos EUA, Beach Boys, Paul Simon. Outros países, outras redes se formam. Mas então as bandas e os indivíduos começam a fazer exigências. “Quero tocar nesse horário” e coisas do gênero. Trata-se de um campo minado de delicadas negociações, as quais Geldof tem de costurar, sempre argumentando que pessoas estão morrendo, o que significa que os problemas dos artistas são insignificantes.

Enquanto milhões são prometidos pelas emissoras de tevê e pelos patrocinadores, Geldof vai à falência. Seu contrato com a Phonogram chega ao fim. Para continuar, ele tem de pegar dinheiro emprestado da esposa. Então, o vento vira a seu favor. Dylan aceita tocar: ele vai ser a principal atração do show nos Estados Unidos, terminando com “Blowin’ in the Wind”. Mick Jagger e David Bowie gravarão um vídeo de “Dancing in the Street”, clássico da Motown. Enquanto Bowie vai se apresentar em Wembley, Jagger estará na Filadélfia. Phil Collins aceita tocar nos dois espetáculos, voando de um continente para outro no mesmo dia.

A organização não para, os telefones vivem tocando, um milhão de perguntas, cem milhões de indagações direcionadas a Geldof e equipe. E de repente a data se aproxima, um lindo dia de verão: 13 de julho de 1985. O Status Quo abre o concerto; no camarote real, o príncipe Charles acompanha batendo o pé durante o grande sucesso da banda, “Rockin’ All Over the World”. Style Council, The Boomtown Rats, Adam Ant, Ultravox e Spandau Ballet se apresentam.

Milhões foram arrecadados para a Etiópia quando Bob Geldof convenceu colegas artistas a tocar de graça na Grã-Bretanha e nos EUA, em um dia glorioso de julho. Os shows deram a Geldof a plataforma para viabilizar uma real mudança na África.


AT&T
PEPSI
CHEVROLET
Kodak
film
FEED THE WORLD
JULY 13th 1985 at WEMBLEY STADIUM
LIVE AID
LIVE AID

Então, um anúncio: o show teve início na Filadélfia. Bernard Watson, Joan Baez, The Hooters, Four Tops, Billy Ocean, Black Sabbath, Run DMC, Rick Springfield e REO Speedwagon se encarregam das primeiras horas. No Reino Unido, Elvis Costello, Nik Kershaw, Sade, Sting, Phil Collins, Howard Jones, Bryan Ferry e Paul Young se revezam no palco.

POR FIM, **PAUL MCCARTNEY** SOBE AO PALCO PELA PRIMEIRA VEZ EM OITO ANOS, CONVIDANDO TODOS OS OUTROS ARTISTAS A CANTAR A SUA "LET IT BE"

O U2 causa o primeiro tumulto do dia, com Bono mergulhando no público para dançar com uma garota. A maioria das pessoas pensa que se trata de um truque, de um golpe barato, até ser revelado mais tarde que a moça estava sendo esmagada e que o vocalista pulara do palco para salvar sua vida. Por conta da intervenção, a banda não consegue tocar "Pride". Sem problemas, o grupo é lançado às paradas na semana seguinte, e Bono, na sequência, dedica boa parte de seu tempo à fome na África.

A princesa Diana teve o pedido atendido quando sua banda preferida, Dire Straits, subiu ao palco. Na Filadélfia, os nomes se tornam cada vez mais importantes: Crosby, Stills and Nash, Judas Priest, Bryan Adams, Beach Boys, George Thorogood and the Destroyers, Simple Minds, The Pretenders, Santana, Ashford e Simpson, em conjunto com o cantor Teddy Pendergrass (no primeiro show depois de ser confinado à cadeira de rodas), Kool and the Gang e Madonna. Londres responde com uma apresentação do Queen, mais tarde eleita uma das melhores de todos os tempos, e com Bowie, que dedica "Heroes" a "todas as crianças do mundo".

Mais ou menos nessa hora, Geldof pergunta à equipe qual o montante doado pelo Reino Unido. O número: 1,2 milhão de libras. Ele fica devastado, pois imaginava que muito mais seria arrecadado. O organizador vai aos bastidores e é entrevistado ao vivo na tevê, quando critica severamente o país por não colocar a mão no bolso. Em

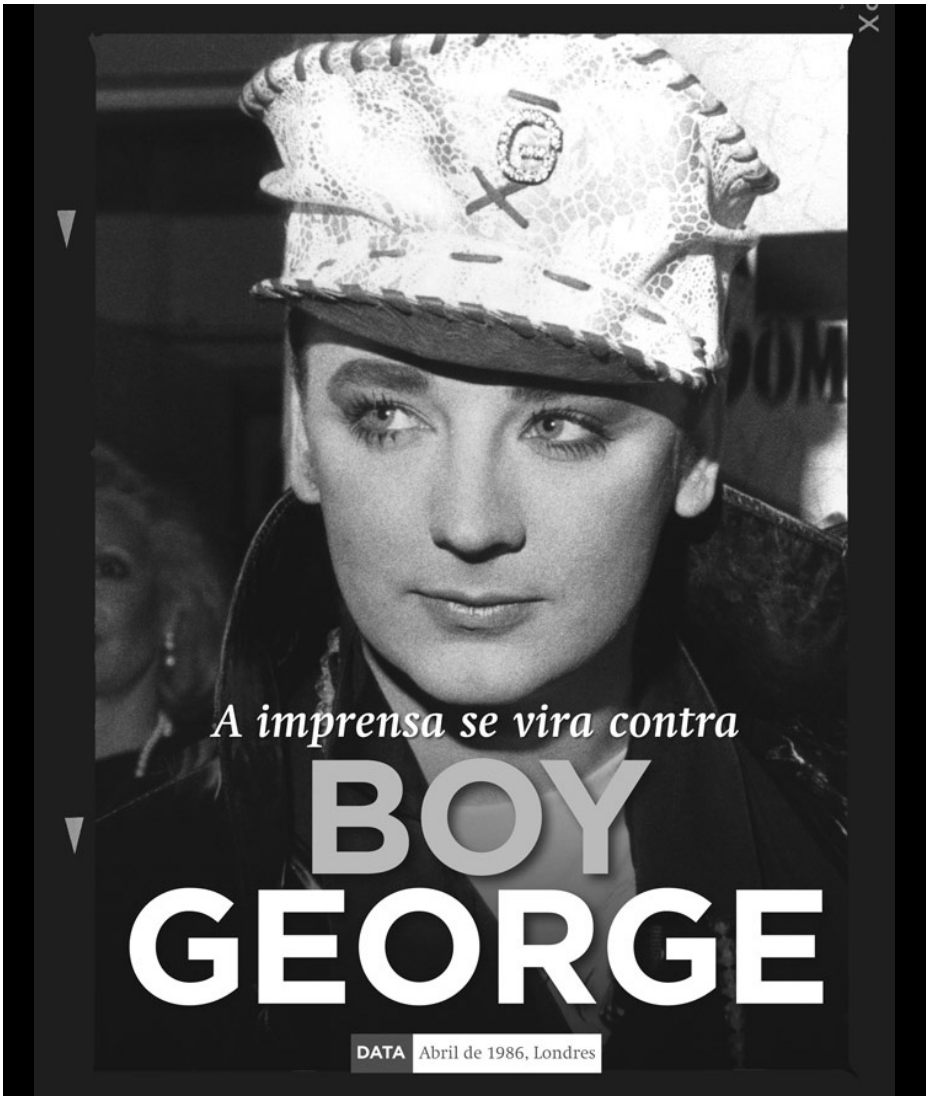
uma hora, a soma bate a casa dos três milhões de libras. Quando a contabilidade é realizada, é a Irlanda, país natal de Geldof, quem lidera as contribuições. A maior doação individual vem de Dubai, cuja família governante doa um milhão de libras.

O espetáculo continua. Um enfurecido The Who, borbulhando de tensão, é cortado no meio do clássico hino “My Generation”. Então, por fim,Paul McCartney sobe ao palco pela primeira vez em oito anos, convidando todos os outros artistas a cantar a sua “Let It Be”. O concerto termina com uma versão de “Do They Know It’s Christmas”, com todos os artistas no palco para fechar o incrível dia, um dia histórico.

Porém a música continua na Filadélfia: Tom Petty and the Heartbreakers, Kenny Loggins, The Cars, Neil Young, Power Station, Thompson Twins, Eric Clapton, uma formação única com Plant, Page e Jones, Duran Duran, Patti LaBelle, Hall and Oates. Mick Jagger canta “It’s Only Rock ’n’ Roll” com Tina Turner e arranca um pedaço da roupa dela. Depois, entra Bob Dylan com Ron Wood e Keith Richards, dando a impressão de que passaram a noite bebendo, não ensaiando. Dylan estoura uma corda, então Ron Wood lhe entrega seu violão e, enquanto espera um substituto, simula tocar. Dylan termina “Blowin’ in the Wind” e todos os demais sobem ao palco para cantar “We Are the World”.

Estima-se que mais de 150 milhões de libras tenham sido arrecadados em resultado dos dois shows. Eventos similares seriam organizados posteriormente, com bandas tocando em shows ou discos beneficentes. É irônico pensar que, quando emergiram na cena punk londrina, Geldof e os Boomtown Rats eram considerados impostores, um bando de palhaços. Todavia, pode-se afirmar que o impetuoso irlandês fez mais que qualquer outro artista punk para mudar o mundo de verdade.

Robert Frederick Zenon Geldof nasceu na Irlanda no dia 5 de outubro de 1951. Ele frequentou a Blackrock College, um colégio particular, no qual costumava ser vítima de bullying. Geldof largou a escola e teve vários empregos antes de se mudar para o Canadá, onde trabalhou como jornalista musical. Ao voltar para a Irlanda, em 1975, tornou-se vocalista dos Boomtown Rats, adotando som e visual punks. Em 1979, a música “I Don’t Like Mondays” (composta por Geldof) se tornou grande sucesso internacional. O grupo passou boa parte do começo dos anos 1980 em turnê e gravando. Incapaz de sustentar o sucesso, a banda se desfez no fim daquela década. Nessa época, Geldof era uma figura altamente respeitada graças ao trabalho de organização dos discos e shows Live Aid, os quais arrecadaram milhões de libras para a África. Geldof recebeu muitas honrarias pelo trabalho beneficente, incluindo os prêmios Freedom of the City of Dublin e Man of Peace. Ele também comanda uma bem-sucedida empresa televisiva. Ele foi casado com a apresentadora Paula Yates e juntos tiveram três filhas: Fifi, Peaches e Pixie.


A imprensa se vira contra
BOY GEORGE
DATA Abril de 1986, Londres

Notoriamente, ele declarou à nação que preferia uma xícara de chá a sexo. Era uma mentira cabeluda, é claro. A julgar pelas autobiografias, George O'Dowd sempre foi um homem muito envolvido com sexo, nunca passando vontade.

Entretanto, o *alter ego* de George O'Dowd, Boy George, era completamente diferente. Boy George era o cantor andrógino que liderava o Culture Club. Ele cantava músicas pop muito bonitinhas, desafiava preconceitos e mantinha sua sexualidade em segredo. Tinha de fazer isso, se quisesse ser muito famoso. O mundo adora um homem que se veste bem e capricha na maquiagem, desde que mantenha a pantomima. Boy George, o pôster na parede do quarto das mocinhas, precisava se manter fofinho, cordial e sobretudo seguro. Ele era um boneco, uma fantasia, uma ilusão que não podia ser desfeita.

Então, quando o *Daily Mirror* noticiou seu estranho comportamento na reportagem "Qual é o problema com Boy?", as pessoas realmente se surpreenderam. George? Agindo estranho? George é muitas coisas: ele é espirituoso e sensato, ao estilo de Oscar Wilde. Ele não faria nada estranho, faria?

Depois, o *London Evening Standard* publicou a reportagem "Preocupado com o nho? Boy". A matéria discutia a recente participação de George em um programa de entrevistas. Segundo o jornal, ele estava encharcado de suor e adormeceu. Era possível ler nas entrelinhas: George, o fofinho do George, era um grande usuário de drogas. Tratava-se de uma bela reviravolta da imprensa, pois ele já tinha sido seu queridinho.

GEORGE ERA SEGURO, ESPIRITUOSO, ENGRAÇADO, PORÉM VULNERÁVEL. ADEQUAVA-SE PERFEITAMENTE A

UM JORNAL FAMILIAR. AS VOVÓS O ADORAVAM, A GAROTADA TAMBÉM

Quando o *Standard* chegou às bancas, George estava chapado de heroína, voando alto feito uma pipa em sua mansão em Hampstead. Então, um repórter do *News of the World* foi bater à sua porta. Estupidamente, devido a seu estado, George atendeu. O jornalista perguntou se ele gostaria de responder à reportagem. Como não tinha visto, ele e o repórter foram comprar um exemplar do jornal. Enfurecido com o conteúdo, George pediu ao jornalista que o levasse à redação do *Standard*. Chegando ali, exigiu falar com o autor da reportagem, um conhecido seu. Ele lhe concedera entrevistas e declarações. Eles foram camaradas. Agora o jornalista o esfaqueara pelas costas, e George queria vingança. O jornalista Spencer Leigh (mais tarde biógrafo de George) conseguiu convencê-lo a deixar o prédio. Imediatamente. Contudo, o repórter do *News of the World* já tinha outro furo. No domingo seguinte, surgia outra matéria sobre o comportamento errático de George. O cantor sabia que a relação antes cordial com a imprensa entrara em uma fase muito perigosa, pois quem o ajudara a ser famoso agora estava disposto a destruí-lo – de uma vez por todas.

Boy George chega ao tribunal para responder à acusação de posse de heroína. Sua personalidade encantadora, assexuada, o transformou num improvável candidato a sucumbir ao estilo de vida rock'n'roll.

No começo dos anos 1980, Boy George e o Culture Club estavam entre os primeiros artistas a se beneficiarem da decisão dos tabloides de voltar os olhos para a música pop. George era perfeito para suas necessidades: seguro, espirituoso, engraçado, porém vulnerável, se adequando perfeitamente a um jornal familiar. As vovós o adoravam, a garotada também. Ele sabia muito bem misturar tiradas encantadoras e arrogantes. Era o tipo de pessoa cuja fama ninguém invejava. As revistas pop para adolescentes o adoravam, e George recebia o mesmo tratamento das publicações mais sérias. Assim era George, agradável e adorável, e todos podiam se fartar.

Então, no Réveillon de 1984, ele tomou ecstasy e sua vida mudou para sempre. George se apaixonou pela droga, pela forma como ela dissolvia seus medos e sua paranoia, como o deixava feliz, jovial e sensual. Ele acordou na manhã seguinte, depois de uma transa maravilhosa com um belo homem, e encomendou um carregamento

da droga.

Depois, passou para a cocaína. Como narra em sua autobiografia, uma droga levou a outra, como pedras de apoio num riacho obscuro. E por que não? O Culture Club estava minguando, e a banda, se separando. Os integrantes haviam perdido a capacidade de se comunicar, percebeu George mais tarde. Em vez de encarar o declínio, ele enfiou o pé na jaca. Em grande escala. O artista caía na farra em Nova York, Londres e Paris. E, na Cidade Luz, conheceu a substância que o deixaria de quatro.

Novamente, foi numa virada de ano. George estava em um desfile de moda, desesperado por cocaína. Ele saiu perguntando e alguém lhe passou um saquinho com um pó marrom. “Podia ter sido qualquer droga”, ele escreveu. “Eu não me importava.” Ele foi ao banheiro e inalou heroína. No início, George se sentiu enjoado, com mal-estar, mas de repente um brilho quente se espalhou por seu corpo e ele dava o primeiro passo em direção ao vício. A heroína se tornou um estilo de vida. Ele tinha dinheiro e tempo. Conforme o consumo crescia, as pessoas começaram a alertá-lo, mas George era um astro pop, e então as ignorava.

Mesmo quando um membro essencial de sua equipe, Jo Bailey, se demitiu por causa do vício, ele simplesmente deu de ombros (tão largos). Quando o diretor da gravadora, Richard Branson, enviou uma carta expressando preocupação, George simplesmente a jogou no lixo. Em Estocolmo para conhecer o rei Carlos Gustavo e a rainha Silvia, George encontrou um saquinho de heroína na mala. Ele ainda se pergunta se o casal real percebeu quanto ele estava drogado ao encontrá-los meia hora depois de cheirar uma ou duas carreiras.

GEORGE SABIA QUE A RELAÇÃO ANTES CORDIAL COM A IMPRENSA ENTRARA EM UMA FASE MUITO PERIGOSA. QUEM O AJUDARA A SER FAMOSO AGORA ESTAVA DISPOSTO A DESTRUÍ-LO – DE UMA VEZ POR TODAS

Quando a imprensa começou a investigar, George foi à Jamaica

com o namorado, Marilyn. Eles passaram tanto tempo consumindo heroína que decidiram se livrar do vício. O casal programou um cruzeiro de duas semanas sabendo que seria impossível conseguir drogas no mar.

Após dois dias de viagem, os sintomas da abstinência eram excruciantes. Então, desembarcaram em Guadalupe, foram ao aeroporto e telefonaram para uma amiga em Nova York, implorando que ela os encontrasse em Paris com heroína. A amiga concordou e começou a fazer as malas. Os rapazes voaram para fazer a conexão com destino à capital francesa quando viram um avião com destino a Nova York. Então, trocaram de avião e chegaram à cidade a tempo de encontrar a amiga antes que ela viajasse para Paris. Eles passaram duas semanas em Nova York à base de heroína.

Quando George chegou a Londres, a imprensa o aguardava, apontando-lhe canetas envenenadas. Mais uma vez, ele mentiu descaradamente, declarando: “Sempre tentei falar para a garotada ficar longe das drogas. Eu nunca experimentei, mas acham que eu traço o que pintar. Não é verdade nem nunca será”.

A ilusão fora estilhaçada, mas ninguém se atrevia a recolher os cacos do chão. Os repórteres que antes sorriam e riam de suas piadas não tinham mais serventia para George. Culture Club? Que se dane o clube. Ninguém mais queria saber deles. Ninguém mais comprava seus discos.

Em junho de 1986, George apareceu no show Artists Against Apartheid. Sua aparência era chocante. Ele estava desgrenhado, extremamente magro, o rosto rebocado de maquiagem. E cantou, muito mal, duas canções antes de deixar o palco. O vocalista manteve o humor. “Sou viciado em *drags*, não em drogas”, gritou para a plateia. Nos bastidores, manteve uma conversa sem sentido com outros artistas, antes de o jogarem num carro e o levarem para casa. Para usar mais drogas.

Fazia um ano e meio desde que tomara o primeiro comprimido de ecstasy. Durante uma sessão de fotos naquele verão, o fotógrafo David Levine apareceu no estúdio. Ele conhecia George e passou a importuná-lo por drogas. George deu um telefonema e um traficante

baixou ali. Na manhã seguinte, dois repórteres do *Daily Mirror* bateram à porta de George. Eles traziam más notícias. Na capa, David Levine afirmava que George conseguia drogas para ele.

"SOU VICIADO EM *DRAGS*, NÃO EM DROGAS", ELE GRITOU PARA A PLATEIA

Kevin, irmão de George, procurou a imprensa. Segundo declarou ao *Mirror*, a família acreditava que George tinha apenas dois meses de vida. O cantor aceitou se internar para se livrar do vício. Enquanto estava na clínica, ele foi preso. "A imprensa britânica me prendeu", afirmou George. "Eu me ausentei por uns dias e começaram a publicar reportagens pedindo para me encontrarem e me prenderem. Nunca fui pego com heroína, mas fizeram uma nova lei dizendo 'como você admitiu usar heroína, vamos acusá-lo de posse'."

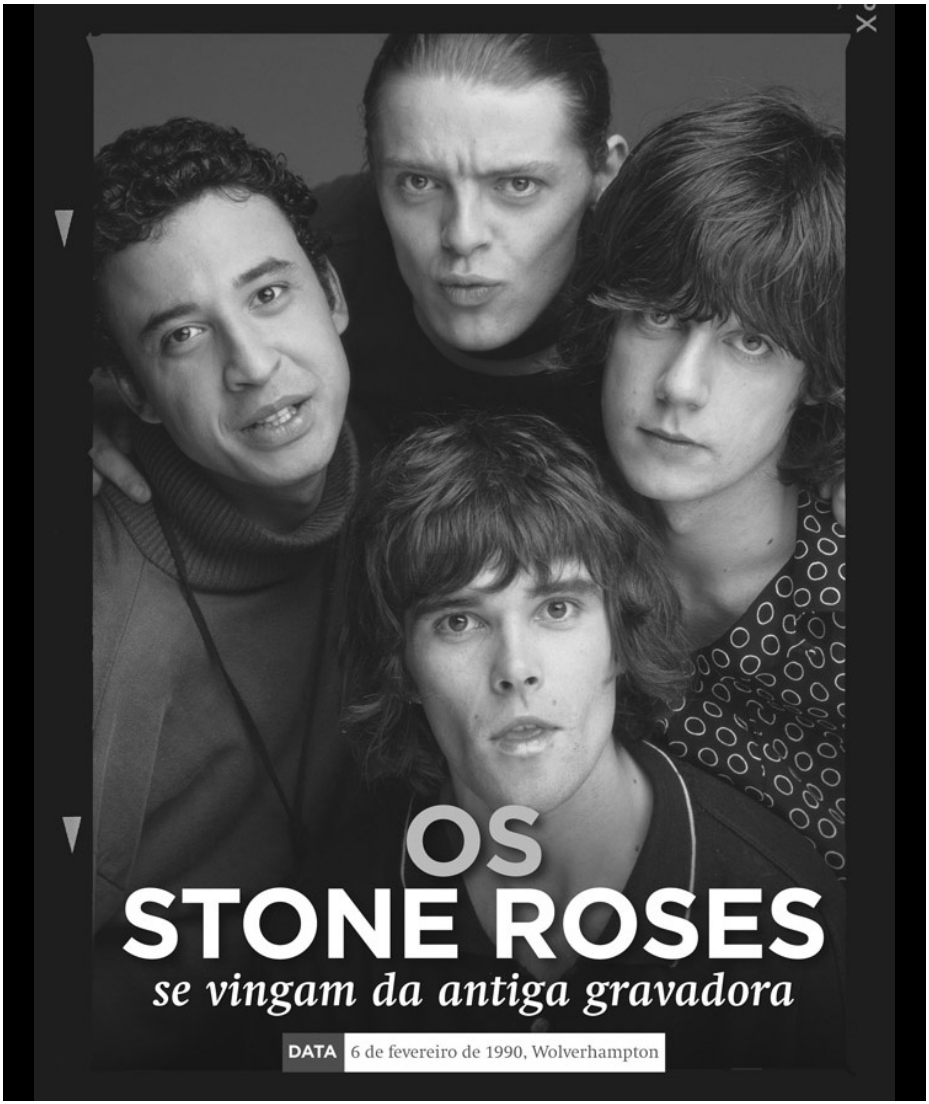
Ele tinha razão. A imprensa estava numa caça às bruxas. George compareceu ao tribunal e foi multado em... 250 libras. A imprensa se mostrou indignada com o que considerava um tratamento benevolente demais e George foi embora sorrindo. Contudo, a vida estava longe de ser feliz. Ele ainda era viciado. Em agosto, um amigo norte-americano, o compositor Michael Rudetsky, chegou à casa de George. Ele viera ajudá-lo a compor. Antes que conseguissem trabalhar, Rudetsky teve uma overdose de heroína e morreu na casa do artista. Embora tenha sido inocentado de qualquer acusação e mesmo muito abatido pela morte do amigo, o cantor continuava sob o domínio dos poderes sombrios da heroína. George continuou usando até que, no Natal, uma segunda morte devolveu sua vida.

Mark Golding era alguém que George amava, um dos poucos que falavam com George O'Dowd, não com Boy George. Mark, George e outro amigo saíram para uma festa de Natal e foram presos por posse de maconha. Eles ficaram doze horas numa cela. No dia seguinte, Golding teve uma overdose de metadona e morreu.

Ao ficar sabendo do falecimento, George teve um colapso. "Quando Mark morreu, decidi largar tudo." Ele descobriu o budismo,

foi trabalhar como DJ e retomou a vida. A relação com as drogas ainda não havia terminado. Aconteceram outros incidentes com cocaína que o levariam à sobriedade e aos Narcóticos Anônimos. Entretanto, ele aprendera uma coisa que não percebera antes: quem vive pela imprensa, provavelmente morre por obra dela.

George O'Dowd nasceu no dia 14 de junho de 1961 em uma família irlandesa residente na Inglaterra. Quando jovem, suas roupas excêntricas chamaram a atenção de Malcolm McLaren, antigo empresário dos Sex Pistols, que o colocou no Bow Wow Wow, grupo que então representava. Depois de fracassar com eles, George começou a montar sua própria banda. O Culture Club estreou no início dos anos 1980 e se tornou sensação mundial, com sucessos como "Do You Really Want to Hurt Me" e "Karma Chameleon". A imagem andrógina de Boy George e os ditos espirituosos o levaram a ganhar o carinho do público, porém a queda nas vendas acarretou o fim do grupo em 1986. George seguiu carreira solo, alcançando o primeiro lugar com "Everything I Own", uma versão da canção de Ken Booth. Também lançou música *underground* e trabalhou como DJ no mundo inteiro. Sua batalha contra o vício o levou à prisão em Nova York, e também cumpriu pena no Reino Unido, em 2009, por sequestrar um michê. Em 2010, a BBC exibiu um filme sobre sua vida, *Worried About the Boy*.


OS
STONE ROSES
se vingam da antiga gravadora
DATA 6 de fevereiro de 1990, Wolverhampton

Os Stone Roses estão na estrada, partindo de sua cidade natal, Manchester, em direção a Wolverhampton, no sul. Porém não estão a caminho de um show e não carregam nenhum de seus instrumentos. Em vez disso, o porta-malas está repleto de latas de tinta vermelha e azul.

Ao chegar a Wolverhampton, a banda se dirige à sede da Revolver FM Records, comandada por Paul Birch e sua namorada, Olivia Darling. Eles param no estacionamento da gravadora e descem do carro. Dirigem-se ao porta-malas, pegam as latas, caminham até o Mercedes ali estacionado e jogam tinta em cima do veículo. Eles fazem o mesmo com outros dois carros. Em seguida, entram na Revolver, encontram a sala de Birch e Darling e jogam tinta no chocado casal. Fazem o mesmo com os móveis e as paredes antes de irem embora.

A polícia é chamada e o grupo rapidamente é preso. Afinal, localizar quatro espalhadores de tinta moradores de Manchester em um automóvel numa tarde garoenta em Wolverhampton não pode ser tão difícil. Eles são encaminhados à delegacia da Birmingham Road e colocados em celas. Por que a banda mais antenada da Grã-Bretanha na época está agindo assim? A resposta: um videoclipe de três minutos de duração.

A banda nunca terá uma carreira séria e monótona. Seu primeiro show, em 1984, foi abrindo para ninguém menos que o astro Pete Townshend. Foi um evento beneficente contra a heroína, e após o espetáculo o guitarrista do The Who diz que Reni, o baterista, é o melhor que ele ouviu desde Keith Moon.

DIRIGEM-SE AO PORTA-MALAS, PEGAM AS LATAS, CAMINHAM ATÉ O MERCEDES ALI ESTACIONADO E JOGAM TINTA EM CIMA DO VEÍCULO

Na época ninguém sabe disso, mas os Stone Roses estão prestes a tomar o lugar dos Smiths, cujo papel na música está praticamente acabado. A princípio, a música dos Roses é indistinta, comum. Em 1985, eles lançaram o compacto de estreia, “So Young”, o qual soa, na irônica declaração do vocalista, Ian Brown, “como quatro rapazes tentando sair de Manchester”. O disco tem muito entusiasmo e pouco raciocínio. Foi produzido pelo vanguardista Martin Hannett, e a banda o divulga tocando em festas em armazéns na cidade natal. Eles compõem novas canções, trabalham mais uma vez com Martin Hannett, mas a fita finalizada continua não apresentando nada de especial, sem nada a sugerir o que está por vir.

DEPOIS DO ESPETÁCULO, PETE TOWNSHEND DIZ QUE RENI, O BATERISTA, É O MELHOR QUE ELE OUVIU DESDE KEITH MOON

Então, os Stone Roses trocam de empresário e trazem o falante Gareth Evans, que passa a divulgá-los como se fossem a segunda vinda de Cristo. Ele administra uma nova boate na cidade chamada The International, onde instala a banda para ensaiar durante o dia e se apresentar à noite.

É num show na International que um garoto de 16 anos chamado Liam Gallagher vê Ian Brown e pensa: É isso o que quero fazer. Evans fecha um contrato com um pequeno selo chamado Black, da Revolver Records, e eles gravam e lançam sua melhor música até então, “Sally Cinnamon”. Eles despontam no mundo indie britânico, mas a relação com a gravadora azeda, e, em junho do ano seguinte, o grupo acerta com a Silvertone Records.

Em abril de 1988, o grupo dá o grande passo e lança “Elephant Stone”, estabelecendo o esquema do que está por vir: ritmos dançantes, guitarra com inspiração funk e o vocal melódico e delicado de Brown. Enquanto isso, a cena de Madchester começa a ganhar ritmo. A principal boate, The Hacienda, fica conhecida pelas noites malucas movidas a acid-house, e um novo tipo de banda parece

espelhar essa animação – em especial os Happy Mondays.

"She Bangs the Drums", compacto seguinte do Stone Roses, dá mais fôlego ao conjunto. E então, em maio de 1989, chega às lojas o disco de estreia, batizado apenas *The Stone Roses*. As resenhas são arrebatadoras. "O disco é divino", afirma um jornal. Eles se tornam a banda daquela geração, consolidando tudo com o lançamento da mistura definitiva de indie e dance: "Fools Gold". E é isso. De agora em diante, eles são os novos reis.

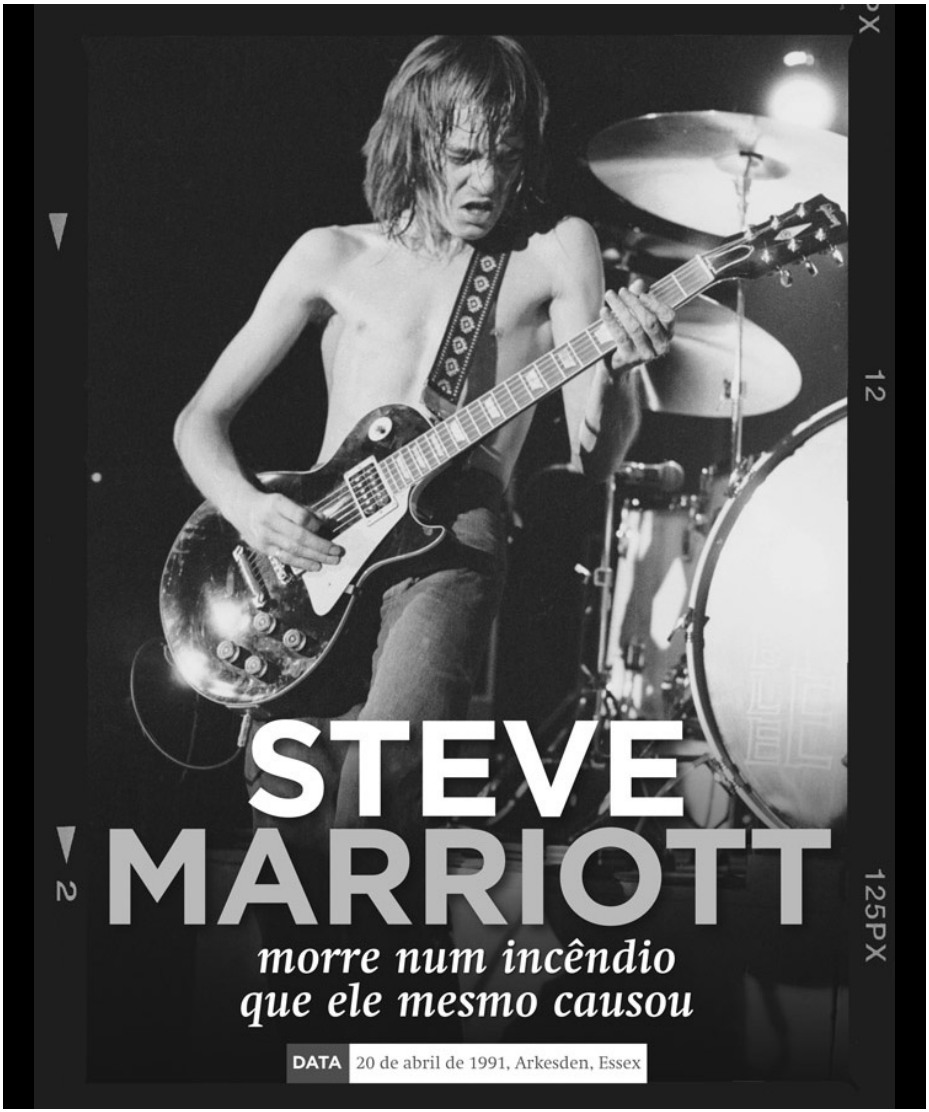
Shows esgotados, capas da imprensa musical, devoção dos fãs, dinheiro, drogas, é tudo deles agora, e tem muito mais à sua espera. É aí que a Revolver leva a cabo seu pequeno golpe, relançando "Sally Cinnamon" para lucrar em cima do sucesso do grupo. E, para piorar, produzem um clipe barato para acompanhar o lançamento. É o vídeo o que mais aborrece a banda. Sempre conscientes da própria imagem, eles criaram um novo estilo nas roupas e nas capas dos discos. O estilo é importante para eles, uma expressão artística essencial. Assistir a uma de suas composições acompanhada de um filmete que parece ter sido feito em uma única hora numa rua movimentada qualquer é um grande insulto ao seu bom gosto.

Então, se a gravadora quer acabar com a sua arte, que vingança seria melhor que cobrir os patrões de tinta? Quem sabe os escritórios poderiam conhecer um pouco de arte ao estilo dos Roses…

Depois de uma noite na cadeia, eles são levados ao tribunal e saem sob fiança, com a condição de manterem distância dos escritórios da Revolver, em Wolverhampton e Londres, e de Birch e Darling. Diante do tribunal, Brown faz uma brincadeira em relação à cela: "Foi o pior hotel em que já estive". Duas fãs esperam perto do carro deles. "Eles não podem ter feito isso", diz uma delas. "São tão meigos."

A banda volta ao tribunal em 6 de março, quando o juiz afirma que não os prenderá, pois a decisão lhes concederia fama eterna. Em vez disso, recebem uma multa pesada e devem pagar uma indenização. Na saída, ouve-se o guitarrista, John Squire, comentar: "Não sabia que expressionismo abstrato era crime".

Os Stone Roses nasceram das cinzas de duas bandas: The Patrol e The Waterfront. Seus integrantes eram John Squire (guitarra), Ian Brown (vocal), Mani (baixo) e Reni (bateria). O grupo construiu sua reputação por meio de vários compactos e apresentações excepcionais antes de lançar o álbum de estreia, em maio de 1989. O disco, batizado com o nome do conjunto, resumia a cena de Madchester, influenciando diversas bandas. Os shows posteriores em Spike Island e Alexandra Palace os colocaram na vanguarda da música britânica. Uma disputa com sua gravadora, a Silvertone, os impediu de trabalhar no segundo disco até meados de 1993. Então, era enorme a pressão para que produzissem um álbum igualmente importante, o que criou muita tensão entre os integrantes. O novo disco, *The Second Coming*, de dezembro de 1994, não foi tão bem recebido – e a banda se separou em dois anos. Brown, Squire e Mani seguiram outros caminhos musicais, enquanto o baterista Reni manteve um perfil mais discreto.


STEVE
MARRIOTT
morre num incêndio
que ele mesmo causou
DATA
20 de abril de 1991, Arkesden, Essex

Eles discutiram tanto no voo para casa que a aeromoça teve de dar uma bronca. "Por favor, façam silêncio, os outros passageiros estão reclamando." Steve Marriott e sua terceira esposa, Toni, pararam e resmungaram. Contudo, cinco minutos depois, estavam outra vez batendo boca furiosamente. Era nítido que a relação havia chegado ao fim, e Marriott queria pôr um ponto final naquilo o quanto antes. A mulher o estava deixando louco.

Marriott e a sua esposa voltavam de Los Angeles para Londres. A viagem não tinha sido grande coisa. Ele estivera nos Estados Unidos para trabalhar com um antigo aliado, o guitarrista Peter Frampton. Os dois se conheceram em 1968. Na época, Marriott liderava uma ótima banda chamada Small Faces, a qual emplacara vários sucessos nas paradas, como "All or Nothing" e "Itchycoo Park". O Small Faces produziu um som único com base no soul, pop, psicodelia, no tradicional teatro de variedades britânico e, sobretudo, na incrivelmente expressiva voz de Marriott.

MARRIOTT ADORAVA UMA FARRA. AMAVA MISTURAR TRABALHO E PRAZER. É PARA ISSO QUE ALGUÉM SE TORNA MÚSICO, NÃO É?

Embora a música deles fosse como a de muitos contemporâneos, o Small Faces tinha um grande problema: era visto como um grupo para adolescentes. Apesar de todos os esforços para se livrar da classificação, a imagem vibrante, a conduta juvenil, o uso da moda e a capacidade de emplacar sucessos os tornavam muito atraentes aos

olhos das mocinhas. Em determinado evento, quase foram esmagados num automóvel Mini sob o peso de fãs histéricas. Muitas de suas apresentações terminavam com o grupo tendo de correr para a segurança de carros à espera para escapar das hordas de garotas histéricas correndo em sua direção. Os integrantes odiavam o rótulo de banda pop, mas a personalidade despreocupada, confiante, o senso de humor cru, somados à recusa de levar a vida a sério, costumavam se voltar contra eles. Numa tentativa de ampliar seu público, Marriott convidou Peter Frampton para entrar na banda. Os outros membros não queriam saber de Frampton e o grupo se separou.

Em 1969, Marriott e Frampton criaram o Humble Pie, banda de rock pesado cujos álbuns *Rock On* e *Performance: Rockin' the Fillmore* lhes renderam muitos fãs nos Estados Unidos, levando a shows com ingressos esgotados em casas de prestígio, como o Madison Square Garden, em Nova York.

Frampton deixou a banda em 1971, mas os dois mantiveram contato. Nesse momento, Frampton imaginava ver a dupla trabalhando bem novamente, quem sabe até remontando o Humble Pie. Era por isso que convidara Marriott para ir aos EUA. Porém, em Los Angeles, Marriott parecia deslocado no tempo. Era 1991, e a indústria musical não tolerava os excessos do rock'n'roll apreciados por ele. Naquela parte do mundo, os músicos costumavam estar bronzeados, não chapados. Os executivos das gravadoras lidavam com academias de ginástica, não com traficantes.

Marriott adorava uma farra, amava misturar trabalho e prazer. É para isso que alguém se torna músico, não é? Após duas semanas, ele estava em um voo de volta para casa, bebendo muito e se perguntando quando poderia se divorciar de Toni.

Quando aterrissaram em Heathrow, Phil Anthony aguardava o casal infeliz. Anthony tocara guitarra numa das várias bandas lideradas por Marriott nos anos 1980 e cuidara da casa deles durante a ausência. Anthony estava nervoso. Numa noite, enquanto estava fora, a casa de Marriott fora arrombada e sua guitarra Epiphone preferida fora roubada. Anthony temia que a culpa pelo arrombamento recaísse em seus ombros. No entanto, quando Marriott e Toni chegaram, ele

rapidamente se esqueceu dessa preocupação.

"Quando desceu em Heathrow, Steve parecia agitado", contou Anthony. "Estava um clima ruim entre ele e Toni." Após um rápido drinque no bar do aeroporto, os três entraram no veículo de Anthony. A mulher, exausta, se deitou no banco traseiro. Enquanto isso, Steve acendia um cigarro. Ele disse ao amigo que preferia fumar cigarros preparados por ele, mas, como não vendiam tabaco a granel no aeroporto, se via forçado a fumar os industrializados.

ENQUANTO **TONI** DORMIA, **MARRIOTT** DESCREVEU SEUS PLANOS PARA O FUTURO; A PRIORIDADE SERIA UMA NOVA BANDA. ELE JÁ PENSARA NO NOME: I SHOULD COCOA

Enquanto Toni dormia, Marriott descreveu seus planos para o futuro; a prioridade seria uma nova banda. Ele já pensara no nome: I Should Cocoa. Os dois riram e Toni acordou. Afavelmente, ela quis saber o motivo da graça. No ato, Marriott soltou uma grosseria, mandando-a fechar o bico. "Sempre que ela dizia algo, ele a fazia se calar", contou Anthony.

Eles passaram na casa de Anthony, onde tomaram chá. A seguir, foram ao rio, onde Marriott mantinha um barco. Ele queria ver se estava tudo bem. Com a confirmação, rumaram para a casa do cantor, em um vilarejo chamado Arkesden, em Essex. Marriott desejava avaliar os danos causados pelo arrombamento. Cansado de ouvir o casal brigando, Anthony se despediu e foi embora, por volta das cinco da tarde.

Steve Marriott lidera uma nova versão do Humble Pie num palco em Nova York, em outubro de 1980. A banda original acabou de mãos abanando em meados dos anos 1970, apesar de ter feito muito sucesso nos EUA.

Com as malas desfeitas, Marriott e Toni retomaram a discussão, e dessa vez o ódio foi tamanho que ele quebrou o telefone de frustração. A salvação chegou na pessoa do dono de uma concessionária local e amigo em comum, Ray Newcomb. Ele convenceu o casal a jantar num dos restaurantes preferidos de Marriott, The Straw Hat, na vizinha Sawbridgeworth. Parecia uma boa ideia, e eles partiram. No restaurante, encontraram Phil, amigo de Ray, e todos beberam muito vinho. Infelizmente, o álcool aumentou a tensão entre Steve e Toni, e a discussão ficou tão acalorada que o garçom foi até a mesa pedir para maneirarem.

No fim do jantar, Marriott estava muito bêbado. Temeroso que pudessem se ferir gravemente se ficassem sozinhos, Ray sugeriu que

passassem a noite em sua casa. O casal aceitou e eles se dirigiram à residência do amigo. Por volta de uma da madrugada, Steve e Toni foram se deitar. Ray e o amigo Phil continuaram acordados. Cinco minutos depois, Marriott desceu as escadas e chamou um táxi. “Estou de saco cheio dela”, declarou aos dois homens. “Vou pra casa.”

“ASSIM QUE PUDE VER CLARAMENTE O CORPO, EU SABIA QUEM ERA. EU ERA FÃ. É COMPLICADO EXPRESSAR MEUS SENTIMENTOS COM PALAVRAS.”

Marriott voltou para sua casa, chegando por volta de uma e meia da manhã. Deitado na cama, pensou: Vou fumar mais um cigarro antes de dormir. Ele acendeu e recostou a cabeça no travesseiro...

Às quatro da manhã, um motorista que passava no local percebeu as chamas consumindo a casa de Steve. Ele foi até o telefone público mais próximo e ligou para o corpo de bombeiros, que enviou um veículo imediatamente. Um dos homens que atenderam à ocorrência era Keith Dunatis. Ele se apressou até o fundo da casa, arrombou a porta da cozinha e correu escada acima.

Seu coração parou. “Assim que pude ver claramente o corpo, eu sabia quem era”, declarou. “Eu era fã. É complicado expressar meus sentimentos com palavras.”

De acordo com o inquérito, após o início do incêndio, Marriott acordou confuso depois de inalar grande quantidade de fumaça. Ele tentou fugir pela porta mais próxima, mas, tragicamente, abriu a porta do armário ao lado da cama. Antes de ser capaz de consertar o engano, o fogo o engolfou. O cadáver só pôde ser identificado pela arcada dentária, para se ter ideia da gravidade da situação.

O funeral aconteceu na terça-feira, 30 de abril de 1991. Familiares, amigos e um grande número de fãs compareceram à igreja. Todos mantiveram a calma até a gravação mais famosa de Marriott, “All or Nothing”, ribombar nos alto-falantes. Foi nessa hora que as lágrimas brotaram e caiu a ficha do impacto de seu prematuro falecimento.

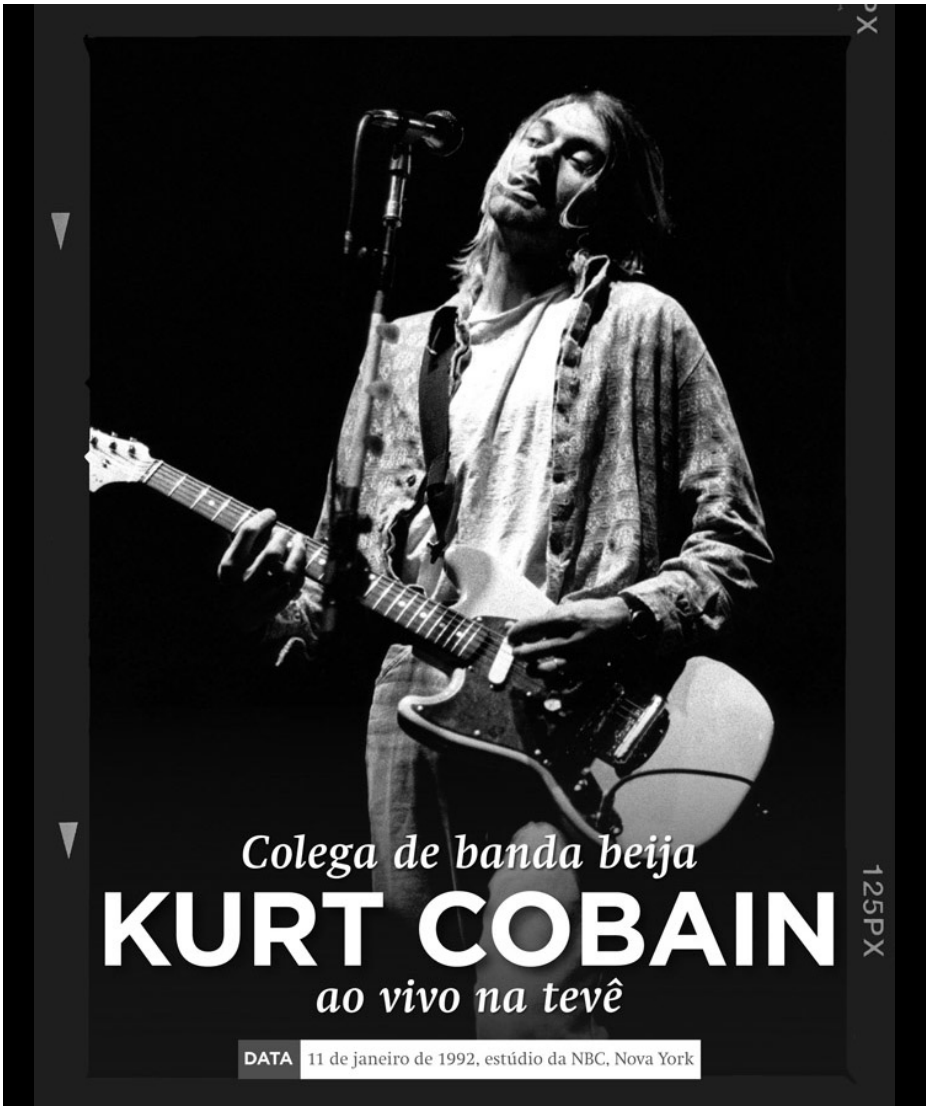
TODOS MANTIVERAM A CALMA ATÉ A GRAVAÇÃO MAIS FAMOSA DE MARRIOTT, "ALL OR NOTHING", RIBOMBAR NOS ALTO-FALANTES. FOI NESSA HORA QUE AS LÁGRIMAS BROTARAM E CAIU A FICHA DO IMPACTO DE SEU PREMATURO FALECIMENTO

Rick Wills, ex-baixista do Humble Pie, afirmou: "Quando entramos no crematório e vimos aquele caixãozinho branco, não consegui acreditar que ali estava o corpo do Steve. Aquele cara tão cheio de vida, que musicalmente deu tanto ao mundo, havia morrido. Eu me contive até tocarem 'All or Nothing'..."

Mais tarde se noticiou que, se Marriott estivesse fumando os cigarros que ele mesmo fazia, o incêndio não teria acontecido. Tabaco a granel não contém as substâncias químicas acrescidas nos industrializados para continuar queimando. O cigarro em sua mão teria apagado sozinho, e o homem considerado por muitos um dos maiores vocalistas ingleses de todos os tempos, o homem eleito por Keith Richards como um de seus artistas preferidos, ainda estaria conosco.

Stephen Peter Marriott nasceu no dia 30 de janeiro de 1947 e cresceu no East End londrino. Rapidamente se tornou obcecado por música, em especial por Buddy Holly, sua primeira inspiração musical e ídolo. Em 1964, ajudou a montar o Small Faces. Um ano depois, eram astros da música pop britânica, graças a sucessos

como “Whatcha Gonna Do About It” e “Sha-La-La-La-Lee”. Sua voz e capacidade de composição incríveis ajudaram a banda a deslanchar. A mistura de soul, teatro de variedades e psicodelia resultava em um som animado. Mas, para Marriott, o conjunto não era levado a sério e ele deixou a banda em 1969, para formar o grupo de rock pesado Humble Pie. Com uma postura direta, ganharam muitos admiradores, principalmente nos EUA. Em 1976, a banda se desfez e Marriott regressou ao Reino Unido, onde supervisionaria uma reunião infeliz do Small Faces. Durante os anos 1980, liderou diversas bandas de bar, como Packet of Three. Marriott morreu em 1991, mas sua influência pode ser vista e sentida em muitas bandas diferentes, como Oasis, The Jam, Blur, Ocean Colour Scene, entre outras.


Colega de banda beija
KURT COBAIN
ao vivo na tevê
DATA 11 de janeiro de 1992, estúdio da NBC, Nova York

Na manhã de sua participação no famoso programa de tevê norte-americano *Saturday Night Live*, Kurt Cobain acordou e decidiu injetar heroína. Seu raciocínio era simples. Se ele se drogasse imediatamente, estaria bem quando o Nirvana aparecesse diante das câmeras. O único problema é que Cobain se tornara um viciado da pesada em heroína e precisava de cada vez mais droga para viajar. Ele também estava tocando e gravando em uma cidade onde a heroína costuma ser mais forte que nos demais locais

Quando Cobain chegou para uma sessão de fotos naquela tarde, mal conseguia ficar acordado, cochilando muitas vezes quando a câmera era desligada. Durante a passagem de som no estúdio da NBC, sua aparência era horrível, o rosto, as roupas, o visual, todo desarrumado, sujo e pálido. Pouco tempo antes, um entrevistador afirmara que Cobain tinha 25 anos, mas parecia ter passado dos 40. Ainda segundo ele, o guitarrista tinha as pupilas contraídas e caía no sono durante a entrevista, sinais claros de que era usuário de heroína.

Depois da passagem de som, Cobain deitou num sofá no camarim e se recusou a interagir com o mundo. Era para ter sido a época mais feliz de sua vida, mas ele passou praticamente o tempo todo em estado de coma. Cobain tinha mulher, Courtney Love, por quem era profundamente apaixonado. A banda vendia discos em um ritmo alucinante e chegou a notícia de que *Nevermind*, segundo álbum deles, tomaria o lugar de *Dangerous*, de Michael Jackson, na semana seguinte no topo das paradas norte-americanas. O disco vendeu quase quatrocentas mil cópias na semana seguinte ao Natal, uma quantidade incrível para um período considerado morto pelo varejo.

TODOS AO SEU REDOR ESTAVAM PREOCUPADOS, PRINCIPALMENTE OS MEMBROS DA BANDA, O BATERISTA DAVE GROHL E O BAIXISTA KRIST NOVOSELIC, QUE REZAVAM PARA ELE JOGAR A SERINGA FORA E VOLTAR AO MUNDO

A Tower Records, gigante norte-americana do varejo que decretou falência em 2006, afirmou nunca ter visto tantos jovens trocando CDs ganhos no Natal por um álbum específico. *Nevermind* calara fundo entre os jovens do país, restaurando o espírito rebelde do rock por meio de uma música caracterizada por versos lentos e refrãos furiosos. Naquele momento, o Nirvana fazia parte de uma categoria que incluía seus heróis, os Sex Pistols.

A MICROFONIA RUGIU PELOS TELEVISORES DO PAÍS. E ENTÃO, ENQUANTO OS CRÉDITOS SURGIAM NA TELA, KRIST SE ENCAMINHOU ATÉ KURT E O BEIJOU NA BOCA

Sid Vicious, dos Sex Pistols, morrera como viciado, e Kurt parecia decidido a seguir seus passos. O vocalista usava drogas, assim costumava se justificar, por causa de dores estomacais tão fortes que o debilitavam a ponto de mal conseguir sair da cama. Ele se consultou com diversos médicos, tomou inúmeros remédios, mas nada funcionava. Então, um dia, experimentou a heroína e a dor se foi. Dessa forma, ponderou ele, se as dores me deixam com cara de viciado, posso muito bem me tornar um. Quatro anos depois, ele era um completo viciado. Muitas vezes os amigos tiveram de correr a banheiros e quartos de hotel para estapeá-lo e trazê-lo de volta à vida. Diversas intervenções foram feitas. Familiares, integrantes da banda e o empresário exigiram que ele reconhecesse o problema e fosse para uma clínica de reabilitação. Entretanto, ele apenas os chamava de hipócritas e, quando todos partiam, enfiava outra agulha no braço, rumando à escuridão.

Todos ao seu redor estavam preocupados, principalmente os

membros da banda, o baterista Dave Grohl e o baixista Krist Novoselic, que rezavam para ele jogar a seringa fora e voltar ao mundo. Quando tinham de estar no palco, Kurt estava sóbrio e melancólico. Ele parecia chateado, inacessível, tomado por uma raiva interior de si mesmo ou das outras pessoas. Em se tratando de Kurt, nunca dava para saber.

A banda abriu sua participação em *Saturday Night Live* com "Smells Like Teen Spirit", canção que se tornaria seu hino. Os integrantes se jogaram na música com uma raiva furiosa, principalmente Kurt, parecendo uma alma penada desvairada uivando para seus demônios. Eles passaram no primeiro teste com sucesso.

O grupo voltou ao programa mais tarde para tocar "Territorial Pissings", novamente com cólera e furor. Então, no fim da canção, Kurt esmagou a guitarra no amplificador à la Townshend. Era pura ironia. Em entrevista na época, ele afirmara preferir morrer a envelhecer e ser Pete Townshend naquele momento, ele era o jovem Townshend, e o Nirvana, o novo Who, detonando alegremente seus instrumentos. Dave Grohl chutou a bateria e jogou um microfone em Novoselic, que o devolveu.

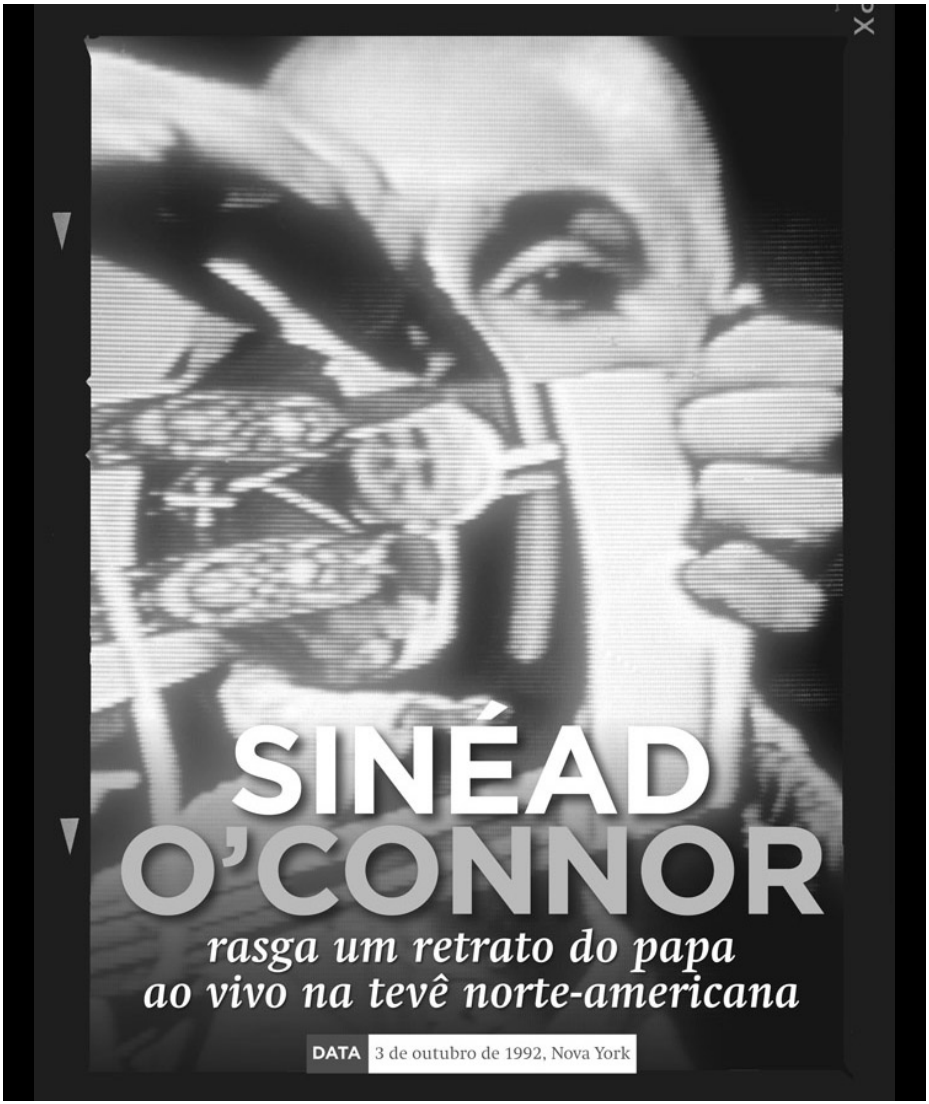
A microfonia rugiu pelos televisores do país. E então, enquanto os créditos surgiam na tela, Krist se encaminhou até Kurt e o beijou na boca. Mais tarde, o guitarrista diria ter sido um gesto provocador típico do punk rock, uma forma de chatear os caipiras e homófobos que eles tanto desprezavam. Mas não era bem isso. Tratou-se de um gesto de profunda amizade de Krist para Kurt, uma forma de dizer: Nós amamos você e nos preocupamos com você. "Eu queria fazê-lo se sentir melhor", Krist veio a afirmar. "Depois do beijo, eu disse a ele que tudo ficaria bem. Não é tão ruim assim, certo?"

ERA PARA TER SIDO A ÉPOCA MAIS FELIZ DE SUA VIDA, MAS ELE PASSOU PRATICAMENTE O TEMPO TODO EM ESTADO DE COMA

Cobain não foi à festa depois do show. Em vez disso, deu uma

longa entrevista e voltou ao hotel. Enquanto isso, Courtney Love acabara de fazer uma descoberta incrível. Ela estava grávida de Kurt. Mas não pôde lhe contar, pois ele sofrera outra overdose.

A banda Nirvana foi formada em Aberdeen, Washington. Criada, em 1987, por Krist Novoselic e Kurt Cobain, o grupo teve várias formações, mas se estabeleceu como um trio dinâmico com a entrada do baterista Dave Grohl. O amor coletivo pelo punk rock e a atitude de quem pouco se importa acabaram resultando na contratação do grupo pelo selo independente Sub Pop. Eles lançaram um álbum, *Bleach*, mas logo se frustraram com o relativo insucesso. O conjunto trocou de empresário e foi contratado pela Geffen Records em 1990. O segundo álbum, *Nevermind*, ganhou disco de ouro, bem como o compacto "Smells Like Teen Spirit". Em alguns meses, eram a maior banda do mundo, os líderes do que acabou sendo classificado como grunge. O terceiro álbum, *In Utero*, continuou abrasivo, mas era levemente diverso do som normal do Nirvana. Infelizmente, o crescente vício em heroína de Cobain resultou na perda de oportunidades de levar o disco além. O Nirvana chegou a um fim trágico e abrupto em uma sexta-feira, 8 de abril de 1994, quando o corpo de Kurt Cobain foi encontrado. Ele havia se suicidado, aos 27 anos.


SINÉAD
O'CONNOR
rasga um retrato do papa
ao vivo na tevê norte-americana
DATA 3 de outubro de 1992, Nova York

Em 1965, John Lennon disse que os Beatles eram mais conhecidos que Jesus Cristo. Ele não estava sendo arrogante ou dando uma de superior, apenas constatando um fato. Mais gente ouvia sua banda que comparecia à igreja. Porém isso causou uma confusão dos diabos. Como é que esse cara aparece do nada e se atreve a se comparar ao filho de Deus? Enfrentando uma mídia histericamente hostil e com ameaças de morte vindas de todos os lados, Lennon foi obrigado a se desculpar publicamente, algo que o artista orgulhoso ficou furioso por ter de fazer. Os astros do rock pensariam duas vezes antes de ofender outra vez as sensibilidades religiosas dos norte-americanos. A maioria, de qualquer forma – mas não Sinéad O'Connor.

Após a difamação de John Lennon, aprendeu-se uma lição. Nunca misturar música pop com Deus. Não dá para vencer. Dali em diante, o gênero se afastaria o máximo possível da religião. Exceto por acessos de fúria ocasionais (como o videoclipe "Like a Prayer", de Madonna), os artistas se recusavam a se envolver com religião. Poderia ser o fim da carreira, algo de que ninguém precisava.

Sinéad O'Connor pensava de outra forma. No dia 3 de outubro de 1992, ela, sozinha, foi responsável por um dos momentos mais memoráveis e fascinantes da história musical. À época, ela acabara de lançar um novo álbum, *Am I Not Your Girl?*, composto de músicas inspiradoras de sua infância. De forma alguma sua infância tinha sido fácil. Como a cantora mais tarde revelaria, parte dela foi passada no orfanato irlandês Magdalene, ligado a uma rede de casas para meninas órfãs e mulheres arruinadas, agora bastante conhecido pelo duro tratamento voltado àquelas de quem deveria cuidar.

Não é por acaso que seu disco estava cheio de músicas como “Gloomy Sunday” e “Success Has Made a Failure of Our Home”. Era um álbum difícil para seu público assimilar, principalmente após sua boa vontade no campeão de vendas *I Do Not Want What I Haven’t Got*, lançado dois anos antes.

Em 1992, o *Saturday Night Live*, programa liberal de entretenimento de Nova York, a convidou para cantar duas músicas. A vocalista de 26 anos decidiu apresentar a faixa título do novo álbum e depois uma versão *a capella* de “War”, de Bob Marley. Enquanto ensaiava “War”, Sinéad a finalizava sacando o retrato de um bebê africano e o exibindo às câmeras. O ato foi aprovado pelos produtores do programa, que o consideraram uma boa forma de chamar a atenção para a pobreza do Terceiro Mundo. Mal sabiam que ela literalmente trazia outra coisa na manga. Era uma fotografia do papa e Sinéad estava prestes a rasgá-la diante de milhões de telespectadores norte-americanos.

A voz com a qual ela cantou naquela noite não era doce, leve nem agradável. Era áspera, bruta, intensa e absolutamente cativante. Toda vestida de branco, com a cabeça raspada e cercada por velas simbólicas, Sinéad cantou com verdadeira intensidade, apenas a voz, sem instrumentos. Na metade da música, ela trocou o verso “violência racial” por “violência infantil”. Era a primeira pista de que algo estava por vir.

Sinéad terminou a canção na palavra “mal”. Nesse instante, sacou um grande retrato do papa e, desafiadoramente, o rasgou diante da câmera. Houve silêncio, puro e simples silêncio. Todo mundo estava tentando entender o que havia acabado de acontecer. Então os produtores – no estilo consagrado – apertaram o botão. “Entra o comercial”, gritaram.

Esse ato de desafio veemente, essa provocação radical foi extremamente chocante para os telespectadores. Naquela noite, segundo consta, o programa recebeu mais de quatro mil e quinhentas reclamações por telefone em uma hora. Depois, celebridades se manifestaram. Frank Sinatra, de um jeito nada cristão, afirmou que gostaria de dar um soco na boca da cantora. Joe Pesci também disse

algo do gênero. Contudo, a condenação mais dolorosa para Sinéad assimilar veio de outra mulher, Madonna: “Eu acho que há forma melhor de se manifestar do que rasgando uma imagem tão cheia de significado para outras pessoas”. Sinéad guardou para si sua visão do ocorrido, se recusando a explicar ou justificar seus atos. Assim, os jornais encheram suas páginas com a condenação possibilitada pelo silêncio da cantora.

DE CERTA FORMA, FOI UM GESTO AINDA MAIS CORAJOSO DO QUE AQUELE QUE CAUSARA ISSO TUDO. É PRECISO TER CORAGEM DE VERDADE PARA ENCARAR QUEM O ODEIA DA FORMA MAIS PÚBLICA POSSÍVEL

Todavia, para Sinéad, rasgar o retrato não tinha sido um ato gratuito. Era um comentário sobre o escândalo do abuso contra crianças envolvendo a Igreja Católica em 1992. Algumas vítimas se manifestaram, tentando expor e envergonhar os padres locais, mas houve pouco clamor público em relação à questão. A Igreja agiu rapidamente para abafar o escândalo. Sinéad pretendia mudar tudo aquilo porque também tinha sido vítima.

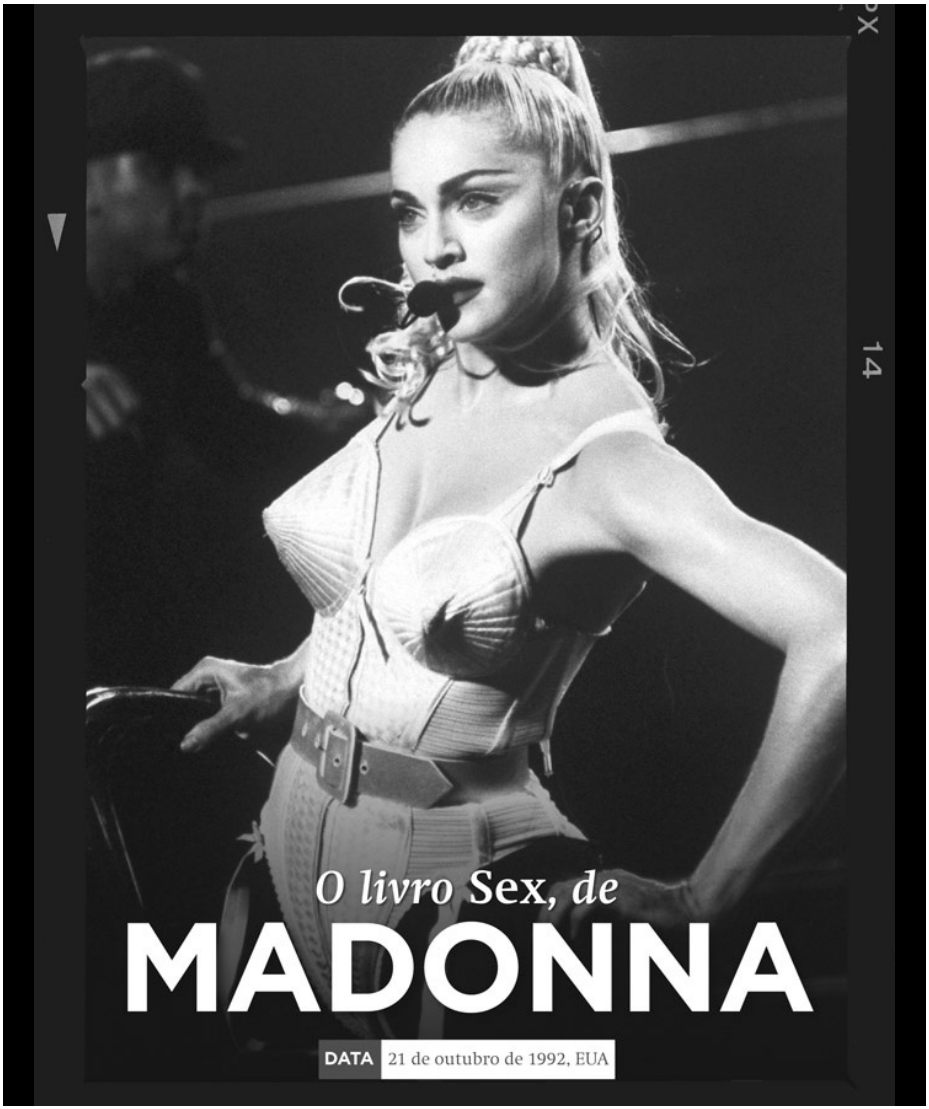
Duas semanas após o escândalo, Sinéad participou de um show em homenagem a Bob Dylan. Apresentada com cordialidade por Kris Kristofferson, ela subiu ao palco e foi saudada com vaias e aplausos, uma briga sonora entre certo e errado. Sinéad reagiu de forma brilhante. Ela ficou de pé diante do microfone, recusando-se a cantar, e encarou seus detratores. De certa forma, foi um gesto ainda mais corajoso do que aquele que causara isso tudo. É preciso ter coragem de verdade para encarar quem o odeia da forma mais pública possível.

A banda tentou tocar, mas a cantora a impediu. Então, começou uma versão rápida de “War” – sem deixar de lado o verso “violência infantil”. Enquanto as vaias aumentavam, ela deixou o palco, indo direto para os braços receptivos de Kris Kristofferson. Ela derramou muitas lágrimas na camisa daquele grande homem.

Sinéad abandonou a carreira musical, se concentrando no filho,

escolhendo quando procurar os holofotes e quando abandonar seu brilho inóspito. Em 1997, ela pediu desculpas ao papa por meio da revista italiana *Vita*. Segundo a cantora, seu protesto foi "um ato ridículo, o gesto de uma garota rebelde", levado a cabo "porque eu estava revoltada com a fé, mas ainda estava dentro dela". Citando santo Agostinho, ela acrescentou: "A raiva é o primeiro passo rumo à coragem". A Igreja se recusou a comentar. Dois anos mais tarde, um padre irlandês rebelde a ordenou padre. A Igreja Católica não reconhece mulheres padres.

Sinéad Marie Bernadette O'Connor nasceu no dia 8 de dezembro de 1966 e foi educada no catolicismo na Irlanda. Seus pais se separaram quando ela tinha 8 anos, e a futura cantora e seus irmãos ficaram com a mãe. Na adolescência, foi colocada em um dos orfanatos da rede Magdalene, uma das mais famosas da Irlanda. Depois de deixar a instituição, ela e amigos montaram a banda Ton Ton Macoute, se mudando para Dublin em busca de contrato. A morte da mãe em um acidente de carro, em fevereiro de 1985, devastou Sinéad, que foi morar em Londres. Ela foi contratada pela Ensign Records. Após meses de discussão, recebeu a permissão de produzir o próprio disco. *The Lion and the Cobra* não vendeu horrores, mas a estabeleceu como artista determinada. O álbum seguinte trazia sua versão de "Nothing Compares to You", de Prince. Sua interpretação da música, em conjunto com um videoclipe impressionante, a lançou à fama internacional. Sinéad usou a fama para falar com veemência de assuntos como violência infantil, direitos femininos e religião organizada. Isso provocou muita controvérsia e prejudicou sua carreira musical.


14
O livro Sex, de
MADONNA
DATA 21 de outubro de 1992, EUA

No livro, ela é retratada montando um cachorro. Ao lado do rapper Big Daddy Kane e da modelo Naomi Campbell, os três praticamente nus e se tocando. Ela posa com lésbicas e a câmera a flagra se masturbando. As páginas são repletas de imagens sadomasoquistas. *Sex*, de Madonna, foi um livro revolucionário. Nunca antes um artista com a sua reputação comercial produzira uma obra tão pessoal e provocadora.

Para explorar a sexualidade, tanto a sua quanto a de outras pessoas, foi preciso ter uma coragem não encontrada em muitos dos contemporâneos de Madonna. O álbum *Erotica* também fazia parte desse processo, bem como o videoclipe de "Justify My Love". Ali, assistimos Madonna caminhar por um corredor de hotel, recostar-se na parede, desabotoar o casaco e revelar o corpo vestido apenas de lingerie e cinta-liga pretas. Um cara boa-pinta (seu então namorado, Tony Ward) caminha em sua direção enquanto vemos outros homens e mulheres, vestidos de forma igualmente provocante. Madonna e seu homem entram no quarto e se acariciam na cama. Depois, ele vê outro homem beijá-la...

Sem surpresas, a MTV e diversos outros canais se recusaram a exibir o clipe. No entanto, Madonna era uma grande estrela na época. Nos cinco anos anteriores, vendera mais de trinta milhões de discos, fizera turnês pelo mundo, se apresentando para plateias enormes. Ela era a cantora adolescente atrevida. Então, por que estava tão obcecada em expor sua sexualidade nesse momento e por que arriscava prejudicar a carreira? Talvez a resposta esteja em uma garrafa de Pepsi-Cola.

POR QUE ELA ESTAVA TÃO OBCECADA EM EXPOR SUA SEXUALIDADE NESSE MOMENTO E POR QUE ARRISCAVA PREJUDICAR A CARREIRA? TALVEZ A RESPOSTA ESTEJA EM UMA GARRAFA DE PEPSI-COLA

Em 1989, Madonna fechou um lucrativo contrato para promover a Pepsi. Em um de seus comerciais para o refrigerante, ela lançou sua nova música, "Like a Prayer". Sem que a empresa soubesse, o videoclipe trazia imagens católicas. O álbum *Like a Prayer* abordou de tudo, do relacionamento perturbador com o pai ao efeito que a criação católica teve sobre ela.

Madonna estava confrontando seu passado. Ela tinha mudado, se livrara da garota audaciosa de regata rendada e botas engraçadas que lhe deram fama e a trocara por uma mulher desejando se expressar artisticamente – independentemente do que isso lhe custasse. De repente, a Pepsi percebeu ter comprado a Madonna errada e desistiu do contrato. Talvez Madonna tenha percebido com isso que acordos corporativos nunca são compatíveis com uma verdadeira iniciativa artística.

MADONNA SE RECOSTA NA PAREDE, DESABOTOA O CASACO E REVELA O CORPO VESTIDO APENAS DE LINGERIE E CINTA-LIGA PRETAS

Então Warren Beatty apareceu convidando Madonna a com ele coestrelar *Dick Tracy*. Segundo a biógrafa Lucy O'Brien, Beatty a incentivou a retomar a imagem anterior de loura estonteante à la Marilyn Monroe. Madonna aceitou porque, na época, ela e Beatty eram íntimos. Contudo, a experiência foi desanimadora. Madonna sentia ter se tornado um símbolo, não um ser humano. Sua reação veio com o livro *Sex* e o disco *Erotica*.

Os primeiros sinais de sua nova abordagem vieram com a turnê mundial Blond Ambition, em 1990, com shows cheios de provocação sexual. O papa pediu aos católicos que não fossem aos espetáculos. Ela

não podia ter desejado publicidade melhor.

Com o fim da turnê, saiu uma coletânea de grandes sucessos descaradamente batizada *The Immaculate Collection*, que trazia duas novas canções, incluindo "Justify My Love". A reação de Madonna às críticas ao videoclipe recheado de sexo tocava direto no assunto: "Por que as pessoas estão dispostas a ver um filme sobre alguém sendo reduzido a picadinho sem motivo aparente, e ninguém quer ver duas garotas se beijando e dois homens se agarrando?"

Embora *Erotica* fosse um de seus discos mais interessantes, vendeu apenas cinco milhões de cópia em âmbito mundial. Um grande problema se devia ao fato de o livro *Sex* dominar a agenda de Madonna. Ninguém conseguia acreditar até que ponto ela havia ido. A obra vendeu mais de três milhões de cópias, porém o consenso era de que ela não examinara a sexualidade a sério, mas em vez disso produzira pornô chique. O clipe de "Justify" tinha bom gosto, já o livro, muitos afirmavam, era risível.

Madonna havia virado uma espécie de piada diante de um público encolhendo a passos largos. A única saída era promover outra turnê, mas com um show muito menos provocador. Embora The Girlie Show começasse com uma bailarina de fio dental numa corda, o tema era o cafona. Madonna utilizou muitas imagens de circo para defender seu ponto de vista. Agora, ela era a diretora do circo – não a dominadora sadomasoquista.

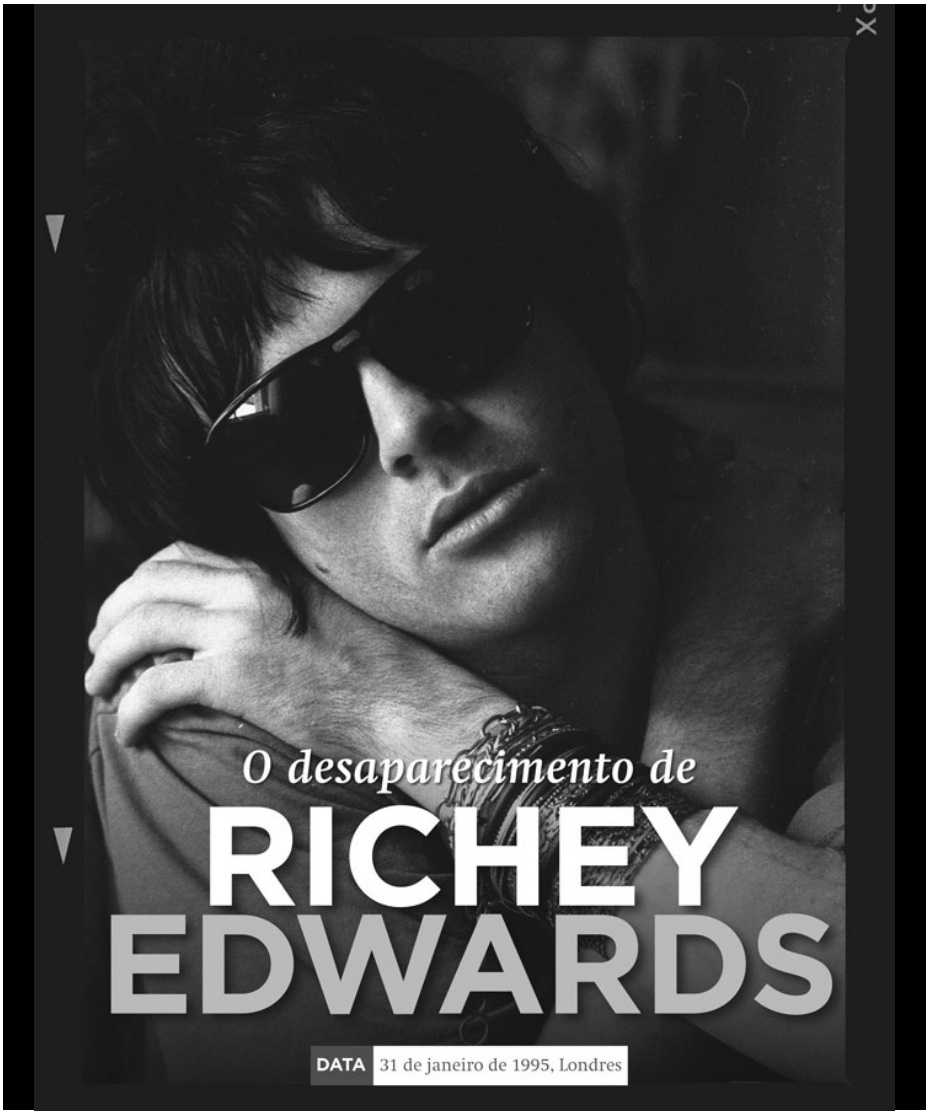
Um novo disco, uma coleção de baladas, saiu a seguir, recuperando seu público. Depois, ela representou Eva Perón no filme *Evita*, do diretor Alan Parker. "Nasci para interpretar esse papel", declarou aos jornalistas.

O CONSENSO ERA DE QUE ELA NÃO EXAMINARA A SEXUALIDADE A SÉRIO, MAS EM VEZ DISSO PRODUZIRA PORNÔ CHIQUE

O caminho tomado com o livro *Sex* e o álbum *Erótica* fora abandonado. Ela voltava a fazer o que se esperava dela, mas

novamente lutando com dois desejos conflitantes: a ânsia de explorar e avançar e a necessidade igualmente forte de ser a artista mais bem-sucedida de sua época, disposta a todo tipo de concessão para atingir tal objetivo. É uma questão que Madonna enfrenta ainda hoje ao entrar num estúdio.

Madonna Louise Ciccone nasceu em Bay City, Michigan, em 16 de agosto de 1958. Sua mãe era franco-canadense, e seu pai, ítalo-americano. Em 1977, ela se mudou para Nova York e formou a banda The Breakfast Club. A cantora chamou a atenção da Sire Records, que a contratou como artista solo. O primeiro compacto, "Everybody", e o álbum de estreia, *Madonna*, foram sucessos nas pistas de dança. Os dois discos seguintes, *Like a Virgin* e *True Blue*, lhe renderam sucesso mundial. Uma memorável participação na MTV, na qual apareceu sobre um enorme bolo de casamento cantando "Like a Virgin", a fez conquistar um grande público de garotas, consolidando sua reputação de menina atrevida com atitude. Ela trabalhou no filme *Procura-se Susan desesperadamente* e se casou com o ator Sean Penn, de quem mais tarde se separou. No fim dos anos 1980, era uma das artistas mais populares do mundo, sendo logo apontada como a segunda artista mulher de maior vendagem (logo atrás de Barbra Streisand). Na década de 1990, a cantora assumiu as rédeas de sua música, posicionando-se como artista e intérprete de peso.


O desaparecimento de
RICHEY
EDWARDS
DATA
31 de janeiro de 1995, Londres

Por volta das 18h30 de 31 de janeiro de 1995, James Dean Bradfield e Richey Edwards, do Manic Street Preachers, estão sentados em um carro ouvindo "Small Black Flowers that Grow in the Sky". É o novo trabalho dos dois, mas foi a primeira vez que Edwards ouviu suas palavras emolduradas por música. Ele afirma a Bradfield ter gostado bastante da música, e este agradece. Bradfield não faz a menor ideia de que aquele é o último dia em que verá o colega de banda vivo.

Os dois homens saem do automóvel e caminham até o hotel Embassy, em Bayswater, Londres. James sugere uma ida ao cinema naquela noite. Richey concorda, mas, quando o amigo telefona para o quarto, diz que não quer mais sair, preferindo uma noite sossegada. James diz que tudo bem e sai com outro amigo. Ele volta para o hotel às 23h30 e vai se deitar. Na manhã seguinte, James levanta cedo e vai à recepção, onde ficou de encontrar Richey. Ambos viajariam para os Estados Unidos naquele dia para divulgar o novo disco da banda.

James espera. Nada de Richey. Ele telefona para o quarto. Nada. Por fim, pede ao gerente do hotel para deixá-lo entrar no quarto de Richey, pois obviamente o guitarrista ainda está ferrado no sono. Junto com o gerente, ele se encaminha ao quarto 516, que está vazio, exceto por um frasco de Prozac, uma mala lotada e uma caixa curiosa sobre a mesa. A caixa está embalada com um papel recoberto de citações literárias e imagens. Está endereçada a Jo, namorada com quem Richey vivia terminando e voltando. James abre a caixa. Dentro estão livros e vídeos dos filmes *Equus* e *Naked*.

JAMES DÁ UMA OLHADA NO RELÓGIO. ELE PRECISA IR. MAS NÃO ESTÁ MUITO PREOCUPADO. RICHEY JÁ

SUMIRA ANTES E, SEM SOMBRA DE DÚVIDA, DESAPARECERÁ NOVAMENTE

James dá uma olhada no relógio. Ele precisa ir. Mas não está muito preocupado. Richey já sumira antes e, sem sombra de dúvida, desaparecerá novamente. Afinal, trata-se do incontrolável da banda.

Dois anos antes, diante de Steve Lamacq, jornalista da *nme*, Richey sacara um canivete e talhara as palavras "4 Real" no antebraço. Lamacq criticara a atitude punk da banda, julgando-a anacrônica. O gesto de Richey pretendia mostrar quão sérios eles eram.

A BANDA SE RECUSA A ACREDITAR EM SUA MORTE, NO FATO DE ELE TER PULADO DA PONTE, MESMO HAVENDO UM CONHECIDO PONTO DE SUICÍDIOS NAS REDONDEZAS

Depois desse incidente, o estilo punk do grupo foi conquistando público cada vez maior, sem perder a capacidade de produzir discos interessantes. Richey era o compositor. A forma como tocava guitarra nunca faria ninguém perder o sono, já seu talento para criar metáforas memoráveis e temas interessantes o tornavam inestimável para a banda.

Porém, desde o aumento de popularidade, Richey passara a beber demais. Em 1994, internou-se na clínica de recuperação Priory para tratamento. Aconteceram outros incidentes de automutilação, sem mencionar a tendência à depressão e à anorexia nervosa... Entre seus heróis estavam Sylvia Plath, Tony Hancock e Kurt Cobain – todos suicidas.

Policiais visitaram o apartamento de Richey, em Cardiff, e encontraram seu passaporte. Ele estava com o documento em Londres, o que significa que deve ter deixado o hotel naquele dia e voltado para casa. Também constataram que ele sacou 2.800 libras de sua conta corrente nas últimas semanas. Quando questionada, sua irmã afirma que o astro é fascinado pela ideia do desaparecimento perfeito.

Duas semanas mais tarde, a polícia divulga um boletim de pessoa desaparecida. No dia seguinte, o automóvel de Richey, um Vauxhall Cavalier prata, é encontrado estacionado sinistramente perto da ponte Severn. A bateria está arriada e há indícios de que Richey passara a noite no banco traseiro.

A banda se recusa a acreditar em sua morte, no fato de ele ter pulado da ponte, mesmo havendo um conhecido ponto de suicídio nas redondezas. Relatos de avistamentos de Richey começam a pipocar. Ele é avistado em Liverpool, Whitby, Cambridge, Brighton e Newport. Também é noticiada sua presença numa praia em Goa, tocando violão.

A história mais intrigante é relatada por um taxista de Cardiff, o qual afirma ter transportado um passageiro jovem, alto e esquelético que lhe pediu para dirigir pela cidade, supostamente procurando o carro do chefe. O homem perguntou se podia se deitar no banco traseiro enquanto rodavam, o que chamou a atenção do taxista. Igualmente memorável era o sotaque do sujeito, sempre passando de um dialeto ruim falado no East End londrino a galês puro. Por fim, pagou a corrida – 68 libras – e desembarcou em algum lugar do centro de Cardiff. A banda assinala que Richey nunca poderia ser descrito como alto.

Todavia, criam um fundo fiduciário no qual depositam um quarto dos *royalties*. O dinheiro é disponibilizado aos pais de Richey, que aceitaram o inevitável e obtiveram uma declaração judicial declarando o filho "dado como morto".

A banda utiliza diversas letras deixadas por Richey no décimo álbum, *Journal for Plague Lovers*, por muitos considerada uma de suas melhores obras.

"COMO É POSSÍVEL ACEITAR SUA MORTE SE NÃO EXISTE CORPO NEM INDÍCIOS? É IRRACIONAL"

E os Manic Street Preachers ainda se recusam a aceitar algo além do retorno em segurança de Richey em um dia qualquer. "Pessoalmente, acho que ele está vivo", afirma o baixista do grupo,

Nicky Wire. “Não tenho prova física de que esteja, mas acredito nisso. Como é possível aceitar sua morte se não existe corpo nem indícios? É irracional.”

E assim um grande mistério do rock continua a atrair e confundir as pessoas.

Os Manic Street Preachers surgiram em Blackwood, em 1986. Após algumas trocas de integrantes, a formação se fixou em James Dean Bradfield (guitarra, vocal), Nicky Wire (baixo), Richey Edwards (guitarra) e Sean Moore (bateria). Em 1992, lançaram o disco de estreia, *Generation Terrorists*, chamando rapidamente a atenção pela imagem andrógina punk rock glam, pela consciência social e pelas letras. O álbum vinha acompanhado de inúmeras citações literárias e vendeu 250 mil cópias, estabelecendo uma base leal de fãs que ainda os acompanha. Em 1995, Richey Edwards sumiu, e o grupo continuou como trio. Lançaram dez álbuns, incluindo obras memoráveis como *The Holy Bible*, *Everything Must Go* e *Journal for Plague Lovers*, este último contendo uma série de letras inéditas de Edwards. A banda também é bastante conhecida por suas versões, incluindo canções do The Clash, Happy Mondays, The Faces e Rihanna. O conjunto continua sendo um dos mais populares do Reino Unido.

OASIS
E BLUR
batalham pelo primeiro lugar
DATA 20 de agosto de 1995, Reino Unido

Durante décadas as bandas se provocaram e se criticaram, detonando a música ou a personalidade da outra. À primeira vista, parece maldoso. Na verdade, é um jogo, uma boa maneira de ganhar mais espaço na imprensa. Brigas sempre renderam manchetes maiores. No entanto, poucas discussões tiveram a intensidade daquela entre Oasis e Blur no verão de 1995.

Em termos de classe, origem e mentalidade, as duas bandas não poderiam ser mais distintas. Oasis, a arrogante banda de classe operária do norte da Inglaterra, se deleitando com a capacidade de provocar o caos, defendendo em voz alta a ingestão de drogas e o estilo de vida roqueiro, batia de frente com o Blur, grupo de classe média do sul do país, com formação universitária e tendência a elogiar a própria inteligência. De vez em quando, um reconhecia o valor do outro. Segundo o cantor do Oasis, Liam Gallagher, "O Blur é uma boa banda pop, mas não tem nada a ver conosco. Nós somos uma grande banda de rock".

Em agosto de 1995, os dois grupos se preparavam para lançar material novo. O novo compacto do Blur, "Country House", deveria chegar às lojas antes de "Roll with It", a inédita do Oasis. Damon Albarn, já descrito como "um dos homens mais competitivos do pop", mudou a data de lançamento do compacto de sua banda para que saísse no mesmo dia do do Oasis. Fora dada a largada pelo primeiro lugar – o ganhador poderia reivindicar o título de banda mais popular do país.

No dia 16 de agosto, o noticiário da ITN apresentou uma reportagem sobre a rivalidade entre os grupos. Todos os jornais nacionais embarcaram na história. Durante uma semana, em todo o Reino Unido só se falava em quem venceria essa extraordinária

corrida às paradas. “Tivemos maior cobertura que a guerra na Bósnia”, assinalou Albarn.

DEPOIS DO ROCK BRITÂNICO INTROVERTIDO, O OASIS ERA A TEMPESTADE ARRASANDO COM TUDO POR MEIO DE UM FURACÃO DE OBSERVAÇÕES PROVOCADORAS E COMPORTAMENTO EXTRAVAGANTE

Os dois conjuntos eram representantes do movimento conhecido como britpop, uma palavra agora divulgada mundo afora. Ironicamente, as raízes do movimento remontam aos Estados Unidos, na música grunge trazida às praias do Reino Unido por Pearl Jam e Nirvana. O grunge era especificamente norte-americano, incapaz de dialogar de verdade com a juventude britânica. Assim, o Blur desejava parar de seguir influências musicais daquele país e forjar um som mais britânico.

SE HÁ UMA BANDA QUE RESUMIU OS HEDONISTAS ANOS 1990, É O OASIS. E, MESMO ASSIM, AQUI ESTAVA O BLUR OS DESAFIANDO, OS CHAMANDO PARA A BRIGA

Foi um conceito artístico levado ao limite no terceiro álbum do grupo, *Parklife*. Antes do lançamento, Albarn afirmou: “Quando nosso terceiro disco chegar às lojas, nossa posição como a banda inglesa fundamental dos anos 1990 estará assegurada”. E ele estava certo. O compacto “Parklife”, com sua animada atmosfera do East End londrino, e o álbum *Parklife* colocaram o Blur no centro do movimento britpop. Albarn insistia em afirmar que o disco era um “álbum conceitual vagamente ligado” envolvendo um monte de histórias diferentes: “É a labuta do místico cervejeiro beberrão, vendo o que está rolando e tecendo comentários a respeito”.

No mundo do Blur, as vovós comem pizza, a rua principal nunca muda, o parque é um mundo em si, os jovens vão à Grécia e transam

com qualquer coisa que se mexa, a rainha enlouqueceu e existem personagens como Tracy Jacks, pirando em silêncio.

O Blur teve início em 1989 com a seguinte formação: Damon Albarn (vocal), Graham Coxon (guitarra), Alex James (baixo) e Dave Rowntree (bateria). Foram contratados pela Food Records em 1990. Depois do sucesso inicial com o compacto "There's No Other Way", o Blur foi meio que deixado de lado. Uma turnê de dois meses pelos Estados Unidos, concebida para quitar dívidas, convenceu o grupo a adotar um estilo e uma abordagem muito mais britânica em sua obra. Com os álbuns *Modern Life Is Rubbish*, *Parklife* e *The Great Escape*, a banda se posicionou no centro do panorama britpop. Contudo, tensões internas e o desejo de avançar musicalmente foram responsáveis por o grupo mudar novamente de estilo no disco *Blur*, adotando um som mais norte-americano e independente. O sexto álbum de estúdio, *13*, foi marcado por experimentos sonoros, enquanto *Think Thank*, lançado em maio de 2002, desafiava muitos ouvintes com sons e estilos eletrônicos. Então, Graham Coxon deixou a banda e o Blur ficou em suspenso, conforme Albar embarcava em uma série de projetos solo. A banda se reuniu em 2009 para uma turnê de grande sucesso.

O Oasis era a banda dos anos 1990; o comportamento roqueiro capturou o espírito hedonista da década e a música criou um padrão a ser seguido por muitos grupos. Singulares na época, eles se separaram em 2010.

O Blur citava as influências musicais que os inspiraram (The Kinks, Small Faces, entre outros), mas também fazia referências literárias a Samuel Beckett e Martin Amis como grandes inspirações.

Para o Oasis, essa intelectualização era execrável. Para eles, o rock nunca deveria ser habitado por sujeitos metidos a artistas que leem livros. O rock'n'roll tinha a ver com rebelião, não se importar com nada, hedonismo, glamour e fama. Sua atitude talvez fosse mais bem resumida na canção "Rock 'n' Roll Star".

A banda foi formada no início dos anos 1990 pelo tempestuoso irmão de Noel Gallagher, Liam, juntamente com o guitarrista Paul Arthurs, o Bonehead, e o baixista Paul McGuigan, o Guigsy. A eles se juntou o baterista Tony McCarroll. Noel entrou mais tarde, sendo o compositor de todas as músicas cantadas por Liam com sua voz tão

característica. O grupo era lixo puro no começo, mas em algum momento do trajeto dobraram uma esquina e começaram a produzir um monte de clássicos, como “Live Forever” e “Don’t Look Back in Anger”, trazendo os anos 1960 e 1970 para um novo som dos 1990.

“DIZEM QUE SOMOS OS STONES E O BLUR É OS BEATLES. NÃO É VERDADE. NÓS SOMOS OS STONES E OS BEATLES. O BLUR É OS MONKEES.”

As primeiras gravações do Oasis traziam a grandiosidade de um disco de Phil Spector em conjunto com a atitude punk. O Oasis não escondia o amor pelos Beatles. Muitas de suas músicas traziam deliberadamente melodias ou riffs dos Fab Four, e eles se empolgavam ao comentar a comparação entre eles. “Dizem que somos os Stones e o Blur é os Beatles”, declarou Noel Gallagher. “Não é verdade. Nós somos os Stones e os Beatles. O Blur é os Monkees.”

O que o Oasis de fato representava era o retorno de um formato clássico do rock’n’roll. Eles eram uma banda que parecia uma gangue, agiam feito uma e não tinham papas na língua ao mencionar o desejo por álcool, mulheres, drogas e fama. Depois do rock britânico introvertido de antes, o Oasis era a tempestade arrasando com tudo por meio de um furacão de observações provocadoras e comportamento extravagante.

Ao combinar esse aspecto com as canções melódicas de grandes refrãos de Noel, o grupo obteve sucesso instantâneo. Na época, *Definitely Maybe* foi o álbum de estreia de vendagem mais rápida na Grã-Bretanha. A rivalidade pública entre os irmãos Gallagher também deu uma mãozinha nas vendas, tornando a banda um espetáculo atraente.

Numa de suas primeiras entrevistas, eles deixaram bem claro as posições divergentes. Noel acreditava que pessoas amavam o Oasis pela música, já Liam atribuía à sua própria atitude o fato de as pessoas comparecerem aos shows. Ao longo dos anos seguintes, os irmãos não parariam de brigar, ambos lutando pela alma da banda, com os

arranca-rabos muitas vezes fazendo um deles abandonar a turnê e voltar para casa. Mesmo assim, o Oasis era imbatível. Em um ano, passaram de apresentações em pubs em Leeds a shows lotados na Sheffield Arena e apresentações para milhares de pessoas.

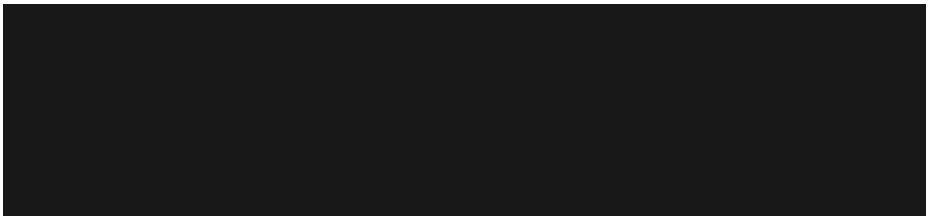
Se há uma banda que resumiu os hedonistas anos 1990, quando a cocaína e as revistas masculinas alcançaram grande popularidade, é o Oasis. E, mesmo assim, aqui estava o Blur desafiando o Oasis e seus valores, os chamando para a briga.

No dia 14 de agosto, os compactos foram enviados às lojas. Uma semana depois, foi divulgado que o Oasis vendera 216 mil cópias de "Roll with It", enquanto o Blur faturara 284 mil de "Country House".

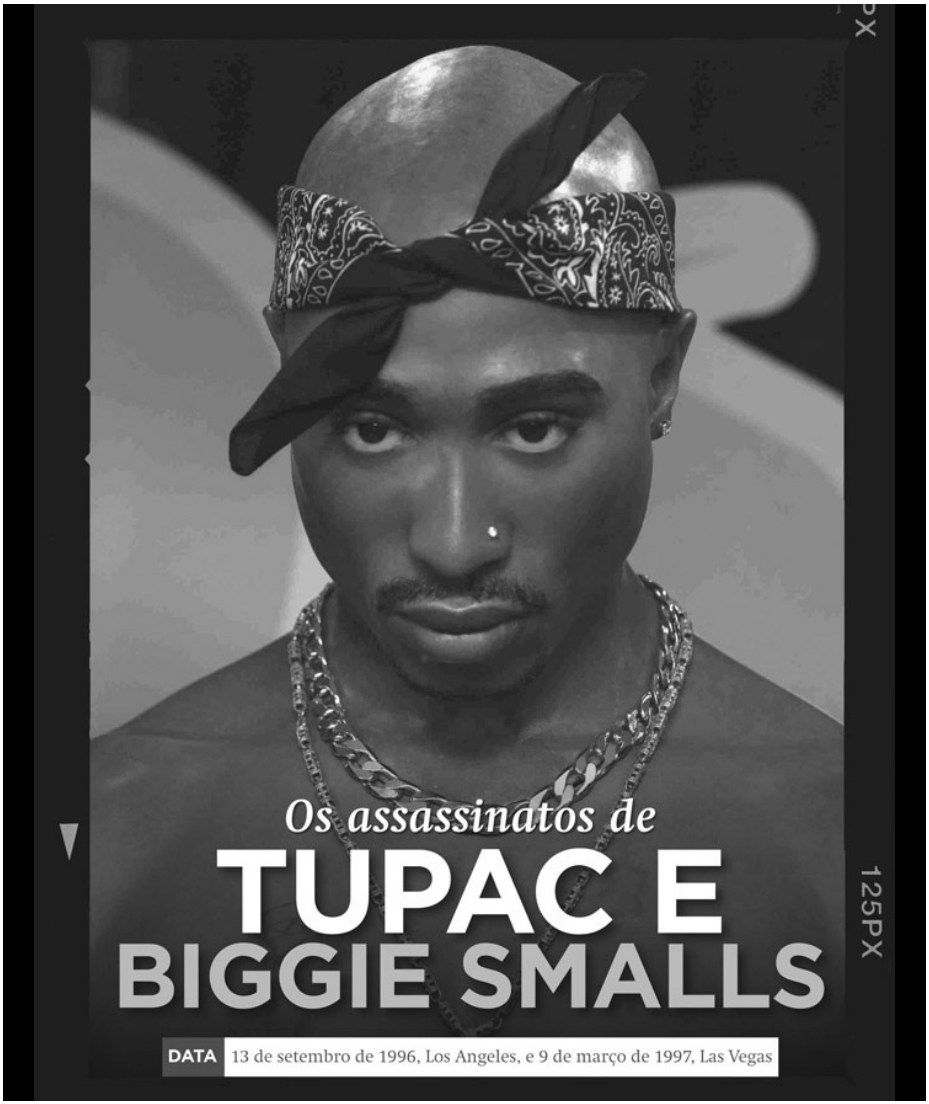
Embora o Blur tenha vencido essa batalha, pode-se afirmar que o Oasis ganhou a guerra. Em 1996, o álbum *What's the Story (Morning Glory)* acumulava dez milhões de cópias em âmbito mundial, e seus dois shows no Knebworth Park atraíram 2,6 milhões de interessados nos ingressos. Catorze anos mais tarde, foi revelado que o Oasis derrotou o Blur na venda geral de discos por uma bela margem.

EMBORA O **BLUR** TENHA VENCIDO ESSA BATALHA, PODE-SE AFIRMAR QUE O **OASIS** GANHOU A GUERRA

Dito isso, também é possível afirmar que a carreira posterior de Damon Albarn se revelou muito mais interessante que a dos irmãos Gallagher. Albarn criou o Gorillaz, trabalhou com grandes músicos africanos, criou um selo fonográfico e compôs uma ópera para ser encenada em chinês. Entretanto, não podemos negar a verdadeira empolgação que as duas bandas geraram durante aquela memorável semana no verão de 1995.



O Oasis passou a existir em 1991. A formação consistia em Noel Gallagher (guitarra), Liam Gallagher (vocal), Paul McGuigan (baixo), Paul Arthurs (guitarra) e Tony McCarroll (bateria). Em maio de 1993, foram descobertos por Alan McGee tocando em uma boate de Glasgow e contratados pela Creation Records. O primeiro álbum, *Definitely Maybe*, os confirmou como um dos grupos mais empolgantes da década, enquanto o segundo, de 1995, *What's the Story (Morning Glory)*, se tornou o terceiro mais vendido na história britânica. Em 1996, a banda tocou duas noites no Knebworth Park. Havia tantas pessoas interessadas em ingressos que teriam público para 53 noites. O terceiro álbum, *Be Here Now*, foi o de venda mais rápida do Reino Unido, acumulando 696 mil unidades na primeira semana. Com a saída de Paul McGuigan e Paul Arthurs, em 1999, o grupo recrutou dois novos integrantes. Contudo, em agosto de 2009, após uma nova altercação entre Liam e Noel, este último saiu da banda para sempre. Liam imediatamente criou um novo grupo com os outros integrantes do Oasis, batizado Beady Eye.


Os assassinatos de
TUPAC E
BIGGIE SMALLS
DATA 13 de setembro de 1996, Los Angeles, e 9 de março de 1997, Las Vegas

Depois que os dois astros do rap foram assassinados, após todas as recriminações, investigações e especulações serem concluídas, a mãe de Biggie Smalls, também conhecido como The Notorious B.I.G., sentou-se, olhou para a câmera e perguntou: "Duas vidas se perderam por causa de quê? Estupidez?"

Era uma boa pergunta. A história de Tupac Shakur e Biggie Smalls parece retirada de qualquer filme de gângster. Dois amigos se juntam, se aproximam, brigam e desencadeiam eventos que não podem controlar. Enquanto isso acontece, policiais corruptos, o crime organizado e ideias fatais sobre honra e respeito entram em sua vida.

Só tem um problema: a história de Tupac e Biggie não é uma fantasia de gângster de Hollywood, vendida para nós pelo meio que a comunidade do rap adora. Isso aconteceu. Na vida real.

Nos anos 1990, havia uma real animosidade entre os rappers das costas leste e oeste; entre Nova York – o berço do hip hop – e Los Angeles, cidade criadora do gangsta rap. Los Angeles era o endereço de duas gangues rivais, The Crips e The Bloods, cujos confrontos reivindicaram centenas de vidas. O gangsta rap refletia tais eventos, estimulando uma abordagem sem limites. Não é de surpreender que Tupac e Biggie viviam falando em violência: ser morto a tiros era um risco diário para ambos.

Dos dois, Tupac tinha o histórico mais interessante. Sua mãe, Afeni, fizera parte do grupo Panteras Negras e se entregara às drogas. A família morou em várias cidades, mudando-se com frequência. Tupac começou a fazer rap ainda na escola. Assim, quando a família foi residir na Califórnia, em 1998, não causou surpresa o fato de se ligar à banda Digital Underground.

NÃO É DE SURPREENDER QUE TUPAC E BIGGIE VIVIAM FALANDO EM VIOLÊNCIA: SER MORTO A TIROS ERA UM RISCO DIÁRIO PARA AMBOS

Ele trabalhou com a Digital antes de fechar contrato como artista solo e lançar *2Pacalypse Now*, álbum que apresentava suas crenças políticas. O disco não vendeu bem. Nem a segunda obra individual, *Strictly for My N.I.G.G.A.Z.* O sucesso veio por volta de 1993, quando Tupac formou o grupo Thug Life e começou a desenvolver uma personalidade mais voltada à cultura gângster. Em novembro de 1993, membros de sua equipe foram acusados de estuprar uma mulher num quarto de hotel. Segundo Tupac, ele e a mulher já haviam transado. De acordo com ela, em sua segunda visita, o rapper convidou os amigos, que a estupraram.

Dois anos antes de ser assassinado, Biggie Smalls prepara um cigarro em frente à casa da mãe, no Brooklyn, curtindo a fama e a atenção que músicas notáveis como "Hypnotize" lhe renderam.

Um dia antes de o veredicto ser anunciado, Tupac foi baleado cinco vezes em um estúdio de gravação em Manhattan. Foram dois tiros na cabeça, dois na virilha e o último perfurou o braço e a coxa. Inacreditavelmente, ele sobreviveu e teve alta do hospital cuspindo fogo nas pessoas que considerava responsáveis: Puff Daddy, Andre Harrell... e o velho amigo Biggie Smalls.

Christopher Smalls vinha de uma família de classe média. A mãe tinha dois empregos para sustentá-lo e ficou indignada quando, no compacto de estreia, "Juicy", Biggie falou sobre crescer num barraco. Ela procurou a imprensa para esclarecer a história. "Meu filho nunca passou necessidade."

Aos 17 anos, Biggie largou a escola. Em 1991, foi preso vendendo crack e passou nove meses atrás das grades. Então, começou a fazer

rap, e uma fita gravada após deixar a prisão chegou às mãos de Sean Combs, vulgo Puff Daddy. Quando Combs abriu a gravadora Bad Boy, Biggie foi um dos primeiros contratados. E Biggie logo lhe deu um sucesso com "Juicy", conquistando disco de ouro com o álbum de estreia, *Ready to Die*.

O principal rival de Combs na costa oeste era Suge Knight. Ele cresceu na região de Compton, em Los Angeles, conhecida pelas guerras de gangues. Em 1991, ajudou a fundar a Death Row Records (depois rebatizada Row Records). Seu primeiro contratado foi Dr. Dre, cujas ardentes descrições da vida em gangue foram os primeiros exemplos do estilo gangsta. Em 1992, *The Chronic*, álbum solo de Dr. Dre, com suas batidas preguiçosas, estilo rap e as constantes referências ao uso de maconha, ganhou disco de platina.

Se alguém entendia que as descrições espalhafatosas da vida nas ruas vendia discos, esse alguém era Suge Knight. Ele adorava filmes como *Scarface* e *O poderoso chefão*. O dinheiro e o poder que conquistou levaram-no a crer que suas fantasias de gângster poderiam ser reencenadas de verdade.

Quando Tupac foi preso por estupro, Suge Knight se ofereceu para pagar a fiança se ele assinasse com a Death Row. Tupac aceitou a oferta. Sua música se tornou muito mais gangsta, muito menos política. Ele lançou "Hit 'Em Up", um ataque contra Biggie que foi tão longe a ponto de ele se gabar de ter transado com a esposa do rival, a cantora Faith Evans.

No dia 7 de setembro de 1996, Tupac Shakur e Suge Knight compareceram à luta de Mike Tyson contra Bruce Seldon, em Las Vegas. Por que eles estavam juntos continua sendo um mistério. De acordo com relatos posteriores, os dois estavam em desacordo. No dia anterior, sabendo que a Death Row lhe devia uma grande soma em *royalties* não pagos (segundo alguns, dez milhões de dólares), Tupac pedira a seu advogado para reaver todas as fitas da música na qual estava trabalhando.

Tupac Amaru Shakur nasceu em East Harlem, Manhattan, Nova York, em 16 de junho de 1971. Seus pais eram ativistas dos Panteras Negras nos anos 1960. Aos 12 anos, ele vivia com a mãe em Baltimore, onde começou a lapidar seu talento como rapper. Tupac teve sua oportunidade em Los Angeles ao ingressar na banda Digital Underground. Seu trabalho na gravação de "Sam Song" chamou a atenção da Interscope Records. O primeiro disco solo não vendeu bem e, em 1993, Tupac formou o grupo Thug Life, elevando sua visibilidade. Dispensado pela Interscope por causa de pressões de acionistas da empresa e políticos influentes que não gostavam de sua posição antipolícia, foi contratado pela Death Row. Em 1995, Tupac foi condenado e preso por abusar sexualmente de uma garota. Logo depois, lançou o disco *Me Against the World*, se tornando o primeiro artista a ter um álbum em primeiro lugar enquanto preso. Após sua libertação, Tupac se tornou um dos maiores astros do rap, vendendo setenta milhões de discos antes de ser assassinado em setembro de 1996.

Depois da luta – que durou apenas dezenove segundos –, Tupac foi aos bastidores e parabenizou o vitorioso Tyson. Depois, foi flagrado por uma câmera de segurança caminhando pelo hotel. De repente, abordou um rapaz e começou uma briga. O homem em questão era Orlando Anderson, acusado de roubar um bracelete de um dos capangas de Knight. Na filmagem, Knight é visto participando do cruel espancamento do desafortunado Anderson.

Knight, Tupac e seu séquito voltaram ao hotel para trocar de roupa. Em seguida, foram à residência de Suge Knight em Las Vegas, onde ficaram até as dez da noite. Depois, se encaminharam ao Club 622. Suge e Tupac estavam juntos no BMW 760 de Knight. Enquanto

cruzavam a Las Vegas Strip, a polícia os abordou por a música estar alta demais e o carro, sem placas. Após serem liberados, eles arrancaram, parando em um semáforo. Um carro com quatro garotas apareceu do lado esquerdo do BMW. Os dois começaram a bater papo com elas. Enquanto isso, um Cadillac parou do outro lado e treze tiros foram disparados.

Tupac se jogou no banco traseiro para se proteger, mas levou cinco tiros. Estilhaços de balas cortaram a cabeça de Suge. Ele enfiou o pé no acelerador e arrancou. Depois, parou e deu meia-volta. Mais tarde, afirmou que desejava levar Tupac ao hospital o mais rapidamente possível. Tal declaração deixou muitos perplexos, pois o hospital ficava para o outro lado. Como ex-morador de Las Vegas, Suge deveria saber disso. Para outros, ele estava em estado de choque, por isso seguiu para a direção errada.

Christopher Smalls nasceu no dia 21 de maio de 1972 e foi criado em Nova York. Sua mãe, Voletta Wallace, era professora, e o pai, George Latore, soldador. O pai saiu de casa quando o menino tinha 2 anos. Na escola, Biggie era bom aluno, principalmente em inglês, mas largou os estudos aos 17 anos e virou traficante. Foi preso na Carolina do Norte por vender crack e permaneceu nove meses na cadeia. Em liberdade, voltou a Nova York, onde gravou uma fita demo que acabou nas mãos do caçador de talentos Sean Combs, o Puff Daddy. Combs trabalhava na Uptown Records e contratou Biggie. Logo depois, no entanto, Combs deixou a Uptown e abriu sua própria gravadora, Bad Boy Records. Biggie o acompanhou. Em setembro de 1994, lançou o álbum *Ready to Die*, que ganhou quatro discos de platina. Um ano mais tarde, estava envolvido numa guerra de palavras com o

antigo amigo Tupac Shakur, assassinado pouco tempo depois. Em 9 de março de 1997, Biggie foi baleado quatro vezes dentro do caro. Ele chegou morto ao hospital.

Os policiais que haviam abordado Suge seguiram o veículo em alta velocidade. Suge teve de parar, porque os pneus estouraram. Serviços de emergência chegaram ao local. Tupac foi levado ao hospital e conduzido à sala de cirurgia. O pulmão direito foi removido e, segundo os médicos, ele podia se recuperar. Eles estavam errados. Tupac Shakur faleceu no dia 13 de setembro, uma semana depois do tiroteio.

A culpa recaiu sobre Nova York, mas Puff Daddy, Andre Harrell e Biggie Smalls negaram qualquer envolvimento. Seis meses mais tarde, Biggie e Puff Daddy foram a uma festa da revista *Vibe*, em Los Angeles. Os dois partiram em carros separados e pegaram semáforos. Puff passou, Biggie parou. Um Chevrolet Impala preto encostou, a janela foi abaixada e sete tiros disparados. Biggie tomou quatro tiros e deu adeus a este mundo.

A polícia de Los Angeles encarregou o detetive Russell Poole do caso. Poole era da velha guarda, um homem de princípios. O inquérito constatou que policiais trabalhavam depois do horário para Suge Knight. O chefe da gravadora também contava com um promotor público na folha de pagamentos. Para Poole, foi uma revelação extremamente chocante.

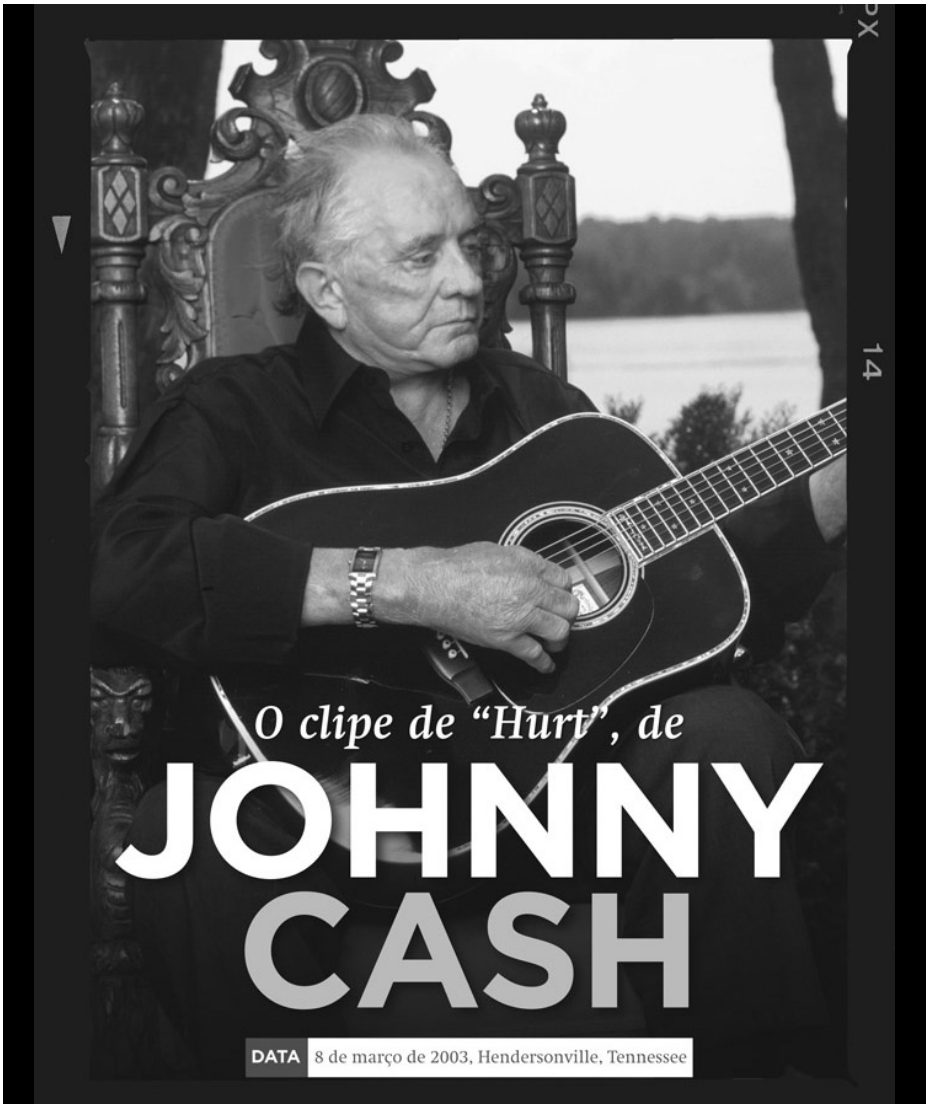
KNIGHT ADORAVA FILMES COMO *SCARFACE* E *O PODEROSO CHEFÃO*. O DINHEIRO E O PODER QUE CONQUISTOU LEVARAM-NO A CRER QUE SUAS FANTASIAS DE GÂNGSTER PODERIAM SER REENCENADAS DE VERDADE

Poole se concentrou em dois indivíduos em particular: Rafael Pérez e David Mack. Para o investigador, tratava-se de membros de

gangue contratados pela polícia de Los Angeles. De forma ainda mais impressionante, Poole alegou ter encontrado, na casa de Mack, um Chevy Impala preto, um santuário em memória de Tupac e munição do mesmo calibre usado para matar Biggie...

Poole foi tirado do caso e antecipou a aposentadoria. Depois disso, entrou com uma ação contra a polícia de Los Angeles por impedi-lo de tornar públicas suas descobertas. Ninguém nunca foi julgado pela morte dos dois astros do rap.

Suge Knight mais tarde foi preso por violar a condicional ao espancar Anderson. A Death Row não existe mais. Nenhum filme de gangster tem final feliz – Suge Knight deve ter se esquecido disso.


14
O clipe de "Hurt", de
JOHNNY CASH
DATA 8 de março de 2003, Hendersonville, Tennessee

As instruções para a elaboração de um videoclipe de música pop são simples: vender, vender, vender e sempre divertir, nunca informar. Por isso são coloridos, falsos, sorridentes, sensuais e sempre passam uma sensação agradável. Contudo, nunca falam da morte. Nunca abordam a mortalidade, o fardo silencioso que todos nós carregamos.

Nunca até o clipe de Mark Romanek da música "Hurt", de Johnny Cash, ser lançado. Cash adorava esse vídeo. Após exibi-lo para a filha Cindy, ele logo quis saber sua opinião. "Eu acho extremamente perturbador", ela respondeu. "É como se você estivesse se despedindo." A resposta do pai foi: "É exatamente isso que estou fazendo".

EM 1977, ELE TENTOU SE MATAR USANDO DROGAS E FRACASSOU, ENTÃO PASSOU NOVE ANOS ESCREVENDO UM LIVRO SOBRE O APÓSTOLO PAULO. ELE O BATIZOU DE *THE MAN IN WHITE*

O videoclipe de "Hurt" é fruto das circunstâncias. A intenção original do diretor era levar Cash para Los Angeles e usar imagens dele intercaladas com cenas de uma peça de Samuel Beckett.

Mas Cash adoeceu e não pôde viajar. Assim, Mark Romanek foi até ele, em sua casa em Hendersonville, Tennessee. O cantor tocou a música de Trent Reznor no violão e piano, entregando ao diretor filmagens que julgava interessantes. O clipe produzido é notável: Johnny Cash, aos 77 anos de idade, imerso de corpo e alma na música, intercalado com imagens de seu passado.

O vídeo quase não tenta esconder a aparência física de Cash. Ele está ficando careca, seu rosto está abatido, os olhos miram o infinito. Tudo ao seu redor é velho: garrafas velhas, cadeiras velhas, imagens velhas. Ele canta um verso e então a filmagem começa: imagens de Cash quando rapaz, o jovem Cash de jaqueta preta e camisa branca, sorrindo para o futuro e embarcando em um trem, depois o homem Johnny caminhando a passos largos pelo pátio de uma prisão e, então, Johnny olhando pela janela da casa de sua infância.

O que ele via? No que pensava, ao ver todas aquelas imagens, o menino do Arkansas com pai alcoólatra e mãe adorável, o menino criado numa fazenda cuja infância transbordava o som de trens e das canções de quem cultivava os campos?

Johnny também trabalhou nas plantações, cheirou a terra, aprendeu o movimento das nuvens tão bem que era capaz de prever a chuva e sempre acertar. A natureza fizera Johnny Cash. "Ele adquiriu a espiritualidade na natureza", diz sua filha Cindy.

"EU ACHO EXTREMAMENTE PERTURBADOR", ELA RESPONDEU. "É COMO SE VOCÊ ESTIVESSE SE DESPEDINDO." "É EXATAMENTE ISSO QUE ESTOU FAZENDO", RESPONDEU CASH

Em "Hurt", entendemos que sua infância foi atingida pela Grande Depressão dos anos 1930, para depois ser devastada pela trágica morte do irmão Jack, de 14 anos, que ele adorava, uma infância que incutiu nele emoções conflitantes, o impulso de crer e viver em Deus confrontado pela ânsia do esquecimento e da autodestruição.

Ele aprendeu música com as canções cantadas pelos familiares e tocadas no rádio. Aos 18 anos, Cash entrou na Força Aérea dos Estados Unidos, serviu por um tempo na Alemanha e depois voltou ao país natal. Nesse momento, ele sabia tocar violão e piano, e "Hurt" o captura fazendo justamente isso, martelando os acordes dramáticos da música ao piano, produzindo a pesarosa melodia no violão, a música de sua vida.

Quando Cash voltou para casa, o rock'n'roll estava começando a ganhar vida entre os adolescentes brancos. Sam Phillips, em Memphis, era o homem por trás dessa nova música. Então, Cash foi até lá, conseguiu um contrato, conheceu Elvis, Jerry Lee Lewis, Carl Perkins e gravou rock. Mas não era bem assim. Suas canções eram rockabilly com um toque de country, sempre descomplicadas, gravações com o ritmo "bum chica bum", riffs simples, com sua voz, aquela voz dominadora, colocada sobre todo o resto.

A fama trouxe pílulas estimulantes e mulheres. Cash se casou e teve quatro filhas, porém a necessidade de tomar a direção ascendente a todo custo suplantava qualquer consideração. Assim, ele teve overdoses, alucinações, provocou um incêndio florestal enquanto estava muito chapado, foi preso na fronteira mexicana com milhares de pílulas, beijou um milhão de lábios e se machucou de toda forma possível enquanto buscava as alturas para acenar para todos nós.

A família rezava por ele, porque sua mãe sempre dizia: "Deus tem a mão sobre ele". E assim começou a batalha de sua vida, a luta contra as drogas, com Cash implorando ajuda de Deus e depois cuspindo em sua cara quando a graça lhe era concedida, ingerindo mais pílulas até ficar novamente de joelhos. Por favor, Deus, não farei mais isso, prometo.

No clipe de "Hurt", June Carter Cash está em pé na escada e observa Cash com olhos cheios de amor. Quando se conheceram, ambos eram casados, embora uma das primeiras coisas que Cash disse tenha sido: "Ainda vou me casar com você". Ela respondeu: "Não seja estúpido". E então, anos mais tarde, a câmera prova que a id="Cash estava certo. Alguns meses depois da filmagem, ambos estavam mortos e de mãos dadas no céu. "Se June não tivesse existido, não creio que meu pai teria conseguido", afirmou a filha Cindy.

John Carter Cash e sua meia-irmã Kathy Cash recebem três prêmios, um dos quais pelo memorável videoclipe de "Hurt". O pai deles, Johnny Cash, falecera dois meses antes.

Em 1955, Cash gravou a canção "Folsom Prison Blues", que o levou a fazer shows dentro de prisões e a um de seus discos mais vendidos, *Johnny Cash at Folsom Prison*. Cash disse ao mundo que os prisioneiros também são filhos de Deus, e os encarcerados o adotaram como sendo um deles. "A reação que tive ali foi muito além de tudo o que tive na vida", observou um dia.

Na década de 1970, Cash ganhou um programa de tevê ("Johnny Cash! Uma nova forma de passar o verão!", foi como a emissora o anunciou ao país) e, novamente, ignorou as fronteiras apresentando artistas como Mahalia Jackson, Burl Ives, Kenny Rogers, Joni Mitchell, Neil Young e o jovem Stevie Wonder. Ele cantou um dueto de sua música "Get Rhythm" com Wonder.

Em "Hurt", é possível ver uma silenciosa dignidade no rosto de Cash. Segundo Bob Dylan, "Para mim, Johnny Cash era mais uma figura religiosa. Sempre foi". Muitos dos grandes e famosos se orgulhavam de cantar com ele. "É ótimo trabalhar com um verdadeiro

cantor de protesto", Dylan lhe disse um dia.

UMA INFÂNCIA QUE INCUTIU NELE EMOÇÕES CONFLITANTES, O IMPULSO DE CRER E VIVER EM DEUS CONFRONTADO PELA ÂNSIA DO ESQUECIMENTO E DA AUTODESTRUIÇÃO

Cash enfrentou Nixon, se recusando a cantar para ele "Welfare Cadillac". Também defendeu os índios norte-americanos muito antes de Marlon Brando, gravando o álbum *Bitter Tears* em 1964, lembrando os EUA do massacre de Wounded Knee, em 1890, quando trezentos índios sioux praticamente indefesos foram trucidados pela cavalaria do país. Defendeu os hippies e o estilo de vida norte-americano, o direito a afirmar qualquer coisa, independentemente do que fosse. E, de bom grado, foi ao encontro de Reagan, dizendo rezar por sua presidência. Novamente, não dando a menor bola para os limites.

Em 1977, tentou se matar usando drogas e fracassou, então passou nove anos escrevendo um livro sobre o apóstolo Paulo. Ele o batizou de *The Man in White*, por causa de sua famosa música "The Man in Black". E dessa forma atuava em diversos níveis. Dirigiu e produziu um filme sobre Jesus, *Gospel Road*, e, nos anos 1980, foi vítima das políticas corporativas das gravadoras. A CBS, para a qual trabalhou durante tanto tempo, lhe mostrou a porta dos fundos.

Cash caiu na estrada com o supergrupo The Highwaymen, formado por Cash, Willie Nelson, Waylon Jennings e Kris Kristofferson. Porém, na década de 1990, a chama da fama começou a se apagar e Cash se viu tocando para plateias com menos de cem pessoas. Foi então que Deus colocou Rick Rubin em sua vida.

Rubin era produtor de heavy metal e heavy metal rap. E abriu o famoso selo Def Jam. Rubin adorava guitarras pesadas, barulho, barba à la ZZ Top e óculos escuros. Mas já tinha tido o bastante. Naquele momento, desejava trabalhar com uma lenda, pretendia dar um jeito em deuses arruinados. E encontrou Cash.

Os discos extraordinários que Rubin e Cash gravaram nesse

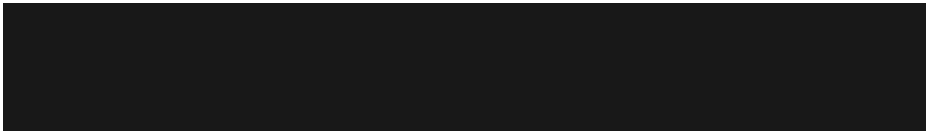
período, música perfeita e pungente baseada em seu lado sombrio, o apresentou como o verdadeiro homem de preto, o homem em busca de redenção pelos pecados cometidos na vida. E agora o amor o cercava. Em 1994, ao subir ao palco do Festival de Glastonbury, milhares de pessoas ficaram de pé, aplaudindo o artista, sua música e sua alma com um amor muito profundo. Seus olhos marejaram ao encararem aquele mar de amor; o menino da fazenda do Arkansas estava em pé em outro tipo de plantação.

A nova música de Cash mostrava um homem disposto a cantar qualquer canção de qualquer fonte, desde que transmitisse uma verdade obscura. Daí a canção "Hurt", composta por uma banda de rock pesado; daí o homem Trent Reznor; daí a filmagem extraordinária.

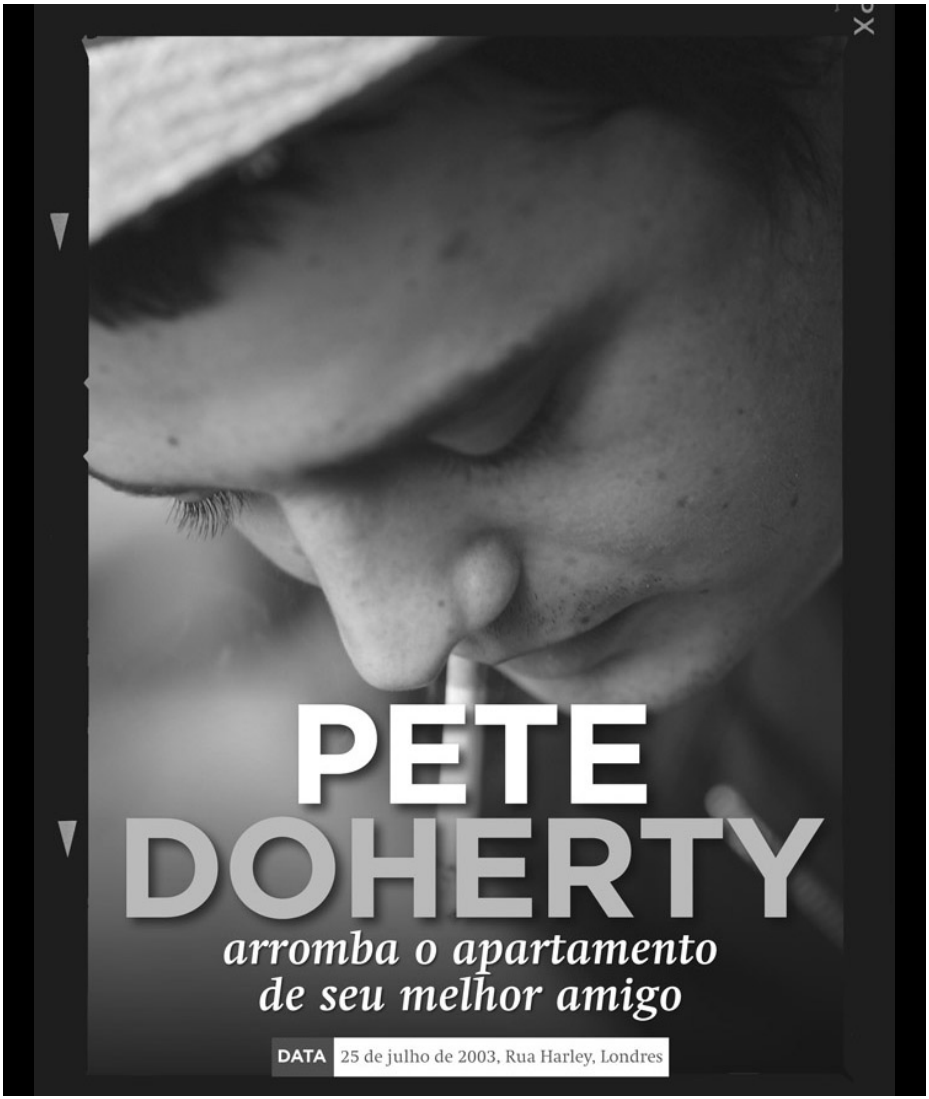
"NÃO ESTOU NEM UM POUCO PREOCUPADO COM LIMITES. APENAS SIGO MINHA CONSCIÊNCIA E MEU CORAÇÃO"

O clipe de "Hurt" faturou um Grammy e também um Country Music Award. Quanto a Johnny Cash, ele morreu em 12 de setembro de 2003. Numa de suas últimas entrevistas, declarou: "Não estou nem um pouco preocupado com limites. Apenas sigo minha consciência e meu coração. Kris Kristofferson tem uma música nova chamada 'The Heart'... Siga seu coração. É o que faço. Tenho muita compaixão porque sofri muito na vida. Qualquer um que tenha sofrido muito tem bastante compaixão. Talvez eu não tenha o bastante. Talvez às vezes eu fique de saco cheio... Já se passou muito tempo desde que eu deixei as plantações de algodão".

E agora ele estava de volta ao lugar ao qual pertencia e não sofria mais.



Johnny Cash nasceu em 26 de fevereiro de 1932, o terceiro de sete filhos. Ele foi criado numa fazendo no Arkansas. Adolescente, alistou-se na Força Aérea americana. O futuro artista serviu na Alemanha, depois voltou para casa e se casou com Vivian Liberto. Eles tiveram quatro filhas antes de se separarem. Cash desposou June Carter em 1968, e viveram juntos pelo resto da vida. Em 1954, Cash se mudou para Memphis, sendo contratado pela Sun Records. Os primeiros sucessos, como “I Walk the Line”, lhe renderam um público amplo, mas a fama lhe conferiu problemas na forma de diversos vícios. Os álbuns de maior vendagem de Cash foram gravados ao vivo nas prisões de Folsom e San Quentin. Nos anos 1970, apresentou um programa de televisão, mas, em meados da década seguinte, estava sem contrato de gravação. Ele formou a banda The Highwaymen e se juntou ao produtor Rick Rubin para produzir a série de álbuns *American*. Em seus últimos anos de vida, Cash encontrou a religião e usou livros e filmes para divulgar a palavra de Cristo. June morreu em maio de 2003. Johnny faleceu quatro meses depois, em 12 de setembro.


PETE
DOHERTY
arromba o apartamento
de seu melhor amigo
DATA 25 de julho de 2003, Rua Harley, Londres

Chegar em casa e a encontrar arrombada é uma coisa. Descobrir que quem fez isso foi seu melhor amigo, bem, é uma viagem completamente diferente. Contudo, estamos falando dos Libertines, grupo que abriu o caminho para a fama na porrada e depois fez de tudo para acabar com essa mesma fama.

Os Libertines seguiram direitinho os passos do Oasis, se apresentando como a arrogante banda de rock definitiva em termos de uso de drogas, aliado a uma atitude de quem não está nem aí. Ei, ei, nós somos os Libertines e vamos ficar completamente chapados. E você também.

O centro da banda era a relação fraterna entre o cantor e líder Carl Barât e o guitarrista Pete Doherty. Eles se conheceram na Universidade de Brunel. Barât estudava artes cênicas e conhecia a irmã de Pete. Certo dia, Doherty apareceu no campus.

"Ele tinha ido passar o fim de semana em Londres", relatou Barât posteriormente. "Havia uma audição para um grupo de teatro ou algo assim, e eu era muito ruim. E ele se levantou, fez o teste e conseguiu o papel! Depois, Doherty revelou que não era estudante e ficaram muito irritados. Eu não conseguia acreditar que aquele moleque havia passado por cima de mim! Ele era inteligente e espirituoso. Pelo menos uma vez, eu sentia ter concorrência. Alguém que eu pudesse estimular. A gente simplesmente se deu bem. Depois, Doherty se mudou para Londres e vivia me enchendo para compormos juntos. Eu não tinha a menor confiança, e ele não tinha o menor talento para a guitarra, era totalmente desafinado, mas tinha toda a confiança do mundo. Isso me inspirou."

Barât abandonou o curso e os dois encontraram um apartamento em Camden, onde começaram a compor. Para pagar o aluguel, faziam

serviços pequenos. Depois de dois anos de fitas demo e centenas de shows, a banda finalmente evoluiu. Com apoio inicial da *nme*, foram contratados pela Rough Trade Records.

O SUCESSO ESTAVA AO ALCANCE DAS MÃOS, E FOI EXATAMENTE NESSE MOMENTO QUE O GOSTO DE DOHERTY POR CRACK E HEROÍNA AUMENTOU SOBREMANEIRA

O som deles era meio punk com pitadas de clássicos do pop dos anos 1960; as letras, arraigadas no estilo mundano londrino. O compacto de estreia, "What a Waster", era cheio de palavrões, o que assustou as emissoras de rádio. Pouco importava. A reputação deles era tamanha que Mick Jones, do Clash, aceitou produzir o primeiro álbum, *Up the Bracket*. Quando chegou às lojas, só se falava nos Libertines.

BARÂT E DOHERTY TATUARAM A PALAVRA "LIBERTINE" NO BRAÇO, UM EMPREGANDO A CALIGRAFIA DO OUTRO. MAS BARÂT ESTAVA EXASPERADO

O sucesso estava ao alcance das mãos, e foi exatamente nesse momento que o gosto de Doherty por crack e heroína aumentou sobremaneira. O desejo urgente por substâncias químicas afetou não só o futuro da banda como também abalou profundamente a amizade com Carl.

Em maio de 2003, o grupo viajou a Nova York em uma turnê promocional, levando consigo uma nova safra de canções. Numa tentativa de dar um jeito na amizade, Barât e Doherty decidiram tatuar a palavra "Libertine" no braço, um empregando a caligrafia do outro. Mas Barât estava exasperado com o amigo. Todos os integrantes curtiam uma farra, mas Doherty estava perdendo o controle. Por fim, Barât deixou o estúdio e voltou para Londres. Então, o guitarrista

pegou as fitas e deu para um fã, pedindo para divulgá-las de graça na internet.

Ao voltar para o Reino Unido, Doherty, ciente da crescente desaprovação do amigo, começou a organizar os próprios shows. Ele tocava no apartamento das pessoas, na sala, em bares minúsculos. E também começou a publicar suas reflexões no site da banda, com o humor variando entre a raiva e a tranquilidade.

Uma nova música, "Don't Look Back into the Sun", estava prevista para ser lançada e a banda voltou ao estúdio. Doherty se ausentava a maior parte do tempo, mas, em uma tentativa de se desculpar, organizou um show para comemorar o aniversário de Barât. O evento ocorreu uma noite antes do início de uma turnê europeia. Barât não apareceu. Então, no dia seguinte, Doherty não deu as caras para a turnê.

"Eu me distanciei de Pete assim que as drogas surgiram", Barât declarou mais tarde à revista *Word*. "Ele não apareceu para a turnê... porque não fui ao show de merda que ele organizou no meu aniversário. Eu falei para ele que faria minha festa de aniversário; Doherty mandou que eu encerrasse a festa bem cedo. Eu respondi que não dava. Todo mundo me perguntava por que eu estava correndo para uma boca de crack no East End justo no meu aniversário."

A banda arrumou um *roadie* para tocar na turnê e Doherty agiu como todo bom amigo nesse tipo de situação: arrombou o apartamento de Barât na Rua Harley. Pete foi preso e condenado a seis meses. O guitarrista foi cumprir sua sentença na prisão de Wandsworth, mas, graças à apelação, a pena foi reduzida para dois meses. Quando saiu, havia um homem à sua espera no portão da prisão: Carl Barât. Os dois se abraçaram e pegaram outros membros do grupo, seguindo para Kent, onde fariam um show em um pequeno bar. Graças ao tempo na prisão, Doherty estava desintoxicado e podia se concentrar na banda.

Em dezembro, tocaram em três shows que tiveram os ingressos esgotados em Londres e, no ano seguinte, levaram a cabo uma turnê de grande sucesso. Tudo ia bem, de vento em popa. Então, Doherty começou a usar heroína. Barât não tinha escolha, e disse a Doherty

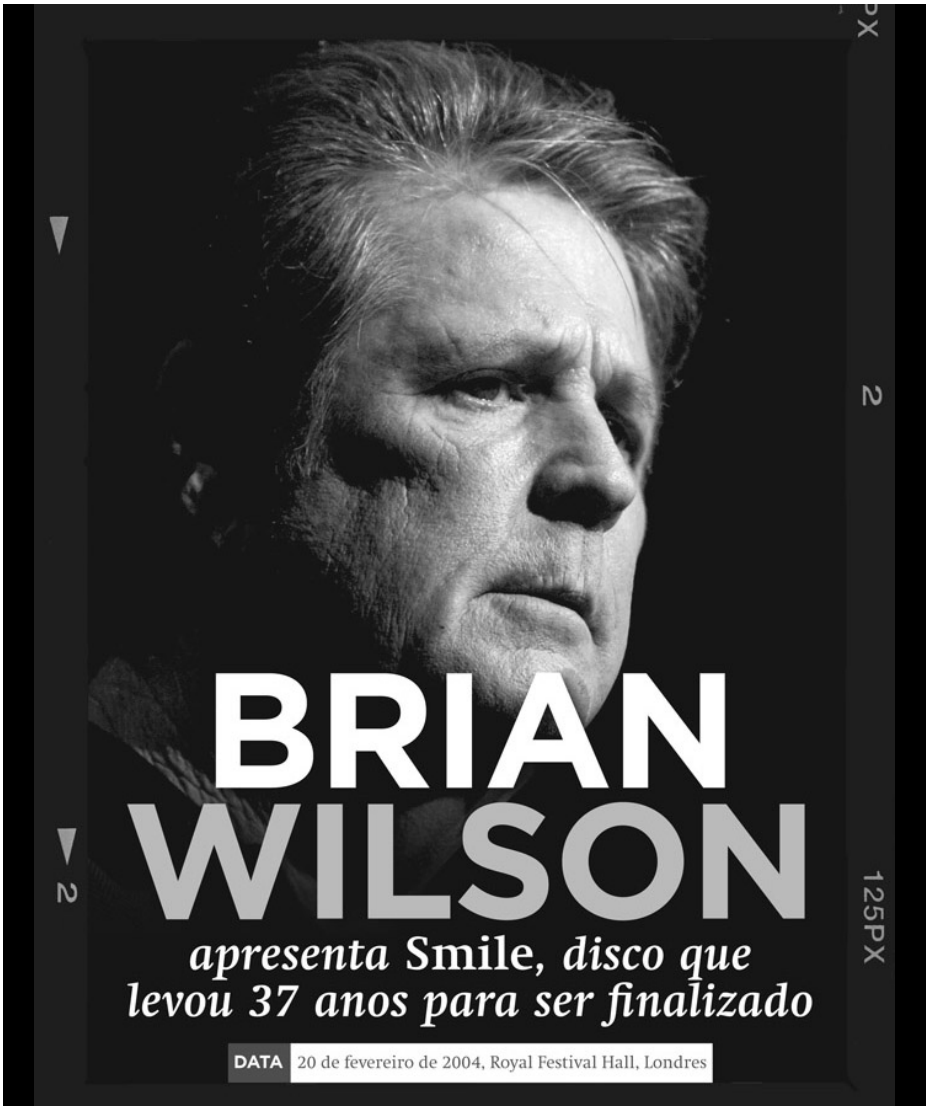
que ele estava fora da banda até ficar limpo. O fim estava próximo. O guitarrista formou o grupo Babyshambles, que, apesar do uso de drogas, recebeu elogios da crítica e teve sucesso.

QUANDO ELE SAIU DA PRISÃO, HAVIA UM HOMEM À SUA ESPERA NO PORTÃO: CARL BARÂT

Barât botou um ponto final nos Libertines e criou o Dirty Pretty Things. Então, ele e Doherty começaram a se trombar em shows ou bares. Eles se abraçavam, conversavam, bebiam e se separavam. Começaram a rolar boatos, que se tornaram fatos em 2009, quando a banda se reuniu para tocar nos festivais de Leeds e Reading. Pelo trabalho, eles receberam uma bela bolada: 1,5 milhão de libras. A exemplo de sua música, a amizade sobreviveu e os bens de Barât estão a salvo. Por ora.

Peter Doherty nasceu em 12 de março de 1979. Seu pai era oficial do Exército britânico, e o menino passou a infância mudando de uma guarnição militar para outra. Ele se destacou na escola antes de ir morar na casa da avó, em Londres. Doherty trabalhou como coveiro, depois se juntou ao amigo Carl Barât para formar os Libertines. O grupo lançou dois álbuns aclamados pela crítica (*Up the Bracket* e *The Libertines*) e levou a cabo uma turnê em estádios antes de os problemas de Doherty com as drogas levarem ao fim da banda. O guitarrista seguiu em frente e

formou os Babyshambles, cuja popularidade viria superar a dos Libertines. A banda lançou dois álbuns que ficaram entre os dez mais vendidos, *Down in Albion* e *Shotter's Nation*, e uma série de músicas de sucesso, para, em 2007, sair em turnê por grandes estádios. Ele também publicou o livro *The Book of Albion* e realizou uma exposição de obras de arte. Doherty também ficou conhecido por namorar a modelo Kate Moss e foi garoto-propaganda de uma campanha do estilista Roberto Cavalli. Além de cumprir pena por arrombamento, compareceu diversas vezes aos tribunais por delitos ligados a drogas e infrações de trânsito.


BRIAN
WILSON
apresenta Smile, disco que
levou 37 anos para ser finalizado
DATA 20 de fevereiro de 2004, Royal Festival Hall, Londres

Algo memorável aconteceu em 20 de fevereiro de 2004. Brian Wilson se apresentou em Londres. Foi a estreia ao vivo do disco *Smile*, iniciado em 1966 e deixado de lado por 37 anos. A jornada entre um estúdio na Califórnia e uma das casas de espetáculos mais famosas de Londres é um dos episódios mais míticos e intricados da história da música.

Smile, originalmente intitulado *Dumb Angel*, foi concebido como um álbum que celebraria o poder de cura do riso. Já existiu um disco batizado de forma tão irônica? *Smile* levou Brian Wilson ao limite da razão e a um vácuo que terminou por deixá-lo na cama por quatro anos. Seriam necessárias quase quatro décadas antes de ele conseguir reunir forças para finalizar o trabalho iniciado tantos anos antes.

Brian Wilson formou os Beach Boys em 1961. Eles alcançaram a fama com uma série de canções fáceis glorificando o mundo do surfe de Los Angeles. As primeiras gravações ostentavam títulos como "Surfin'", "Surfin' Safari", "Surfin' USA" e "Surfer Girl". Embora o baterista, Dennis Wilson, fosse o único surfista do grupo, os Beach Boys extraíram tudo que podiam desse cenário.

Em 1964, Brian Wilson estava entediado com música sobre surfe e odiava participar de turnês. Então decidiu permanecer no estúdio, compondo e produzindo. Ele ambicionava superar o produtor Phil Spector, o que não seria alcançado ocupando um palco do outro lado do mundo. "Spector sempre foi grandioso para mim", declarou certo dia ao repórter Jules Siegel. "Eu ouvi aquela canção ['Be My Baby'] e soube que aquilo era entre ele e eu. Eu sabia exatamente onde ele estava..."

“APRENDI MUITAS COISAS COM O LSD, COMO PACIÊNCIA, COMPREENSÃO. CONSIDERO ISSO UMA EXPERIÊNCIA MUITO RELIGIOSA”

Wilson começou então a trabalhar em um som muito mais sofisticado e experimental, auxiliado pelo uso de LSD. Ele ingeriu a droga pela primeira vez em 1965 e declarou ao repórter Tom Nolan: “Eu aprendi muitas coisas, como paciência, compreensão. Não sei ensinar nem contar o que aprendi ao usar a droga, mas considero isso uma experiência muito religiosa”. De acordo com Wilson, a espiritualidade seria um elemento essencial de suas composições futuras.

Após 35 anos de espera, o disco mais aguardado da história da música tem sua estreia em Londres, com Brian Wilson. Paul McCartney era um dos sortudos entre os poucos milhares na plateia.

Ele começou a trabalhar em *Pet Sounds* em novembro de 1965. O álbum exigiu grande esforço de todos os envolvidos. Como Mike Love, vocalista dos Beach Boys, diria: “Nós trabalhamos mais e mais nas harmonias, e, se houvesse o menor indício de um sustenido ou bemol, não rolava. Repetíamos até ficar certo. [Brian] ia atrás de qualquer nuance sutil na qual se pudesse pensar. Cada voz precisava estar correta, sua ressonância e tonalidade tinham de estar certas. O andamento precisava estar correto. O timbre das vozes tinha de ser o correto, de acordo com o que ele sentia. E, no dia seguinte, ele podia muito bem jogar tudo aquilo fora e nós tínhamos de refazer tudo.”

Ao mesmo tempo, Brian estava compondo “Good Vibrations” e “God Only Knows”, duas obras-primas que comprovam sua enorme capacidade musical. Após a conclusão de *Pet Sounds*, em abril, ele se recusou a descansar, trabalhando mais noventa horas no estúdio para finalizar “God Only Knows”. Incrivelmente, *Pet Sounds* não teve boas

vendas, embora sua influência fosse enorme. Paul McCartney afirmou a jornalistas que o álbum “me deixou de queixo caído”. Em resposta direta a *Pet Sounds*, McCartney deu início ao disco que viria a ser *Sergeant Pepper*.

Enquanto isso, Wilson já estava dando início ao sucessor de *Pet Sounds*. “Good Vibrations” criara o modelo a ser utilizado por ele. Com confiança e capacidade incríveis, a composição mudava de andamento, instrumentação e clima. O objetivo de seu criador era simples: engendrar um estilo novo em folha de música pop... O método consistia em criar maravilhosos fragmentos de música. Depois, ele os deixava de lado, com a ideia de juntar todas as peças mais tarde. Wilson convidou o compositor e músico Van Dyke Parks para o acompanhar nessa jornada. Uma de suas primeiras composições juntos se chamava “Heroes and Villains”. Eles ainda trabalhavam nela oito meses depois.

“Estou compondo uma sinfonia adolescente para Deus”, afirmou Wilson a um amigo durante a produção do álbum. Dada sua busca pela perfeição, o aumento no consumo de drogas e tais anúncios grandiosos, não é difícil compreender por que a gravação de *Smile* continuava longe de ser tranquila.

E os métodos de trabalho eram bizarros. Enquanto cuidava da faixa “Fire”, ele insistia para todos os músicos usarem chapéus de bombeiro. No dia seguinte, soube que, durante a gravação, irromperam diversos incêndios em Los Angeles. Convencido de que a música motivara o fogo, ele logo engavetou a canção.

Com cerca de duas dúzias de fragmentos finalizados, Brian tratou de montar o álbum como um todo. Enquanto isso, os outros Beach Boys acompanhavam angustiados. Para eles, as sessões de *Smile* eram uma afronta. Pretendiam recuperar a grande perda gerada por *Pet Sounds* com uma abordagem mais comercial. Em vez disso, a música de Brian se tornou ainda mais esquisita.

Em 1967, os Beach Boys processaram a gravadora devido a *royalties* não pagos. *Smile* foi pego em meio a esse processo. A banda o usou como moeda de troca e a Capitol reagiu dizendo que não lançariam o álbum. Um impasse se estabeleceu. Dois meses depois,

exaurido pelo trabalho e pelo consumo de drogas, Brian anunciou que abandonaria o projeto. Ele se encontrava à beira de um sério colapso e não conseguia seguir em frente.

WILSON COMEÇOU ENTÃO A TRABALHAR EM UM SOM MUITO MAIS SOFISTICADO E EXPERIMENTAL, AUXILIADO PELO USO DE LSD

Brian se recolheu e afirmou aos demais integrantes que outra pessoa teria de lidar com a bagunça. Sem o líder, a banda estava perdida. O primeiro passo foi lógico: fazer as pazes com a Capitol. Na sequência, começaram a tentar juntar as peças musicais criadas por Brian. Não adiantava, eram como cegos tentando montar um quebra-cabeça.

Em julho de 1967, "Heroes and Villains" chegou às lojas, mas não na forma imaginada por Brian. O compacto foi acompanhado, em setembro, pelo álbum *Smiley Smile*, uma colcha de retalhos composta pelas fitas originais do líder combinadas com as sugestões do grupo. Momentos geniais se enfileiravam ao lado de músicas completamente fora de contexto. O disco não tinha coesão e ficou perdido entre dois nichos: esquisito demais para o público adolescente e nem sequer cogitado pelos hippies, que consideravam os Beach Boys – para usar a memorável frase de um dos membros do grupo – "um bando de Doris Days surfistas".

WILSON CONVIDOU O COMPOSITOR E MÚSICO **VAN DYKE PARKS** PARA O ÁLBUM. UMA DE SUAS PRIMEIRAS COMPOSIÇÕES JUNTOS SE CHAMAVA "HEROES AND VILLAINS". ELES AINDA TRABALHAVAM NELA OITO MESES DEPOIS

Enquanto isso, Brian enfrentava um sério declínio. Ele ganhou muito peso e perdeu o interesse pela música. Apenas vez ou outra o

artista comparecia às sessões de gravações, preferindo ficar em casa, escondido do mundo.

Em 1975, a esposa de Brian, Marilyn, contratou o psicólogo Eugene Landy para trabalhar com o marido. Recorrendo a uma terapia incomum de 24 horas, que controlava todos os aspectos da vida do músico, Landy conseguiu reduzir o uso de drogas e melhorar a saúde de Brian como um todo. Entretanto, muitos consideravam que o programa estava isolando o músico, permitindo ao psicólogo exercer uma influência nada saudável sobre o cantor. Landy participou de contratos comerciais com o paciente, além de se tornar "diretor criativo".

Todavia, lentamente, Brian começou a se recuperar. Ele estava junto com os Beach Boys durante a apresentação no Live Aid, em 1985, e, em 1988, lançou o primeiro disco solo. Em 1990, lançou o livro de memórias *Wouldn't It Be Nice,* no qual relatou franca e comoventemente o conturbado relacionamento com o pai e a subsequente conduta com os filhos. No entanto, entre os membros da banda, as preocupações em relação a Brian não cessavam. Embora ele houvesse parado de usar drogas ilegais e perdido bastante peso, ele reclamava das vozes dentro de sua cabeça. Para muitos, Landy prescrevia medicação em excesso.

Em 1989, após várias reclamações, Landy foi chamado a se defender diante do órgão responsável pela qualidade do serviço médico na Califórnia. Logo depois, teve o diploma cassado.

Enquanto isso, Brian Wilson se juntou aos Wondermints, que se tornou sua banda de apoio. Conjunto formado por dez jovens instrumentistas fanáticos pelo compositor, eles se apresentaram mundo afora tocando suas principais músicas e o álbum *Pet Sounds* na íntegra. A reação foi arrebatadora. Brian ouviu pedidos para ressuscitar *Smile*. Após muita discussão, ele concordou.

A versão ao vivo de *Smile* estreou no Royal Festival Hall, em Londres. Todo mundo compareceu, inclusive Paul McCartney. "Então, quão bom é *Smile*, o grande ciclo perdido de canções que Brian Wilson deixou o mundo esperando 37 anos para ouvir?", perguntou o crítico Richard Williams em sua resenha. "É melhor do que qualquer um

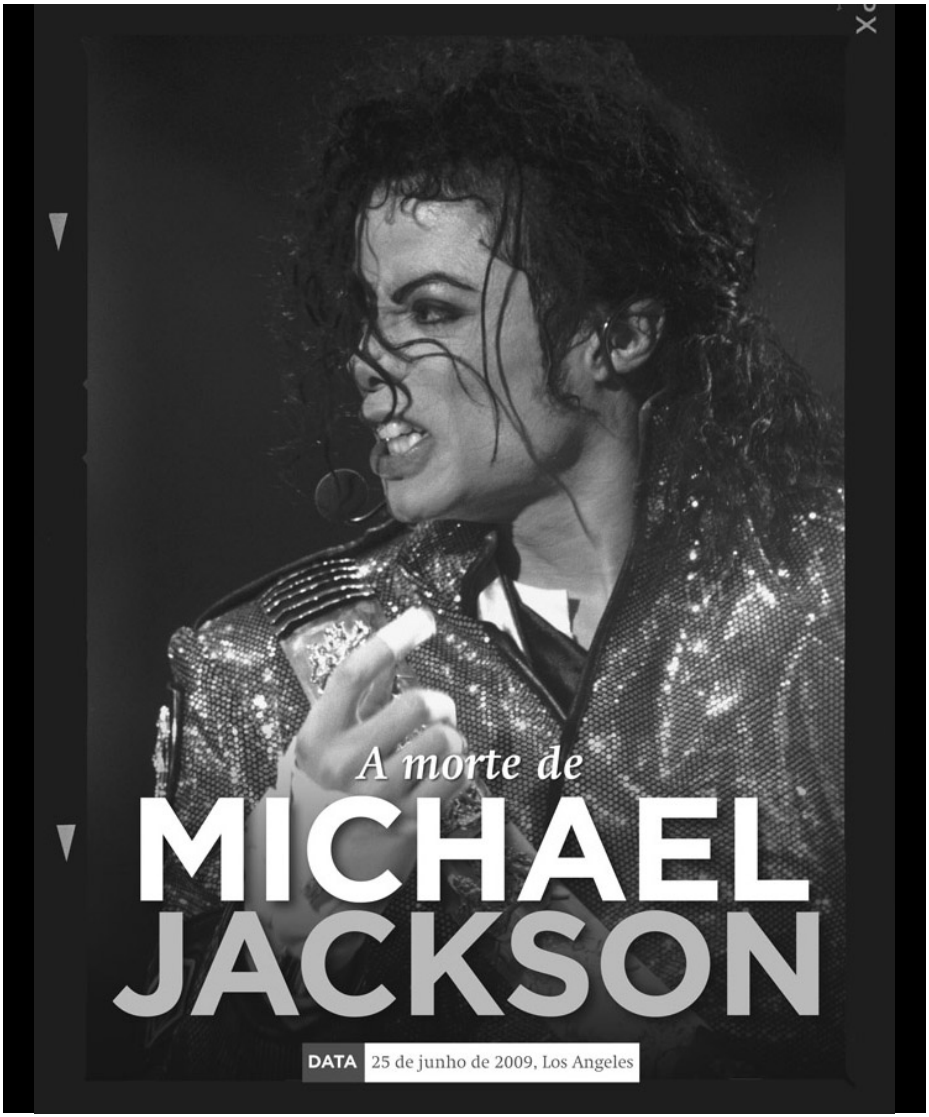
ousou esperar.”

ENQUANTO TRABALHAVA NUMA FAIXA CHAMADA “FIRE”, ELE INSISTIA PARA TODOS OS MÚSICOS USAREM CHAPÉUS DE BOMBEIRO

O disco demorou muitos anos para ficar pronto, mas ficou. Em abril de 2004, Brian Wilson e sua banda gravaram *Smile* utilizando as fitas originais de estúdio. Novamente, as críticas foram entusiásticas. A visão musical que Wilson tentara concretizar se tornara realidade. Além disso, o álbum finalmente se tornara capaz de fazer aquilo com que seu criador sempre sonhara: fazer o mundo sorrir.

Brian Douglas Wilson nasceu em Inglewood, Califórnia, em 20 de junho de 1942. Com 1 ano de idade já demonstrava grande talento musical. Na escola, cantou com vários grupos e aprendeu a tocar piano. Com os irmãos Carl e Dennis, formou os Beach Boys e, em um ano, as canções sobre a cultura surfista estavam nas paradas. Wilson ficou insatisfeito com o estilo da música e tratou logo de diversificar. Os compactos e álbuns notáveis desse período incluem *Pet Sounds*, “God Only Knows” e “Good Vibrations”. Após um colapso nervoso nos anos 1960, Brian se afastou do público durante muitos anos. Ele ressurgiu no fim da década de 1970, quando lançou discos solo e fez participações esporádicas com os Beach Boys. Saiu em carreira solo no fim dos anos 1980 e, após anos de triunfo em turnê com os álbuns *Pet Sounds* e *Smile*, Brian recuperou seu público. Em agosto de 2010, lançou um disco com clássicos de Gershwin: *Brian Wilson* Re-Imagines Gershwin. O álbum foi

malhado pela crítica.


A morte de
MICHAEL
JACKSON
DATA 25 de junho de 2009, Los Angeles

O mundo nunca está preparado para a possibilidade de o destino atingir os deuses que nós mesmos criamos. O sucesso parece impedir todas as adversidades. E então a morte mostra o nosso equívoco – seja com Elvis Presley ou com o chamado Peter Pan do pop, Michael Jackson. No dia 25 de junho de 2009, ele foi encontrado morto na mansão em que vivia em Los Angeles. Todas as tentativas de ressuscitá-lo, primeiro de seu médico, depois dos paramédicos, fracassaram.

Presley e Jackson tinham muito em comum: a fama, o isolamento, o comportamento singular que isso desencadeou. Ainda assim, dos dois falecimentos, o de Jackson causou mais surpresa. Quando o coração de Elvis parou, ele era praticamente um recluso, um homem escondido do mundo, alguém que sabia que tinha feito de tudo. Jackson, por sua vez, se preparava para um retorno amplamente divulgado, para se envolver novamente com o mundo, e se ocupava com os preparativos de uma série de cinquenta shows em Londres. Era relativamente jovem, com apenas 50 anos, tentando publicamente dar um jeito numa carreira que descarrilou de forma espetacular.

Em 1985, Michael Jackson era o maior astro do planeta. Havia vendido cinquenta milhões de cópias do álbum *Thriller*, apresentando-se para públicos gigantescos no mundo todo. Ele era a sensação cantante e dançante cujas canções arrebataram todo o mundo. Os concertos eram *tours de force* do entretenimento moderno, e sua imagem, limpa e inocente – o rapaz que não gastava dinheiro com drogas, fãs e excessos, mas em um parque de diversões no quintal de casa onde criancinhas podiam vir e brincar inocentemente ao sol.

O SUCESSO CRIA ESPELHOS QUE NUNCA REVELAM A VERDADE, NEM PARA O ARTISTA NEM PARA OS FÃS

O sucesso nos engana. Cria espelhos que nunca revelam a verdade, nem para o artista nem para os fãs. Na verdade, na época de seu falecimento, Michael Jackson era viciado em medicamentos como Percodan, Demerol, Valium, Xanax e Ativan. Ele gastara a maior parte de sua fortuna, acumulara dívidas de milhões e, pior, existiam acusações de abuso contra crianças pairando inquietantemente ao seu redor.

A infância de Michael foi um pesadelo dominado por dois elementos assustadores: a brutalidade do pai e o brilho inflexível do sucesso. O oitavo de dez filhos, Michael foi criado em uma pequena casa em Gary, Indiana. Seu pai, Joseph, foi guitarrista da banda The Falcons, mas deixou as ambições musicais de lado quando se casou com Katherine Esther Scruse. Em vez disso, dedicou-se a criar um grupo familiar para conquistar o sucesso que, a seu ver, poderia ter sido seu.

Michael rapidamente se tornou parte do estratagema. Desde tenra idade, ele demonstrava grande talento. A avó se lembra da bela cantoria do neto aos 3 anos e de sua aptidão para a dança. Ainda assim, não era o bastante para ganhar o amor do pai severo. Joe costumava bater nos filhos com cintos pesados e chicotes, além de submetê-los a agressões verbais sobre sua personalidade. Mais tarde, durante entrevista, Michael falaria sobre as surras terríveis, mas também reconheceria o olho clínico do pai para o que funcionava com a plateia, seu talento para montar uma banda de sucesso.

Michael se sentia próximo da mãe, impotente diante da violência do marido. O Jackson Five surgiu em 1964. Michael tinha 6 anos e tocava conga e pandeiro. Ele se juntou aos irmãos Tito, Marlon, Jackie e Jermaine e, dois anos depois, foi promovido a vocalista principal. Os irmãos venceram um concurso de calouros local apresentando o clássico “I Got You (I Feel Good)”, de James Brown. Espalhou-se a notícia sobre um grupo formado por irmãos e liderado por um jovem vocalista fantástico, chegando aos ouvidos da cantora Gladys Knight,

então contratada da Motown. Ela deu um jeito de os executivos da gravadora assistirem à banda em Chicago, mas sua gentileza não deu em nada.

Foi quando os irmãos abriram para outros artistas da Motown, Bobby Taylor and the Vancouvers, que as engrenagens começaram a girar. Após sua apresentação, Bobby Taylor se dirigiu a um telefone público e ligou para a gravadora, insistindo para que fizessem uma audição com o Jackson Five. Em julho de 1968, o grupo foi a Detroit e encontrou Ralph Seltzer e Suzanne de Passe, dois mandachuvas da Motown. Quando soube que Berry Gordy não estaria presente, Joe Jackson quase levou os meninos de volta para casa. Mas conseguiram convencê-lo e os garotos cantaram "I Got the Feelin'", de James Brown, e "Who's Lovin' You", de Smokey Robinson.

O filme da audição foi enviado a Gordy. Três dias depois, o Jackson Five era contratado pela Motown e então se tornou o primeiro grupo da história a ter os quatro primeiros compactos – "I Want You Back", "ABC", "The Love You Save" e "I'll Be There" – no primeiro lugar da Billboard.

Aos 10 anos, Michael liderava essas gravações, sua voz era uma maravilha para além de sua idade. Ele sabia instintivamente como arrebatar o público. Aonde quer que fosse, era cercado por multidões – em aeroportos, hotéis, shows. Uma vez, duas fãs agarraram as pontas opostas de seu cachecol, quase o asfixiando.

Michael tinha tudo – menos infância. Mais tarde, revelaria melancolicamente que olhava através das janelas do estúdio, via crianças brincando contentes nos parques e desejava, mais do que tudo, poder estar ali também.

MICHAEL TINHA TUDO, MENOS INFÂNCIA. MELANCOLICAMENTE, ELE REVELARIA QUE VIA CRIANÇAS BRINCANDO NOS PARQUES E DESEJAVA PODER ESTAR ALI

Entretanto, as exigências do pai e da gravadora vinham em

primeiro lugar. Durante sete anos, a banda gravou, fez turnês e viu a popularidade cair, subir e cair novamente. Em turnê, Joe transava com outras mulheres, muitas vezes no quarto ao lado do dos filhos. Eles se deitavam e tentavam não pensar muito na mãe em casa, a mãe que tanto amavam.

Katherine via o colarinho das camisas do marido sujo de batom, ouvia as namoradas telefonando para sua casa e dizia: “Já chega, estou indo embora”. Então, ele se tornava gentil, manso, beijava seus dedos e a convencia a ficar. E ela pensava que aquele não era o homem que tratava os filhos e a ela tão mal, mas o homem que amava, e então retribuía o beijo.

Em grandes escritórios, planos eram traçados. Michael era o responsável pelos lucros, sendo incentivado a gravar álbuns solo e a participar de filmes bobos como *O mágico inesquecível*. O filme fracassou, mas houve um lado positivo. Foi por meio dele que Michael conheceu o produtor Quincy Jones, que procurou quando começou a planejar seu primeiro disco solo maduro, *Off the Wall*.

Jones adorou trabalhar com Jackson. Ao contrário de outros cantores que produzira, Michael era disciplinado, envolvido. Chegava todo dia preparado para trabalhar. A dedicação valeu a pena. *Off the Wall* cortou todos os laços de Jackson com a personalidade de astro mirim e o colocou em campo com os profissionais. Os vocais eram joviais e convincentes, e a música trazia a sofisticação de Nova York: discoteca com toques cheios de sentimento. Na capa, ele sorria de smoking, um jovem instruído e conhecedor do mundo.

Mais uma vez a distorção. Na verdade, Jackson era introvertido, extremamente tímido. Ele se preocupava com o visual, a família, a falta de experiência sexual. Fez uma cirurgia plástica no nariz, isolou-se ainda mais ao deixar a casa da família e começou a se maquiar, atitude corajosa para um cantor negro.

Só que Jackson não era negro nem branco, como o novo álbum, *Thriller,* estava prestes a demonstrar. Lançado em dezembro de 1982, *Thriller* era um disco brilhante, mais apoiado no pop que no soul, mais baseado em formas atraentes que em significado profundo. Foi o segundo compacto do álbum, “Billie Jean”, que o colocou nos livros

de história. “Billie Jean” é uma música dançante sombria e taciturna, inspirada em uma série de cartas recebidas por Michael de uma fã, que alegava ser mãe de um filho dele. Como nesse ponto da vida ele se retraía a qualquer contato feminino, a afirmativa era risível. Contudo, inspirou uma canção que lhe permitiu se apresentar como o astro obrigado a lidar com fãs problemáticas. Novamente a distorção. Uma prostituta enviada por engano ao seu camarim lhe contou sobre um homem incapaz de tocar, desejando apenas conversar. Ela disse: “Ah, você é um desses...”

A banda Jackson Five dança em um programa de tevê nos EUA, em 1969. A exuberância e a inocência logo seriam substituídas por disputas comerciais, transtornos familiares e, por fim, uma enorme tragédia.

À época de *Thriller*, a Motown estava ocupada organizando um programa de televisão para comemorar seu vigésimo quinto aniversário. Berry Gordy pediu pessoalmente que Michael comparecesse com os irmãos, como Jackson Five. Michael se recusou; ele havia se afastado deles. No entanto, fez uma proposta a Gordy. Ele participaria como artista solo, mas somente se pudesse cantar "Billie Jean". "Cante também com seus irmãos e negócio fechado", foi a resposta.

A apresentação de Michael naquela noite foi extraordinária. Ele alcançou um patamar inédito. Sua dança era maleável, fluida, cheia de paixão e artimanhas. Sua energia maravilhou milhões de pessoas – incluindo Fred Astaire, que lhe telefonou no dia seguinte e classificou sua apresentação como a de um bailarino furioso.

O compacto disparou para o primeiro lugar e *Thriller* começou a vender milhões. Jackson estava no topo. Sorria para a câmera, sorria para os fãs, tudo muito bom, tudo muito bem.

Enquanto o mundo era encorajado a encará-lo como um conto de fadas moderno, as histórias estranhas começaram a surgir. No rancho Neverland, em Encino, Califórnia, ele construiu um parque de diversões. Seu melhor amigo era o macaco Bubbles. Michael levou Bubbles a seu primeiro encontro com Elizabeth Taylor, atriz com quem manteria uma amizade próxima. Uma vez, contratou atores para interpretarem *Branca de Neve e os sete anões* na sala de estar. Aparecia em público com uma máscara no rosto. Sua aparência física começou a mudar: a pele se tornou mais clara e muitos julgaram ser efeito de um clareamento, embora o artista tenha afirmado posteriormente, durante entrevista a Oprah Winfrey, sofrer de vitiligo, doença que provoca manchas brancas na pele. A questão gerava dúvidas, mas não era perigosa nem sombria. Então, surgiu Jordan Chandler.

Em 1984, Jordan, então com 4 anos de idade, mandou uma carta a Michael. O astro respondeu no dia seguinte e, cinco anos depois, eles se conheceram e se tornaram bons amigos. Jordan e sua mãe, June, passavam noites em Neverland. Muitas vezes, Michael e Jordan dormiam na mesma cama, enquanto a mãe e a irmã do menino dormiam no quarto ao lado.

A QUESTÃO GERAVA DÚVIDAS, MAS NÃO ERA PERIGOSA NEM SOMBRIA. ENTÃO, SURGIU JORDAN CHANDLER

Por fim, o inevitável aconteceu. A família Chandler alegou abuso sexual e, após um prolongado período, Jackson lhes pagou 22 milhões de dólares. Pouco depois, casou-se com Lisa Marie Presley, filha de Elvis, juntando dessa forma duas das maiores famílias da música. O casamento mal durou dois anos. Apesar de Lisa declarar que o casal tinha uma vida sexual ativa, muitos consideravam o matrimônio um embuste para encobrir a obsessão de Michael por crianças. Também por volta dessa época, começou o vício em remédios. Ele ainda os

ingeria feito louco no dia de sua morte.

Em 1996, Michael desposou Debbie Rowe, enfermeira dermatológica, com quem teve dois filhos, Prince Michael e Paris. Quando o padre autorizou que ele beijasse a noiva, o cantor deu apenas um beijinho na bochecha dela. O casal se separou depois de três anos.

Em 2003, Michael concedeu uma série de entrevistas ao jornalista britânico Martin Bashir para um documentário. Nas gravações, ele aparece de mãos dadas com um adolescente e é ouvido fazendo planos para dormir com ele. O documentário foi exibido, a polícia invadiu sua casa e ele foi acusado de abuso sexual de menor. Em 2005, o astro enfrentou um julgamento de cinco meses, sendo inocentado de todas as acusações. Todavia, antes de recuperar o fôlego, chegaram mais notícias ruins. Sua adorada propriedade, Neverland, seria fechada.

Relatos de dívidas que somavam milhões de dólares começaram a surgir. Apesar do enorme sucesso de discos como *Bad*, *Dangerous* e *History* e das turnês, que lhe renderiam mais de cem milhões de dólares de uma vez, o cantor enfrentava apuros financeiros. Era espantoso pensar que um homem só fosse capaz de gastar tanto dinheiro.

Ainda assim, Michael não se deixou abalar. Ele conseguiu levantar milhões dando como garantia bens como o catálogo dos Beatles. Só havia um problema: tais ativos logo se esgotariam. Então, houve o anúncio de cinquenta shows em Londres e, com eles, a perspectiva de dinheiro suficiente para liquidar as dívidas.

Entretanto, a disciplina tão admirada por Quincy Jones estava sumindo. Ele perdia dias de ensaio alegando estar doente e tomava medicamentos para todos os tipos de enfermidades, de dores a insônia.

O médico pessoal de Michael, Conrad Murray, lhe deu propofol, droga empregada para sedar pacientes prestes a serem operados – para se ter uma ideia de como o cantor estava infeliz. No fim, ele não ambicionava nem riqueza nem prazer, desejava apenas permanecer apagado, pois no sono, na mais sombria das escuridões, encontrava uma paz indisponível em qualquer outro lugar...

Quando começou a circular o boato de seu falecimento, o Google foi tão acessado que a empresa acreditou piamente estar sob ataque. O funeral televisionado de Michael atraiu um bilhão de telespectadores.

Michael Joseph Jackson nasceu em 29 de agosto de 1958. Aos 6 anos de idade, Michael cantava e se apresentava com a banda dos irmãos, Jackson Five, em sua cidade natal, Gary, Indiana. Em 1968, foram contratados pela Motown. O impacto foi imediato. Os quatro primeiros compactos – "I Want You Back", "ABC", "The Love You Save" e "I'll Be There" – ocuparam o primeiro lugar, um recorde nas paradas ainda inigualado. Ciente da imensa popularidade de Michael entre os fãs, a Motown gravou discos solo dele, atitude que desencadeou divergências internas fatais. O grupo se separou e, a partir de 1977, Michael se concentrou na carreira solo. O álbum de 1982, *Thriller*, se tornou o mais vendido de todos os tempos, e os seguintes – *Dangerous* e *Bad* – também tiveram venda muito expressiva. Michael foi acusado de abusar sexualmente de crianças. Ele foi preso em 2005, compareceu ao tribunal e foi declarado inocente. Apesar de ganhar diversos prêmios e louvores, nunca deixou de ser um indivíduo problemático, recorrendo a quantidades imensas de medicamentos. Ele morreu de ataque cardíaco no dia 25 de junho de 2009, aos 50 anos.

PARIS, FILHA DE MICHAEL, FEZ O MUNDO CHORAR AO DECLARAR BREVEMENTE QUE SEU PAI ERA "O MELHOR DE TODOS"

Durante o funeral, viu-se o mesmo de sempre. O pai tentou promover seu novo negócio. Astros como Stevie Wonder e Jermaine, irmão de Michael, cantaram. Berry Gordy e Smokey Robinson proferiram discursos fúnebres, e Paris, filha do astro, fez o mundo chorar ao declarar brevemente que seu pai era "o melhor de todos. Eu só queria dizer que o amava".

A Sony Records esperou um tempo respeitável e fechou um contrato com o espólio, no qual, alegadamente, pagou mais de 250 milhões de dólares por sete álbuns póstumos. Para os sábios e entendidos, morrer foi o melhor ato de Michael Jackson. Um argumento que não deixa de ter certa verdade.

No dia seguinte ao falecimento de Michael, os discos que vegetavam no setor de promoções de repente decolaram nas paradas. O documentário *This Is It*, filmado enquanto o astro preparava a turnê de retorno, teve ótima bilheteria no mundo inteiro. Michael estava de volta ao topo e a sete palmos do chão.

* * * * *

Este livro começou com a história de um homem chamado Elvis, a quem foram entregues as chaves do mundo e que lidou com esse fato tomando remédio em cima de remédio, vindo finalmente a falecer. Entre o compacto revolucionário de Elvis, em 1956, e a morte de Michael Jackson, em 2009, mais de meio século se passou. E, nessas cinco décadas, houve diferentes trilhas sonoras e personagens, mas uma coisa é constante: a música permanece a mesma.

BIBLIOGRAFIA

ABBOT, Kingsley. *Back to the Beach: A Brian Wilson and Beach Boys Reader*. Helter Skelter, 2003.

BOOTH, Stanley. *The True Adventures of the Rolling Stones*. A Capella, 1984.

BORDIWITZ, Hank. *The Bob Marley Reader*. Da Capo Press, 2004.

BROWN, Peter. *The Love You Make: An Insider's Story of the Beatles*. McGraw Hill, 1983.

COLEMAN, Ray. *John Lennon*. Futura, 1985.

CROSS, Charles R. *Mais pesado que o céu: uma biografia de Kurt Cobain*. São Paulo: Globo, 2002.

DENSMORE, John. *Riders on the Storm*. Bloomsbury, 1991.

EDMONDS, Ben. *Marvin Gaye: What's Going On and the Last Days of the Motown Sound*. Mojo/Canongate, 2001.

ELSNER, Constanze. *Stevie Wonder*. Everest Books, 1977.

GEORGE, Boy. *Take It Like a Man*. HarperCollins, 1995.

GEORGE, Nelson. *Where Did Our Love Go? The Rise and Fall of the Motown Sound*. St. Martins Press, 1985.

GLEBEEK, Caesar e SHAPIRO, Harry. *Jimi Hendrix: Electric Gypsy*. Mandarin, 1983.

GRANTLEY, Steve e PARKER, Alan G. *The Who by Numbers*. Helter Skelter, 2010.

GRAY, Marcus. *Return of the Last Gang in Town*. Helter Skelter, 2001.

GREENBERG, Keith Elliot. *The Day John Lennon Died*. Backbeat Books, 2010.

GURALNICK, Peter. *Last Train to Memphis: The Rise of Elvis Presley*. Little, Brown, 1994.

_____. *Careless Love: The Unmaking of Elvis Presley*. Little, Brown, 1999.

HELLIER, John e Hewitt, Paolo. *Steve Marriott: All Too Beautiful*. Helter Skelter, 2008.

HOSKYNS, Barney. *Waiting for the Sun*. Viking, 1996.

JOHNSON, Holly. *A Bone in My Flute*. Century, 1994.

JONES, Cliff. *Echoes: The Story Behind Every Pink Floyd Song*. Carlton Books, 1996.

KENT, Matt e NEILL, Andy. *Anyway Anyhow Anywhere: The Complete Chronicle of The Who*. Friedman Fairfax, 2002.

LEWISOHN, Mark. *The Beatles Recording Sessions*. Hamlyn, 1988.

O'BRIEN, Lucy. *Madonna: Like an Icon*. Corgi Books, 2007.

OVERBURY, Steve. *Guns, Cash and Rock'n'Roll*. Mainstream, 2007.

PARKER, Alan. *Sid Vicious: No One Is Innocent*. Orion Books, 2007.

PRICE, Simon. *Everything (A Book About Manic Street Preachers)*. Virgin Books, 1999.

PRIORE, Domenic. *Look! Listen! Vibrate! Smile!* Last Gasp, 1995.

RIBOWSKY, Mark. *He's a Rebel: Phil Spector*. E.P. Dutton, 1989.

ROGAN, Johnny. *Van Morrison: No Surrender*. Secker and Warburg, 2005.

SALEWICZ, Chris. *Bob Marley: The Untold Story*. HarperCollins, 2010.

SANDFORD, Christopher. *Bowie: Loving the Alien*. Warner Books, 1996.

SCADUTO, Anthony. *Mick Jagger*. W.H. Allen, 1971.

SELVIN, Joel. *Sly and the Family Stone*. Avon Books, 1998.

SPITZ, Bob. *The Beatles: a biografia*. São Paulo: Larousse, 2007.

TREMLETT, George. *The Paul McCartney Story*. Futura, 1975.

TURNER, Steve. *A Man Called Cash*. Bloomsbury, 2004.

WALL, Mick. *Led Zeppelin: quando os gigantes caminhavam sobre a terra*.

São Paulo: Larousse, 2009.

WELLS, Simon. *Charles Manson: Coming Down Fast*. Hodder and Stoughton, 2009.

WILLIAMS, Richard. *Out of His Head: The Sound of Phil Spector*. Abacus, 1972.

WOHLIN, Anna. *The Wild and Wicked World of Brian Jones*. Blake Books, 2005.

WOLFF, Daniel. *You Send Me: The Life and Times of Sam Cooke*. Quill, 1995.

ÍNDICE

Albarn, Damon
Albert, Marsha
Anderson, Orlando
Animals, The
Ant, Adam
Anthony, Phil
Archies, The
Arnold Corns
Arthurs, Paul ‘Bonehead’
Association, The
Avons, The
Babyshambles
Baez, Joan
Balin, Marty
Band Aid
Band, The
Barât, Carl
Barger, Sonny
Barrett, Syd
Barry, Jeff
Beach Boys, The
Beady Eye
Beatles, The
Beatty, Warren
Beausoleil, Bobby
Beck, Jeff
Bell, Madeline
Bennett, Veronica
Benson, Ronaldo
Berns, Bert
Berry, Chuck
Best, Pete
Beverley, Anne
Birch, Paul
Blake, Peter
Blur
Bobby Taylor and the Vancouvers

Bolan, Marc
Bonham, John
Bono
Booker T.
Boomtown Rats, The
Bow Wow Wow
Bowie, David
Boy George
Boyce, Tommy
Boyd, Joe
Boyd, Patti
Boyer, Lisa
Bradfield, James Dean
Brando, Marlon
Branson, Richard
Breakfast Club, The
Brown, Ian
Brown, James
Buffalo Springfield
Burdon, Eric
Burrett, Freddie
Byrds, The
Campbell, Naomi
Canned Heat
Cash, Cindy
Cash, John Carter
Cash, Johnny
Cash, June Carter
Cecil, Malcolm
Chandler, Chas
Chapman, Mark
Charles, Ray
Chimes, Terry
Clapton, Eric
Clash, The
Cleveland, Al
Cobain, Kurt
Cochran, Eddie
Cocker, Joe
Cole, Nat King
Collins, Phil
Cook, Paul
Cooke, Sam
Costello, Elvis

Cousaert, Freddy
Coxon, Graham
Cream
Creedence Clearwater Revival
Cropper, Steve
Crosby, Stills and Nash
Crosby, Stills, Nash and Young
Crosby, David
Crystals, The
Culture Club
Daltrey, Roger
Darling, Olivia
Davies, Ray
De Niro, Robert
Del Renas, The
Deltones, The
Densmore, John
Dexys Midnight Runners
Diamond, Neil
Digital Underground
Dineley, capitão Gordon
Dire Straits
Dirty Pretty Things
Doherty, Pete
Dolenz, Micky
Donovan
Doors, The
Dr. Dre
Dunn, Duck
Duran Duran
Dylan, Bob
Eastman, Lee
Edwards, Richey
Ely, Joe
Entwistle, John
Epstein, Brian
Evans, Faith
Evans, Gareth
Faces, The
Faithfull, Marianne
Falcons, The
Farlowe, Chris
Ferry, Bryan
Festival de Altamont

Festival de Woodstock
Festival Pop de Monterey
Firth, Dixon
Flames, The
Flowers of Romance
Flying Burrito Brothers, The
Four Seasons, The
Four Tops
Frampton, Peter
Frankie Goes to Hollywood
Franklin, Aretha
Franklin, Bertha
Fraser, Robert
Fuqua, Harvey
Gallagher, Liam
Gallagher, Noel
Garcia, Jerry
Gaye, Marvin
Gaye, Marvin, pai
Geldof, Bob
Gilmour, Dave
Goffin, Gerry
Goldberg, Barry
Golding, Mark
Goldsmith, Harvey
Gordy, Berry
Gorillaz
Graham, Bill
Grant, Peter
Grateful Dead
Greene, Al
Greenwich, Ellie
Grillo, Nick
Grohl, Dave
Grundy, Bill
Guns N' Roses
Guthrie, Woody
Hall and Oates
Hannett, Martin
Happy Mondays
Harrell, Andre
Harris, R.H.
Harrison, George
Hart, Bobby

Havens, Richie
Headon, Topper
Heartbreakers, The
Hendrix, Jimi
Highway QCs, The
Highwaymen, The
Holly, Buddy
Horn, Trevor
Humble Pie
Humperdinck, Engelbert
Incredible String Band, The
Inkspots, The
Isley Brothers, The
J. Geils Band, The
Jackson Five, The
Jackson, Al
Jackson, Jermaine
Jackson, Joseph
Jackson, Katherine
Jackson, Michael
Jagger, Mick
Jakobson, Gregg
Jam, The
James, Alex
James, Caroll
Jardine, Al
Jefferson Airplane
Jendry, Theodore
Jenner, Pete
Jennings, Waylon
Jensen, David
John, Elton
Johnny Jenkins and the Pinetoppers
Johns, Glyn
Johnson, Holly
Johnson, Lyndon B.
Jones, Brian
Jones, Davy
Jones, John Paul
Jones, Kenney
Jones, Mick
Jones, Quincy
Jones, Steve
Joplin, Janis

Kane, Big Daddy
Kemp, Lindsay
Killjoys, The
King, Ben E.
King, Carole
King, Martin Luther
Kinks, The
Kirchherr, Astrid
Kirshner, Don
Knight, Gladys
Knight, Suge
Konrads, The
Kool and the Gang
Kooper, Al
Korner, Alexis
Kornfeld, Artie
Koschmider, Bruno
Kragen, Ken
Krieger, Robbie
Kristofferson, Kris
Lambert, Kit
Lang, Mike
Lawson, Janet
Le Bon, Simon
Leckie, John
Led Zeppelin
Leibovitz, Annie
Lennon, Cynthia
Lennon, John
Lennon, Julian
Lennon, Sean
Levine, David
Levon and the Hawks
Levy, Morris
Lewis, Jerry Lee
Libertines, The
Little Richard
Live Aid
Loog Oldham, Andrew
Love, Courtney
Love, Mike
Lucy and the Lovers
Lydon, John
Madonna

Mama Cass
Mamas and the Papas, The
Mani
Manic Street Preachers, The
Manson, Charles
Manson, Marilyn
Manzarek, Ray
Margouleff, Robert
Marilyn
Marley, Bob
Marley, Rita
Marriott, Steve
Marriott, Toni
Martha and the Vandellas
Marvelettes, The
Mason, Nick
Matlock, Glen
McCarroll, Tony
McCartney, Linda
McCartney, Paul
McCoys, The
McDonald, Country Joe
McGear, Mike
McGee, Alan
McGuigan, Paul ‘Guigsy’
McLaren, Malcolm
Meaden, Pete
Meek, Joe
Melcher, Terry
Michael, George
Miller, Jacob
Miracles, The
Mitchell, Joni
Monkees, The
Moody Blues, The
Moon, Keith
Moonglows, The
Moore, Sean
Morrison, Jim
Morrison, Van
Moss, Kate
Most, Mickie
Muddy Waters
Muldaur, Maria

Napier-Bell, Simon
Nelson, Willie
Nesmith, Mike
Newby, Chas
Newcomb, Ray
Nicholson, Jack
Nirvana
Nitzsche, Jack
Nixon, Richard
Novoselic, Krist
O'Connor, Sinéad
O'Dowd, George *ver*Boy George
Oakey, Phil
Oasis
Ochs, Phil
Ono, Yoko
Ostin, Mo
Packet of Three
Page, Jimmy
Pallenberg, Anita
Pariser, Alan
Parker, Alan
Parker, coronel Tom
Parks, Van Dyke
Parmar, Daniella
Passaro, Alan
Paul Butterfield Blues Band, The
Pearl Jam
Peel, John
Pendergrass, Teddy
Penn, Sean
Pennebaker, D.A.
Perkins, Carl
Pesci, Joe
Phillips, John
Phillips, Sam
Pink Floyd
Plant, Robert
Polanski, Roman
Poole, Russell
Presley, Elvis
Presley, Priscilla
Pretenders
Prince

Puff Daddy
Quant, Mary
Queen
Quicksilver Messenger Service
Rafelson, Bob
Ramones
Rawls, Lee
Read, Mike
Reagan, Ronald
Redding, Otis
Reid, Terry
Reni
Reznor, Trent
Rhodes, Bernie
Richard, Cliff
Richards, Keith
Richie, Lionel
Righteous Brothers, The
Rihanna
Ritz, David
Roberts, John
Robinson, Cynthia
Robinson, Michelle
Robinson, Smokey
Rolling Stones, The
Rolling Thunder Review
Romanek, Mark
Ronettes, The
Ronson, Mick
Ronstadt, Linda
Rosenman, Joel
Ross, Diana
Rothchild, Paul A.
Rotten, Johnny *ver* Lydon, John
Rowland, Kevin
Rowntree, Dave
Rubin, Rick
Rudetsky, Michael
Rutherford, Paul
Santana
Santana, Carlos
Scaffold, The
Schneider, Bert
Schneidermann, David

Scorsese, Martin
Searchers, The
Severin, Steve
Sex Pistols, The
Shakur, Tupac
Shankar, Ravi
Shapiro, Ben
Sholin, Dave
Sill, Lester
Silva, Kathleen
Simon and Garfunkel
Simon, Paul
Simonon, Paul
Simple Minds
Simpson, Valerie
Sinatra, Frank
Sioux, Siouxsie
Slick, Grace
Sly and the Family Stone
Small Faces
Smalls, Biggie
Smith, Joe
Smith, Patti
Smith, Todd
Smiths, The
Soul Stirrers, The
Soxx, Bob B.
Spahn, George
Spandau Ballet
Specials, The
Spector, Phil
Springsteen, Bruce
Spungen, Nancy
Squire, John
Stardust, Ziggy
Starkey, Zak
Starr, Ringo
Status Quo
Stewart, Ian
Sting
Stone Roses, The
Stone, Freddie
Stone, Sly
Strummer, Joe

Style Council
Sullivan, Ed
Sutcliffe, Stuart
Tate, Sharon
Taylor, Don
Taylor, John
Taylor, Mick
Taylor, Vince
Teen Highways Gospel, The
Terrell, Tammi
Them
Thompson Twins
Thorogood, Frank
Thug Life
Tom Petty and the Heartbreakers
Ton Ton Macoute
Tonto's Expanding Head Band
Tork, Peter
Tosh, Peter
Townshend, Pete
Turner, Ike
Turner, Tina
U2
Ultravox
Ure, Midge
Vanilla Fudge
Vicious, Sid
Vinyl, Kosmo
Viscaynes, The
Wailer, Bunny
Wailers, The
Ward, Tony
Warhol, Andy
Warwick, Dionne
Washington, Geno
Waters, Roger
Watts, Charlie
Webster, Leon
Weintrub, Fred
Weller, Paul
Whitfield, Norman
Who, The
Williams, Allan
Wills, Rick

Wilson, Brian
Wilson, Carl
Wilson, Dennis
Wilson, Jackie
Wilson, Murry
Wingfield, Pete
Wings
Winter, Johnny
Wire, Nicky
Wohlin, Anna
Wolf, Peter
Womack, Bobby
Wonder, Stevie
Wondermints, The
Wood, Ron
Wooler, Bob
Wright, Rick
Wyman, Bill
Yardbirds, The
Yasgur, Max
Yates, Paula
Young, Neil
Young, Paul
Zephyr

AGRADECIMENTOS

Muito obrigado a Richard Green, Kim Davies, David Luxton, Vicky Axelson, Wal e Izzy. Um enorme agradecimento a Mark Lewisohn (WLBE) e Simon Wells (OFR), sempre à disposição quando eu precisava de... ajuda.

Este livro é dedicado ao pessoal de Yeovil e Balcombe, a Nina e Alan, Suzie e Nick, Tanya e Stu, Francesa, Katie e Pietro, Clyde, o Mumper e, principalmente, a Isabella e Millie. Aqui está o passado, para que vocês possam conhecer o futuro.

Editora: Raïssa Castro
Coordenadora Editorial: Ana Paula Gomes
Copidesque: Anna Carolina G. de Souza
Revisão: Tássia Carvalho
Projeto gráfico de capa e miolo: Therefore Publishing Limited
Diagramação: André S. Tavares da Silva

Título original: *'Scuse me while I kiss the sky: 50 moments that changed music*

Copyright © Paolo Hewitt, 2011
Todos os direitos reservados.
Publicado mediante acordo com Quercus Publishing PLC (Reino Unido)

Tradução © Verus Editora, 2013
Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Os créditos das fotos constituem uma extensão dos direitos autorais.

Todos os esforços foram feitos para contatar os detentores dos direitos autorais. No entanto, os editores se comprometem a corrigir em futuras edições quaisquer omissões inadvertidas levadas a seu conhecimento.

ISBN: 978-85-7686-260-4

Verus Editora Ltda.
Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 55, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H582c
Hewitt, Paolo, 1958-
50 fatos que mudaram a história do rock / Paolo Hewitt ; tradução Leandro Woyakoski. - Campinas, SP : Verus, 2013.
recurso digital

Tradução de: 'Scuse me while I kiss the sky : 50 moments that changed music
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-7686-260-4 (recurso eletrônico)

1. Rock - Anedotas. 2. Músicos de rock - Anedotas. 3. Livros eletrônicos. I. Título. II. Título: Cinquenta fatos que mudaram a história do rock.

13-1505.

CDD: 781.66

CDU: 78.067.26

Revisado conforme o novo acordo ortográfico.

Créditos das fotos (por página): Jan Persson/Getty Images; Michael Ochs Archives/Getty Images; Keystone/Getty Images; Astrid Kirchherr K & K/Getty Images; Michael Ochs Archives/Getty Images; Popperfoto/Getty Images; Popperfoto/Getty Images; Richard Chowen/Getty Images; Frank Driggs Collection/Getty Images; Michael Ochs Archives/Getty Images; Michael Ochs Archive /Getty Images; Sony BMG Music Entertainment/Getty Images; Alice Ochs/Getty Images; Keystone-France/Getty Images; New York Daily News Archive/ Getty Images; Keystone-France/Getty Images; Michael Ochs Archives/Getty Images; Ray Avery/Getty Images; Keystone-France/Getty Images; Bentley Archive/Popperfoto/Getty Images; John Downing/Getty Images; GAB Archive/Getty Images; Tom Copi/Getty Images; Astrid Kirchherr K&K/Getty Images; Gilles Petard/Getty Images; Michael Ochs Archives/Getty Images; Michael Ochs Archives/Getty Images; Ron Howard/Getty Images; Michael Ochs Archives/Getty Images; Chris Walter/Getty Images; Michael Ochs Archives/Getty Images; Michael Ochs Archives/Getty Images; Keystone/Getty Images ; Popperfoto/Getty Images; Archive Photos/Getty Images; Robert Altman/Getty Images; Robert Altman/Getty Images; Echoes/Getty Images; Steve Wood/Getty Images; Steve Wood/Getty Images; Ron Galella/ Getty Images; Michael Ochs Archive/Getty Images; Gijsbert Hanekroot/Getty Images; Evening Standard/Getty Images; Ebet Roberts/Getty Images; Steve Emberton/Getty Images; David Harris/Getty Images; David Corio/Getty Images; Archive Photos/ Getty Images; Central Press/ Getty Images; Dave Hogan/Getty Images; Ebet Roberts/Getty Images; Ian Dickson/Getty Images; Michael Ochs Archives/Getty Images; Georges DeKeerle/Getty Images; Georges DeKeerle/Getty Images; Oliver Morris/Getty Images; Dave Hogan/Getty Images; Mike Prior/ Getty Images; Debi Doss/Getty Images; Ebet Roberts/Getty Images; Raffaella Cavalieri/Getty Images; Yvonne Hemsey/Getty Images; Time Life Pictures/Getty Images; Paul Bergen/Getty Images; Kieran Doherty/Getty Images; Gered Mankowitz/Getty Images; Ferdaus Shamim/ Getty Images; New York Daily News Archive/Getty Images; John Chiasson/Getty Images; Ed Rode/Getty Images; MJ Kim/Getty Images; Mike Marsland/Getty Images; Tim Whitby/Getty Images; Alain Benainous/Getty Images; Michael Ochs Archives/Getty Images

Capa: acima: The Clash em show durante turnê americana © Neal Preston/Corbis; abaixo, à esquerda: Jimi Hendrix no Festival Pop de Monterey, em sua estreia em solo americano, junho de 1967 © William James Warren/Science Faction/Corbis; abaixo, à direita: Kurt Cobain, vocalista e compositor do Nirvana, em show em Salem, EUA © Kevin P. Casey/Corbis

Página de rosto: Roger Daltrey, do The Who, no palco do Royal Theatre, Copenhague, 24 de janeiro de 1970